#1 New York Times Bestselling Author

ILONA ANDREWS




# Sweep of the Blade




# AVISO !

*Essa Tradução foi feita pelo grupo Divas & Lord's FOREVER de forma a proporcionar ao leitor acesso à obra motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.*

*O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.*

*Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por Editoras Brasileiras.*

*O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho no grupo, sem prévia autorização do mesmo.*

*O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.*




# AVISO 2

*Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em Português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a Tradução.*

*Se você quer continuar tendo acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.*

*Respeite nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que fazer a nossa parte. Você pode adquiri-lo no formato EBOOK em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e nossos amados autores.*

*Não publiquem nossos livros em SITES, WATTPAD, FACEBOOK, BLOGGERS ou qualquer lugar público na internet.*

*Faça a sua parte e terá sua Leitura garantida por muito tempo!*

# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

**Mais uma Tradução das Divas & Lord's FOREVER**

**Traduzido do Inglês por Fãs**

**Tradução e Revisão:**

***Bia Divas**

**Leitura e Formatação:**

***Divas Rosa**

*Este Livro faz parte, da união de pessoas que gostam da leitura e o repasse, sem fins lucrativos, de fãs para fãs. A comercialização deste produto é estritamente proibida.*



# THE INKEEPER CHRONICLES

Séries

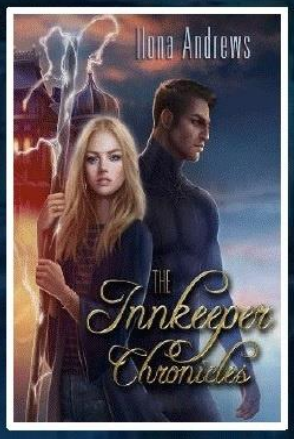
## Lançamento




## Próximo

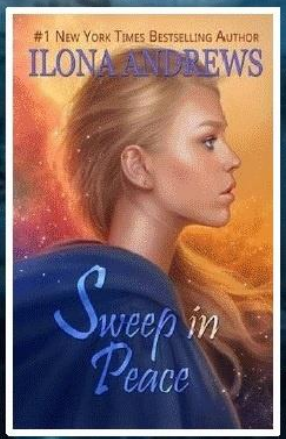



## Distribuídos













# Ilona Andrews

# Sweep Of The Blade

## Livro 4




# Ao Alcance da Espada

Ilona Andrews

**Copyright © 2019**

***Maud Demille*** é filha de Estalajadeiros—um grupo especial de pessoas que oferece *'hospedagem'* a visitantes de outros planetas—e por isso sabe muito bem que uma vida simples não está em seus planos. Mas mesmo Maud nunca poderia ter antecipado o que o destino prepararia para ela.

Uma vez esposa de um poderoso cavaleiro vampiro, Maud e sua filha Helen foram exiladas e jogadas em um desolado e selvagem planeta conhecido como *Karhari,* por conta da traição de seu marido. *Karhari* matou o seu marido e Maud—completamente isolada de sua família—passou mais de um ano vingando a sua morte. Resgatada por sua irmã Dina, Maud jurou que ficaria distantes de tudo que fosse ligado aos vampiros.

Até que ... ao ajudar Dina a salvar o mundo, ela conheceu ***Arland,*** o Marechal da Casa Krahr, uma das Casas de vampiros mais poderosas. Uma coisa levou à outra e ele pediu a mão dela em casamento. Ela recusou. Arland não estava acostumado a ouvir a palavra *'não',* e, por mais que tentasse, Maud não pode simplesmente se afastar de Arland. Além disso, o fato de tentar voltar a ser uma humana comum é muito mais difícil para Maud do que ser uma vampira.

Para resolver tudo, ela aceita o convite de Arland para visitar seu planeta natal. A Casa Krahr é extremamente influente e Maud sabe que uma mulher—*humana,* com um passado muito questionável—que recusou uma proposta de seu filho mais amado não receberá uma recepção calorosa. Talvez ela não tenha certeza se quer se casar com Arland, mas a Casa Krahr não vai decidir isso por ela. Maud Demille nunca fugiu de uma luta, e a Casa Krahr logo descobrirá que Maud tem muito mais do que eles esperam.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

# CAPÍTULO 1

## Dias antes ...

O vento quente jogou poeira marrom no rosto de Maud, arranhando sua pele, entupindo seu nariz e grudando em seus cabelos. Sua língua provou areia suja, tingida com metal amargo. Ela puxou o capuz do manto esfarrapado com mais força em volta do rosto.

Ao seu redor, a planície sem fim rolava para o horizonte, interrompida ao longe por colinas baixas. Aqui e acolá, plantas espinhosas se projetavam para fora da terra, ressecadas e torcidas pelos ventos. Longe, ao norte, os herbívoros desgrenhados, que faziam os elefantes da Terra parecerem pequenos, avançavam pela planície, pastando na vegetação rala. Não havia beleza em Karhari, sem campos dourados de grãos, sem florestas, sem oásis. Apenas terra seca, rocha e depósitos de sal venenosos.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

À frente, no entroncamento mal iluminado por lanternas solares, *Road Lodge*, que mais parecia uma grande caixa feita de restos de metal e plástico, destacava-se com as suas paredes altas e janelas estreitas e recuadas, destruídas pelo ataque frequente do vento e poeira. Uma porta dupla reforçada guardava a sua fachada. Maud carregou seu rifle de dardos e caminhou em direção ao prédio, carregando um saco de lona na mão esquerda, alto o suficiente para não bater nas pernas. A lona era à prova de líquido, mas ela não queria que o saco tocasse no chão de qualquer maneira.

As portas moveram, abriram-se ao meio e deslizaram contra a parede. Maud entrou e as portas se fecharam atrás dela. O fedor de corpos não lavados e cafeína *klava* tomou conta dela. O enjoativo perfume de vampiros bêbados.

Ela fez uma careta, puxou o rifle de dardos do ombro e o deixou cair na abertura da gaiola de arame eletrificado na entrada. Mas manteve sua espada de sangue. A proprietária só se importava com armas de projéteis. Se os clientes decidissem bater os crânios um do outro, ela não dava a mínima, desde que pagassem a conta.



O interior do *Lodge* consistia em um retângulo comprido, com um balcão de bar à direita e um conjunto de cabines sujas e mesas à esquerda. No final do salão, uma escada em espiral levava ao andar de cima, para sete quartos miseráveis, cada um pouco mais do que uma caixa com uma cama e um banheiro escondido atrás de uma divisória.

O *Lodge* atendia aos viajantes, servindo de dormitório e bar. Localizado em um entroncamento como uma armadilha, recebia a escória da escória que passavam por Karhari: *mercenários, seguranças de caravanas, assaltantes e também as almas perdidas que não tinham para onde ir e vagavam pelo planeta dos exilados até encontrar seu lugar, ou alguém que os aliviasse das pesadas cargas de seus poucos bens matérias ou de suas vidas.*

Mal passava do meio-dia e a maioria dos clientes do *Lodge* já havia saído, tentando chegar ao próximo descanso antes do anoitecer, ou ainda não haviam chegado. Apenas alguns vampiros se amontoavam nas mesas, tomando a porcaria



escura que chamavam de *klava*. Eles não prestaram atenção a Maud enquanto ela caminhava até o bar.

A barman, uma grande mulher vampira com cabelos grisalhos grudentos e armadura esburacada, a olhou de trás do balcão. Maud estendeu o saco para ela. A mulher abriu e puxou de dentro um *Lança-granadas*[1] manchado de sangue com a mão do seu ex-dono ainda presa nele. Com quase o tamanho de uma submetralhadora da Terra, o Lança-granadas disparava projéteis-bombas de alta energia a 1.200 disparos por minuto. Dois projéteis-bombas fariam um buraco no lado blindado do *Lodge*. O cartucho do lançador carregava 2.000 projéteis-bombas. Armas de fogo desse calibre eram proibidas em Karhari. O dono da arma pagou uma fortuna para contrabandeá-la, destruiu um alojamento e passou o seu tempo andando por aí, ameaçando e chantageando outros alojamentos e comércios aleatórios em troca de dinheiro.

---

[1]  Um **lança-granada** é um dispositivo ou arma que lança granadas com maior acurácia, alta velocidade e distâncias maiores que um soldado poderia jogar com a mão.



A mulher vampira cheirou a arma ensanguentada. — Ele lutou?

Maud sacudiu a cabeça. — Deixei minha moto exposta na estrada leste. Ele parou para conferir. Nem me viu chegar.



A barman fez uma cara feia para Maud. — Como você sabia por onde ele passaria?

— O oeste é o território da Casa Jerdan, eles patrulham com radares infravermelhos, o descobririam facilmente e tirariam o Lança-granadas dele. O lugar mais próximo para pernoitar ao sul é de quatro dias, ao norte, cinco, e essa estrada recebe tráfego frequente de caravanas. Muito arriscado. Alguém poderia notá-lo e se ele demorasse muito tempo dirigindo para frente e para trás, daria a qualquer um tempo suficiente para se defender. Então, sua única opção foi se dirigir ao leste. Ele acampou uma única noite. Nenhum vampiro certo da cabeça acamparia por mais de uma noite durante a temporada de tempestades.

A barman assentiu. — Você fez um bom trabalho, humana, tenho que dar o braço a torcer. —Ela se moveu atrás



do balcão, guardou a arma e puxou uma sacola pesada. — Água ou dinheiro?

— Nem um, nem outro. Preciso de um quarto até o final do mês.

— É seu. —A barman colocou uma xícara grande de chá de menta no balcão. — A bebida é por conta da casa.

— Obrigada.

Maud puxou o capuz, cobrindo seu rosto um pouco mais, tomou o chá e caminhou para a familiar cabine na parede oposta, perto da escada. Ela deslizou no assento de metal e bateu no velho painel manual no pulso. O pedaço de lixo piscou e zumbiu suavemente. Maud deu um tapa. O painel piscou novamente e ligou. Maud puxou o teclado e enviou um único *glifo*[2] para o único outro painel conectado ao dela.

***Segura.***

---




[2] **Glifo** designava a princípio qualquer signo entalhado ou pintado, a exemplo dos glifos da escrita maia e dos hieróglifos egípcios.



Dois glifos apareceram em resposta.

***Segura, Mamãe.***

Maud suspirou e tomou um gole de chá. Estava morno, mas era de graça. Ela bateu de novo no painel, verificando a integridade da armadura. Ainda se lembrava do tempo em que controlar sua armadura era intuitivo e fácil, quase tão automático quanto respirar. Para voltar a controlar a armadura dessa forma, teria que ter um Brasão de uma Casa de vampiros. Ela perdera o dela quando as maquinações políticas de seu marido levaram os três para o exílio no fim da galáxia. *Não, não perdera*, Maud se corrigiu. Foi arrancado dela quando o sogro o puxou pessoalmente de sua armadura.

A lembrança daquele dia a apunhalou e Maud fechou os olhos por um momento. Ela implorou à sogra pela vida da filha. Era tarde demais para Melizard e para ela, mas Helen tinha apenas dois anos na época e Karhari era um lugar feio e cruel, o ferro-velho das almas dos vampiros, onde as Casas da Sagrada Anocracia enviavam seu lixo, aqueles que não valiam nem ser quer a pena de serem mortos pelas mãos deles. Ela implorou de joelhos, mas não adiantou. A Casa Ervan os



expurgou. Seus nomes foram excluídos para sempre dos pergaminhos da Casa. Seus bens foram confiscados. Ninguém argumentou em defesa dela.

Helen tinha cinco anos agora. As lembranças de sua vida antes de Karhari eram tão distantes que às vezes Maud se perguntava se essas lembranças não eram sonhos.

Examinou as dúzias de vampiros se embebedando com cafeína. Os vampiros eram uma espécie predatória que possuía a mesma semente genética que originou os seres humanos, eles eram maiores, mais fortes e mais poderosos do que um *Homo sapiens* comum. Ocupavam sete grandes planetas ao redor do seu sistema solar e tinham colônias em uma dúzia de outros mundos, a união deles formava a Sagrada Anocracia Cósmica, governada por três poderes: *o poder militar do Senhor da Guerra, a orientação religiosa do Hierofante e a sabedoria judicial do Juiz.* Dentro da Anocracia, os poderes comandavam as Casas-Clãs, algumas com apenas dezenas de membros, outras com centenas de milhares.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Os vampiros conquistaram a tecnologia de voo interestelar quando ainda estavam em um período feudal, e sua sociedade mudou pouco desde que lançaram sua primeira nave no espaço. Ainda construíam castelos, usavam armaduras e mantinham os ideais nobres dos antigos Cavaleiros: *honra, dever e lealdade à família e à Casa.* Mas para essa escória, sentada aqui no *Lodge*, todas essas coisas eram lembranças distantes, vagas e abandonadas. Bastava olhar para a armadura deles.

Para um Cavaleiro vampiro, a armadura-Syn era quase sagrada. Em seu perfeito estado a armadura era preta e brilhante, a malha de alta tecnologia de nanofilamentos, era projetada sob medida para cada Cavaleiro e combinada com uma sofisticada unidade de Inteligência Artificial dentro de seu brasão da Casa. Um Cavaleiro vampiro passava a maior parte do tempo vestido em sua armadura, tirando-a apenas na privacidade de seus aposentos. Repará-la era uma arte e manter a armadura em condições de batalha era um motivo de orgulho.



Os vampiros em *Lodge* ainda usavam suas armaduras—afinal já foram Cavaleiros em algum momento de suas vidas—mas em vez de linhas elegantes e do preto brilhante, suas armaduras cinzas e carvão eram uma bagunça amassada, com pedaços de outras armaduras fixadas nela, na tentativa de consertar os buracos onde os nanofilamentos foram danificados além do reparo. Pareciam que foram lambuzadas de cola e rolaram em um ferro-velho de metal.



A sua armadura também não era mais preta, mas pelo menos ela conseguira manter os nanofilamentos funcionando.

A porta do *Lodge* se abriu e um grande vampiro entrou, envolto em uma capa preta. Maud era alta para uma mulher humana, tinha um metro e oitenta de altura, mas o vampiro que acabara de entrar tinha pelo menos uns trinta centímetros a mais do que ela. O vampiro puxou o capuz, soltando uma juba de cabelos negros que caiu sobre seus ombros. O tipo de cabelo que dizia que ele era rico ou poderia sair do planeta quando quisesse e ir para algum lugar onde a água era abundante o suficiente para lavá-lo. A única fonte de água em Karhari era as profundezas do planeta. Durante a curta estação



das chuvas, a água se filtrava através da rocha porosa, formando lagos subterrâneos, e os vampiros a extraíam como petróleo. Tinha um gosto ruim e custava um braço e uma perna.

Maud costumava mimar seus cabelos com condicionadores e máscaras desde que era adolescente. Na primeira noite em Karhari, ela cortou todo o cabelo, mais de meio metro de madeixas negras. Foi o sacrifício dela para o planeta. Maud sentou-se no chão de um banheiro sujo em um albergue de chegada, com o marido e a filha dormindo a apenas uma parede fina, os cabelos cortados ao redor dela e chorando em silêncio, lamentando o futuro de Helen e a vida que eles perderam.

O recém-chegado se virou, a viu e foi direto para a cabine onde Maud estava. Se ele fosse humano, ela diria que ele estava na casa dos trinta, quarenta anos. Ele tinha um rosto masculino, mandíbula quadrada, traços ousados, mas com refinamento aristocrático suficiente para impedir que sua aparência fosse brutal. Uma cicatriz irregular marcava o lado esquerdo do rosto, cortando sua bochecha até um módulo de



alvo biônico brilhando fracamente na órbita onde costumava ser o seu olho esquerdo.

Renouard. *Ugh.*

Maud colocou a mão no punho da sua espada de sangue debaixo da mesa.

Renouard marchou pelo espaço entre as mesas. Um vampiro mais alto e jovem entrou no seu caminho. Renouard olhou para ele por um longo momento e o mercenário mais jovem decidiu se sentar. A reputação de Renouard o precedia.

Ele deslizou na cabine de Maud, ocupando todo o banco, e ponderou sobre ela. — Pensei que você já tivesse ido embora, *Sariv*.

Maud realmente odiava esse apelido. — E por que você ainda não foi?

— Eu tinha um pequeno negócio para resolver.

Renouard arreganhou os dentes para ela, exibindo suas presas. Os vampiros mostravam suas presas por muitas razões: *intimidar, expressar alegria, rosnar de frustração.* Mas este



demostrava malícia. *Olhe para os meus dentes, querida. Não sou incrível?*

Ela bebeu o último gole de seu chá e estudou sua xícara vazia.



— Desde que o bonitão de seu marido foi morto, você nunca fica no mesmo lugar por mais de um dia ou dois.

Melizard tinha uma dívida de sangue. Uma dívida que ela cobrou nos últimos seis meses, quando perseguiu e matou todos os responsáveis pelo assassinato de seu marido, além dos parentes e amigos dos assassinos que foram burros o suficiente em procurá-la por vingança. Ela esfaqueou o último assassino há um mês e viu o coração dele bombear seu sangue na terra.

Maud lançou-lhe um olhar frio e neutro. — Minha memória é muito boa. Não me lembro de vê-lo em nenhum desse lugares. Não lhe devo explicações sobre os meus hábitos, Senhor.

Renouard sorriu. — *Ahh,* e aí está a esposa do fedelho do Marechal. Continuo esperando que esse lugar a sufoque, mas você resiste, *Sariv*. Me responda, por que está aqui?



Ela levantou as sobrancelhas. Maud não se dignificaria em responder.

— Você anda atravessando os desertos, arrastando sua filha maluquinha com você há meses, e na semana passada, estacionou-se neste *Lodge*. Está esperando por algo. O que é?



Ela bocejou.

— Responda-me, —sua voz ganhou um tom ameaçador.

Um silvo veio da escada. Maud se inclinou para trás fazendo a escada entrar em sua visão periférica. Helen se agachou na escada, envolta em uma capa marrom esfarrapada. Seu capuz estava levantado, mas Helen olhava diretamente na direção deles, os longos cabelos loiros deslizando para fora do capuz e dois olhos verdes brilhando, fixos em Renouard.

— Ali está a prole do demônio, —disse Renouard.

Helen abriu a boca, mostrando duas presas finas em forma de foice e sibilou novamente. Agachada assim, ela parecia um pequeno animal cruel encurralado em um canto, um gato selvagem que não queria brigar, mas se você tentasse tocá-lo, ele cortaria sua mão em fatias.



Helen não podia ouvi-los lá de cima. Ou pelo menos Maud esperava que não ouvisse. Mãe de uma criança meio vampira, meio humana, Maud havia desistido de todas as suas noções preconcebidas há muito tempo.

— Você está esperando que alguém te tire desse fim de mundo? —O lábio superior de Renouard tremia, traindo o começo de um rosnado. — Se sim, espera em vão, minha Senhora. Karhari está sob um selo de acesso restrito. Apenas um punhado de Casas encarregadas de proteger Karhari ou aquelas designadas como parceiros comerciais vitais recebe permissão. Existem menos de dez comerciantes, todos vampiros, e eu conheço todos eles.

— É realmente raro encontrar uma criatura que goste do som de sua própria voz tanto quanto você.

— As Casas que protegem o planeta são pagas pela Anocracia para mantê-la exatamente onde está, e você não tem como pagar pela passagem de um comerciante. O custo para contrabandeá-la seria muito alto. Você mal ganha o suficiente para impedir que você e seu demônio morram de sede. Se está esperando um estranho chegar em seu socorro, a



nave dele será abatida no momento em que entrar na atmosfera.

Ela acariciou o punho da espada debaixo da mesa.

Renouard se inclinou para frente, ocupando todo o lado dele da mesa e um pouco do dela. — Eu sou sua única chance. Aceite minha oferta.



— Você quer que eu venda minha própria filha para o mercado de escravos.

— Uma híbrida vampira-humana é uma raridade. Ela vale algum dinheiro. Prometo que em um mês ela e esse planeta terão sido só um sonho ruim para você.

Se Maud jogasse a xícara no rosto dele, ele se levantaria e ela poderia enfiar a faca no ombro esquerdo e sob o queixo e a boca dele. Seria difícil falar com a língua empalada.

— Se você não quiser vendê-la, deixe-a aqui. Ela cresceu aqui. Esse buraco do inferno é o único lugar que ela conhece. Ela não se lembra da casa Ervan. Nada, provavelmente nem se lembra mais do próprio pai. Deixe-a aqui. Será uma gentileza.



Maud sentiu a súbita necessidade de tomar um banho para lavar as poucas moléculas pertencentes a ele que por acaso pousaram em sua pele.

— Venha comigo. Vamos abrir caminho pela galáxia. Vou mantê-la ocupada demais para pensar. Sou muito bom em fazer as mulheres esquecerem seus problemas.

Ele a tocou.

Ela enfiou a espada entre eles debaixo da mesa. A ponta roçou a coxa dele.

— Parece que você esqueceu o que aconteceu na última vez que não manteve as suas mãos para si mesmo.

A expressão afável se foi completamente agora. Um rosnado feio torceu as feições do vampiro.

— Última chance, Maud. Última chance.

— Você tem um transporte espacial para pegar.

— Está bem. Apodreça aqui. —Ele se levantou. — Volto em seis meses. Podemos negociar novamente, isso se ainda restar alguma coisa sua para negociar.



Maud o observou se afastar.

Helen deslizou para a cabine ao lado dela. — Eu não gosto dele.

— Nem eu, minha flor. Nem eu. Não se preocupe. Ele não vai nos incomodar de novo.



— Mamãe?

— Sim?

Helen olhou para ela do fundo do capuz. — Alguém realmente virá nos buscar?

A esperança frágil na voz da filha quase desfez Maud. Ela desejava tanto que pudesse dizer que sim.

Duas semanas atrás, quando elas pararam no *Lodge* durante a noite, Maud encontrou um Árbitro. A galáxia, com todos os seus planetas, dimensões e milhares de espécies, era grande demais para qualquer governo unificado, mas o Escritório de Arbitragem, uma antiga corporação neutra, servia como tribunal. Encontrar um Árbitro era raro. Encontrar um que também fosse humano ... Até duas semanas atrás, Maud achava que era impossível.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Não havia muitos humanos fora do planeta Terra. Através de uma reviravolta do destino cósmico, a Terra se encontrava em uma encruzilhada da galáxia. Era o único local que possuía uma Dobra de doze-pontos no espaço-tempo, o que tornava a Terra um local conveniente.

Em vez de brigar pelo planeta, os poderes interestelares, em um raro momento de sabedoria, formaram um antigo Tratado com representantes da humanidade. A Terra serve de estação para os viajantes galácticos que passam a caminho de outro lugar. Eles chegam em segredo e ficam em Pousadas especializadas, equipadas para lidar com uma grande variedade de seres. Em troca, o planeta é considerado solo neutro. Nenhum dos poderes galácticos pode reivindicá-lo, e a existência de outra vida inteligente permanece em segredo para todo o resto da população humana, exceto para as poucas famílias selecionadas que cuidam das Pousadas.

Os poucos humanos raros que saíram do planeta eram como ela, filhos de Estalajadeiros, todos marcados com uma magia específica que lhes permitia desafiar as regras da física dentro de suas Pousadas. Maud sentiu a magia diferente do



Árbitro, impregnado de poder, diferente de qualquer humano que ela conhecera antes. Estava parada junto ao bar, tentando descobrir se o Árbitro era nascido na Terra, quando ele se virou para ela e sorriu. Por um segundo, Maud tropeçou. O homem era chocantemente bonito.



Ele perguntou se ela era da Terra, Maud lhe disse que era, e ele casualmente se ofereceu para entregar uma mensagem para sua família.

Maud ficou paralisada enquanto sua mente tentava febrilmente decidir para quem ela enviaria a mensagem. Quando estava grávida de Helen, seu irmão Klaus e sua irmã mais nova, Dina, foram lhe visitar na Casa Ervan e eles lhe disseram que a Pousada de seus pais havia desaparecido. A encantadora Pousada de estilo colonial estava lá, com todo o seu microcosmo por dentro e, de repente, tudo desapareceu, levando todos que estavam dentro dela. Quando Klaus chegou em casa, depois de uma missão, encontrou um terreno vazio. Ninguém, nem mesmo a Assembléia de Estalajadeiro, sabia onde ou como a Pousada havia desaparecido.



Seus irmãos passaram para lhe avisar que estavam indo procurar respostas na galáxia. Ela queria se juntar a eles, mas estava grávida e Melizard pediu que ela ficasse ao lado dele. Ele estava no meio de outro plano e precisava dela.

Dois anos depois, assim que o marido começou com os planos que os levaria a Karhari, Dina e Klaus voltaram a lhe visitar. Eles não encontraram nada. Klaus queria continuar procurando, mas Dina queria voltar para a Terra. Dos três, Dina era a única que sempre ansiou por uma vida normal, sempre queria coisas que as famílias de um Estalajadeiro não podiam ter, como amigos fora da Pousada ou estudar em escola regulares. Maud ainda se lembrava do mau pressentimento que sentiu enquanto observava seus dois irmãos caminharem em direção ao espaçoporto. Algo lhe disse naquele momento para pegar Helen e segui-los. Mas ela amava Melizard e ficou ...

A essa altura, Dina provavelmente já tinha um emprego normal. Talvez fosse casada e já tivesse filhos. Klaus vagava pelo Universo, ela não sabia onde. Maud explicou essas coisas ao Árbitro e ele sorriu para ela novamente e disse: *'Eu não*



*me preocuparia muito com isso. As mensagens dão um jeito chegar aonde precisam chegar.'*

Maud tirou o colar, rabiscou algumas palavras com as coordenadas do *Lodge* em um pedaço de papel e entregou os dois a ele. Parecia certo de alguma forma, como se isso fosse um teste e ela tivesse dado a resposta correta. Agora elas esperavam.

Maud não tinha ideia de quanto tempo levaria. Seu trabalho de mercenário lhes rendeu duas semanas e meia de permanência no *Lodge*, o resto de seu dinheiro compraria outras duas semanas, mais tarde, e então ela teria que procurar outro trabalho.

Helen ainda estava olhando para ela, esperando por uma resposta.

*Alguém realmente virá nos buscar?*

— Sim, —ela disse. — Se seu tio ou tia receberem nossa mensagem, virão nos buscar e nos levarão embora daqui.

— Para um lugar diferente? —Helen perguntou.

— Sim.



— Com flores e água?

Maud engoliu o bolo quente que se cravou na garganta. — Sim, minha flor. Com todas as belas flores e água que você pode imaginar.





Maud bebia seu chá de hortelã enquanto Helen, ao lado dela, mordia um biscoito seco e virava as páginas digitais de um livro. O livro, *Estranhos e Fantásticos Planetas*, um tablet descartável e fino como um papel, mostrava fotografias de paisagens de diferentes planetas. Custou a Maud um mês de água, mas Helen o encontrou na banca de um comerciante e o abraçou, e Maud não pôde dizer não. Havia quase mil fotografias nesse livro e agora Helen já sabia todas de cor.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

O *Lodge* estava cheio esta noite. Primeiro chegaram duas equipes de segurança de caravana, cada uma composta por uma dúzia de vampiros, entraram uma após a outra, então, para tornar as coisas interessantes, um grupo de quatorze caçadores chegaram mais tarde. As duas equipes de segurança, os comerciantes e os viajantes solitários haviam tomado as mesas junto o perímetro da loja, perto das paredes, e os caçadores se acomodaram no meio, expostos e cercados. Os segurança e os caçadores não paravam de se encarar, mas até agora ninguém se embriagara o suficiente para causar problemas. Se uma briga acontecesse, ela pegaria Helen e subiria as escadas.

A porta do *Lodge* se abriu e três viajantes entraram. O primeiro era alto e forte, com a capa esticada sobre os ombros largos, da maneira familiar que fazia quando o tecido repousava na armadura de vampiro. O homem logo atrás dele usava calça escura e um casaco, seus movimentos graciosos e fluídos. Ele não se movia, ele deslizava. Ou melhor, ele entrou já pronto para se defender de um ataque.

O casaco parecia com os casacos feitos na Terra.



*Humano.*

Seu coração acelerou. O homem puxou o capuz do seu casaco. Maud examinou suas feições: *rosto marcado por uma cicatriz, cabelos castanhos-avermelhados, barbeado ...*

O humano inalou, examinou a sala com seu olhar. Suas íris captaram a luz, refletindo-a com um brilho âmbar por uma fração de segundo.

Decepção bateu nela. Não era humano. Um lobisomem, um refugiado de um planeta morto.

A figura imponente e encapuzada se dirigiu para o bar. O lobisomem o seguiu. Uma terceira pessoa os seguiu, vestindo um manto cinza esfarrapado. O modelo do manto era dolorosamente familiar. Parecia um manto de Estalajadeiro.

*Você está imaginando coisas*, Maud disse a si mesma. *É um manto cinza qualquer*. Havia milhões deles na galáxia. Era uma peça simples e comum, perdendo apenas para capas. No final, todas as cores desbotavam para cinza.

O viajante vestido no manto cinza sentou-se no bar. A barman pegou o pedido e voltou com dois copos. O homem



maior virou-se para observar o salão, bloqueando a visão de Maud do viajante vestido no manto.

*Saia da minha frente, seu idiota.*

Ele apoiou o cotovelo no bar. A armadura em seus braços era preta como azeviche. *Será que ele era uma nova vítima adicionada a fila interminável de exilados?* Não, ele não se comportava como um exilado. Ela viu o suficiente dos recém-chegados ao longo dos anos. Eles se dividiam em dois tipos: *o primeiro pensava que seria o dono do planeta em duas semanas e o segundo se mostrava desesperado e louco.* Ambos os tipos se mantinham alertas, prontos para um ataque a qualquer momento. Não era o caso desse vampiro, se ele ficasse mais relaxado do que estava, começaria a tirar a armadura.

Alguns momentos se passaram. Os caçadores sentados no meio do salão avaliaram os recém-chegados. Presas muito mais fáceis do que qualquer uma das equipes de segurança de caravana. Se os caçadores provocassem alguém de uma das equipes de segurança, a outra equipe provavelmente tomaria



as dores, mas ninguém iria se importar com três estranhos. Os seguranças se sentaram para assistir.

A expectativa zumbia através do salão como uma corrente elétrica de baixa voltagem.

O líder dos viajantes levantou-se e recuou casualmente, dando-se espaço para uma investida, apoiando a mão em uma grande clava de sangue na cintura. Quase simultaneamente, um dos caçadores, o maior deles, com o rosto arruinado por uma cicatriz profunda, levantou-se e caminhou pesadamente em direção ao bar.

— Fique perto de mim, —Maud sussurrou e apertou a mão de Helen.

Helen apertou de volta.

O grande caçador chegou ao seu destino e parou em frente à figura encapuzada. O caçador era um pouco mais alto que o recém-chegado, mas não muito. Sua armadura, uma feia bagunça cinza e preta, parecia ter passado por um triturador de carros e, de alguma forma, reformulada de volta a uma aparência que lembrava uma armadura.



— Você não é daqui, —declarou o caçador.

O *Lodge* ficou quieto, aguardado o início do show.

— Quanta habilidade afiada de observação, —respondeu o homem encapuzado, sua voz grave.



*Uma antiga Casa. Merda.*

O sotaque da Casa era inconfundível, culto e ainda carregava traços do mundo natal original, o planeta que deu origem às espécies de vampiros. Todos na sala reconheceram isso. A família do seu marido fazia o possível para imitar esse sotaque, chegando a contratar treinadores de voz para as crianças. Maud puxou a adaga e a espada por debaixo da mesa. As coisas estavam prestes a ficar feias.

Uma careta torceu o rosto do caçador. — Armadura limpa. Boa aparência. Sabe o que fazemos com garotos bonitinhos como você aqui?

O vampiro alto suspirou. — Há algum roteiro? Você faz esse discurso para todos que entram aqui, porque se assim for, sugiro que pule essa parte.

O caçador rugiu. *Seu erro*.



O homem encapuzado esperou até o som do rugido acabar. — Um desafio. Eu amo desafios.

O caçador alcançou sua espada. O homem encapuzado deu um soco na mandíbula dele. O golpe tirou o vampiro maior do chão, fazendo-o voar e bater em uma cabine atrás.

*Tudo bem então.*

O caçador se levantou e balançou a lâmina. O homem encapuzado se abaixou, desviando do golpe e bateu com o punho contra as costelas do caçador. A armadura de má qualidade se partiu com uma explosão seca. A borda do peitoral se soltou. O vampiro encapuzado agarrou o peitoral quebrado e o puxou para cima. A armadura inteira desmoronou com um ruído ensurdecedor, prendendo o vampiro caçador em uma camisa de força rígida.

Todos os vampiro no *Lodge* estremeceram. Maud também.

— Bom, —disse o lobisomem.

— Se alguém vai usar uma armadura, deve mantê-la funcionando adequadamente.



O caçador tentou se levantar. A armadura do braço esquerdo caiu completamente, a do braço direito estava tão torcida para trás, que o ombro provavelmente estava deslocado. Ele conseguiu cambalear até a metade do caminho. O vampiro encapuzado deu uma joelhada no rosto dele. O caçador caiu, com o rosto ensanguentado. O vampiro encapuzado o chutou. O caçador parou, sua boca aberta pingando sangue no chão.



O vampiro encapuzado não era apenas um Cavaleiro aleatório. Este tinha muito treinamento marcial. Se ele se dirigisse para a saída agora, ele e seus amigos poderiam ir embora sem problemas. Os vampiros respeitavam a força. Mesmo essa escória que frequentava o *Lodge* reconheceria sua vitória. Se ele ficasse ...

O homem encapuzado examinou o salão. — Mais alguém?

*Ele não acabou de dizer isso*.

Sete caçadores se levantaram.



O lobisomem murmurou algo baixinho e puxou uma faca grande de uma bainha na cintura. A lâmina brilhava em verde esmeralda.

— É melhor acabar logo com isso, —o vampiro arrancou a capa e a jogou para o lado.






Armadura de última geração. Brasão da Casa Krahr, a mais antiga possível de uma linhagem. O símbolo da Casa no ombro estava desfocado, algo que os vampiros de alto escalão faziam quando não estavam agindo em caráter oficial. Rosto deslumbrante e uma juba de cabelos loiros.



*Oh, querido universo!* O que diabos um Cavaleiro de alto escalão de Krahr fazia brigando em Karhari? Ela não sabia quase nada sobre a Casa Krahr, exceto que era grande, poderosa, violenta e uma das Casas originais. Se um dos Cavaleiros de Krahr tivesse visitado a Casa Ervan, a família de seu marido o teria tratado como um convidado de honra. Antes do exílio, eles provavelmente a desfilariam na frente da visita e a fariam recitar uma das sagas antigas em um dialeto que ninguém usava há trezentos anos. *Olhe para a nossa humana de estimação fazendo truques fofos.* As lembranças trouxeram bile a sua garganta. *Por que ela permitiu que isso acontecesse por tanto tempo?*

O Cavaleiro Krahr deu um passo à frente e Maud finalmente conseguiu olhar para a pessoa atrás dele. A figura do manto cinza deslizou do banquinho. O capuz caiu para



trás, revelando um rosto familiar emoldurado por cabelos loiros. Os pêlos na nuca de Maud se levantaram. Ela olhou novamente, aterrorizada em estar enganada.

— Mamãe, —Helen sussurrou, — quem é aquela senhora?

De alguma forma, os lábios de Maud se moveram. — É sua tia.

Metade da sala estava agora de pé. Os vampiros rugiram em uníssono, berrando em desafio.

*Muitos.* E tudo por causa da arrogância desse idiota, o lobisomem e sua irmã teriam que abrir caminho até ela através de pelo menos trinta vampiros irritados. Maud tinha que agir, ou eles nunca conseguiriam sair daqui.

— Helen, abaixe-se e vá para a porta.

Helen enfiou o livro na mochila pequena, a colocou no ombro e deslizou por baixo da mesa.

O olhar de Dina se conectou com o de Maud. A irmã sorriu.



Maud pulou sobre a mesa e correu para o líder dos caçadores. Ele estava focado no Cavaleiro Krahr. O líder dos caçadores nem a viu chegar. Ela preparou a espada de sangue um momento antes de alcançá-lo. A arma zumbiu quando o líquido de alta tecnologia da cor vermelho sangue se espalhou através da espada, tornando-a quase indestrutível. O líder dos caçadores se virou, reagindo ao zumbido da espada de Maud, e ela o decapitou em um único golpe suave.



Sangue espirrou nas mesas. Vampiros rugiram e atacaram.

Maud cortou o braço de alguém ao meio, a sua espada de sangue atravessando a armadura, como se fosse feita de papel alumínio, desviou das garras de uma outra vampira que tentou agarrá-la e chutou outra fêmea na cara.

Ao redor dela, o *Lodge* ficou caótico, vampiros rugindo, mesas voando e armas de sangue zumbindo enquanto eram preparadas. Maud registrou tudo, suas emoções desligadas pelo o excesso de adrenalina. Nada importava, exceto matar até chegar à porta ou não sobrar mais ninguém para matar.



Alguém pegou a capa dela e a puxou. A capa se soltou facilmente, dando a Maud um segundo extra. Ela caiu de joelhos, enterrou a adaga na garganta do vampiro mais próximo, rolou da mesa para evitar o golpe de uma clava e cortou o rosto de um caçador com sua espada. Ele berrou de raiva, e ela afundou a lâmina na costela dele, no espaço entre as partes da armadura mal ajustadas.



Maud se moveu procurando por Helen. Sua filha estava de quatro, rastejando debaixo das mesas em direção a saída. *Boa menina.*

Dina gritou alguma coisa. Maud girou, tentando desviar e mantê-la à vista, mas os caçadores a cercaram, prendendo Maud em um círculo de corpos. *Muitos* …

Um rugido ensurdecedor surgiu por trás do círculo dos caçadores. Corpos voaram como se fossem feitos de palha. Uma enorme vampira à sua frente desmoronou, jorrando sangue de seu crânio arruinado, e o cavaleiro Krahr irrompeu no círculo, suas presas à mostra. Ele derrubou o caçador à sua direita com um golpe violento e golpeou com um murro selvagem no estômago de outro à sua esquerda. As armaduras



defeituosas dos caçadores estalaram como o som de cascas de nozes esmagadas. O caçador dobrou-se e o Krahr enfiou o cotovelo esquerdo na nuca dele. O golpe varreu o atacante, mandando-o para o lado. Um segundo atrás havia dois vampiros berrando, agora havia apenas o Cavaleiro Krahr, brandindo sua clava.



Os caçadores olharam, impressionados por um momento, e Maud usou cada fração da distração deles para esfaquear e fatiar o máximo que podia. O círculo ao redor aumentou e de repente ela se viu de costas com o Krahr.

— Minha senhora, —disse ele naquela voz profunda e culta. — Peço desculpas por não chegar mais cedo em seu momento de terrível necessidade.

O inferno congelaria antes que ela devesse a outro vampiro. — Não tão terrível, meu Senhor. Por favor, não se incomode em lutar por minha causa.

Ela se abaixou e girou, chutando as pernas de um vampiro de baixo dela e o esfaqueou na garganta quando ele caiu.



O Krahr bateu a clava no ombro de um caçador com uma pancada de estalar os ossos. — Eu insisto.

Ela aparou um golpe que quase a fez soltar a espada e levou a adaga na virilha do invasor, perfurando a armadura danificada por pura sorte. — Não há necessidade.



O Krahr atacou o vampiro à sua esquerda, levou um golpe no ombro de outro, grunhiu, inverteu seu balanço e deu um golpe devastador no novo oponente. O vampiro se inclinou para frente do impacto e o Krahr enfiou o punho na parte de trás da cabeça.

— Por favor, permita-me esta pequena diversão. Sou apenas um convidado em seu planeta. Fiz uma viagem longa e estou entediado.

*Argh*. Ele a superou na argumentação. Por mais absurda que fosse sua pretensão, ele a colocou no papel de anfitriã e as leis da hospitalidade dos vampiros ditavam que os anfitriões deviam ser condescendentes com os convidados.

*Espere, eu não sou uma vampira. Por que isso importa?*



Um vampiro a chutou. Ela tropeçou para trás, ricocheteou nas costas largas do Krahr e se jogou na briga.

Pelo canto do olho, viu Dina abrindo caminho até a saída, o filamento de um Chicote de Energia laranja pairava solto, estalando sua ponta no chão. Helen estava em seus braços. *O que Dina pensa que estava fazendo?* A melhor vantagem de Helen estava em seu tamanho e velocidade. Agora nenhuma delas poderia se mover com segurança.



*Dina não sabe*, Maud percebeu. Sua irmã não tinha ideia de que tipo de criança era sua filha.

O lobisomem se jogou na frente delas e começou a abrir caminho para a porta.

— Meu Senhor! —Maud gritou. — Estamos indo embora.

Ele resmungou. — Estarei lá em breve.

— Meu Senhor!

— Vou cobrir sua saída.



Dina e Helen estavam a poucos metros da porta. Maud atacou os vampiros restantes. Em dois balanços, ela atravessou o salão.

— Arland! —O lobisomem gritou, sua voz cortando o barulho da batalha no *Lodge*.

*Então esse era o nome dele*. Maud olhou por cima do ombro e o viu encharcado de sangue, cortando corpos.

— Arland! —O lobisomem rosnou.

O Krahr virou-se, os viu e começou a recuar em direção à porta.

As portas de metal pesadas se abriram. Dina correu, segurando Helen no colo, e o lobisomem as seguiu. Quando Maud correu pela porta, ela viu a barman acenando para ela com um pequeno sorriso surreal.

Um transporte espacial preto estreito esperava na pista de pouso e eles correram em direção a ele. As portas do transporte se abriram. Maud se sentou e arrancou Helen dos braços de Dina. O lobisomem pousou no banco do piloto e começou a verificação antes do voo, os dedos voando sobre os controles.



*Onde estava o Krahr?* Se ele não surgisse nos próximos dez segundos, ela teria que voltar para buscá-lo. Ele lutou por ela e sua filha. Ela devia isso a ele.

Um amontoado de oito pessoas saiu pela porta. Arland apareceu no meio deles, presas à mostra, rosto manchado de sangue. Era como algo saído de um dos dramas pseudo-históricos da Anocracia, um herói solitário em um planeta estranho, enfrentando probabilidades impossíveis, rugindo sua raiva aos céus.

Arland balançou sua clava de sangue. Esmagou o crânio de um atacante em uma sangrenta explosão de sangue e cérebro. Antes que o balanço terminasse, o Cavaleiro Krahr virou-se, agarrou o que estava à sua esquerda pela garganta, o sacudiu uma vez como um boneco de pano e jogou o corpo para o lado. A combinação perfeita de pura brutalidade e precisão eficiente era linda de assistir.

O Cavaleiro Krahr chutou um enorme caçador para a esquerda, colocando todo o poder de sua perna blindada no joelho do vampiro. O homem caiu e Arland bateu com a clava, quase como uma reflexão tardia, virou-se e afundou a ponta



da clava nas costelas do atacante à direita. Um martelo golpeou as costas do Krahr. Arland encolheu os ombros como se tivesse sido atingido por um mata-moscas, girou rápido demais para um homem do seu tamanho e bateu a clava no braço direito do atacante. O braço do invasor ficou mole. O vampiro se virou e correu. Arland atirou sua clava. Ela voou pelo ar e ricocheteou nas costas do vampiro caçador. A armadura, já amassada e se segurando através de um milagre, rachou, o caçador voou para o lado do prédio, ricocheteou e caiu no chão.

*Uau.*

Vampiros se orgulhavam dos combates no solo, seu marido era um dos melhores, mas o Krahr estava em outro nível. *Onde a Casa Krahr o encontrou? Quem era ele na Casa?*

Ela se virou para Dina e apontou para Arland. — Quem diabos é ele?

— Lorde Marechal da Casa Krahr, —disse Dina.

*Oh, doce galáxia*, ele era o chefe militar de sua Casa. Como no mundo Dina conseguiu convencê-lo a resgatá-la?



Os dois vampiros caçadores restantes atacaram em conjunto. O Marechal se preparou para o ataque, rugindo um desafio. Quando um dos caçadores chegou perto, ele deu um passo para a esquerda, agachou-se e mergulhou baixo no vampiro caçador. O caçador não teve tempo de reagir à mudança repentina no centro de gravidade. O impulso o levou adiante enquanto o Marechal o levava por cima do ombro em um movimento suave. O caçador caiu de cabeça no chão. O som do pescoço quebrando do espalhou no ar. O Marechal pegou o martelo do vampiro morto e atacou o último caçador restante com ele.

Maud lembrou-se de respirar.

O Marechal correu para o transporte espacial.

*Lutar com ele seria incrível*. Ela poderia dar tudo de si sem se conter.

Em algumas respirações, ele pulou na cabine e pousou no assento ao lado do lobisomem.

A porta do *Road Lodge* se abriu e uma multidão de vampiros rasgou através dela, rosnando e rugindo.



— Você sabe pilotar, lobisomem? —O Marechal rosnou.

— Apertem os cintos, —o lobisomem puxou uma alavanca e a nave subiu, acelerando para o céu.

A realidade do que estava acontecendo pousou no peito de Maud. *Isso era real. Elas estavam indo embora*. Maud abraçou Helen apertado.

— O que aconteceu? —Perguntou Dina. Onde está Melizard? Onde está seu marido?

— Melizard está morto. Ele liderou uma revolta contra sua Casa. Eles o despiram de todos os títulos e posses e nos enviaram para Karhari. Oito meses atrás, Melizard tomou uma decisão errada e foi morto.

— Nós matamos os assassinos de volta, —disse Helen.

— Sim, minha flor. —Maud sorriu para ela e acariciou seus cabelos. — Sim nós os matamos.

Tinha acabado. Finalmente acabou.

O Marechal se virou e olhou para ela. Ele parecia chocado, como se a existência dela tivesse perturbado a



estrutura de seu universo e ele não conseguisse reconciliar com essa descoberta. Ela já viu esse olhar antes. Nenhum vampiro espera que uma humana saiba qual dos dois lados de uma espada se aponta para o inimigo, muito menos espera ver uma humana vestida em uma armadura-Syn. Dina deve ter dito algo a ele, então o Marechal esperava uma simples humana e acabou sendo surpreendido.

Maud encontrou seu olhar. Chocantemente bonito. Suas feições eram fortes e masculinas, esculpidas sem nenhuma suavidade, mas nem rudes nem cruéis. Seus olhos inteligentes era de um azul intenso. Ele analisou a armadura e a espada de sangue de Maud por algum tempo. Olhou de volta para o rosto dela, e Maud viu surpresa e respeito em seus olhos, uma admiração de um lutador apreciando a habilidade de um colega.

Algo esquecido e reprimido se mexeu dentro dela.

— Boa luta, minha Senhora, —disse ele calmamente.

— Boa luta, meu Senhor, —respondeu ela no piloto automático.



— Você ou sua filha estão machucadas?

— Não, meu Senhor.

— Tudo está bem então.

Ele sorriu para ela. O Marechal era bonito antes, mas agora era quase irresistível.

*Não*, ela disse a si mesma. *Não. Você tentou antes, tentou o seu melhor durante anos e eles jogaram você e sua filha fora como lixo*. Maud não se envolveria com outro vampiro novamente. Ela nem se quer aceitaria essa ideia, não importava o quanto ele lutasse ou o quanto de admiração refletia em seus olhos quando ele a olhava.

Maud nunca mais se envolveria com vampiros novamente.





# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

## Três dias depois...

Arland estava nu na mesa de exame de metal. Bolhas de sangue cobriam seu corpo. Algumas haviam rompido, vazando sangue poluído e sujo que cheirava a ácido e decomposição.

O pânico se agitou e arranhou o interior de Maud. Ela pegou as mãos dele. Os dedos dele eram como gelo. Ele olhou para ela, seus olhos azuis cheios de dor cortava a alma de Maud como uma faca.

*Seu idiota. Seu idiota, estúpido.*

Eles estavam sitiados na Pousada de Dina. Um alien pediu abrigo a sua irmã e ela o aceitou, sabendo que toda a espécie do alien era alvo de uma outra espécie de fanáticos religiosos. Um Clã de assassinos tinha como alvo o alien abrigado na Pousada. Ela e Arland estavam ajudando a protegê-lo, lutaram lado a lado, treinaram juntos, comeram na mesma cozinha, consertaram suas armaduras à noite na mesa da sala de jantar



em um silêncio confortável. Ele a provocava, ela respondia a sua provocação, depois era ela que o provocava, e ele se esquivava. Ela o viu brincar com Helen, tratando-a como uma criança vampira estimada.



Ela notava quando ele sorria. Treinou com ele e disse a si mesma que nada disso era importante. Eles eram apenas amigos lutando pela mesma causa.

Hoje, os assassinos conseguiram introduzir a semente de uma *Assassina do Universo*[3] na Pousada. Uma flor com o poder de exterminar toda a vida de um planeta, a Assassina do Universo era indestrutível ao fogo e ao ácido. Feita de energia, a flor passaria por todas as barreiras que eles poderiam colocar no caminho dela e só se tornaria matéria quando estivesse prestes a atacar. Mataria, cresceria e mataria novamente, até que nada restasse vivo no planeta. E os cinco deles, Dina, Sean, Helen, Arland, e ela seriam suas primeiras vítimas.

---

3  Londar Len Teles



Eles ficaram lá, paralisados na cozinha, com medo de fazer o menor movimento. Então Arland alegou que seu sangue era tóxico para a flor. Maud o viu olhar para Helen, olhar para ela, e sabia no fundo de sua alma que Arland se sacrificaria por elas. A enormidade dessa percepção a atingiu, deixando-a tão desequilibrada que nem conseguia pensar.



Lembrou-se da voz dele, tão calma que a gelou: *Leide Maud, caso eu morra, recite a Liturgia dos Mortos para mim.*

Recitar a Liturgia dos Mortos recaia sobre aquele que mais era estimado por quem pedia. Seu cônjuge. Seu parceiro. Aquele que significava tudo para você. Ela não podia desonrar essa confissão, então o respondeu na linguagem dos vampiros: *Que a Deusa-mãe te guie, meu Senhor. Você não será esquecido.*

Ele se jogou na frente da flor. A Assassina do Universo o picou e o queimou, envolvendo-o como uma cobra constritora. Ela o perfurou repetidamente, envenenando-o até que o deixou de joelhos. Arland gritou, sua voz bruta de dor,



lágrimas escorreram pelo rosto, mas ele ainda lutou até finalmente agarrar a raiz da flor, rasgá-la e derramar seu próprio sangue nela. A Assassina do Universo morreu.

E agora Arland também morreria.

Eles o convenceram a abrir sua armadura enquanto Helen chorava e implorava para que Arland não morresse, então o trouxeram aqui para a enfermaria. Arland estava muito fraco. Quase não havia força em seus dedos. A irmã dela continuava lavando-o, limpando o sangue poluído do corpo dele, mas suas feridas não paravam de sangrar. Não havia antídoto.

Ela não poderia perdê-lo. Maud não poderia. Pensar em acordar de manhã, sabendo que nunca o veria, destruía sua alma. Maud queria gritar de raiva, mas ele estava olhando para o rosto dela, seus olhares forjando uma conexão frágil. Ela segurou a mão dele e olhou de volta para ele, aterrorizada que essa conexão se rompesse e ele se fosse para sempre.

Ela viu a morte nos olhos dele, aproximando-se cada vez mais. Os vampiros morriam cercados pela família ou no campo de batalha. Ela tinha que ajudá-lo. Tinha que …



Maud manteve sua voz neutra e calma. — Dina, não sinto na Pousada uma área de vigília. Você tem uma?

— Não.

— Então vou fazer uma. Fora da cozinha.



Ela fechou os olhos, alcançou a magia de Gertrude Hunt. A Pousada de Dina respondeu, movendo-se primeiro lentamente e depois mais rápido, separando pisos e paredes, construindo um novo espaço, formando uma banheira enorme, cultivando as plantas adequadas ... Isso daria a ele paz de espírito. Se Arland tivesse a esperança de que os ritos adequados e as orações oferecidas em seu nome seriam feitos, ele poderia aguentar.

*Aguente*, ela desejou. *Por favor, aguente. Por favor, não nos deixe.*

Ela abriu os olhos, pegou o chuveiro de Dina e continuou lavando-o.

O peito dele mal se movia.

— Não desista, —ela implorou. — Fique por mim.



Ele sorriu para ela, tão fraco que quase a fez chorar ali mesmo, na frente dele.

— Lute, —ela disse. Maud agarrou a mão dele, tentando dar um pouco de sua energia vital para ele.

— Tudo está desacelerando, —a voz dele era calma. Ele levantou a mão, os dedos tremendo. Ela se inclinou na palma da mão dele e ele acariciou sua bochecha. — Não há tempo.

— Lute. Viva.

Os olhos dele escureceram.

Uma batida soou. Uma porta se abriu e Caldenia Ka Ret Magren entrou na enfermaria. Antes uma tirana galáctica, agora a única hóspede permanente de Gertrude Hunt, com uma recompensa por sua cabeça que permitiria comprar um planeta paradisíaco. Ela carregava uma pequena caixa.

*A cura.* Maud não tinha ideia de como sabia disso, mas acreditava com todo o seu coração.

Seu medo a paralisou e Maud ficou entorpecida.



Mesmo quando a agulha do antidoto perfurou a pele de Arland e suas feridas pararam de sangrar, ela ainda não conseguia sentir alívio. Maud instruiu a Pousada a transportá-lo, o observou deslizar para dentro da banheira cheia de chá de hortelã na área de vigília, e então sentou-se ao lado dele e recitou as orações de cura, uma após a outra.



Ao redor deles, a Pousada estava silenciosa. Dina tinha ido a algum lugar. Sean e outros estavam na cozinha, mas tão quietos que não pareciam estar ali.

*Viva, Arland. Viva. Não me deixe. Não deixe Helen.*

Uma mão quente e molhada a tocou. Maud abriu os olhos. Arland estava olhando para ela, seus cabelos loiros molhados, sua pele ainda muito pálida, mas seus olhos azuis estavam mais brilhantes e profundos, ela vislumbrou a mesma vontade de ferro que o levava à batalha.

— Minha Senhora, —disse ele calmamente.

— Nunca faça isso de novo, —ela sussurrou.

— Fique comigo, —ele pediu.

— Para onde eu iria?



Ele sorriu então. Ela revirou os olhos e voltou aos ritos de cura.





A clava de treino assobiou sobre a cabeça de Maud, ela se agachou e chutou, com o objetivo de alcançar as pernas de Arland. O Marechal da Casa Krahr pulou para cima e para trás, evitando o pontapé. Maud pulou para a esquerda, levantou-se e chegou a tempo de evitar outro golpe.

Ele a forçou a atravessar o chão de mármore branco. O suor encharcou seu rosto.

Ao redor deles, o Grande Salão de baile de Gertrude Hunt brilhava em toda a sua glória. As enormes luminárias no teto estavam apagadas, e nebulosas brilhantes cintilavam nas



paredes escuras e no teto alto bem acima, grupos de estrelas brilhavam como constelações de pedras preciosas. A única iluminação vinha das delicadas flores de vidro que brotavam em trepadeiras douradas, girando em torno das altas colunas *turquesas*[4].



Ela costumava treinar com Melizard assim, mas seus treinos sempre tiveram espectadores. Como tudo, seu falecido marido gostava de um show para impressionar e promover suas ambições. Maud lhe disse uma vez que não gostava de toda essa atenção, e ele disse que queria que todos testemunhassem as habilidades de sua esposa humana. Ele a treinou para melhorar sua posição com a Casa Ervan. Agora, anos depois, Maud entendeu que sempre foi sobre ele, nunca sobre ela.

Arland nunca exibiu a ela ou a si mesmo na frente de uma plateia. Se alguém tivesse vindo praticar ao lado deles, ele não

---

4  Colunas turquesa(arquitetura)



se oporia. Arland era um Cavaleiro de uma antiga Casa e a polidez estava arraigada em seus ossos. Mas ele nunca precisou chamar atenção. Portanto, as sessões de treinos eram somente para eles, privada, silenciosa, apenas para os dois. E ela nunca se conteve.



Ele disse que a amava. Maud se lembrava de cada palavra. Estava gravado em sua memória. Arland ficou diante da banheira onde Dina, sua irmã, estava sentada catatônica, observando o casal com olhos distantes. Arland sabia que ele e Maud estavam prestes a entrar em uma batalha que poderia acabar com os dois, então lhe confessou o que sentia.

*Quando te vi pela primeira vez, foi como ser jogado de um ônibus espacial antes de tocar o chão. Caí e, quando aterrissei, senti o impacto em todas as células do meu corpo. Você me perturbou. Tirou minha paz interior ...*

Arland a atacou. Ela se esquivou para longe, girou em torno dele, bateu nas costas dele e se afastou antes que ele pudesse alcançá-la novamente.



*... Você me ensinou o significado de solidão, porque quando não te vejo, me sinto sozinho ...*

Arland se lançou, empurrando. Um movimento inesperado, próprio para uma espada, não para uma clava. A pegou de surpresa. Maud levou o golpe no peito e cambaleou para trás. Ele avançou e ela balançou a espada de treino a um fio de cabelo do pescoço dele.

*... Você pode me rejeitar, pode negar a si mesma e, se optar por não me aceitar, aceitarei sua decisão ...*

Arland largou a clava e atacou. Ela deveria ter conseguido desviar, mas a última batalha pela sobrevivência da Pousada de Dina havia a desgastado muito. Suas emoções estavam uma bagunça, seu cérebro parecia que iria explodir, tentando colocar seus pensamentos no lugar, e Maud ainda estava muito cansada fisicamente. Os dedos dele agarraram o pulso direito dela, e Arland a puxou para ele, virando-a de costas contra seu peito. As mãos dele prenderam os braços dela em um torno de aço. Ele já havia a prendido assim antes, e ela



sabia por experiência que era impossível sair desse aperto. Mesmo que ela levantasse as pernas, atingindo-o com todo o seu peso, ele simplesmente a levantaria acima do chão.

Ficaram lá, em um tipo de abraço.



*... Mas saiba que nunca haverá outra como você para mim e outro como eu para você. Nós dois esperamos anos para nos encontrarmos.*

Ele a soltou. Maud pegou sua espada e voltou para o suporte de armas.

Arland a amava. E ela também o amava. Ela descobriu isso no momento em que ele pediu a ela que recitasse a Liturgia dos Mortos. O medo de que ele morresse parecia que arrancaria o coração dela do peito. Mas então ele arruinou tudo e a pediu em casamento.

Maud guardou a espada e a bainha no suporte de armas de treino e puxou a magia da Pousada. A Pousada obedeceu, abrindo o chão sob o suporte e deixando-o afundar no armazenamento. A Pousada respondia a magia de Maud muito devagar, quase como se estivesse confusa com as



instruções dela. A resposta na Pousada dos pais dela era instantânea. Aqui, era como dar comandos para o cachorro de um irmão. Ele obedeceria porque ela era da família e humana, mas sabia que ela não era sua dona.



Melhoraria com o tempo, se ela ficasse. E ficar na Pousada fazia todo o sentido do mundo. Ela e Helen estariam a salvo aqui. Dina poderia precisar da ajuda dela e Helen adorava ficar aqui. A Pousada respondia a ela muito melhor do que a Maud. Todas as Pousadas instantaneamente se conectavam com as crianças.

Mas o que aconteceria quando a filha percebesse que não podia ter amigos morando aqui?

O que aconteceria quando Arland fosse embora?

Esse último pensamento deu a ela o empurrão que precisava. Maud virou-se para Arland.

— Estou apaixonada por você, —ela disse a ele. — Mas não posso me casar com você.



O belo rosto dele permaneceu perfeitamente neutro, mas ela vislumbrou o brilho de felicidade em seus olhos. Arland controlou a emoção rapidamente, mas ela já havia visto.

— Posso perguntar por que?

— Porque o amor é simples, mas o casamento é complicado.

— Explique.

Ela cruzou os braços sobre o peito, usando-os como escudo. — Quando você olha para Helen, o que vê?

— Potencial.

Ela poderia beijá-lo por sua resposta, mas isso não ajudaria. — Se você não conhecesse a origem dela, diria que ela é humana ou vampira?

— Uma vampira, —ele disse sem hesitar.

— Por causa das presas?

— Por causa do impulso predatório que ela possui. Presas a fazem parecer uma vampira. Elas podem ser obtidas por meios cirúrgicos, mas o instinto de identificar e atacar as



fraquezas do oponente não pode ser fabricado ou aprendido. Ou nasce com ele ou não se tem. Ela tem.

Maud também pensava assim. — Se eu ficar aqui, na Pousada da minha irmã, Helen terá que viver limitada a Pousada. Ela não poderá frequentar uma escola humana. Outras crianças não estariam seguras perto dela. Eles não saberiam o que ela é, mas saberiam que ela é diferente. Eles a ignorariam ou a atormentariam, e ela retaliaria.



A expressão de Arland endureceu. — Não tenho o direito de oferecer minha opinião, mas prendê-la na Pousada seria a melhor coisa para Helen?

*Presa.* Era assim que ele via. Era assim que ela também via.

Dentro da Pousada, os Estalajadeiros possuíam um poder quase divino. Eles construíam quartos para uma centena de espécies diferentes em minutos. Eles curvavam as leis da física e abriam portais para planetas a milhares de anos-luz de distância. Eles observavam as esquisitices e maravilhas da galáxia passarem por suas portas.



Mas o mundo humano dos Estalajadeiros era pequeno, os amigos eram poucos e, embora a galáxia estivesse à sua porta, a maioria deles raramente ultrapassava o limiar. Fora da Pousada, eram vulneráveis. Os filhos dos Estalajadeiros cresciam confinados em casa, à parte da sociedade humana, e quando cresciam, tornavam-se Estalajadeiros ou *Ad-hals*, os executores dos Estalajadeiros. Às vezes esses filhos deixavam a Terra como ela e seu irmão. Quase nenhum deles se adaptava à sociedade humana. Depois que aprendiam a usar sua magia, não havia como colocá-los de volta em uma caixa.



— O que aconteceria com Helen se a levássemos para a Casa Krahr?

Arland franziu o cenho. — Ela correria solta pela fortaleza com outras crianças como ela. Eu iria gostar de ver os Sentinelas tentarem colocá-la na sala de aula. Na verdade, eu pagaria um bom dinheiro ... —Ele pegou a expressão no rosto dela. — O que eu quero dizer é que Helen receberia uma boa educação, assim como as outras crianças da Casa Krahr.

— Você me disse uma vez que ela deveria ser uma *rassa* na grama, não um *goren* na varanda.



Os *Rassas* eram predadores ferozes de emboscada, enquanto os *gorens*, menores e mais domesticados, serviam vampiros como cães serviam humanos.

Arland pigarreou. — Eu posso ter sido muito franco.



— Não, você estava certo. Helen é uma *rassa* e na Casa Krahr ela estaria entre outras *rassas*. Seria mais perigoso, mas lá ela poderia encontrar seu lugar do jeito que nunca poderia encontrar aqui. Além disso, há a minha situação. Eu uso a armadura de um vampiro há seis anos. Não sou a mesma mulher humana que deixou a Pousada dos pais. Eu nem mesmo sou a mesma mulher que foi exilada em Karhari quase três anos atrás. Não sei onde é meu lugar. Ainda não descobri onde pertenço.

— Ao meu lado, —ele disse. — Seu lugar é comigo. Maud, todos esses argumentos são a favor do nosso casamento.

Ela assentiu: — Eu sei. E é ai onde está o problema. Sou viúva de um Cavaleiro desonrado. Meu marido tentou assassinar seu próprio irmão para se tornar o Marechal de sua Casa. Sou uma humana. Eu sei como os vampiros tratam



pessoas de fora. Eu vivi essa vida. Sua Casa me verá como uma mulher humana que não tem nada, posição, honra ou propósito. Não servirei para nada. Serei vista como a mulher que tem uma filha meio-vampira e faria qualquer coisa pelo bem dessa criança, incluindo seduzir você, o orgulho da Casa Krahr, e depois manipulá-lo para conseguir o que quer.



Arland levantou as sobrancelhas. — Eu sobrevivi a inúmeras tentativas de manipulação antes. Pareço ser muito resistente a isso. No entanto, estou aberto a ser seduzido.

— Você vai levar isso a sério?

— Eu não ligo para o que minha Casa pensa.

— Mas eu sim. Durante anos fui a esposa exemplar do filho de um Marechal vampiro. Ninguém poderia apontar defeitos no meu comportamento ou na minha filha. Trabalhei em benefício da Casa Ervan. Organizei seus banquetes, os ensinei a lidar com seus vizinhos galácticos, memorizei seus rituais, suas orações, suas poesias ... Conheço mais dialetos dos ancestrais vampiros do que a maioria dos especialistas de vampiros. No entanto, quando meu marido cometeu traição,



sua Casa me jogou no lixo junto com ele. Nenhuma das minhas realizações importava. Eu não existia sem o meu marido.

O rosto dele ficou duro. — Eu não sou Melizard e a Casa Krahr não é a Casa Ervan.

Maud assentiu. — Eu sei disso. Mas o desequilíbrio de poder entre nós dois é muito maior do que era entre Melizard e eu. Não quero ser tratada novamente como um animal de estimação, Arland. Não vou deixar que isso aconteça de novo. Minha confiança em sua sociedade foi destruída. Jurei para mim mesma que nunca mais voltaria à Sagrada Anocracia. Preciso proteger a mim e a Helen da rejeição. Eu suportaria. Isso me esmagaria, mas eu sobreviveria. Sou adulta. Helen é uma criança. A primeira vez que ela foi rejeitada, era jovem demais para entender completamente, mas agora Helen tem idade suficiente. Não posso a expor dessa maneira. Não posso dar a ela um lar e um pai e depois essas coisas serem arrancadas dela pela segunda vez, seria injusto demais. Não posso deixar ninguém nos jogar fora de novo. Não posso. Mas também não posso cumprir minha promessa de ficar longe da



Anocracia, porque a ideia de você ir embora me aterroriza e porque minha filha é meio-vampira. Ela merece saber de onde veio.

— Eu sou o reflexo da minha Casa, —disse Arland. — Eu te amo. Vejo você como verdadeiramente é, uma mulher que seria um trunfo para qualquer Casa. Se vier comigo, aqueles que são próximos a mim a verão da mesma forma que eu e também a amarão. Não existe uma pessoa viva que não se importaria com Helen.

— Fale isso para a avó paterna dela.

Arland mostrou suas presas. — Eu irei quando tiver a oportunidade. Case comigo.

— Eu não posso. Mas também não posso me afastar. Quero ir com você e não sei se estou fazendo isso por Helen, por mim mesma ou porque sou muito idiota para fazer o que é certo e pensar em não estar com você me deixa desesperada. Não vou mentir para você, Arland. Eu costumava ser só um enfeite do meu marido, porque ele não me deixava escolha, mas nunca mais aceitarei isso. Não posso prometer que vou



me casar com você. Não posso nem prometer que ficarei com você. Posso prometer que tentarei provar à sua Casa que valho a pena. Sei que isso é muito menos do que você merece. Eu tenho apenas duas condições. Primeira, você não me pressiona para o casamento. Segunda, se eu quiser ir embora, você me fornecerá uma passagem de volta à Terra. Essas são as minhas condições. A decisão é sua.

Ela olhou para frente, olhando na direção dele, mas não o encarando.

— Maud.

Ela encontrou o olhar dele.

— Com que velocidade você pode fazer as malas? —ele perguntou.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

# CAPÍTULO 2

## Agora ...

As estrelas se apagaram, substituídas pela escuridão total.

Maud abraçou seus ombros. A textura fria e levemente áspera da armadura parecia familiar sob as pontas dos dedos. Tranquilizadora. O plano era nunca mais usar armadura, mas ultimamente a vida andava batendo seus planos com um taco de beisebol.

Em sua própria cabine, abrigada nas entranha da nave de guerra, Maud observava uma tela que ia do chão ao teto, simulando uma grande janela. A escuridão do lado de fora também a observava, fria e atemporal. O Vazio, era assim que os vampiros chamavam. A existência do além entre as estrelas sempre a deixou desconfortável.

— Estamos mortas, mamãe?



Maud virou-se. Helen estava a alguns metros de distância, abraçando um ursinho de pelúcia que sua tia lhe deu no Natal. Seu longo cabelo loiro preso no lado direito, amassado de seu sono. De onde Maud estava, Helen quase podia passar por uma humana.



— Não. Nós não estamos mortas. Estamos viajando no *hiperespaço*[5]. Demoraríamos muito tempo para chegar ao nosso destino se viajássemos usando propulsão normal, então entramos e saímos nas Dobras do tecido do espaço-tempo como uma agulha. Venha, quero lhe mostrar uma coisa.

Helen se aproximou. Maud a levantou—ela estava ficando tão grande, tão rápido—e a segurou em frente a tela.

— Isto é o Vazio. Você se lembra do que papai contou sobre o Vazio?

— É para onde as almas vão.

---

5  O **hiperespaço** é um elemento hipotético presente na ficção científica, utilizado como uma forma de viagem mais rápida que a luz. Ele é geralmente descrito como uma região alternativa de espaço coexistente com a o Universo padrão, região essa que pode ser acessada usando um campo de energia ou outro dispositivo.



— Está certo. Quando um vampiro morre, sua alma deve passar pelo Vazio antes que seja decidido se vai para o Paraíso ou para as planícies desertas do Nada.

— Eu não gosto disso, —Helen sussurrou e enfiou a cabeça no ombro de Maud.

Maud quase a ninou. Esses momentos, quando Helen ainda agia como um bebê, eram cada vez mais raros agora. Logo ela iria crescer e se afastar, mas por enquanto Maud ainda podia segurá-la e cheirar seu perfume. Helen seria dela por mais algum tempo.

— Não tenha medo. Você tem que olhar, ou vai perder a melhor parte.

Helen se virou. Elas ficaram juntas, olhando a escuridão.

Um pequeno ponto brilhou no centro da tela. O ponto de luz correu em direção à nave espacial, abrindo-se como uma flor brilhante, girando, suas pétalas se abrindo cada vez mais, pintadas com toda a majestade da galáxia.

Helen olhou, os olhos arregalados, o brilho estrelado da tela tocando em seu rosto. O universo deslumbrante as



envolveu. A nave rasgou os últimos fragmentos de escuridão e emergiu no espaço normal.

Orbitando uma estrela amarela, um belo planeta pairava na frente delas, uma joia verde e azul envolta em uma atmosfera verde turquesa, tão fina e suave que lembrava um véu. *Daesyn*. Não era a Terra, mas poderia ter sido sua irmã mais bonita. Duas luas orbitavam o planeta, uma grande e roxa, mais próxima da superfície, a outra tingida de laranja, menor e mais distante. O pôr-do-sol tinha que ser espetacular.



— É neste planeta que Lorde Arland mora?

— Sim, minha flor, —Maud colocou Helen no chão. — Você deveria trocar de roupa.

Helen saiu correndo como um coelho solto de seu abrigo.

O planeta turquesa olhou para Maud através da tela. O mundo natal da Casa Krahr.

*Era louca. Doida varrida*.

Se ela usasse a lógica, nunca deveria ter cogitado essa viagem. Nunca deveria ter trazido Helen aqui.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

O planeta cresceu em sua tela.

Maud abraçou seus ombros. Seria muito mais prudente ir embora e ficar na Pousada da irmã. Reaprender a ser uma humana depois de tantos anos tentando se tornar a vampira perfeita.

Enquanto ela e Arland estavam apaixonados na Pousada tudo era mais simples. Eles precisaram lutar por suas vidas todos os dias. Ficando pouco espaço para coisas pequenas, mas na vida normal essas coisas muitas vezes se tornavam importantes o suficiente para destruir relacionamentos. Pular de cabeça na política dos vampiros não era sensato, principalmente na política da Casa Krahr. Melizard teria cortado o braço dele para ter uma nave como essa, e Arland a pilotava para frente e para trás como se não lhe custasse nada. As diferenças entre Arland e ela eram muitos maiores.

Quando se casou com Melizard, esperava ser aceita, ter uma segunda família e confiança. Maud não encontrou nenhuma dessas coisa. Agora ... Agora ela só queria descobrir se a Casa Krahr valeria a pena. Maud não estava mais disposta



a se adaptar. Ou eles as aceitariam como elas são e como iguais ou não precisariam se preocupar.

Uma esfera apareceu por trás da curva do planeta. Não tinha a aparência de um satélite comum. Ela apertou os olhos.



*Que diabos ...*

Maud beliscou o próprio braço. A esfera ainda estava lá. Três anéis a envolviam, torcendo um sobre os outros, sua superfície parecia ser cobertas de uma treliça de pontas de metal. De longe, os anéis pareciam delicados, quase etéreos. Ela tocou a tela, aproximando os anéis.

Não eram pontas. Canhões.

A Casa Krahr havia construído uma Estação Espacial de Batalha móvel. Sua mente se recusava a aceitar a existência de tanto poder de fogo concentrado em um só lugar.

*Querido Universo, quanto isso deve ter custado?* Arland mencionou que, por causa da ajuda de sua irmã, Dina, a Casa deles estava indo bem financeiramente, mas isso era inconcebível.



Os dedos de Maud tocaram o Brasão sem Casa em sua armadura. O Brasão controlava as funções da armadura e concedia sua entrada à Sagrada Anocracia, dava também permissão para operar dentro de suas fronteiras como uma agente livre, uma mercenária. Ela não ficaria presa em Daesyn. *Se as coisas derem errado, posso pegar Helen a qualquer momento e voltar para a Pousada de Dina*, disse a si mesma. Maud fez Arland prometer fornecer uma passagem, mas Dina insistiu em dividir o lucro das vendas das armas que elas coletaram durante o ataque dos *Draziris* na Pousada. Maud poderia facilmente comprar uma passagem de volta.



— Mamãe? —Helen perguntou. — Já chegamos?

— Quase, minha flor.

Ela virou. Helen vestia a roupa que comprou em *Baha-char*, o bazar galáctico. Calças pretas, túnica preta sobre uma camisa carmesim. Helen parecia uma vampira de puro-sangue. Mas na verdade sua filha era uma mestiça e os outros vampiros não a deixariam esquecer disso. Pelo menos não até que ela derrotasse cada um deles em submissão.



— Venha aqui, —Maud agachou-se e ajustou o cinto de Helen, apertando a cintura minúscula da filha. Pegou uma pequena caixa na prateleira ao lado da cama e a abriu. Uma pulseira de metal preta jazia dentro, vinte e cinco centímetros de comprimento e dois centímetros de largura. Maud a pegou e colocou no pulso esquerdo de Helen. Pequenas luzes vermelhas acenderam dentro do metal. A pulseira curvou-se ao redor do pulso de Helen, seu feixe travou e apertou, aderindo à pele dela. Retângulos finos apareceram na sua superfície.

— Você se lembra de como usá-la? —Maud perguntou.

Helen assentiu.

— Mostre-me.

Helen bateu com o dedo no retângulo central. Uma tela translúcida, mostrando o desenho arquitetônico da nave, surgiu dois centímetros acima de seu pulso.

— Ligue para a mamãe, —Helen ordenou a pulseira.

Um dispositivo no pulso de Maud ganhou vida, abrindo uma tela com a imagem de Helen.



— Bom.

A Pulseira Comunicador era como a versão de um Smartphone da Sagrada Anocracia. Equipada com um processador poderoso, fazia chamadas, acompanhava seu alvo, fornecia mapas, monitorava sinais vitais, acompanhava agendas e simplificava dezenas de pequenas tarefas para facilitar a vida de alguém. Nos adultos, a interface era ligada a armadura, mas Helen usava a versão infantil. Não era possível removê-la ou desativá-la por ninguém que não fosse os pais.

Nos últimos cinco anos, manter Helen viva tinha sido o cerne da existência de Maud. Quando elas chegassem ao planeta de Arland, haveria momentos em que Helen teria que ficar sozinha. Pensar nisso deixava os nervos de Maud no limite. A Pulseira não tirou a ansiedade, mas a atenuou e, agora, aceitaria tudo que pudesse ajudá-la a monitorar Helen.

— Tudo pronto? —Maud perguntou.

— Tudo pronto, —disse Helen. — Posso levar meu ursinho?

— Levaremos todas as nossas coisas.



Elas tinham tão pouco que não demoraram muito para fazer as malas. Cinco minutos depois, Maud passou a bolsa por cima do ombro, olhou uma última vez para a cabine e para tela e pegou Helen pela mão. Maud ergueu os ombros e levantou a cabeça. A porta se abriu quando elas se aproximaram e elas passaram por ela.








*Que os jogos comecem*. Ela estava pronta.





As tripulações espaciais tinham um ditado: *'Volume é barato; a massa é cara'.* No espaço, onde o ar e o atrito não eram um fator, não importava o tamanho de algo, apenas seu peso. Era preciso uma certa quantidade de combustível para acelerar um quilo de matéria a uma determinada velocidade e, em seguida, uma quantidade aproximadamente igual de combustível para desacelerá-la.

A Casa Krahr ignorou esse ditado e seguiu em frente. O convés de chegada da nave espacial de Arland parecia um pátio tradicional de um castelo da Sagrada Anocracia. Pedras quadradas e cinzas pavimentavam o chão e cobriam as paredes altas. Longas bandeiras vermelhas da Casa Krahr, marcadas



com uma imagem em preto de um predador que lembrava *dentes-de-sabre*[6], estendiam-se entre as falsas janelas. A brisa suave dos circuladores atmosféricos agitava o tecido das bandeiras, e os vários *krahr* desenhados nelas pareciam rosnar em resposta.



No meio da grande câmara, uma árvore *vala* espalhava seus galhos pretos. Forte, com um tronco robusto e uma massa de galhos que se dividiam e se subdividiam em uma vasta coroa, a *vala* lembrava Maud de uma *tília*[7], mas, ao contrário do verde suave das tílias, as folhas da *vala* eram escarlate vivas. O coração vermelho-sangue do navio, um remanescente do sagrado mundo de origem dos vampiros. Nenhum ritual importante ocorria na sociedade dos vampiros sem a *vala* como testemunha.

---

6  Smilodon é um gênero extinto de felídeo da subfamília Machairodontinae. É o mais conhecido dos **dentes-de-sabre** e viveu durante o Pleistoceno. Mais especificamente, Esmilodontes percorriam a América do Sul e Norte entre cerca de 700.000 anos a 11.000 anos atrás. Vários fósseis foram encontrados em La Brea.

7  **Tilia** é um género botânico pertencente à família Malvaceae. A ele pertencem as árvores de nome comum tília. É típica de regiões de clima temperado, com estações do ano bem demarcadas. Para os germânicos, as tílias eram árvores sagradas com poderes mágicos que protegiam os guerreiros.



Como se tudo isso não bastasse, um riacho de quase um metro de largura serpenteava, atravessando o convés, abraçando a árvore em um círculo perfeito e desaparecendo sob as raízes. Maud poderia ter entendido se fosse parte do abastecimento de água que seria posteriormente reciclado, mas havia peixes brilhantes nele. O riacho servia de decoração, nada mais. O luxo era desconcertante.



Tinha que haver alguma maneira de segurar a água quando a nave precisava manobrar, refletiu Maud. Caso contrário, eles teriam uma bagunça nas mãos. Não havia nada mais divertido do que água solta em uma nave na gravidade zero.

— Eu posso? —Helen sussurrou.

— Sim, —Maud disse a ela.

Helen correu para a árvore, pulando sem parar.

Maud se moveu lentamente. Ela tinha caminhado por cima de pedras como essas inúmeras vezes antes, quando era casada. Se deixasse, sua memória substituiria o cinza pálido



para um bege escuro travertino, as bandeiras carmesins para um azul-bebê, e o teto escuro do navio para um céu alaranjado.

Ela parou diante da árvore *vala*. Todos planetas vampiros as tinha. Se o clima não as sustentassem, os vampiros construíam estufas apenas para plantá-las. Uma *vala* era o coração do Clã, o núcleo da família, um lugar sagrado. As flores da árvore *vala* haviam decorado sua coroa nupcial. Foi uma grande honra, apropriada para a noiva do segundo filho do Marechal da casa Ervan.

Uma dor beliscou seu peito. *Tudo isto está no passado*, ela disse a si mesma. *Acabou. Deixe ir.*

Passos cuidadosos se aproximaram por trás, tentando surpreendê-la. Ela escondeu um sorriso.

— Saudações, Lorde Soren.

Os passos pararam, depois recomeçaram, e Lorde Soren parou ao lado dela. Vampiros envelheciam como seus castelos, ficavam cada vez maiores e mais fortes, como se o próprio tempo os reforçasse. Lorde Soren era o exemplo perfeito de um vampiro de meia-idade: *ombros largos, musculoso como um*



*tigre grisalho, com uma juba espetacular de cabelos castanhos escuros e uma barba curta mas grossa, ambos salpicados de cinza.* Sua armadura-Syn, um preto meia-noite com marcas vermelhas denotando seu posto de Sargento-Cavaleiro, e o pequeno Brasão redondo da Casa Krahr, exibia algumas cicatrizes aqui e ali, como o próprio Lorde Soren. Um testemunho da vida passada em batalha. Ele parecia um tanque em forma de homem.

Ele também era tio de Arland. Ela trabalhou duro para impressioná-lo. Lorde Soren não era complicado. Sua visão de mundo se resumia a três coisas: *honra, tradição e família.* Ele dedicou sua vida a defender as três, e elas nunca entraram em conflito uma com a outra. Ele a via favoravelmente, mas até que ponto exatamente sua boa vontade se estendia continuava algo a ser descoberto.

Lorde Soren observava Helen, que havia deixado cair a sua sacola e estava mergulhando os dedos no riacho.

— A criança ama a água.



— Havia pouca água em Karhari, meu Senhor. —Não havia nada em Karhari, exceto quilômetros de terra seca e dura, da mesma forma que os infelizes que eram enviados para lá ficavam, ressecados e endurecidos.

— É uma nova experiência para ela.

— É verdade.

Eles a observaram em um silêncio confortável.

— Você fez bem se juntar a nós, —disse ele.

Ela esperava que ele estivesse certo.

— Talvez, com a sua presença, meu sobrinho se acomode por mais de cinco minutos antes de fugir para outra tola missão em algum buraco da galáxia.

O convés de chegada estava lentamente se enchendo de pessoas, todos aguardando o momento de descer ao planeta.

*Se ele o fizer, eu fugirei com ele*. — Soube que Leide Ilemina está em casa?

— Sim.



Mais cedo ou mais tarde, Maud teria que conhecer a mãe de Arland. Não seria um encontro agradável.

— Meu sobrinho disse a você por que eu tive que ir à Pousada para buscá-lo? —Lorde Soren perguntou.



— Não.

— O que você sabe sobre a Casa Serak?

Ela procurou em sua memória. — Sei que é uma das maiores Casas. Eles controlam a maior parte de um planeta que também é chamado de Serak, se bem me lembro. Eles nunca produziram um Senhor da Guerra, mas chegaram perto duas vezes nos últimos cinco séculos. Após sofrerem a derrota na Guerra das Sete Estrelas, a influência deles diminuiu, mas ainda são formidáveis. Eles também têm fome de recuperar o que perderam e isso os torna perigosos.

Lorde Soren assentiu em aprovação. — E quem são seus inimigos jurados?

Demorou um segundo para ela lembrar. — Casa Kozor. Uma Casa um pouco menor, mas muito mais agressiva. Eles



controlam o segundo planeta habitável no sistema do planeta Serak.

— Eles decidiram enterrar os ossos dos seus *mortos*[8], — disse ele.

*Interessante*. — Uma aliança?

— Um casamento.

Maud piscou. — É mesmo?

— Sim. O filho do Preceptor de Serak se casará com a filha do Clérigo Sênior dos Kozor. Eles exigiram um local neutro em que a cerimônia pudesse ser realizada.

— Naturalmente. —Seria um casamento à beira-da-espada. Ninguém confiaria em ninguém e todos estariam esperando por uma emboscada. — A Casa Krahr ofereceu a eles um refúgio?

— Não havia como recusar razoavelmente, —disse Lord Soren. — Nós dominamos o quadrante e Serak está a apenas um salto do hiperespaço de nós. O casamento é daqui a oito

[8] Lorde Soren quis dizer que a Casa Kozor decidiu encerrar a briga. Acabar com o conflito.



dias. Seria mais apropriado que Arland estivesse no nosso planeta para ajudar nos preparativos, mas, como ele esteve ocupado, chegaremos junto com os convidados do casamento.

— Me corrija, mas não existe outro sistema estelar controlado por vampiros, mais próximo do que este, ao planeta de Serak?

— Há sim.

Algo estava errado neste casamento. — É de se perguntar por que duas Casas com tanta falta de confiança uma na outra querem ser vinculadas.

— Supostamente para acabar com o conflito e formar um pacto.

— Se não podem se reunir nas ocasiões mais alegres e seus encontros exigem um local neutro e um anfitrião para supervisioná-los, essa aliança estará condenada desde o início. Deve haver disposição de ambas as Casas para o casamento.

Lorde Soren a estudou.

— Qual o tamanho dessa festa de casamento que vocês esperam, meu Senhor?



— Cem convidados de cada lado.

— E vão chegar armados?

— Sim.

A Casa Krahr poderia ter a sua disposição dezenas de milhares de soldados. Duzentos convidados vampiros em uma festa de casamento, não importa quais as Casas, não deveria representar uma ameaça. Então, por que isso de repente a deixou desconfortável?

A porta da parede oposta se abriu e Arland passou por ela. Ela viu seu rosto bonito, emoldurado por uma juba de cabelos loiros. Seus olhos azuis a encontraram. Ele sorriu. Seu coração pulou uma batida.

*Merda.*

Arland focou e caminhou na direção deles. Ele se movia como um enorme gato predador, deliberadamente, sem problemas, a clava de sangue em sua cintura era um lembrete de sua posição. Ele lutou pelo lugar no topo e venceu. Todos os militares de Krahr o obedeciam sem questionar. E sua mãe era a Líder da Casa, a Preceptora.



Arland era a personificação perfeita de tudo que um Lorde vampiro deveria ser. Inteligente, poderoso, destemido e leal. O exemplo perfeito de um Cavaleiro vampiro. Maud levou exatamente dois segundos para deduzir que ele era o orgulho e a alegria de seu tio. Ele provavelmente era o orgulho e a alegria de sua mãe também. E ela era uma ninguém humana.



— Lorde Soren, —Maud murmurou. — Leide Ilemina deve estar estressada com esses preparativos. Talvez seja mais sensato não mencionar o pedido de casamento de Lorde Arland. —E a recusa dela.

— Eu concordo plenamente, —disse o Sargento-cavaleiro.

Ela soltou um pequeno suspiro de alívio.

— Infelizmente, meu sobrinho já se encarregou de informar sua mãe.

*O que?* Ela manteve a voz calma. — Foi mesmo?

— Oh, sim, —disse Lord Soren, com o rosto parecendo ter acabado de morder um limão. — Ele enviou a mensagem dois dias antes de deixarmos o planeta Terra, por um comunicador



de emergência, anunciando que estaria levando uma noiva e pediu que acomodações adequadas fossem preparadas.

*Droga, Arland*. — Ele não pediu a bênção dela, não é?

— Não. Acredito que ele ordenou que a família se tornasse *'apresentável'.*



*Claro que ordenou. E sua mãe não deve ter achado isso nem um pouco ofensivo*. Ela fechou os olhos por um momento.

— Então ele enviou uma segunda mensagem, comunicando que você o recusou, mas voltará com ele de qualquer maneira.

Arland acelerou o passo. Ele estava olhando-a como se ela fosse o único ponto de luz em um quarto escuro.

— A mãe dele respondeu?

— Sim.

Maud se fortaleceu. — O que ela disse?

— Apenas cinco palavras, —disse Lorde Soren. — *'Mal posso esperar para conhecê-la.'*

*Ótimo. Maravilha.*



Soren estendeu a mão e deu um tapinha desajeitado no braço de Maud. — Poderia ser pior.

Ela não conseguia, pela vida dela, ver como poderia ser pior.



Arland chegou até eles. — Leide Maud.

Sua voz enviou um estrondo suave através dela. Ela odiava isso. Era uma fraqueza, mas não tinha ideia de como evitar. Desejou poder ser imune.

— Lorde Arland.

Lorde Soren se afastou discretamente e caminhou mais perto do arco do portal do tubo de transporte. Helen abandonou os peixes e a água e trouxe sua sacola. Arland estendeu as mãos, mas Helen ficou ao seu lado.

— Sem abraço? —Ele perguntou.

— Mamãe disse para ser educada.

— Há certas aparências que devem ser mantidas, meu Senhor, —disse Maud.



— Eu nunca me importei muito com as aparências, — disse ele. Seus olhos eram suaves e quentes. Convidativos.

Ela precisava examinar a própria cabeça.

— Infelizmente, alguns de nós não está em posição de não se importar.



O portal do tubo de transporte ficou vermelho. Lorde Soren entrou na luz e desapareceu.

— Minha Senhora, —Arland indicou o portal com a mão.

Ele tentou pegar sua bolsa, mas ela a levantou primeiro. Eles caminharam em direção ao portal.

— O que está incomodando-a? —Ele perguntou baixinho.

— Você contou a sua mãe.

— Claro que sim. Você não é um segredo vergonhoso que vou esconder.

— Não, sou uma exilada desonrada que teve a audácia de recusar o filho mais amado da Casa Krahr.



Ele considerou. — Não sou o mais amado. Meu primo é muito mais adorável que eu. Ele tem dois anos e seu cabelo é encaracolado.

— Lorde Arland ...

O bom humor brilhou em seus olhos. — Você pode resolver isso a qualquer momento, é só dizer sim para a minha proposta.

— Não.

Helen estava olhando para eles. Maud percebeu que eles estavam em pé na frente do portal do tubo de transporte, discutindo.

— Você se lembra como é andar nisto? —Arland perguntou a Helen.

Helen assentiu e olhou para o portal. — Faz minha barriga doer.

— Você quer segurar minha mão? —Maud perguntou.

— Temos que fazer isso rápido, é como pular de uma torre. —Arland estendeu a mão, colocou Helen no ombro e passou pelo portal.



— Arland! —Ela gritou.

Ele se foi. Maud ficou lá, sozinha no convés de chegada, com metade da tripulação de Arland olhando-a. Ela cerrou os dentes e entrou no brilho carmesim.

# CAPÍTULO 3

O brilho vermelho do portal do tubo de transporte se apagou atrás de Maud. Ela piscou, lutando contra a vertigem, e se afastou espontaneamente do portal para não bloquear as outras pessoas que precisavam descer.

À direita, a cerca de vinte e cinco metros de distância, Arland parou para falar com três vampiros. Ele tirou Helen de seus ombros—*obrigada, universo*—e a colocou no chão. Helen estava boquiaberta, admirando o porto espacial.



Maud olhou em volta e também parou. O porto espacial era uma câmara retangular cavernosa. A luz do dia o inundava através de longas e estreitas janelas retangulares, espalhadas nas paredes de pedra cinza a seis metros de altura. Ela se virou devagar, tentando absorver tudo. À sua esquerda, o portal do tubo de transporte brilhou, prestes a liberar outro viajante para o porto espacial. À sua direita, pequenas naves de guerra, elegantes ônibus espaciais e algumas pequenas naves civis, estacionadas no chão, e atrás disso tudo, enormes portas de hangar estavam abertas, mostrando um céu azul lá fora.

Acima das portas do hangar, um desenho em alto relevo em um pedra mostrava um *krahr* rosnando. O grande predador de cabeça larga, um cruzamento entre um urso e um tigre, rugia para os visitantes, a boca aberta, suas presas de dentes-de-sabre garantindo uma morte rápida. Uma fina rachadura no lado esquerdo do *krahr* tinha arrancado um pedaço da pedra no local de sua mandíbula. Ninguém o havia consertado.

Isso chamou a atenção dela. Casa Krahr era uma Casa antiga.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

A Casa de Melizard, a Casa Ervan, era muito mais jovem. *Noceen* era um planeta próspero, de clima ameno, colonizado apenas duzentos anos atrás, e a Casa Ervan emergira como um dos mais importantes Clãs de vampiros devido principalmente à pura sorte. Eles chegaram com a primeira onda de colonos e as terras que reivindicaram continham ricos depósitos minerais. Suas riquezas compraram armas, equipamentos e infraestrutura. Tudo em *Noceen* era da mais alta qualidade, moderno e limpo, especialmente o porto espacial, onde as pedras tradicionais dos vampiros, que cobriam os pisos e paredes, foram substituídas por pisos envernizados e a madeira usada era artificialmente polida. A primeira vez que Maud viu achou aquilo grandioso. Mas isso ... Isso era a coisa real.

Todos os portos espaciais de vampiros eram fortalezas. Projetados para serem facilmente defendidos, para permitir a evacuação rápida para órbita e facilmente contidos se uma ameaça chegasse através do portal do tubo de transporte. O porto espacial da Casa Krahr havia sido construído centenas de anos atrás. As pedras tradicionais estavam desgastadas pelos pés e seus transeuntes, as enormes vigas de madeira



acima, escurecidas pelo tempo, as grossas paredes de pedra, tudo isso emanava idade. Esta era uma fortaleza criada quando fortalezas tinham um propósito. Aqui e ali a modernização se mostrava, mas seu toque era sutil e leve: *janelas atualizadas com finos e transparentes monitores eletrônicos, sensores nas paredes e os enormes portões de hangar à prova de explosão.* Mas a própria fortaleza respirava uma sensação avassaladora de antiguidade. Falava com os visitantes sem pronunciar uma palavra*: 'Nós construímos isso. Séculos atrás. Inúmeras gerações de nós atravessaram seu limiar e ainda o possuímos, pois ninguém é forte o suficiente para tirá-lo de nós.'*

Não era sobre dinheiro. Era uma declaração de poder, dura e brutal. Exigia respeito, especialmente de um vampiro, a quem tradição e família significavam tudo. Exigia reverência e eles tomaram isso como um direito.

Ela estava tão deslumbrada, que não achou graça nenhuma nisso.



Arland caminhou até ela, Helen ao seu lado. — Minha Senhora.

Palavras formais. A familiaridade fácil com a qual ela se acostumara vinda de Arland se foi. Maud esperava por isso.

— Meu Senhor.

— Eu devo pedir desculpas. Uma questão requer minha atenção urgente. —Ele se inclinou para mais perto dela. — Não vá a lugar algum. Volto em dez minutos.

— Como quiser, meu Senhor.

— Estou falando sério, —disse ele. — Dez minutos.

Ele parecia genuinamente preocupado que ela desaparecesse. — Helen e eu vamos esperar por você.

Ele assentiu e marchou para longe. Os três Cavaleiros vampiros foram atrás dele.

À direita, duas mulheres vampiras o seguiu com seus olhares. Ambas usavam armadura com o brasão da Casa Kozor, no brasão havia a imagem de uma fera azul com chifres. Uma das vampiras era magra e alta, com uma cachoeira de cabelos castanhos emoldurados por tranças



elaboradas. A outra, mais curvilínea, a armadura mais ornamentada, tinha cabelo loiro cor de milho que caia solto por suas costas em ondas brilhantes e, pelo modo como ela sacudia sua cabeça, estava bastante orgulhosa dele.

*Interessante*. — Você gostaria de ver os ônibus espaciais?

— Sim, —disse Helen.

— Vamos dar uma olhadinha neles.

Elas se aproximaram dos ônibus espaciais e das duas vampiras. Helen se afastou um pouco para olhar mais de perto o elegante ônibus branco, e Maud a observou, mantendo as duas mulheres no limite de sua visão periférica e de seus ouvidos.

— ... *não é hora de saciar seu apetite,* —disse a mulher mais alta.

O implante auricular de Maud permaneceu em silêncio, mas ela entendeu as palavras das mulheres mesmo assim. *Vampírico Antigo*. Era um idioma antigo, com dezenas de dialetos e variações regionais. Muitos vampiros mal



conseguiam compreendê-lo, especialmente se fosse falado por um vampiro de outro clã.

Os implantes auriculares de tradução falhavam em interpretá-lo, e os estrangeiros não entendiam o *Vampírico*, mas ela não era qualquer estrangeiro. Muitos dos grandes épicos na literatura dos vampiros eram escritos no *Vampírico Antigo* e a capacidade dela em recitá-los no dialeto original tinha sido motivo de orgulho para os membros da Casa Ervan. Ela tentara tanto ser a melhor esposa para Melizard. Maud era fluente nos doze dialetos principais e podia entender os outros o suficiente para sobreviver. Esse dialeto em particular era estranho, uma ramificação do Terceiro Planeta Costeiro. Eles misturavam excessivamente suas vogais, mas se ela se concentrasse, poderia entender.

— *Você tem que admitir, ele é um espécime maravilhoso,* —disse a loira.

— *Ele está preocupado com seu brinquedinho humano. É essa aí.*

— *Os brinquedos podem ser quebrados,* —disse a loira.



*A qualquer momento que você quiser tentar.*

— *A criança é linda,* —disse a loira.

— *Uma mestiça,* —a morena zombou.

— *Mesmo assim, é uma vira-lata bonitinha. Acha que a criança é dele?*

— *Não. A mulher é exilada de alguma Casa desconhecida. Uma das novas ricas Casas da fronteira. Ela era casada com o filho do Marechal. Ele traiu sua Casa.*

— *Interessante.* —A loira esticou a palavra.

— *Aparentemente Arland a encontrou em Karhari.*

— *O Marechal está por todo lugar,* —a loira sorriu. — *Você deveria me deixar brincar com ele. É realmente uma pena perder ...*

— *Cale a boca,* —a vampira de cabelos castanhos falou abruptamente.

— *Tudo bem,* —a loira suspirou.



— *Estou falando sério. Cuidado com a sua língua, Seveline. Muitas pessoas trabalharam muito duro para você estragar com sua tagarelice. O futuro da nossa Casa depende desse casamento.*



— *Eu já disse 'tudo bem'.* —A voz de Seveline ficou mais irritada.

*A moça é temperamental, hum. Ela poderia usar isso mais tarde.*

Helen se aproximou do ônibus seguinte e Maud passou pelas duas mulheres.

— Minha Senhora, —disse a loira em *Vampírico Comum*. — Dia agradável para você e sua linda filha.

Maud inclinou a cabeça alguns centímetros em uma discreta reverência. — Saudações, Senhoras.

— Eu sou Seveline da Casa Kozor. Esta é minha amiga, Leide Onda, também da Casa Kozor.

Elas a trataram como se Maud fosse uma idiota que não conseguisse identificar os brasões. *Perfeito.*

— Estou honrada, —disse Maud.



As duas mulheres sorriram, mostrando as pontas de suas presas.

— É a primeira vez que você desfruta da hospitalidade da Casa Krahr? —Perguntou Onda.

— Sim.

— Você vai se surpreender, —disse Seveline. — As festividades dessa Casa são lendárias. Quando estiver acomodada, me procure. Nos vejo nos tornando melhores amigas.

— De fato, —disse Onda.

*Cadelas falsas.*

— Farei o meu melhor, —prometeu Maud.

Arland estava marchando em sua direção com um olhar sombrio no rosto.

— Devo implorar o perdão de vocês, —disse Maud. — O Marechal exige a minha presença.

— Não ousaríamos segurá-la, —disse Onda.

— Vocês são muito gentis. Vamos, minha flor.



Maud pegou Helen pela mão e caminhou em direção a Arland. Eles se encontraram no meio do caminho.

— Desculpe, —ele murmurou.

— Algum problema?

— Inconveniências. Você está pronto para partir?

— Sim.

Ele a levou a um pequeno transporte espacial prateado de seis lugares.

— Você vai nos levar em sua nave pessoal?

— Sim, —ele disse.

— Isso é prudente?

— Achei que estabelecemos que não me importo em ser prudente.

Voar em seu transporte pessoal significava que ela enfrentaria escrutínio no momento em que pousasse, mas também significava que poderia falar com Arland em privacidade.



Maud colocou Helen em um assento macio e azul e pulou no banco do passageiro ao lado de Arland. Ele tocou os controles e a nave voou através do hangar para o céu.





Arland era um excelente piloto. A decolagem foi tão suave que ela mal sentiu a aceleração. Ele não se incomodou com o piloto automático.

A paisagem rolava embaixo deles, um denso bosque, as grandes árvores esticando seus velhos galhos ao sol. De repente a copa densa acabou abruptamente. Eles agora sobrevoavam montanhas. Muito abaixo, uma pastagem verdejante se estendia, rolando no horizonte, circulando as montanhas cobertas de florestas azuis-turquesas, como um



mar ao redor de ilhas. Um vasto rio serpenteava através delas, sem restrições de nenhuma represa.

— Você gostou de *Daesyn*? —Arland perguntou.

— É lindo, —disse ela honestamente.

— É o meu lar, —disse ele.

*'Poderá ser o seu lar'*, acrescentou o olhar dele.

*'Muito cedo para isso.'*

Arland olhou para a frente, com o rosto calmo, e ela se viu encarando a linha dura de sua mandíbula. Imaginado correr os dedos por todo o comprimento ...

*Pare com isso*, disse a si mesma.

— Parece estranho, meu Senhor, que Kozor e Serak decidiram encerrar a rivalidade?

— Alianças são quebradas e criadas o tempo todo, —disse ele. Sua voz não tinha entusiasmo. Ele também não estava gostando dessa história. Os instintos de Maud raramente falhavam, mas era bom saber que Arland pensava como ela.





— Verdade. Mas a maioria das Casas vê essas rivalidades antigas como saudáveis.

— Você acha? —Ele disse.

— Sim. O conflito mantém seus exércitos afiados. Os fortes e talentosos emergem, as pessoas mais fracas são abatidas e há amplas oportunidades de heroísmo e muito rosnado sobre dever e honra.

Arland sorriu, mostrando as pontas de suas presas. — E discursos. Não se esqueça dos discursos.

— O conflito entre essas duas Casas tem gerações. Há mortos e prejudicados de ambos os lados. Deve haver alguma vantagem mútua para eles terem aceitado essa trégua. Você está ciente dessa vantagem?

— Não.

— Então deve ser um inimigo comum.

Arland suspirou.

Ela levantou as sobrancelhas para ele.



— Seu raciocínio é válido, —disse ele. — Não vou discordar dele. Há um mês, eu disse praticamente a mesma coisa em uma reunião de estratégia em que o pedido de sermos anfitriões desse casamento foi discutido.



— E?

— E me disseram que não havia uma maneira graciosa de recusar o pedido. Nós somos a Casa dominante no quadrante. Não temos nenhuma prova de que estamos sendo enganados e não temos desculpa para negar. Não estamos em guerra e nossa Casa está desfrutando de uma prosperidade sem precedentes no momento. Se os negássemos, haveria especulações.

— A Casa Krahr seria vista como uma covarde que tem medo de permitir que meros duzentos convidados de casamento entrem em seu território?

Ele assentiu.

Realizar um casamento era caro. A tradição ditava que algo tinha que ser oferecido em troca. — O que eles ofereceram em troca?



— Porto seguro para as naves mercantes.

— A Casa Krahr não pode proteger sua frota mercante?

Ele fez uma careta. — O setor que faz fronteira com o sistema Serak está cheio de piratas. Tanto Kozor quanto Serak lutam contra eles na maior parte do século. Há uma Dobra de quatro-pontos no tecido espaço-tempo perto desse sistema, fora do espaço da Anocracia.

Dobras de quatro-pontos eram raras. Isso significava que uma nave poderia entrar em um ponto do hiperespaço e escolher qualquer um dos outros três pontos como destinos, o que significava que esse espaço servia como uma importante via de transporte. Uma Dobra multiponto é o que tornava um sistema solar especial. A Terra era a única Dobra de doze-pontos conhecida que existia.

— Nossa frota armada é mais que suficiente para a proteção de nossas frotas mercantes, —continuou Arland. — Os piratas atacam mercadores, naves de transporte, equipes de exploração, pesquisa, mineiros e resgatadores.



— Qualquer coisa pequena demais para justificar uma escolta por um nave de guerra.

— Exatamente. As equipes dessas pequenas embarcações, vítimas dos piratas, são membros da Casa Krahr e das Casas vizinhas. Tem sido uma questão espinhosa em andamento. Fomos atrás das frotas piratas algumas vezes. Eles simplesmente desaparecem. Enquanto perseguimos uma ou duas de suas naves o restante desaparece. Kozor e Serak têm a vantagem da localização e a experiência em combatê-los. Eles ofereceram proteção para as nossas pequenas naves, e nós aceitamos.

Contar a ele sobre as duas vampiras Kozor ou não contar?

Se ele fosse Melizard, ela não contaria até ter algo mais concreto. Não repetiria o erro. — Eu ouvi uma conversa no porto espacial. Duas Cavaleiras da Casa Kozor, Onda e Seveline.

— Alguma coisa interessante? —Ele perguntou.



— Seveline o avaliou como se você fosse um belo bife suculento. Na opinião dela, você é um espécime maravilhoso que ela não se importaria de dar uma provadinha.

Ele sorriu para ela. Ele tinha um sorriso devastador. Isso o fazia parecer predatório e levemente juvenil ao mesmo tempo. Uma combinação perigosa.

— Elas me chamaram de vira-lata, —disse Helen do banco de trás.

O sorriso desapareceu do rosto de Arland, como se tivesse sido arrancado. — Você não é uma vira-lata, —Arland rosnou. — É uma vampira e uma humana. Você é as duas coisas por inteira ao mesmo tempo. Não é metade de uma e nem metade de outra.

Maud queria beijá-lo ali mesmo. Em vez disso, ela estampou uma expressão fria no rosto. — Seveline disse a Onda que ela deveria deixá-la brincar com você, porque seria uma pena perder.

— Perder o que?



— Eu não sei, porque Onda a cortou abruptamente e a fez ficar quieta. Segundo ela, muitas pessoas trabalharam muito duro para Seveline estragar com a tagarelice dela.

Os olhos de Arland se estreitaram. — Eu não gosto disso.

Maud recostou-se no assento. — Nem eu. Depois, Seveline fez questão de me cumprimentar e me ofereceu algumas gentilezas. Ela acredita que nos tornaremos rapidamente amigas.

Arland lançou-lhe um olhar calculista. — Talvez você devesse.

*Quem me dera*. Ela fez uma careta. — Eu não posso. Para eu me tornar sua *'amiga'*, teria que fingir ser fraca e ignorante. Sua mãe não veio recebê-lo no porto espacial. Ela está descontente com você.

— Minha mãe provavelmente está muito ocupada com o incômodo de organizar o casamento.

Ela bufou. — Ou talvez, meu Senhor, ela esteja mortalmente ofendida por sua ordem de tornar a Casa dela



apresentável para receber uma humana desonrada que recusou seu pedido de casamento.

— Minha mãe nunca se sentiria ofendida. Ela é digna e refinada demais para isso. Ela tem a paciência de uma santa.

— Leide Ilemina, —Maud recitou de memória, — A Demolidora de Ruhamin, A Predadora Suprema da Sagrada Anocracia, A Sanguinária de Ert, A Feroz Soberana Absoluta de...

— Como eu disse, digna demais para se ofender. Se alguém se atrever a insultá-la, ela simplesmente o mata e ela não vai me matar. Sou seu único filho. No máximo, está chateada, talvez um pouco irritada.

Maud suspirou. — Mas eu não sou filha dela.

— Ela não fará mal a você. —Ele disse como se estivesse fazendo um juramento. Como se ele fosse se colocar entre ela e todo o perigo.

Arland não tinha ideia de como era embriagador ouvir isso. *As palavras têm pouco valor*, ela lembrou a si mesma. Confiar demais nelas era um hábito perigoso e que ela não



podia mais se dar ao luxo. — Sua mãe vai me testar. Ela incentivará outras pessoas em sua Casa a me testarem. Não posso fingir ser fraca e ignorante e passar pelas provações de sua mãe ao mesmo tempo.



— Tem razão, —ele admitiu.

— Talvez você é quem deveria se aproximar de Seveline. Apenas o suficiente para incentivá-la. Ela é o tipo que começaria se sentir poderosa por ter sua atenção e por causa disso teria um prazer especial em fingir ser minha amiga.

Arland virou-se para Maud, seus olhos azuis claros e duros. — Eu a pedi em casamento, minha Senhora. Se eu não tratar você com a devoção que sinto, minha Casa não levará a sério os meus sentimentos e a minha intenção.

Ele estava certo.

O silêncio caiu. A nave passou por cima de outra cadeia de montanhas cheia de vegetação antiga. Ao longe, ainda a alguns quilômetros de distância, um castelo se erguia no meio das árvores imensas, grande e cinza claro, tão sólido e majestoso que parecia ter saído das entranhas da montanha.



— Sou fiel a você, —disse Arland calmamente.

— Por favor, não. —As palavras saíram dela antes que tivesse a chance de pensar sobre elas. Maud se sentiu mal, como se ele tivesse puxado e arrancado um curativo de uma ferida, reabrindo-a.



*O que diabos está errado comigo?*

— Vou esperar, —disse ele.

— Posso nunca estar pronta.

— Vou esperar até que você me diga para parar. Não tenho expectativas, minha Senhora. Se você for embora, tudo o que precisa fazer é me chamar em caso de necessidade, e eu estarei lá.

Algo em sua voz lhe disse que ele esperaria para sempre.

Eles chegaram ao castelo. A residência ancestral da Casa Krahr desafiava todas as expectativas. Uma floresta de torres quadradas envolta em um labirinto de passarelas, parapeitos, paredes espessas e pátios a recebeu. Se ela tivesse que fugir, nunca encontraria uma saída.



As mãos de Arland voaram sobre os controles. O transporte girou suavemente e afundou em uma pequena plataforma de pouso no topo de uma torre de observação. Pessoas emergiram da torre mais alta à esquerda, correndo pela passagem de pedestres. Ela teve uma sensação horrível de *déjà vu*[9]. Quando Melizard chegava em casa, os guardas corriam para o seu transporte pessoal exatamente assim.

Por um momento, Maud sentiu como se estivesse se afogando.

— Bem-vinda à Casa Krahr, minha Senhora, —disse Arland.

Ela não perderia o seu futuro por causa de suas memórias. Isso não iria acontecer. Maud se virou para ele e sorriu seu sorriso de vampira, brilhante e afiada. — Obrigada, meu Senhor.

---

[9]  **Déjà vu** é um galicismo que descreve a reação psicológica da transmissão de ideias de que já se esteve naquele lugar antes, já se viu aquelas pessoas, ou outro elemento externo. O termo é uma expressão da língua francesa que significa: "Já visto".



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

# CAPÍTULO 4

Assim que saíram do pequeno transporte espacial, um jovem Cavaleiro vampiro de cabelos ruivos escuros, que se apresentou como Cavaleiro Ruin, se juntou a Arland e começou sacudir um tablet na frente dele. O rosto de Arland assumiu a expressão de pedra de um homem que estava prestes a atacar o exército inimigo pela quinta vez em um único dia ou pagar seus impostos. Ele marchou pelo parapeito em direção à grande porta pesada, com Ruin ao seu lado. Maud pegou a mão de Helen e o seguiu, e outras quatro pessoas as rodearam, uma ao lado dela e três atrás. Ela podia praticamente sentir os olhares deles a esfaqueando nas costas.

*É isso aí. Podem olhar a vontade.*

O sol da tarde aqueceu a pele de Maud. Ela imaginou que a temperatura estivesse em torno de vinte seis, vinte sete graus, e a brisa era absolutamente agradável. Teve um desejo infantil



de subir em uma das saliências texturizadas dos parapeitos, tirar a armadura e tomar banho de sol por algumas horas.

Ruin continuava disparando perguntas, parando periodicamente para Arland gritar alguma resposta.

— O Terceiro Regimento solicita permissão para entrar em negociações com as Associações de Arquitetura para atualizar o Salão de Capela.

— Concedido.

— A segunda e a terceira empresas do Quarto Regimento solicitam permissão para resolver uma disputa entre unidades via combate de campeões.

— Negado. Não desfilamos nossas rivalidades na frente de convidados de outras Casas. Quero o resumo completo dessa disputa no meu tablet dentro de uma hora.

— O Cavaleiro Derit solicita transferência para fora do Segundo Regimento.

— Por que motivos?

— Diferenças irreconciliáveis com sua Cavaleira Comandante.



— Informe o Cavaleiro Derit que eu recusei seu pedido e que ele interpretou mal a natureza de seu relacionamento com a Comandante Karat. Eles não são casados. Não é uma parceria de iguais. A Comandante Karat ordena e o Cavaleiro Derit obedece, porque é isso que os Cavaleiros fazem. Não é algo complicado de se entender, e se ele continuar tendo dificuldade, precisa pendurar sua clava de sangue e procurar uma profissão diferente, mais alinhada com sua natureza delicada. Talvez confeccionar arranjos de flores o sirva.

Maud escondeu um sorriso.

As portas esculpidas se abriram quando eles se aproximaram. Passaram pela entrada e caminharam por um corredor sombrio. O ar do lado de dentro era mais fresco. Janelas altas deixavam passar filetes de luz no corredor, desenhando retângulos dourados no chão de pedra. *Sombra, luz, sombra, luz ...* Isso a lembrou da ala norte do castelo Ervan. Nas últimas semanas antes do exílio, ela caminhava por aqueles corredores esperando uma adaga nas costas a qualquer momento.



Seu acompanhante ao lado dela deu-lhe um olhar assustado.

Maud percebeu que havia mudado sua maneira de caminhar. Ela estava planando agora, silenciosa como um fantasma, cada passo leve e suave. Ao lado dela, Helen tentava desesperadamente imitá-la, mas suas pernas eram muito curtas, e acabou deslizando dois passos e saltando para frente no terceiro.

O corredor terminou, dividindo-se em dois corredores em um cruzamento na forma de Y.

Arland levantou a mão. — Já basta.

O Cavaleiro de cabelos ruivos fechou a boca com força, mordendo uma palavra ao meio.

— Dispensados.

As quatro pessoas e Ruin deram meia volta e caminharam apressadamente por onde vieram.

Arland a convidou a prosseguir pelo corredor direito com um aceno de mão. — Minha Senhora.

— Meu Senhor.



Ela virou à direita e eles caminharam lado a lado até uma porta no final do corredor que se abriu quando eles se aproximaram.

— Seus aposentos, —disse Arland.

Maud olhou para dentro e congelou. Uma suíte espaçosa se estendia diante dela. Uma grande janela arqueada na parede oposta escondia a verdadeira espessura das paredes, um metro de pedra sólida. Ornamentos de vidro delicados, tão frágeis que pareciam quebrar ao primeiro sinal de brisa, pendurados nas paredes, brilhavam com luz suave.

Na extrema esquerda havia uma enorme cama, grande o suficiente para acomodar confortavelmente quatro adultos vampiros, coberta com uma pilha de travesseiros artisticamente arrumados e um edredom macio e vermelho. As pernas eram esculpidas para se assemelhar a raízes de uma árvore, a cabeceira da cama parecia um tronco e galhos esculpidos se estendiam formando a copa da árvore. Um tapete atravessava o chão, nele estava pintado minuciosamente a imagem de uma Cavaleira vampira lutando contra um *murr*, um enorme réptil semelhante a um crocodilo,



em uma dúzia de tons de vermelho, bordô e branco. Depois da cama uma porta estava aberta, mostrando um vislumbre do banheiro com uma colossal banheira de pedra. Ao lado, outra porta, pesada e simples, esperava que alguém a abrisse.



À direita, havia um fogo aceso, mas não era em uma lareira alta comum. Um conjunto de cadeiras foi colocando ao redor de uma mesa baixa onde o fogo queimava no centro. Uma grande bandeira da Casa Krahr se agitava com a brisa, pendurada na parede ao lado da janela, de tal forma que, se alguém se sentasse na cadeira maior, a faixa serviria como pano de fundo. Maud olhou para a cadeira. Um pequeno brasão estava entalhado nas costas, duas presas estilizadas.

Era um quarto bonito, elegante em sua simplicidade e atemporal, todas as linhas e todos os ângulos eram uma mistura perfeita de função e estética. Mesmo que se tentasse por uma semana, ela não poderia ter criado um quarto melhor do que esse na Pousada de Dina.

— Não.



— As acomodações não são do seu agrado? —Arland perguntou.

— O que você está fazendo? —Ela perguntou com os dentes cerrados.



— Estou mostrando seu quarto.

— Este é o quarto da esposa de um Marechal.

Arland olhou para o quarto, sua expressão confusa. — Acha mesmo isso?

Ela resistiu ao desejo de socá-lo. — Acho sim. O quarto tem a bandeira da Casa Krahr posicionada atrás de uma cadeira com o símbolo de um Marechal.

Arland piscou e esfregou o queixo. — É por isso que acha que não lhe serve? Que peculiar.

— Lorde Marechal.

— Leide Maud?

— Não sou sua esposa. Eu nem sou sua noiva.

— Onde você gostaria que eu te colocasse?

— Aqui não.



— Não conheço outro quarto mais adequado para a mulher que pedi em casamento e que respondeu o pedido com um *'talvez'.*

— Não foi o que eu disse.



— Você disse: *Arland, me perdoe, mas não posso me casar com você agora. Preciso de tempo para decidir.*

*Foi uma citação exata.*

— Garanto que minha lembrança é precisa. Suas palavras estão marcadas em minha memória. Eu as interpretei mal?

Maud abriu a boca. Ele tinha razão. — Não. —Foi realmente um *'talvez'.*

— Além dos aposentos de minha mãe, este é o lugar mais seguro do castelo. A porta só se abrirá com a sua autorização. Ao designar esse quarto para você, envio um sinal claro a todos da minha Casa. Eu a considero como minha noiva e espero que seja tratada de acordo.

— Não é uma honra que mereço.



— A última vez que verifiquei, eu era o Marechal da Casa Krahr, —disse ele, sua voz suave. — Atribuir honras aos meus convidados é minha prerrogativa.

E Arland apenas a lembrou que ela deveria seguir a regra mais básica da hospitalidade dos vampiros: *cumpra as leis da Casa do anfitrião.* Seria uma ofensa mortal recusar os aposentos que o Marechal lhe dera. Do ponto de vista dele, nenhum outro quarto seria adequado para ela. Se ele a mandasse para qualquer outro quarto, pareceria que estava sendo dispensada. '*Aqui está a mulher que me rejeitou, eu a trouxe para cá, mas agora não quero mais nada com ela ...'* Isso era ruim para ele. Isso era ruim para ela. Não haveria vantagem nesse cenário.

— Você prefere que outra mulher ocupe esse quarto?

Não havia sentido em mentir. — Não.

— Muito bem então.

— Isso tornará as coisas mais difíceis, —disse ela.

— Você não está apta para o desafio?

Ela olhou para ele.



Arland sorriu e entregou-lhe uma chave. Era uma senhora chave, pesada, de metal e fria. — Essa porta ao lado do banheiro se abre para uma passagem que leva aos meus aposentos. Há uma segunda porta lá. Deixarei destrancada. Existe apenas uma chave, minha Senhora, e você a possui. Se precisar me ver em particular, basta abrir a porta e caminhar pela passagem.



Ele inclinou a cabeça. — Minha Senhora.

Em sua mente, Maud se viu batendo na cabeça dele com aquela maldita chave.

— Obrigada, meu Senhor, —disse ela. Maud carregou aço suficiente nas palavras que até mesmo o mais burro vampiro não iria deixar de entender.

— Não há de que, —disse ele e voltou pelo corredor.

Helen entrou no quarto, largou a sacola, correu e pulou na cama. Ela saltou para cima e para baixo, agitando os pequenos braços.

— *Uêêê!*



*Uêêê. Tinha razão*. Maud se lembrou de Dina dizendo que Arland tinha a sutileza de um rinoceronte enfurecido. A irmã dela não o conhecia. Nem ela. E foi por isso que ela disse a ele *'talvez'*.



Maud entrou no quarto, ouviu um clique quase inaudível de uma fechadura eletrônica destravando, ela caminhou até a porta ao lado do banheiro e deslizou a barra de metal pesado no lugar, barricando-se dos aposentos do Marechal.

Ela não era inapta para o desafio. Esse seria um passeio e tanto. De qualquer maneira, era hora de desfazer as malas e se instalar.

Maud se afastou a um metro e meio da porta que levava aos aposentos de Arland quando uma batida soou. Talvez Arland tenha esquecido algo ... Ela atravessou o quarto e abriu a porta. Uma Cavaleira vampira estava no corredor. Ombros largos, robusta, com uma cabeleira brilhante de cabelos castanhos chocolate, usava uma armadura-Syn. Seus olhos escuros encararam Maud, e ela se sentiu avaliada, medida e julgada em uma fração de segundo.



— Meu nome é Alvina, Lady Renadra, filha de Soren, — disse ela. Você pode me chamar de Karat. Esse é o meu nome de batalha. Sou prima de Arland. Sua prima favorita. E você é a humana caça-fortuna que rejeitou o pedido de casamento dele. Acho que deveríamos conversar.





Maud encostou-se à porta e estudou as unhas. — Se eu fosse uma caça-fortuna, já teria casado com ele e chegaria aqui como sua esposa. Não haveria nada que você ou toda a sua Casa pudesse fazer sobre isso.

Leide Karat estreitou os olhos. — Você parece muito confiante de que tem meu primo na coleira, pronto para cair em sua armadilha.



— Ninguém neste Universo, homem ou mulher, poderia colocar Arland na coleira.

— Você sabe o que eu penso?

— Não tenho dúvida de que você irá me dizer.



— Eu acho que ele queria bancar o herói. Encontrou você, uma exilada vivendo na miséria com sua filha, e decidiu resgatá-la. Você se aproveitou dos instintos nobres do meu primo, o manipulou e agora está brincando com ele. Nutre a sua vaidade ter o Marechal da Casa Krahr ansiando por você como um cachorrinho apaixonado.

E esse era exatamente o *'bem-vindo'* que ela esperava. — É revigorante, Leide Karat.

— O que?

— Sua honestidade. Eu me preparei para insultos murmurados nas minhas costas e olhares feios. Pensei que talvez demorasse alguns dias até a sua Casa criar indignação suficiente para jogar o escárnio de vocês na minha cara, mas não faz nem uma hora que pus os pés no planeta e você já expôs tudo. Nem se quer tive a chance de lavar o meu rosto



depois que cheguei de viagem. Realmente, você é um mérito para sua linhagem.

Os olhos escuros de Leide Karat brilharam. Naquele momento, ela se pareceu muito com o pai.



— Você acabou de me acusar de ser uma péssima anfitriã e insultou minha família?

Maud deu um sorriso estreito. — Bem, fui muito clara.

— E agora está me chamando de idiota.

— Não. Só estou te chamando de lerda. Você vai fazer mais alguma coisa a esse respeito, ou posso começar a desfazer as malas?

Leide Karat olhou para Maud por um longo momento e sorriu. — Meu pai estava certo. Eu gostei de você.

Aparentemente, era um teste ela havia passado. *Vampiros e seus jogos*. Nada era simples. Maud suspirou e se afastou da porta. — Entre.

Karat entrou no quarto e viu Helen na cama. — Linda menina.



Helen ainda pulava no colchão para cima e para baixo, pulou uma última vez e pousou nos travesseiros. — Você vai tentar matar a mamãe?

— Não, —Karat disse a ela.



— Bom. —Helen voltou a pular.

— Ela espera que você seja morta por estranhos? —Karat perguntou.

— Era assim que as coisas aconteciam em Karhari.

Karat olhou para Helen.

Helen deu-lhe um sorriso de anjo querubim.

— Ela me atacaria se eu tentasse matar você, não é? Ela está testando os saltos para atravessar o quarto se precisar.

Maud assentiu.

Karat meneou os dedos para Helen.

— Por que você tem tantos nomes? —Helen perguntou.

— Alvina é o nome formal, —explicou Maud. — É usado em ocasiões formais como jantares especiais e é assim que a família dela a chamará se ela se meter em problemas. Renadra



é o nome do título. Representa todas as pessoas e terras pelas quais ela é responsável e é usado durante as funções do governo quando as pessoas votam as leis. Karat é o nome Cavaleiro que ela ganhou na batalha e é o seu preferido.



Karat torceu o nariz para Helen. — Meus amigos me chamam de Karat. Você pode me chamar de Karat também. Por enquanto.

— Você pode me chamar de Helen, —Helen disse a ela.

— Combinado, Leide Helen.

Era costume oferecer bebidas quando alguém visitava seu quarto. Onde eles colocariam as bebidas? Ah! Um leve contorno na parede escondia um nicho. Maud se aproximou, deliberadamente virando as costas para Karat, e passou os dedos pela fresta. Um pedaço quadrado da parede deslizou para a frente, revelando uma prateleira que sustentava uma bandeja cheia de pequenos pedaços de carne *seca torcida*[10] e uma grande garrafa de vinho azul. Seis taças grandes em forma

---

10  Carne seca torcida.



de tulipa, feitos de cristal cintilante, aguardavam ao lado do vinho.

Maud pegou o vinho e duas taças e ofereceu uma a Karat. A filha de Soren sentou na cadeira gigante mais próxima. Maud girou a tampa redonda da garrafa de vinho, quebrando o lacre, serviu as taças para as duas e sentou-se em outra cadeira.

137 Divas & Lord's

Karat tomou um gole do vinho. — Meu pai me pediu para ajudá-la. Ele está apostando no seu casamento com Arland. Não sei o que você disse ou fez, mas aquele velho rabugento anda espalhando louvores sobre você.

— Segundo seu primo, o exterior grisalho de Lorde Soren esconde um coração gentil.

Karat riu. — Claro que sim. Ele está impregnado de calor e luz do sol.

Maud brincou com o vinho na taça.

— Está tentando decidir se pode confiar em mim? —Karat perguntou.

— Sim.



— Vou facilitar sua decisão: *você não tem escolha.* Poderia passar por tudo isso sozinha, mas será muito mais difícil. Nossa Casa é antiga e complexa.

— E por que você me ajudaria? Afinal, eu manipulei Arland e me aproveitei dos instintos nobres dele.



Karat girou o líquido azul brilhante em sua taça, fazendo o cristal espalhar uma filigrana de luzes sobre a mesa. — Arland parece faltar em sutileza e parece fácil de ser influenciado. Na verdade, ele é tudo menos essas coisas.

— Ele cultiva cuidadosamente essa imagem.

Karat assentiu. — Você percebeu?

— Sim. Ele me disse que não era poeta, que era um humilde soldado, mas em seguida declamou uma declaração de amor que poderia ter vindo diretamente da obra *Do Sangue a Honra*. —De fato, poderia ter sido incluído em qualquer saga de vampiros. A declaração dele foi elegante e bonito, e ela memorizou cada palavra.

Karat ergueu as sobrancelhas. — Você leu a saga.

— Sim.



— Oh, bom. Para responder sua pergunta, pessoas mais importantes do que você tentaram manipular meu primo e falharam. Ele nunca propôs casamento a ninguém antes. Arland namorou, mas nada sério. Se ele a pediu em casamento, é porque deve te amar. E você deve sentir algo por ele, porque veio aqui sem a proteção que lhe seria oferecida se tivesse aceitado a proposta dele. No momento, você não é a noiva dele. Não estão comprometidos. Você não é nada. Percebo que não é ingênua e conhece nossos costumes. Sabia como seria recebida, mas veio mesmo assim. Há algo aqui que vocês dois precisam descobrir, e você não poderá fazer isso se for expulsa do nosso território ou morta. Quero que Arland seja feliz.



— Só isso?

Karat assentiu. — Sim. E se ele se casar, meu pai começará a incomodá-lo sobre ter filhos, em vez de cobrar a mim um casamento e netos para *'alegrar a sua velhice'.* Uma pausa em suas averiguações preocupadas sobre o meu progresso nesse assunto seria muito bem-vinda.

— É tão ruim assim? —Maud perguntou.



Uma sombra de derrota passou pelo rosto de Karat. — Você não tem ideia. Nós temos um acordo?

Maud bebeu seu vinho. Ela podia confiar na filha de Soren, ou poderia seguir sozinha. Maud conheceu vários Cavaleiros que viriam para o quarto dela assim, com sinceras ofertas de ajuda—e teriam a esfaqueado nas costas na primeira oportunidade. Depois, eles teriam se gabado de sua própria inteligência.

Karat não parecia ser um deles. Os instintos de Maud diziam que ela era confiável. Seus instintos nunca tinham falhado com ela antes.

— Sim, Leide Karat. Nós temos um acordo.

Karat endireitou-se. — Bom. Agora eu gostaria de saber com o que estou trabalhando aqui. Qual era a sua posição na Casa Ervan?

— Fui casada com Melizard Ervan.

— Sim, papai me disse. Filho do Marechal?

— Segundo filho. —Ela colocou ênfase à primeira palavra.



Karat brincou com a taça. — A Casa Ervan é uma Casa jovem. Algumas Casas mais jovens tendem a compensar excessivamente seu pouco tempo de existência mantendo-se firme em tradições antigas, mesmo quando elas não fazem mais sentido. Os tempos em que os herdeiros obrigatoriamente viravam Cavaleiros, não importando a habilidade deles, ficou para trás.



— Meu marido era um excelente Cavaleiro. Em combate pessoal, eu não conheci outro melhor. Mas ele não era um Comandante tão bom quanto seu irmão mais velho. Melizard gostava de jogar. O irmão dele não. Os Cavaleiros da Casa Ervan confiavam no irmão dele, ao invés do meu marido.

As tropas sentiram algo em Melizard que ela só descobriu muito depois. Melizard não dava o devido valor aos seus homens. Para ele, seus soldados eram um meio de obter a vitória e depois servir como enfeites quando seu sucesso era comemorado.



— Meu cunhado estava se preparando para assumir a posição de Marechal e meu marido se tornaria *Maven*[11], disse ela.

Mavens cuidavam das negociações para as Casas. Eles serviam como embaixadores e negociadores. A posição teria convenientemente mantido Melizard ocupado e, considerando os intensos acordos comerciais da Casa Ervan, teria levado Melizard e os seus esquemas para longe da Casa.



— Mavens são respeitados e temidos, —disse Karat.

— Ele queria ser o Marechal.

Havia muito mais que Maud poderia dizer. Sobre os episódios de fúria noturna de Melizard, quando ele andava de um lado para o outro em seus aposentos como um tigre enjaulado, resmungando sobre sua família, sobre os privilégios de seu irmão, enquanto os talentos dele não eram reconhecidos. Sobre esquemas, petições e planos sem fim para provar que ele era melhor do que seu irmão. Sobre o dia em que marchou para os aposentos de seus pais dizendo que

[11] Um **maven** (também **mavin**) é um especialista de confiança em um campo específico, que procura transmitir conhecimento oportuno e relevante para outras pessoas no respectivo campo.



exigiria que eles o nomeasse Marechal, e voltou para o quarto deles como um cachorro espancado, com o rabo entre as pernas. Ela poderia dizer muito mais.

— Meu marido era o filho mais novo. O caçula admirado e mimado. Nada nunca foi lhe negado, exceto o que ele mais queria. Tornar-se Marechal. Não, —Maud corrigiu a si mesma — Ser escolhido como o Marechal. Ter o título entregue de presente a ele.

— O que ele fez? —Karat perguntou.

Maud olhou para Helen e abaixou a voz. — Ele tentou assassinar seu irmão.

Karat tomou um gole de vinho. — O combate pessoal corpo-a-corpo é uma maneira perfeitamente aceitável de resolver queixas entre irmãos rivais.

*Quem dera*. Maud recostou-se na cadeira. — Não foi um combate pessoal.

— O que?

— Meu marido planejou uma emboscada para o irmão.



Karat piscou. — Eu não entendo. Você disse que seu marido era um combatente excelente.

— Meu marido também foi informado, de forma contundente e em termos inequívocos, que seu irmão se tornaria o Marechal, e qualquer tentativa de sabotar essa promoção seria inaceitável para seus pais e sua Casa. Ele sabia que se desafiasse seu irmão, isso enfureceria a família e a liderança da Casa. Então, convenceu um grupo de Cavaleiros a atacar seu irmão quando ele voltasse de uma missão. Enquanto isso, Melizard e eu participávamos de uma festa na casa de seu primo. O filho mais velho do primo tinha recebido o título de Cavaleiro. Durante a celebração, meu marido fez questão de flertar abertamente com uma mulher. Ele provavelmente esperou que eu fizesse uma cena. Eu fui embora, mas o episódio foi o suficiente. Todos haviam notado nossa presença e a minha saída. Ele estava estabelecendo seu álibi.

Karat tinha esquecido o vinho dela. — Isso é altamente desonroso.



— Foi o que eu disse, quando ele me explicou tudo naquela noite.

— Qual foi a justificativa dele?

Maud suspirou. — Que ele fez isso por nós, por mim e nossa filha. Que assim estaríamos mais seguras e o futuro de Helen estaria garantido.



— Você acreditou nele?

Falar sobre isso doía, era como arrancar a crosta de uma ferida antes que dela estar completamente cicatrizada. — Não. Uma parte de mim queria muito. Eu o amava. Ele era meu marido e pai da minha filha. Mas, mesmo assim, percebi naquele dia, que tanto eu quanto Helen estávamos a serviço de sua ambição. Eu o avisei que seria o fim de tudo.

— E foi?

Maud assentiu. — Sim. O irmão dele sobreviveu. Um dos agressores também sobreviveu. Ele foi interrogado. Vieram nos buscar naquela mesma noite. Nós fomos exilados para Karhari. Nós três.



A expressão de Karat ficou nítida. — Quem exilaria uma criança? Especialmente para Karhari. É um terra morta. O fim da galáxia.

— Pessoas que estavam desesperadas para defender o nome de sua família. —Maud colocou a taça na mesa. — Como você disse, a Casa Ervan é jovem. Eles estão desesperados pelo respeito que vem com o tempo e a história.



— Ninguém pode conquistar esse tipo de respeito que não seja através dos feitos de gerações.

— Bem, eles tentam. Eles matariam qualquer um por um castelo como esse, se tiverem a chance. Tudo tem que ser do jeito deles. Todas as tradições precisam serem seguidas. Cada detalhe examinado. Aparências mantidas. Você tem razão, eles compensam excessivamente nas tradições tudo que falta neles. E sabe o que não se encaixa nas tradições? Uma humana e uma filha mestiça.

— Ela é filha da Casa Ervan, —disse Karat. — Eles tinham uma responsabilidade com a criança, não importa o que o pai fez.



— Eles não viram dessa maneira. Temos um ditado na Terra: *três strikes e você está fora*[12]. Eu fui o *strike* um, Helen foi o *strike* dois, e a tentativa de assassinato do meu cunhado foi o *strike* três. Percebi isso enquanto implorava de joelhos pela vida da minha filha.



Karat estremeceu.

— Eles queriam se livrar de nós, inclusive do próprio filho. Nos excluíram da linhagem da família e nos jogaram em Karhari. Era como se nunca tivéssemos existido.

— O que aconteceu em Karhari? —Karat perguntou.

— O planeta devorou a alma do meu marido. Isso o deixou louco. Eventualmente, ele traiu as pessoas erradas e elas o mataram.

Karat olhou para ela.

Maud terminou o vinho. — Eu sei porque você veio aqui. Você precisava saber que tipo de problemas trazemos para sua Casa. Não temos vínculos com a Casa Ervan. Nós somos

[12] No original em inglês: **three strikes and you are out,** se vale da expressão vinculada ao beisebol, popular esporte nos Estados Unidos. É que no referido esporte, quando um jogador comete sua terceira falta dentro do mesmo jogo, há sua respectiva exclusão da partida.



estranhas para eles. Nós pagamos a dívida de sangue em Karhari. Os assassinos do meu marido estão mortos. Ninguém vivo tem direito à minha vida ou à vida da minha filha. Não devo nada. Não trazemos dívidas, nem aliados. Nós somos o que parecemos ser.



— Oh, eu duvido disso, —disse Karat. — Você é muito mais do que parece ser.

*Você não tem ideia*. — Respondi suas perguntas, minha Senhora?

— Sim.

— Então é a minha vez. Quão furiosa está Leide Ilemina?

— Quão bravo é um *krahr* furioso? —Karat encostou-se no encosto da cadeira com um suspiro.

— Arland quando está aqui a deixa radiante. O problema é que ele quase nunca está aqui. Ele desenvolveu um fascínio pela Terra e pelas mulheres da Terra. Arland te disse que temos um primo cujo meio-irmão é casado com uma?

— Minha irmã mencionou.



— Nosso primo mora com a sua esposa humana do outro lado do planeta. Ela é uma espécie de cientista que estuda insetos.

— Uma entomologista?



— Isso. No outro dia, ela se atrasou para o aniversário da própria filha porque havia encontrado um novo besouro que ninguém jamais havia visto antes. Para que servem os besouros? Eles não são comida, nem animais de estimação. Eu os esmago. Você nunca sabe qual deles pode ser venenoso.

Visão de mundo dos vampiros, condensada em três frases: *se não for comida ou animal de estimação, mate-o, pois pode ser venenoso.*

— A esposa do nosso primo não se envolve em política, não está interessada em combate e, se você conversar com ela por cinco minutos, os olhos dela ficarão vidrados, mas ela é uma mulher bonita e ele a ama, que o Hierofante o abençõe.

Maud escondeu um sorriso.

— Então de repente, Arland começa a desaparecer. *'Onde está Arland?'* Ele está em uma aventura em alguma Pousada na



Terra. Tudo agora é a Terra. Conferência da Paz? Terra. Comprar um presente exclusivo para sua prima favorita? Terra.

— O que ele comprou para você? —Maud perguntou.

— Café. E é de excelente qualidade, mas quando é que eu vou consumir cinco quilos? É o suficiente para embebedar todo o exército. E por fim, Arland larga todos os preparativos do casamento, porque alguém na Terra precisa de sua ajuda. Porque as necessidades de sua Casa são claramente dispensáveis. Então, ele vai para Karhari e depois aparece uma filmagem de Arland saindo de uma espelunca, com vampiros em armaduras surradas agarrando-se a ele e ele rugindo como se fosse um herói de um drama de época.

Maud perdeu o controle e riu.

— Você não entende. —Karat acenou com as mãos. — A maldita filmagem se espalhou por todo lugar. Ele derrotou sete vampiros sozinho. Por causa disso as Casas de Karhari estão gritando assassinato sangrento, nossos parentes afastados há doze gerações estão nos transmitindo a gravação, nossos



aliados estão perguntando por que nosso Marechal estava envolvido em uma briga em algum planeta fim de mundo e se o enviamos lá como um plano para algum tipo de ofensiva secreta e, se sim, por que não falamos sobre isso. E não para de chegar propostas de casamento, porque metade da galáxia decidiu que Arland é um bom reprodutor. Vi o rosto de meu pai e de minha tia quando eles assistiram as imagens. Seus rostos ficaram de uma cor que não é encontrada na natureza. Não foi engraçado!

Maud tentou parar de rir, mas era como tentar segurar uma enchente. *É o estresse*, ela disse a si mesma.

— Pode rir. —Karat revirou os olhos. — Tudo o que você quiser. Ele não apenas nos tornou o foco de toda a Anocracia por duas semanas, como também se recusou a voltar porque precisava de um descanso. Jogou essa bomba em nossa Casa e saiu de férias! Então Arland manda uma mensagem: *estou voltando para casa com uma noiva humana.* Ah, espere, ela disse não para o meu pedido de casamento, mas a levarei mesmo assim. Preparem o castelo!



Maud fez um esforço heroico para parar de rir.

— Pensei que a cabeça da minha tia fosse explodir. Eu honestamente pensei. Então não, você não receberá uma recepção calorosa.



— Tudo bem, —Maud conseguiu dizer. — Eu não esperava que fosse diferente.

— Sei que não é culpa sua, mas minha tia vai testá-la a cada passo. Ela deixou claro que está descontente e nós obedecemos a ela.

— Quando o líder rosna, todos correm.

— Em essência, sim. —Karat deu um sorriso azedo. — Eu também deveria correr, mas meu pai me convenceu a manter a mente aberta. Na verdade, gosto de você agora, então minha posição é complicada. Será uma batalha difícil. —A vampira se inclinou para frente. — Você quer fazer isso? Quero dizer, de verdade?

— Sim. Eu já estou aqui. Eu vim.



Karat suspirou. — Era disso que eu temia. Bem, o primeiro passo é o jantar. Será realizado hoje à noite, em cerca de três horas.

— Armadura?



— Armadura, —Karat confirmou. — Você tem um pouco de tempo para se arrumar, embora no seu caso não haverá cabelo suficiente para tomar seu tempo. Por que o cabelo curto?

Explicar que seu cabelo curto significava um ponto final de sua antiga vida e que foi sua promessa ao universo para manter Helen viva, seria muito complicado, então ela disse a mesma coisa que havia dito à irmã.

— Muito pouca água em Karhari. Era muito difícil mantê-lo limpo.

— Que pena, —disse Karat. — Precisará de alguma coisa?

— As crianças ficam onde? —Maud perguntou.

— Helen pode ficar com as outras crianças ou pode ficar aqui em seus aposentos.



— Helen? —Maud chamou. — Preciso ir a um jantar de adultos, e você não pode vir, minha flor. Quer brincar com outras crianças ou ficar aqui sozinha?

— Eu quero brincar, —disse Helen.



Maud engoliu um suspiro. Helen teria que se integrar à sociedade dos vampiros mais cedo ou mais tarde. Maud esperava sempre estar por perto. Queria, com cada grama de seu ser, facilitar o caminho de Helen, garantir que nada de ruim acontecesse, ajudá-la, mas ela não podia. Tinha que deixar sua filha ir.

Algumas lições Helen precisava aprender sozinha.

— Muito bem, —disse ela.

— Virei ou enviarei alguém meia hora antes do jantar, — disse Karat. — Acho que Arland vai querer acompanhá-la, mas conhecendo minha tia, ela garantirá que ele esteja ocupado com algo vital.

E era exatamente o que Maud esperava. — Eu vou me virar, —disse Maud.



Karat estreitou os olhos. — Acho que você vai. Se eu não a ver até o jantar, boa sorte.

# CAPÍTULO 5

Faltava quinze minutos para as sete quando bateram na porta.

Maud abriu. Uma Retentora estava na porta. Os Retentores era funcionários de alto escalão da Casa. Ela era jovem, com cerca de vinte anos, cabelos castanhos compridos presos em uma cascata elegante e enfeitado com uma elaborada rede de correntes finas e atadas. Uma roupa cerimonial da cor de sangue abraçava sua figura, com um corte que apertava sua cintura, com mangas folgadas presas no pulso e uma saia longa, dividida nas laterais de cada coxa. As fendas revelavam um vislumbre de calças pretas e justas. Os vampiros raramente mostravam pele.



A frente e a parte de trás da saia caíam em dobras graciosas quase até o chão, como uma versão artística de um *tabardo medieval*[13]. A roupa era puramente cerimonial, refletiu Maud. Nenhum Cavaleiro que se prese, humano ou vampiro, correria com um longo pedaço de pano emaranhado entre as pernas, mas a roupa estava de acordo com a moda dos vampiros, ou pelo menos a moda que Maud lembrava.



A funcionária deu-lhe uma rápida olhada, olhando fixamente para a armadura preta de Maud com seu Brasão sem Casa. — Devemos ir agora.

A maneira como a vampira falou beirou a grosseria. Claramente, as notícias se espalharam pela Casa Krahr. A humana recém-chegada caiu na boca do povo. Os vampiros eram muito previsíveis. Houve um tempo em que ela encontrou conforto nessa previsibilidade.

— Venha Helen, —chamou Maud.

---

13  Tarbado medieval.



Helen se aproximou. Ela usava uma túnica azul presa com uma faixa prateada sobre calças brancas. Pequenas botas marrons cobriam seus pés. Maud havia escovado o cabelo dela e deixado solto ao modo que as vampiras gostavam de usar. Helen parecia tão adorável que Maud tirou algumas fotos para Dina.



A funcionária viu Helen e lutou contra um sorriso. — Venham por aqui.

Elas seguiram a funcionária por um longo corredor até uma câmara redonda, depois caminharam em outro corredor e pararam na frente de uma porta. A porta se abriu quando elas se aproximaram, levando-as a um caminho estreito de pedra que se estendia para outra torre. O tempo havia mudado, o céu estava escuro e agitando, lançando chuva no castelo e nas montanhas além no horizonte. Um teto transparente protegia o caminho da fúria do tempo. Era como entrar em uma tempestade suspensa a trinta metros acima do solo. O aperto de Helen em seus dedos aumentou. Maud sorriu para ela e continuou andando.



A outra torre apareceu à frente, uma estrutura muito mais ampla e maior.

— Quantos anos tem a fortaleza? —Maud perguntou.

A funcionária parou. Maud escondeu um sorriso. A vampira claramente achava que não tinha obrigação nenhuma em responder a pergunta da humana vira-lata, mas as regras de hospitalidade prescreviam cortesia ao interagir com os convidados.

A polidez venceu. — O núcleo do castelo tem vinte e três séculos. Nós o expandimos ao longo das gerações.

Expandir era o eufemismo do ano.

Elas alcançaram a segunda torre. A porta escura se abriu e elas entraram em outro corredor. A pedra das paredes nesse lugar era mais lisa, mais nova, cortada com maior precisão. Luzes, esferas douradas e suaves pendiam do teto de seis metros em cachos artísticos, banhando o corredor com um brilho dourado. As bandeiras vermelhas da Casa Krahr cobriam a altura das paredes. No outro extremo, portas duplas



estavam escancaradas, oferecendo um vislumbre do salão de festas. Os sons das conversas flutuaram.

A Retentora virou à esquerda e parou diante de uma porta aberta. Um par de Cavaleiros de armadura completa esperava na entrada, um macho e outra fêmea, ambos de meia-idade e ombros largos. Uma única marca vermelha, que parecia ter sido feita por uma garra, marcava seus Brasões da Casa. *Sentinelas*, Cavaleiros treinados especificamente para a proteção do castelo contra uma invasão. Ambos estavam armados.



O riso das crianças ecoou atrás deles.

— A menina fica aqui, —disse a funcionária.

Maud se abaixou na altura de Helen. — Volto em breve, tudo bem?

— Tudo bem, —Helen disse calmamente.

— Você poderá brincar com outras crianças. Pratique as regras.

— Tudo bem, —disse Helen.



— Repita de volta para mim, por favor.

— Praticar as regras, mamãe.

— Boa menina. —Maud beijou a testa da filha e se levantou.

O Cavaleiro se afastou da porta e Helen entrou na sala. Maud a observou partir.

— Sua filha estará segura, —disse a Cavaleira. Os guardiões das crianças os observam de perto. Eles não permitirão que outras crianças a machuquem.

*Não é com ela que estou preocupada*. Maud assentiu e seguiu a Retentora até o salão de festas.





O salão de festas ocupava uma enorme câmara quadrada. Grandes mesas retangulares, esculpidas em madeira antiga e resistente, enchiam a sala, cada uma com dez convidados. No centro do corredor, estava a mesa principal, marcada por um mastro de metal que segurava a bandeira da Casa Krahr. Os convidados estavam sentados em ordem de importância, quanto maior a posição dentro da Casa, mais perto da mesa anfitriã. Retentores deslizavam para frente e para trás.



— Você senta lá, —a Retentora apontou para a mesa mais próxima da parede. Havia um grupo de *Tachis* sentados na mesa apontada. — Com os insetos.

Era costume levar um convidado até sua mesa, não importando a que distância da mesa anfitriã ela estivesse sentada. *Isso foi o suficiente.*

— Eles não são insetos, —disse Maud. — São *Tachionales*. Possuem sangue quente, com um cérebro centralizado. Eles dão à luz, amamentam seus filhotes e as bordas afiadas de seus braços podem arrancar a cabeça de um vampiro dos ombros com um único golpe. Faria bem a você se lembrar disso.



A Retentora olhou para Maud, de boca aberta. Maud caminhou até a mesa dos *Tachis*. Os *Tachis* pareciam ignorar sua aproximação, mas seus exoesqueletos continuavam na cor de um simples cinza claro. *Tachis* a vontade tinham uma cor mais escura, revelando os padrões de suas manchas. Era um sinal de confiança e muitas vezes uma promessa de intimidade.



Se os *Tachis* se levantassem, eles seriam um pouco mais altos que ela, um pouco mais de um metro e oitenta. Seus corpos eram vagamente humanoides: *duas pernas, dois braços, um tórax elegante que parecia um pouco com o tórax humano revestido por um exoesqueleto segmentado, uma cintura muito estreita e uma cabeça.* As semelhanças com os humanos paravam por aí. Suas costas se curvavam para trás, as grossas placas exoesqueléticas escondiam suas asas. Seus braços se uniam ao corpo, não nos lados, como em humanos e vampiros, mas um pouco à frente. Seus pescoços eram longos e suas cabeças redondas eram protegidas por três segmentos de quitina, cada um com fendas para um par de olhos brilhantes.

Eles tinham duas pernas principais com canelas que se curvavam muito para trás, ao ponto de causar um certo



desconforto ao olhar, e dois apêndices vestigiais curtos—pernas falsas—apontando para trás de suas pélvis. As pernas vestigiais tinham duas articulações e uma amplitude de movimento muito limitada, mas quando um *Tachi* se sentava, as perna agarravam o assento, ancorando-os no lugar, o que os ajudava muito nos voos e nos combates aéreos. Um *Tachi* se sentia tão confortável na vertical quanto de *cabeça para baixo*[14].



Maud varreu a mesa com o olhar. Nove Tachis ao todo. A fêmea no centro usava uma pulseira de cristal cheia de fluido suavemente brilhante. Manchas verdes pálidas flutuavam dentro dele, mudando toda vez que a Tachi se movia. Uma realeza. O resto eram guarda-costas, provavelmente guerreiros de elite.

Nunca deveriam estar sentados tão longe da mesa anfitriã. Ela nem conseguia ver a mesa daqui. Isso era um insulto e os *Tachis* eram sensíveis a tais negligências. Os vampiros eram

---



14 Alien insectoide.



um tanto xenófobos, especialmente em relação a alienígenas que não pareciam mamíferos, então o fato da presença de um grupo de *Tachis* aqui significava que algo importante estava em jogo. Uma aliança, um acordo comercial. Algo de valor, que agora estaria comprometido. Este foi um erro tático. Ela teria que mencionar isso a Arland.



*Onde estava Arland?* Maud não esperava que ele se sentasse com ela—isso estaria em desacordo contra todos os costumes da Sagrada Anocracia—mas ele poderia, no mínimo, procurar por ela. Pelo menos para ter certeza de que ela estava presente.

Os *Tachis* haviam deixado apenas um assento desocupado, diretamente em frente à realeza. Maud estaria sentada entre dois conjuntos de guarda-costas, com os outros quatro a observando. Ela inclinou a cabeça e sentou-se.

— Saudações.

— Saudações, —respondeu a realeza, a parte inferior do rosto subiu e revelou uma boca.

Os dez pratos estavam limpos. Os utensílios de cozinha dos vampiros, pequenos garfos de quatro pontas, estavam



intocados. Ninguém tinha comido. No momento em que ela se sentou, viu o porquê. As duas tigelas grandes em cima da mesa continham uma simples salada.

Os vampiros serviram salada aos *Tachis*. Maud quase deu um tapa em si mesma.



Quando os Tachis estavam fora de sua casa, em uma missão, eles não consumiam carne, pelo menos nisso a Casa Krahr acertou. Mas *Tachis* era notoriamente exigentes quanto a apresentação de sua comida. A comida para os *Tachis* não significavam somente sustento, era também uma arte. Nenhum ingrediente poderia tocar um no outro, tudo tinha o seu lugar. Os vampiros serviram um mix de salada para eles. Encharcado de molho. *Ugh.*

*Mamãe ficaria furiosa se visse isso*. Orro, o chef da Pousada de Dina, provavelmente cometeria um homicídio.

Os *Tachis* nunca reclamariam. Eles ficariam sentados aqui, silenciosamente chateados. Se a realeza se levantasse da mesa sem consumir comida, a Casa Krahr poderia dizer adeus a qualquer esperança de negociação.



Maud virou-se para o Retentor mais próximo. — Traga-me pão, mel, uma variedade de frutas, uma travessa grande e uma faca afiada.

O Retentor hesitou.



Ela colocou gelo em sua voz. — Eu sou ou não uma convidada da Casa Krahr?

O Retentor mostrou suas presas para ela. — Isso será providenciado, minha Senhora.

Os *Tachis* a observavam com interesse calmo. Ninguém falou nada.

O Retentor voltou com uma enorme tábua de madeira com um pedaço de pão fresco. Um segundo Retentor colocou uma tigela grande de frutas na frente dela e uma *molheira de vidro*[15] contendo mel. Os dois Retentores estacionaram atrás dela. Eles não trouxeram a travessa. *Não importa.*

---



15 Molheira de vidro



Maud cortou a crosta do pão, esculpindo o pão redondo em uma forma quadrada. *Pelo menos a faca estava afiada.* Essa era uma coisa com a qual nunca tinha que se preocupar com vampiros.



Os *Tachis* continuaram a observando.

Ela cortou o pão em cubos precisos de dois centímetros, colocou cinco deles juntos no prato, um no centro e quatro nos cantos para formar um quadrado. Pegou o mel e lentamente derramou algumas gotas em cada cubo, até o pão absorver o líquido âmbar.

Os Tachis se inclinaram um pouco para frente da mesa.

Maud pegou a fruta azul *kora* da tigela, descascou a casca fina e cortou cuidadosamente a fruta em fatias redondas. Ela cortou oito fatias, sete perfeitamente uniformes e uma ligeiramente mais grossa. Maud colocou as sete fatias ao redor dos cubos. A oitava fatia tinha sido cortada muito grossa. Ela ponderou.

Os Tachis esperaram, observando-a.

*Melhor prevenir do que remediar*. Ela pegou outra *kora*.



O tachi à sua esquerda emitiu um suspiro audível de alívio e depois fechou a boca, envergonhado.

Depois que terminou de cortar a *kora*, Maud cortou a pêra vermelha e depois os talos grossos de grama doce amarela, construindo lentamente um padrão de mandala em seu prato. As bagas *kih* seguiram, pequenos globos escuros perfeitos parecidos com bagas de laranja. Ela cuidadosamente arrumou as bagas e deu uma última olhada no prato. Não estava em nenhum lugar tão perfeito como deveria ter sido, mas foi o melhor que pôde fazer com o que tinha.

Maud levantou-se, levantou o prato e o ofereceu com uma reverência para a *Tachi* real.

— Senhora do Sol e do Ar, é uma grande honra compartilhar meu alimento com você. É humilde, mas é dado livremente do meu coração.

A mesa estava completamente silenciosa. A *Tachi* real olhou para ela com os seus seis olhos brilhantes.

Cor explodiu no exoesqueleto da *Tachi*, o cinza claro transformando-se em um azul mais profundo do céu da



manhã. A *Tachi* estendeu o braço longo e elegante e pegou o prato.

— Eu aceito sua oferta.

Maud exalou baixinho e sentou-se. As cores dos exoesqueletos ao redor da mesa escureceram um pouco. Ela podia distinguir os tons de azul, verde e roxo agora.



Os dois Retentores vampiros atrás dela foram embora apressados.

Ela pegou a próxima fruta e começou a descascar.

A realeza espetou um cubo de pão ensopado de mel com suas garras e o colocou na boca. — Meu nome é Dil'ki. Qual é o seu?

— Maud, Sua Alteza.

As garras de Dil'ki clicaram. — Tch-tch-tch. Não fale tão alto. Os vampiros não sabem quem eu sou. Onde você aprendeu nossos costumes?

— Meus pais são Estalajadeiros na Terra.



Um azul mais profundo floresceu no exoesqueleto de Dil'ki. Os *Tachis* ao redor da mesa se moveram, suas posições menos rígidas.

— Que prazer. Você fala Akit?



*Graças a um pai que fez questão que seus filhos tivessem um implante superior de línguas*. — Falo.

Maud preparou outra mandala menos complexa e a passou para o Tachi à sua direita.

— Falaremos Akit, —declarou Dil'ki, mudando para a língua deles. — *Você me entende, Leide Maud?*

— Sim, —disse Maud.

— *Sim*. —realeza se inclinou para mais perto e colocou uma baga na boca. — *Diga-me, o que você está fazendo aqui, entre esses bárbaros?*

— Um deles me pediu em casamento.

— *Não,* —o *Tachi* verde da direita ofegou. — *Você não deve aceitar.*



— *Eles nem se quer são capazes de organizar os lugares adequados,* —disse outro *Tachi* verde. — *Os lugares deveriam estar reservados corretamente.*

— *Você deve ser muito corajosa para vir aqui,* —disse o *Tachi* roxo da esquerda.



— *Você disse sim ao pedido?* —Dil'ki perguntou.

— Eu disse que precisava pensar sobre isso.

Os Retentores vampiros chegaram, carregando bandejas de frutas fatiadas e pão em cubos. Os *Tachis* ficaram em silêncio. A comida foi colocada sobre a mesa e os Retentores recuaram.

— *Vocês podem servir a si mesmos,* —disse Dil'ki. — *Se a pobre Maud precisar alimentar todos nós, ficaremos aqui a noite toda.*

Os *Tachis* estalaram as mandíbulas dentro de suas bocas, rindo. Um alarme instintivo percorreu Maud. Todos os pêlos da nuca ficaram arrepiados.



Garras alcançaram as travessas, cada uma arrumando sua própria obra-prima de frutas em seu prato.

— *Qual deles te propôs?* —Dil'ki perguntou.

Maud esticou o pescoço. Se Arland estivesse em qualquer lugar, ele estaria na mesa do anfitrião, mas ela não podia realmente vê-lo. — O grande loiro. O filho de Leide Ilemina.

Dil'ki se inclinou e os outros *Tachis* repetiram seu movimento, como se eles o tivessem coreografado.

— *Conte-me tudo,* —disse Dil'ki.

Maud abriu a boca e viu Seveline caminhando em sua direção, dois vampiros a reboque.

— *Inimiga?* —Dil'ki adivinhou.

— Ainda não sei, —disse Maud. Ela percebeu que havia empurrado a cadeira para trás da mesa um pouco, por puro instinto. Quando um inimigo se aproxima é bom garantir que levantar não custe uma preciosa fração de segundo. — Acho que ela pode ser.



Em uníssono, todos os *Tachis* ficaram cinza claro.

— Aí está você! —Seveline sorriu para ela. — Estava curiosa em saber onde eles te esconderam.

*Não em um lugar apropriado*. A observação de Seveline era um insulto. Poderia ser interpretado como uma brincadeira se fossem amigas intimas e se estivessem sozinhas, mas não eram amigas e nem estavam sozinhas.

Maud lançou um sorriso no rosto. — Leide Seveline.

— Eu esperava ter que te procurar, mas nesta mesa? Realmente?

Outro insulto. Maud realmente estava se divertindo.

— E vejo que esqueceram de lhe servir carne. Será que pensam honestamente que você é um herbívoro? Os humanos são herbívoros, Leide Maud? Só pergunto por causa de seus dentes pequenos.

Um terceiro insulto. O vampiro de cabelos escuros à direita de Seveline lançou um sorriso rápido. Não conseguiu se conter.



Um *Tachi* à sua direita inclinou-se para ela e murmurou em Akit. — *Você gostaria que eu a matasse? Posso fazer isso silenciosamente hoje à noite. Eles nunca descobrirão.*

*Ah, droga*. A última coisa que Maud precisava era causar um incidente interestelar.



Seveline estreitou as sobrancelhas levemente. Era quase certo que o implante de Seveline não traduzisse o Akit. Era um dialeto interno tachi. Mas se Maud respondesse em inglês, o implante de Seveline traduziria sua resposta. Maud pigarreou.

— *Khia teki-teki, re to kha. Kerchi sia chee*. —*'Não, obrigada. Ela é uma fonte de informação'.*

*Droga*, capaz de ter estragado tudo. Havia sons que as bocas humanas simplesmente não podiam emitir.

Os *Tachis* clicaram em suas mandíbulas novamente, em aprovação.

— *Isso foi muito, muito bom,* —disse Dil'ki em Akit. — *Boa tentativa.*

— Algo está errado? —Perguntou Seveline.



— De jeito nenhum, —Maud sorriu. — Existe algo que eu possa ajudá-la?

— De fato, existe. —Seveline sorriu. — Estes senhores comigo estavam querendo saber o que há de tão original em uma relação sexual com uma humana que apela particularmente aos vampiros. Eu pensei que você seria a pessoa perfeita para perguntar, já que usa essa artimanha com tanto eficiência.

Um quarto de segundo para levantar, outro quarto para pular em cima da mesa, meio segundo para enfiar o garfo na garganta de Seveline, perfurando a traqueia. *Ela ficaria tão bonita com um garfo ensanguentado saindo do pescoço.*

Maud sorriu e parou. Um Sentinela estava na porta do salão de festas. Uma pequena figura em uma túnica azul com uma faixa prateada estava ao lado dele. O começo de uma enorme mancha roxa em um olho e outra mancha vermelha na bochecha direita de Helen.

— Por favor, dê-me licença. —Ela levantou e correu através das mesas para a filha.



Helen olhou para ela, com o rosto tenso, tentando não chorar.

— O que aconteceu? —Maud perguntou.

O Sentinela, um vampiro mais velho, sorriu para ela. — Desafios pessoais são proibidos na creche. Leide Helen foi avisada sobre as consequências de suas ações, mas escolheu continuar desafiando.



— Ele me chamou de mentirosa, —Helen apertou as palavras entre os dentes.

O medo esmagou Maud. De alguma forma, ela fez seus lábios se moverem. — A outra criança está viva?

— Sim. —O vampiro mais velho sorriu mais largo. — O braço quebrado dele servirá como um bom lembrete dos eventos de hoje. Infelizmente, Leide Helen deve deixar a creche agora e amanhã deverá voltar para reparar seu erro. Devo levá-la para seus aposentos?

— Não, —disse Maud. — Eu vou fazer isso.

— Mas seu jantar, Leide Maud?

— Já tive a minha cota.



Maud pegou a filha pela mão e caminhou pelo corredor, afastando-se do salão de festas.





O longo corredor do castelo da Casa Krahr estava deserta. Atrás de Maud, o barulho do salão de festas diminuía a cada passo que elas se afastavam. Helen caminhava ao lado dela, seu rosto sombrio.

— O que aconteceu? —Maud perguntou suavemente.

— Eles me perguntaram de onde eu vim, e contei a eles como eu fiz meu quarto, e que tia Dina me disse que iríamos comprar peixes. Aquele garoto disse que as casas não podem se mover com o nosso pensamento. Ele disse que eu estava mentindo.



*Claro que ele disse*. — Então o que aconteceu?

— Então eu fiquei com raiva. —Helen mordeu o lábio com as presas. — E eu disse para ele retirar o que disse. E ele disse que eu era burra e mentirosa. E então ele apontou o dedo para mim.



— Ele fez o que?

Helen estendeu a mão com o dedo indicador esticado e acenou, desenhando um U de cabeça para baixo no ar e cantou: — Mentirosa-mentirosa.

— Então o que aconteceu?

— Então eu disse que apontar era ruim, porque permite que seu inimigo saiba para onde está olhando.

As lições de Karhari nunca seriam esquecidas. Não importa quanto tempo passe, aquela terra maldita mergulhou na alma de Helen e não havia nada que Maud pudesse fazer sobre isso.

— E ele disse que eu não era boa o suficiente para ser sua inimiga. E eu disse: *'Vou te dar um soco com tanta força que você vai engolir seus dentes, verme'.*



Maud escondeu um gemido. — Onde você ouviu isso?

— Lorde Arland.

*Ah, maravilha*. — Então o que aconteceu?

— Então o Cavaleiro mais velho e assustador veio e me disse que se eu desafiasse o garoto haveria *repe cursos.*[16]



— Repercussões.

— Sim. Então eu perguntei se o garoto também teria repercussões se ele lutasse comigo, e o Cavaleiro disse que sim, e eu disse que estava bem com isso.

Maud esfregou a ponta do nariz.

— E então o Cavaleiro perguntou ao garoto se ele queria ajuda e o garoto disse que não, e o Cavaleiro disse *'continue'*, e então o garoto me deu um soco, e eu peguei o braço dele. Com minhas pernas. Assim. —Helen rolou no chão e trancou as pernas. — Eu disse, *'diga renda-se'*, e ele não disse nada, ele

[16] No texto original a autora faz uma brincadeira com a fala de Helen. A criança se confunde com a palavra 'Repercussions' (repercussão) e no lugar diz 'ripper cushions' que traduzindo de forma literal para o português fica 'Almofadas estripadoras'. Quando se traduz perde o sentido da piada, já que Almofadas estripadoras não tem o mesmo som de repercussão, como ripper cushions tem de repercussions.



apenas gritou, então eu quebrei o braço dele. Se ele não queria que eu quebrasse, ele deveria ter se rendido.

Maud esfregou o rosto um pouco mais.

Helen olhou para ela do chão, seus grandes olhos verdes enormes no rosto. — Ele começou.

*E ela terminou.*

— Você não estava errada, —disse Maud. — Mas não foi sábia.

Helen olhou para o chão.

— Você sabe que não é uma mentirosa.

— Sim.

— Então, por que se importou com o que o garoto vampiro disse?

— Eu não sei, —Helen murmurou.

Maud se abaixou, ficando da altura de Helen. — Não é só na guerra que você encontrará inimigos. Às vezes os encontrará durante a paz. Eles podem até fingir ser seus amigos. Alguns deles tentarão provocá-la para descobrir do



que você é capaz. Você precisa aprender a esperar e observá-los até descobrir as fraquezas deles. O garoto pensou que você era fraca. Se deixasse que ele continuasse pensando que você é fraca, poderia usar isso mais tarde. Lembra o que eu disse sobre fator surpresa?



— Vence batalhas, —disse Helen.

— Agora o garoto sabe que você é forte, —disse Maud. — Não foi errado mostrar sua força. Mas, no futuro, deve pensar e decidir com cuidado se deseja que as pessoas saibam de sua verdadeira força ou não.

— Tudo bem, —Helen disse calmamente.

— Vamos. —Maud ofereceu a mão à filha. Helen agarrou os dedos e se levantou.

Elas retomaram a caminhada pelo corredor.

— Mamãe?

— Sim?

— Os vampiros são nossos inimigos?



*Até aqui parece que eram*. — É isso que estamos tentando descobrir.

— Quando vamos voltar a morar com tia Dina?

*Uma excelente pergunta. O que estou fazendo aqui, afinal?*

Os vampiros já haviam a apunhalado pelas costas uma vez e ela estava farta deles. Maud prometeu a si mesma, desde que pousou em Karhari, que nunca mais se envolveria novamente com eles e repetiu essa promessa muitas vezes: *quando estava deitada no topo da colina, respirando a poeira de Karhari, vendo uma espada de sangue riscar no ar e a cabeça de Melizard cair no chão, quando foi atrás de cada um de seus assassinos, quando barganhava por abrigo e água, sabendo que se falhasse, Helen morreria.* Promoter tornou-se seu mantra. *Nunca mais.* No entanto, aqui estava ela.

Arland a abandonou na primeira chance que teve.

*O que você esperava? Esperava que ele viesse e a levasse pela mão e a oferecesse uma cadeira na mesa principal?*

Sim. A resposta era sim. Maud não esperava, mas ela queria.



*Estúpida.*

Era estúpido esperar por algo que não iria acontecer. Foi estúpido vir aqui.

— Mamãe? —Helen perguntou.

Elas poderiam ir para casa agora. Voltar para Dina. Helen nunca seria capaz de frequentar uma escola humana ou brincar com crianças humanas, porque não havia como esconder as presas, mas os três, Klaus, Maud e Dina, haviam estudado em casa na Pousada, e nenhum deles acabou mal.

Elas poderiam simplesmente ir para casa, onde ninguém as menosprezaria ou as socaria na cara. De volta a vida que teve em sua estranha casa de infância, antes de Melizard. Antes de Karhari.

Mas elas vieram até aqui. Maud arrastou Helen para cá, porque Arland havia oferecido esperança para algo mais profundo, algo que jamais esperara. Uma parte dela se rebelava por querer desistir sem lutar. Mas seria uma luta que valeria a pena?



*Darei mais um dia. Mais um dia. Se tudo estiver uma merda no final de amanhã, acabou.*

— Temos que resolver algumas coisas aqui primeiro.

— Gostei de morar na casa da tia Dina, —disse Helen. — Eu gosto do meu quarto.



Uma criatura baixinha virou a esquina e estava vindo na direção delas, andando ereta sobre patas peludas. Tinha apenas um metro e meio de altura, contando as orelhas peludas de lince de quinze centímetros. Seu pêlo, cheio e comprido como o casaco *Vison*[17] ou uma raposa, era da cor da areia e manchado com pequenas rosetas azuis. Seu rosto era uma mistura de gato e raposa, com um focinho longo e grandes olhos verdes esmeraldas que brilhavam levemente quando a luz iluminava. A criatura usava um avental de tecido leve rosa claro, decorado com bordado preto. Dois finos aros de ouro brilhavam em sua orelha esquerda.

---

17  Casaco Vison



— Um gatinho, —Helen sussurrou.

*Ha! O universo proporcionando momentos de aprendizagem*. — Não, minha flor. São *Lees*. Lembra o que eu te disse sobre esconder suas forças? As *Lees* escondem sua força. Elas parecem fofas, mas são perigosas e muito astutas.

Elas também eram excelentes assassinos e envenenariam seus inimigos em um piscar de olhos, mas essa era uma lição que Maud daria a Helen alguns anos a frente.

— Viu as joias no avental dela? Significam que pertence ao Clã Mercador. Os tipos de joias indicam qual Clã ela pertence. Esta é do Clã Nuan. Lembra como eu lhe disse que vovô e vovó eram Estalajadeiros? Eles compravam coisas do Clã Nuan e às vezes me levavam com eles. Seu avô me disse para nunca negociar com as *Lees* a menos que eu precisasse. Ele estava certo.

Helen esticou o pescoço, tentando ver melhor. — Em *Baha-char*?

— Sim, minha flor. E toda vez que eu visitava, Nuan Cee, o grande Mercador, me dava doces. Eram os melhores doces



de todos os tempos e não estavam à venda. Ele me deu doces porque gostava de mim, mas também porque queria fazer um bom acordo com meus pais. É difícil sair ganhando em um acordo de negócios com alguém que faz seu filho feliz.



Elas alcançaram a *Lees*. A pequena raposa olhou para elas.

— Saudações, —disse Maud.

— Saudações, —a raposa respondeu.

— Por favor, passe os meus cumprimentos e respeito ao honorável Nuan Cee, —disse Maud.

— Você conhece o nosso Clã? —A raposa perguntou.

— Nossa família fez negócios com o Clã Nuan muitas vezes. Meus pais eram Estalajadeiros. Acho que você conhece minha irmã, Dina. Ela também é Estalajadeira.

A pequena raposa congelou.

Maud ficou tensa.

— Dina? Conhecemos Dina!

A pequena raposa sorriu, mostrando todos os seus dentes minúsculos, e pulou no lugar, saltando como um balão cheio



de emoção. — Conhecemos Dina! Venham. Venham comigo agora. Meu tio de segundo grau ficará muito feliz. Venham, venham!

— Nós estamos ...

A raposa agarrou Helen pela mão. — Venha comigo agora! —Ela correu pelo corredor e Helen correu com ela.

*Exatamente o que elas precisavam*. Maud correu atrás delas. Elas viraram à direita, depois à esquerda e depois à direita novamente, a raposa pulou para dentro de uma porta, puxando Helen com ela. Maud pulou e deslizou até parar.

Véus em tons pasteis cobriam a pedra das paredes dos vampiros. Tapetes macios e luxuosos escondiam o chão frio. Móveis luxuosos, esculpidos em madeira clara e tão ornamentados que *Luís XIV*[18] ficaria verde de inveja, ofereciam assentos em pequenas mesas. Taças de vidro e metal estavam sobre as mesas cheias de frutas, doces e pequenos

[18]  Luís XIV, apelidado de "o Grande" e "Rei Sol", foi o Rei da França e Navarra de 1643 até à sua morte.



pedaços de carne seca. Uma dúzia de *Lees* conversavam, comiam e brincavam. No centro de tudo, Nuan Cee, sentado sobre um travesseiro muito fofo de um metro e meio de largura. Seu pêlo azul prateado escurecia nas costas, manchado com rosetas douradas e desbotava para o branco no peito e no estômago. Ele usava um belo avental de seda prateada, bordada com os símbolos do Clã Nuan e um colar de safiras, cada uma do tamanho de uma noz.



Era como entrar na loja de um mercador. Maud quase se beliscou.

A pequena *Lees* atravessava o quarto puxando Helen com ele. — Irmã de Dina! E a filha dela!

Helen congelou.

Nuan Cee levantou as palmas das suas patas em surpresa. — Matilda!

Ele se lembrou dela.

As memórias voltaram à tona: *Caminhando com sua mãe e seu pai pelas ruas ensolaradas de Baha-char, ziguezagueando entre compradores de toda a galáxia, enquanto o bazar galáctico*



*zumbia com um milhão de vozes*. Chegando à loja de Nuan Cee, um oásis no meio do calor do deserto, e ouvindo a voz cantada de Nuan Cee barganhando e rindo. Os sabores dos doces em sua boca. De repente, ela tinha doze anos novamente. Maud quase chorou.



Maud começou a se mover antes mesmo de perceber.

Nuan Cee empurrou o travesseiro e deu três passos em direção a Maud. Mal percebeu a honra. Ela o alcançou e eles se abraçaram.

— Aí está você, Matilda, —disse o Mercador.

De alguma forma, Maud encontrou sua voz. — Sim.

Eles se separaram.

— E quem é essa? —Nuan Cee arregalou os olhos turquesas.

— Esta é minha filha, Helen.

As *Lees* soltaram chiados coletivo.

— Ela é tão fofa!

— Olhe para esse cabelo!



— Olhe para as botinhas dela!

Helen estava rodeada por um turbilhão de *Lees*, parecendo um pouco assustada, como um gato recebido por um bando de cachorrinhos excessivamente entusiasmados.



— Eu sou Nuan Nana, —anunciou a *Lees* que nos encontrou. — Venha comigo. Temos os melhores doces.

Maud escondeu um sorriso quando as *Lees* arrastaram Helen para a mesa mais próxima e enfiaram um prato de doces debaixo do nariz de sua filha.

— Você viu sua irmã? —Nuan Cee perguntou.

— Sim. Ela já está crescida.

— E é uma Estalajadeira! —Nuan Cee levantou as mãos. — Quem teria pensado?

Maud riu. Era isso ou chorar.

— O que está fazendo aqui? —Nuan Cee perguntou.

— É complicado.

— Venha, venha. —Ele a levou a um divã ao lado do travesseiro.



Alguém lhe trouxe um copo de vinho doce. Outra pessoa entregou um prato de docinhos. Ela pegou um e provou o sabor que derreteu na língua, doce como um toque azedo, mas muito refrescante, era como se sua boca inteira cantasse.

— Conte-me tudo sobre isso, —disse Nuan Cee.



# CAPÍTULO 6

*Conte-me tudo sobre isso.*

*Oh, como são espertas, muito espertas essas Lees*. Maud se recostou e riu.

O Clã Nuan a observou. Por alguma razão, isso fez Maud perder o controle e gargalhou mais ainda. Ela riu até bufar.

— Eu disse algo engraçado? —Nuan Cee perguntou.



Maud conseguiu controlar as risadas, o suficiente para espremer algumas palavras. — Quanto tempo Nuan Nana esperou naquele corredor por mim?

O quarto ficou subitamente quieto.



— Sério, ela deve ter ficado desde o começo do jantar, já que você não tinha como saber se ou quando eu iria dar um chilique e sair correndo. Tenho me perguntado desde que entrei por aquela porta, por que um Mercador de *Baha-char*, um hóspede tão distinto, não estava no jantar. Você pensou em tudo perfeitamente bem, Honorável Nuan Cee. Os travesseiros, os véus, até os doces. Aqui estou eu, sozinha, uma estranha em uma terra estranha, e você traz de volta todas as minhas memórias de infância. Uma armadilha manipuladora e inteligente. Estou preparada e pronta para contar todos os meus segredos.

Por um momento, o Mercador apenas a encarou. Então Nuan Cee ergueu as palmas das patas e revirou dramaticamente os olhos. — Não se pode ganhar sempre.

As *Lees* ao redor deles riram.



— Tão maquiavélico como sempre, —disse Maud.

— Você me lisonjeia, Matilda, —disse Nuan Cee.

— Colocou Bloqueadores de Sinais Ativos aqui? —Ela perguntou.



— Por favor, não me ofenda. —Nuan Cee acenou com a mão esquerda. — Claro que coloquei. Bloqueamos o áudio, mas precisamos dar eles as imagens de vídeo. Temos que lhes dar algo ou eles nos expulsarão.

Eles estavam sendo vigiados, mas não ouvidos. Exatamente o que ela esperava. — Você colocou escutas no salão de festas? —Maud perguntou.

Nuan Cee balançou a cabeça de um lado para o outro e depois sorriu. — Sim.

Maud riu e colocou outro pedaço de doce em sua boca.

— Não pode me culpar, —disse Nuan Cee. — Você exerce grande influência sobre o Marechal.

— Se eu fosse você não contaria com isso.

— Oh, por favor. Arland está apaixonado por você.



— Apaixonado?

— Sim. Usei a palavra correta. Se houvesse um rio de fogo e você estivesse do outro lado, ele tiraria a armadura ridícula e nadaria pelas chamas para chegar até você.



Maud riu. — Primeiro, os *Tachis*, então você. O que está acontecendo aqui realmente?

— Duvido que os *Tachis* saibam sobre o seu relacionamento com o Marechal. Eles são cientistas, —disse Nuan Cee. — O que não significa que eles não atacarão você quando souberem.

— Do que se trata isso tudo?

— Negócios. —Nuan Cee mostrou a boca cheia de dentes afiados. — E muito dinheiro.

— Estou ouvindo.

Ele estendeu a mão, pegou uma taça alta com um líquido rosa dentro de uma mesa lateral e tomou um gole. — Você viu a Estação Espacial de Batalha?

— Vi.



— A Estação de Batalha mudou tudo. Este planeta agora possui a área do espaço mais segura dentro desse quadrante. Existem muitas rotas comerciais que se cruzam aqui, ou poderiam, desde que houvesse um porto espacial seguro. Um lugar onde uma nave espacial pudesse atracar facilmente sem se preocupar em gastar seu precioso combustível para se manter em órbita. Um local de negociação e comércio.



O entendimento surgiu na mente de Maud. — Você quer que a Casa Krahr construa uma Estação Espacial Portuária.

— Sim. E estou tentando pagá-los por isso.

— Uma Estação Espacial Portuária em território vampiro que dará acesso a outras espécies? Dezenas de naves alienígenas atracando no sistema da Sagrada Anocracia? Isso nunca foi feito.

Maud tomou um gole de vinho rosado. Tinha gosto de uma mistura de melancia, morango e uvas doces.

Nuan Cee suspirou. — Como uma espécie viajante do espaço pode ter uma mente tão fechada? Construíram uma Estação Espacial de Batalha. A Estação foi caríssima e pode



proteger todo o sistema. Agora a coisa fica lá parada, custando-lhes dinheiro. Estou propondo algo que traria um lucro enorme para todos. Não há um porto espacial para as espécies não-vampiras em nenhum lugar dentro do quadrante.



— Ou em qualquer lugar dentro do território da Sagrada Anocracia, exceto a Estação Espacial Diplomática, perto do Sistema Estelar da Capital, se bem me lembro.

— Exatamente. Dezenas de espécies desesperadas por instalações portuárias. Eles estão pendurados lá como frutas maduras. Tudo o que estou pedindo à Casa Krahr é ficar embaixo da árvore, abrir as bocas e deixar as frutas que eu catar cair nelas. Eles poderiam recuperar o custo da Estação de Batalha em dois anos.

Nuan Cee estava certo. A Estação Espacial Portuária traria uma fortuna à Casa Krahr.

Nuan Cee gemeu em genuína angústia. — Eu não entendo. Eles não querem ganhar dinheiro?

— É por isso que os *Tachis* estão aqui?



— Sim. Eles têm uma escavação arqueológica em *On-Toru*. Precisam viajar centenas de anos-luz ao redor do território espacial dos vampiros para chegar lá. Uma Estação Espacial Portuária aqui daria a eles acesso quase direto para *On-Toru*. Eles estão dispostos a pagar preços altos.



Maud recostou-se. Os vampiros tinham uma ideia fixa sobre negócios: *'de vampiros para vampiros'.* Convencê-los a agir diferente seria quase impossível.

— Você conhece os vampiros, —disse Nuan Cee. — E tem influência com o Marechal.

— Como eu disse, minha influência não vai tão longe. Dina me contou que você e a Casa Krahr chegaram a um acordo em Nexus e que esse acordo enriqueceu todos vocês. Se tem um parceiro comercial mais próximo aos vampiros, esse alguém é você. Se eles estão dificultando, apesar de toda a história compartilhada de vocês, nada do que eu disser irá importar. Eu não sou ninguém aqui.

— Você é Matilda Demille.

O sobrenome da sua família cortou sua memória.



Como mamãe resolveria isso?

— Você percebeu o quão obcecados por defesas eles são? —ela perguntou. — Como espécie, os vampiros passam mais tempo vestidos em sua armadura do que fora dela. Veja este castelo, por exemplo. Uma estrutura menor seria suficiente, mas aqui está, um castelo monstruoso com paredes incrivelmente grossas e defesas suficientes para impedir o ataque de um exército esmagador. Não estive sob o castelo, mas aposto que abaixo de nós há escavado uma rede de túneis que ziguezagueia por baixo das montanhas, tão profunda que suportaria um bombardeio orbital. As chances de um ataque desse tipo são exatamente zero. Você viu a frota deles. A nave de guerra de Arland sozinha pode destruir uma pequena frota armada. O sistema já estava o mais protegido possível, mas eles construíram uma Estação de Batalha em cima deles. Você está pedindo que eles permitam que pessoas de fora entrem em seu espaço, muitas pessoas de fora, e não apenas alguns poucos aliados confiáveis. Você está forçando-os a ir contra a natureza deles.





— Estou me oferecendo para torná-los ricos além de seus sonhos mais loucos.

— Eles não se importam. Não é sobre o dinheiro. —Maud agitou o vinho na taça e tomou outro gole. — É sobre os *Mukamas*.



— Já ouvi falar sobre os *Mukamas*, —disse Nuan Cee, com o rosto pensativo. — Mas nunca da boca de um vampiro. Você é quase uma vampira.

Maud sorriu. — Você gostaria que eu falasse sobre os *Mukamas*?

— Sim. Falta uma peça que eu não entendo.

— Muito bem. A história remonta à Lei de Bronwyn. — A galáxia tinha muito poucas leis universais, mas a Lei de Bronwyn tinha-se provado tão frequentemente verdadeira, que foi simplesmente aceita.

— Quando uma espécie é apresentada aos voos espaciais interestelares, ela avança tecnologicamente, mas não socialmente, —disse Nuan Cee.



Maud assentiu. — Sim. O padrão de vida individual pode melhorar drasticamente, o progresso tecnológico decolará, mas a construção social dessa espécie permanecerá basicamente a mesma. A capacidade de viajar entre as estrelas remove alguns dos fatores de pressão conhecidos por impulsionar a mudança social. Depois que uma civilização começa a se aventurar pelo espaço interestelar, a densidade populacional não será mais um problema para aquela civilização. Não há mais limitações geográficas. A competição por recursos naturais diminui em grande parte, pelo menos nos estágios iniciais. Diferentes grupos divergentes dentro da sociedade já não tem que aprender a coexistir; eles podem simplesmente se separar.

Nuan Cee assentiu.

— Uma mudança social é difícil, porque uma sociedade é composta de indivíduos. Esses indivíduos se adaptam a um modelo social específico e aprendem a ter sucesso nele. Eles resistem à mudança porque isso ameaça sua sobrevivência. Para realmente implementar uma mudança, é preciso convencer a população de que sua sobrevivência como um



todo está em risco, a menos que tomem a decisão de mudar e alterar seu destino. A conquista dos voos interestelares remove muitos desses fatores de riscos a sobrevivência, a sociedade em questão geralmente permanece a mesma, já que a capacidade de atravessar as estrelas foi alcançada. Se eles eram caçadores-coletores, continuam sendo. Se eram uma república, permanecem uma república, e assim por diante.

— Sim. Isso é um fato conhecido, —disse Nuan Cee.

— Os *Mukamas* invadiram a Sagrada Anocracia quando os vampiros estavam em um período feudal. A sociedade vampírica, naquele época, consistia em Clãs poderosos liderados por uma aristocracia guerreira e estavam ligados por uma religião forte. Os *Mukamas* acharam que os vampiros, tão tecnologicamente atrasados em relação a eles, eram presas fáceis. O que você sabe sobre os *Mukamas*?

— Não muito, —disse Nuan Cee. — Eles eram uma espécie desconhecida e esse conflito aconteceu há muito tempo.



— Eles eram uma espécie predatória, —disse Maud. — Não queriam colonizar o planeta. Queriam os próprios vampiros, principalmente as crianças. Os adultos foram utilizados como força de trabalho e as crianças como fonte de alimento. Os *Mukamas* achavam as crianças suculentas e deliciosas.

Nuan Cee fez uma careta.

— Os vampiros se esconderam em seus castelos. Derrubar os castelos e reduzi-los a escombros teria estragado toda a deliciosa carne lá dentro, então os *Mukamas* tiveram que descer de suas naves e lutar no chão. Os vampiros descobriram que os *Mukamas* não se saiam bem em espaços fechados e estreitos. Eles eram uma espécie aérea. Caçavam de cima. Também foi descoberto que as armas de choque em massa dos *Mukamas* não funcionavam contra um vampiro vestido em sua armadura. Foi uma guerra longa.

— Quanto tempo? —Nuan Cee perguntou.

— Quase duas décadas. Em algum momento, cerca de oito anos após o início do conflito, a principal frota dos



*Mukamas* perdeu o contato com a frota que foi enviada para orbitar e invadir o planeta dos vampiros. A frota principal levou mais de uma década para cumprir com os compromissos anteriores. Finalmente se desocuparam e foram descobrir o que aconteceu com a frota que orbitava o planeta dos vampiros. Quando chegaram, encontraram a frota orbital exatamente onde deveria estar, no sistema. As naves estavam intactas e tomadas por vampiros.



Maud agitou o vinho na taça e sorriu. — Ninguém nunca viu um *Mukama*.

— Não, —admitiu Nuan Cee.

— Mas aqui estamos, aproveitando o ar fresco do mundo deles.

Nuan Cee se assustou.

— A Casa Krahr era uma das maiores Casas originais, — disse Maud. — Eles foram encarregados de invadir o planeta *Daesyn* e garantir que nenhum *Mukama* respirasse novamente.

Maud colocou a taça vazia na mesa. Uma *Lees* correu e colocou um pouco mais de vinho nela.



— Quando comecei a contar essa história, eu lhe disse que uma sociedade estável é resistente a mudanças. A Sagrada Anocracia é estável, Honorável Nuan Cee. Eles são vencedores. Por que mudariam? O modo de vida deles é perfeito para eles há milhares de anos. Eles nunca pararam de construir castelos ou de usar armaduras, ao contrário, tornaram seus castelos mais seguros e sua armadura mais forte. Nunca abandonaram sua fé, porque ela os sustentou nas horas mais sombrias. Eles apreciam suas crianças, as guardam como seu maior tesouro e as ensinam a lutar desde tenra idade, porque a história ensinou a eles que as crianças são preciosas e vulneráveis. Sem crianças, a Sagrada Anocracia não tem futuro. Acima de tudo, os vampiros desconfiam de estrangeiros. Aqueles que vieram do além das estrelas não trouxeram coisas boas para eles. Você é um estrangeiro lutando contra milhares de anos de estabilidade. Um único pássaro estranho voando em um bando enorme, tentando mudar a direção. O tipo de mudança que você está procurando só pode vir de dentro, de alguém profundamente respeitado, alguém enraizado em sua sociedade. Nem você nem eu temos





esse tipo de influência. Mas vou falar com Arland na próxima vez que o vir. Se eu o vir.

— Oh, você o verá, —disse Nuan Cee. — Ele está descendo o corredor agora.



Maud respirou fundo.

Um momento depois, Arland apareceu na porta, carregando uma grande caixa cinza. Ele a viu. — Minha Senhora.

Helen acenou para Arland. Ele deu um passo para dentro do quarto, mas as *Lees* o cercaram, empurrando-o de volta para o corredor.

— Você a deixou sozinha!

— As pessoas foram más com ela.

— Ela estava triste!

Maud olhou para Nuan Cee. Ele sorriu para ela.

Arland olhou para ela acima das *Lees*, com um olhar de dor no rosto e ergueu os braços em fingida rendição.

— Acho que devo descobrir onde ele estava.



— Venha me ver a qualquer momento, Matilda, —disse Nuan Cee.

Ela não ouvia seu nome verdadeiro há anos. Somente seus pais a chamavam assim e apenas em raros momentos.

— Eu vou, —Maud prometeu e quis dizer isso.



Maud saiu pela porta e entrou no corredor. Atrás dela, a porta se fechou, cortando os murmúrios de indignação das *Lees*.

Arland olhou para Helen. Os olhos dele escureceram. — Quem foi?

— Foi um desafio formal, —disse Maud.

— Eu vou ganhar repe curso, —Helen disse a ele.



Arland virou-se para Maud.

— Leide Helen desafiou alguém na creche, foi avisada para não brigar, e o fez de qualquer maneira. Agora haverá repercussões.

— Você ganhou? —Arland perguntou.

Helen assentiu.

— Tudo bem então. Quem nunca faz nada que mereça repercussões nunca provará a vitória.

Helen sorriu.

— Isso é um bom exemplo de conselho, Lorde Marechal. —Maud carregou sarcasmo suficiente em seu tom para afundar uma nave espacial.

— Eu me esforço, —disse Arland.

Os três olharam um para o outro. *Momento estranho*.

— Posso acompanhá-las até seus aposentos? —Ele perguntou.

— Pode. —Era isso ou continuar de pé no corredor.



Eles andaram pela fortaleza até a ponte coberta, Helen correndo de um lado para outro, às vezes na frente, às vezes atrás. A tempestade ainda assolava e relâmpagos verdes brilhavam no céu, rasgando o céu escuro.



— Sinto muito, —disse Arland.

— Pelo quê, meu Senhor?

— Por não estar lá durante o jantar. Não foi minha intenção.

— Não preciso da sua proteção ou assistência, meu Senhor. Não sou prisioneira. Estou aqui por livre escolha. Se eu achasse que não poderia lidar com isso sozinha, já teria ido embora.

Atravessaram a ponte até a torre e pararam no final da câmara, onde os dois corredores se ramificavam, um levando aos aposentos dela, o outro ao dele.

— Sei que você não precisa da minha proteção, minha Senhora. Se pensasse assim, não teria lhe convidado. Não estou a procura de uma donzela para salvar. Estou procurando uma parceira.



Ela estreitou os olhos para ele.

Ele a ignorou e continuou. — No entanto, era minha intenção acompanhá-la para jantar e passar a refeição com você. Lamento que meus deveres tenham me detido e que não consegui fazer com que você se sentisse bem-vinda no salão de festas da minha Casa. Por favor, aceite minhas mais profundas desculpas, minha Senhora.



*Se Arland ficar mais dolorosamente dramático do que isso, começará a se cortar e a tirar sangue enquanto fala*.

— Não é necessário pedir desculpas, meu Senhor. Aproveitei bem o tempo. Tive a sorte de experimentar a hospitalidade da Casa Krahr em primeira mão.

Ele esperou, em silêncio.

— Nada a acrescentar, Lorde Marechal?

— Um homem sábio reconhece o momento de calar a boca, —disse ele. — Eu tenho uma mãe e uma prima. Conheço esse tom de voz. Qualquer coisa que eu disser agora será a coisa errada a dizer. Vou humildemente esperar para ser dispensado ou perdoado.



— Humildemente?

— Sim.

— Ora, meu Senhor, estou surpresa que saiba o significado dessa palavra.

Ele olhou para ela. Ela olhou de volta. Eles cruzaram os olhares como se fossem espadas.

— Vocês vão lutar? —Helen perguntou em voz baixa.

*Oh, pelo amor de Deus* ... — O que há na caixa? —Maud perguntou.

— Jantar, —disse ele. — Eu não jantei e pelo que entendi, você também não. Jantará comigo?

Maud considerou virar as costas para ele e entrar em seu quarto sapateando de raiva em toda a sua glória, mas seria infantil. Além disso, ela estava morrendo de fome.

— Sim, —disse Maud.

Arland sorriu. Ela quase levantou a mão para se proteger do brilho de seu sorriso.

— Apenas jantar, —disse ela.



— Apenas jantar, —disse ele. — Além disso, baixei *A Saga de Olasard, o Devorador de Almas*, no meu visualizador. É desenho animado.

Isso a comoveu. Helen nunca tinha visto um desenho animado antes. Então ela lembrou de algo sobre essa Saga. — *Humm,* existe aquela parte nas catacumbas ...

— Oh, não, eles tiraram isso. Foi feito para crianças.

— Oh, bom.

A porta dos aposentos de Arland, idêntica à dela, pesada, reforçada, antiga, se abriu e ele ficou de lado, convidando-a a entrar. Maud atravessou a porta e viu que os aposentos dele era igual ao dela, completo com portas que davam para o banheiro e a varanda. No entanto, ninguém confundiria os dois espaços. Os aposentos dela não tinham toques pessoais, mas esse lugar claramente pertencia a Arland: *uma pequena árvore vala crescia no canto, seus galhos pesados de flores brancas.* A árvore estava saudável, alguém estava regando-a, uma pilha de livros de papel esperava na mesa ao lado da cama enorme. Ela viu uma cópia de um romance popular da Terra



de ficção para adultos e mordeu o lábio para não rir. Uma variedade de bugigangas estava aqui e ali, uma adaga longa e cruel que não era de vampiro, um pedaço de metal deformado, uma pequena estatueta de madeira esculpida em detalhes meticulosos, provavelmente um presente de Wing, uma das criaturas hospedadas na Pousada de Dina. Maud apertou os olhos tentando ver melhor a estatueta, parecia com ela ...



Arland balançou a mão diante de uma parede. Ela se abriu, expondo um armário de madeira. Ele pegou algumas almofadas grandes no chão e um cobertor felpudo e os jogou no tapete.

— Tela, —ele ordenou.

Uma tela deslizou de cima, cobrindo a parede oposta.

— Saga de Olasard.

Um Cavaleiro vampiro animado apareceu na tela, usando uma armadura elaborada, segurando uma espada ensanguentada em uma mão e uma cabeça decepada na outra. Ele levantou a espada e rugiu.



Os olhos de Helen se arregalaram. — É como no livro! Mas está se mexendo.

— Pausa, —disse Arland. — Helen, eu te dei acesso. Você pode pedir para pausar, retroceder e avançar.

Ela olhou para os travesseiros e depois para a tela. — Eu preciso do meu ursinho!

— Vamos buscá-lo, —disse Maud. — Nós já voltamos.

Alguns minutos depois, Helen e seu ursinho estavam sobre os travesseiros. Quando voltaram, Arland havia aberto a caixa que ele carregava. Bife de lombo com carne de costela ainda grudada em seus ossos para facilitar segurar. Meia dúzia de acompanhamentos, carne em fatias finas, legumes assados, tortinhas minúsculas ... Só o cheiro deixou Maud com água na boca.

Arland organizou uma pilha de pratos. Helen colocou um pouco da comida no seu prato, engatinhou nos travesseiros e recomeçou o filme.



Maud fez seu prato, apoiou um travesseiro na cama de Arland e sentou-se no chão. Arland sentou-se ao lado dela com seu próprio jantar. Seus braços quase se tocavam.

Maud atacou a comida. Nos primeiros cinco minutos, ninguém falou. Finalmente, ela comeu o suficiente para aliviar a fome.

— Onde você estava? —Maud perguntou baixinho.

— Lidando com um idiota. Um dos Cavaleiros de Karat a desafiou em violação direta de minhas ordens.

*É por isso que Karat não estava no jantar*. — Como foi?

Arland encolheu os ombros. — Ele vai andar de novo. Algum dia.

Ela sorriu para ele.

— Como Marechal, eu tive que lidar com isso. E ter que lidar significou que tive que assistir aquela farsa de luta e depois puni-lo por ter me desobedecido.



— Um homem que nunca faz nada que mereça repercussões nunca provará a vitória, —disse ela com a cara séria.

— Aquele idiota não consegue tirar as próprias botas sozinho, nem mesmo se tiver instruções na sola da bota. Confie em mim, a vitória não está no futuro dele.

Na tela, uma enorme criatura atacou Olasard, que heroicamente saltou impossivelmente alto no ar, balançando uma espada quase do tamanho dele. Helen agarrou o ursinho e deu outra mordida no bife.

— Exageraram na espada, —Maud murmurou.

— É mais dramático assim, —disse Arland.

*Ela gostou disso tudo*, Maud percebeu com um choque. Gostou de sentar aqui no chão com ele, assistindo Helen. Parecia quase uma festa de pijama tarde da noite. Confortável.

*Segura.*

Fazia muito tempo desde que se sentia segura. Se sentiu assim também na Pousada de Dina, apesar de que Gertrude Hunt estava sob ataque.



Poderiam ter jantado em seus aposentos, apenas ela e Helen, mas não seria o mesmo. Era ele. Arland a fez se sentir segura.

Alarme gritou em seus sentidos. Abaixar a guarda era morrer. *O que eu estou fazendo?*



— Algo está errado? —Ele perguntou baixinho.

A ansiedade a sobrecarregou, mas foi embora rapidamente. Isso era ridículo. O simples ato de relaxar era tão estranho para ela que sua mente entrou em confusão, pensando que estava em perigo.

Maud abriu a boca para mentir.

*Não.* Prometeu a si mesma que não faria.

— É estranho, —disse Maud. — Estar segura é estranho.

Arland esticou o braço atrás dele, puxou um cobertor da cama e o colocou sobre ela. — Vai passar, —disse ele calmamente. — Coma um pouco mais. Comida vai ajudar.

Ela pegou o prato. Seus instintos gritavam para ir embora desse quarto. Em vez disso, se aproximou dele. Estavam se



tocando agora. Ele colocou seu corpo grande contra a cama, relaxado, calmo. Maud deu outra mordida.

— Os *Tachis* estavam prestes a ir embora, —disse ela. — Vocês serviram salada para eles.

— Eles são vegetarianos.

— Eles comem carne. Simplesmente não comem em território inimigo.

— Somos inimigos então? —Ele perguntou, sua voz calma e medida.

Ela deu outra mordida e se aproximou mais um pouco dele. — Estão tentando decidir. Os *Tachis* gostam de sua comida com padrões elaborados. Quanto mais elaborado, melhor. Onde está o Maven da Casa?

— Morta, —ele disse. — Ela foi assassinada no momento em que se preparava para ser a Portadora do Bracelete para um casamento importante. O nome dela era Olinia. Ela era minha tia mais nova.

— Sinto muito, —disse ela.



— O assassino dela está morto. A pessoa que a traiu também está morta. Foi assim que conheci Leide Dina.

Na tela, Olasard cortou três cabeças de vampiros malignos em um único golpe. Helen moveu a cintura, imitando-o.



— Posso te perguntar uma coisa? —Maud perguntou.

— Claro.

— Por que você tem uma cópia de *Crepúsculo*[19] no seu quarto?

Arland ficou completamente imóvel. — *Humm.*

— Lorde Marechal? —Ela perguntou com um pequeno sorriso.

— Eu queria saber o que as mulheres da Terra achavam sobre vampiros.

— Por quê?

---

[19] 


**Crepúsculo** é uma série de histórias de fantasia e romance sobre vampiros escrita por Stephenie Meyer. A saga conta a história de Isabella Swan, uma adolescente que se muda de Phoenix para Forks, em Washington, experimentando um mundo totalmente novo para si ao apaixonar-se por Edward Cullen, um vampiro.



Ele fez uma pausa, obviamente escolhendo suas palavras com cuidado. — Sua irmã é uma mulher fascinante.

— Arland, você não precisa se justificar por ter se sentido atraído por minha irmã, —Maud disse a ele. — Ela é maravilhosa.



— Ela é. Para minha vergonha, devo confessar que pode ter sido mais do que apenas as boas qualidades de Leide Dina que me atraíram. Uma certa rivalidade pode ter desempenhado um papel importante nisso.

— Sean Evans, —Maud adivinhou.

— Descobri naquela época que não gosto de lobisomens, —disse Arland. Ainda tenho que mudar de idéia. São criaturas medonhas.

Maud e Arland se sentaram juntos em um silêncio confortável enquanto ela esvaziava o prato. Ele estava certo. Comida ajudou. É claro que, se acabasse dependendo de comida para afastar sua ansiedade, em breve teria que trocar de armadura.



— Não temos muitos estrangeiros aqui, —disse Arland. — Kacey, esposa do meio-irmão do meu primo, foi a primeira humana que conheci. Como todo adolescente, todos nós ficamos fascinados por ela. Ela era diferente. Quando visitei a Pousada, nunca havia conhecido alguém como Leide Dina. Feminina, envolta em mistério, mas firmemente no controle de seu domínio.

220

— A magia de um Estalajadeiro, —murmurou Maud.

— Sim. Às vezes, a empolgação de ter conhecido alguém tão diferente esconde quem a pessoa realmente é. Ficamos mais fascinados com o que pessoa representa no nosso imaginário do que quem ela verdadeiramente é.

— Humm. —*Para onde essa conversa está indo?*

Sua voz era íntima e segura. — O que estou tentando dizer é que, ao contrário de Dina, eu vejo você como é. Eu te amaria de qualquer jeito, vampira ou humana, por causa de quem você é. Você não precisa de uma Pousada ou uma vassoura para me fascinar. Você só precisa olhar na minha direção e terá toda a minha atenção.



Algo vibrou no peito de Maud. Algo que havia restado de antes de Karhari e de seu casamento.

Ela inclinou a cabeça e deu um sorriso discreto. — E se eu fosse uma lobisomem?

Ele sugou o ar, fingindo pensar sobre isso. — Eu ainda te amaria.

Ela riu baixinho e descansou a cabeça no ombro dele.

# CAPÍTULO 7

Alguém bateu na porta.

Maud sentou-se na cama, acordou instantaneamente e, por um momento confuso, tentou abrir a porta com a mente. Então a realidade afundou: *ela não estava na Pousada de Dina.* Estava em seus aposentos no castelo da Casa Krahr.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Sonhara que era criança e frágil, correndo por sua vida pelos jardins da Pousada de seus pais. Algo a perseguia, algo enorme e monstruoso. Ela tentou ver o que era, mas tudo que conseguia se lembrar eram de dentes. Dentes enormes do tamanho de Helen.

A porta bateu novamente.

Maud sacudiu a cabeça, tentando limpar os últimos fragmentos do pesadelo de sua mente. Ontem ficou no quarto de Arland por muito tempo. Helen adormeceu e eles conversaram por mais algum tempo sobre a Estação Espacial Portuária.

— Hora? —Ela perguntou enquanto vestia uma calça de moletom macia.

Números vermelhos brilhantes acenderam na parede acima da lareira. 9:30. O planeta *Daesyn* tinha um ciclo de trinta horas, cada hora sendo cinquenta minutos, cada minuto cinquenta segundos. Era cedo. No tempo da Terra, seria por volta das 6:30.

A porta bateu novamente.

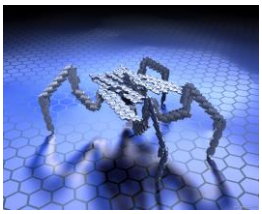


— Abrir.

A porta deslizou para o lado e Karat entrou, vestida em uma armadura preta que parecia estar em perfeito estado. Quando a armadura militar sofria danos, era frequentemente reparada durante a batalha ou pouco depois. A reparação da armadura-Syn exigia um ambiente silencioso, muito tempo e mão firme. Sob condições de batalha, as três condições eram frequentemente escassas, e era por isso que as armaduras de guerra mostravam cicatrizes e imperfeições. A armadura preta que Karat usava agora parecia ter acabado de sair de uma oficina de *nanites*[20]. Qualquer dano sofrido havia sido consertado sem deixar rasto.

Karat sentou na cadeira mais próxima. — Como está meu primo?

---

[20]  Na ficção, **nanites** são máquinas microscópicas. Na vida real os robôs microscópicos fazem parte da Nanorrobótica, tecnologia que cria nanomáquinas ou robôs à escala de um nanométro. Mais especificamente, a nanorrobótica é considerada uma área emergente da nanotecnologia, unindo a disciplina de desenho e construção de nanorobôs, nanoeletrônica e biomateriais.



Maud piscou para ela.

— Você passou a maior parte da noite em seus aposentos.

— Você está me espionando.

— Claro que estamos espionando você. Sabemos que voltou para o seu quarto com Helen. Também sabemos que o uso de energia no quarto dele foi mais elevado do que o normal e que passou da meia-noite, o que é atípico para ele, por isso deduzimos que você trouxe sua filha e voltou pela passagem privada. Correu tudo bem?

Primos vampiros. — A armadura não foi despida.

— O que? Por quê?

— Não estamos nesse estágio do relacionamento.

Karat olhou para ela. — Já fizeram alguma vez?

— Não.

— Isso é um absurdo. Como sabem que são compatíveis? Como ele poderia pedir para você se casar com ele sem primeiro ter certeza disso?

— Terá que perguntar a ele, —rosnou Maud.



— O que vocês fizeram todo esse tempo em seus aposentos?

— Helen assistiu a um filme. Nós conversamos. Ele foi muito gentil.

— Então, você trouxe a criança de volta ... Espere. — Karat fez uma pausa. — Acabou de dizer que meu primo foi gentil? Arland Krahr? O Clava de Sangue? O Triturador de ossos? O Devastador de Nexus? Esse Arland?

— Sim. Ele foi gentil e não ouve nenhuma devastação. — A maneira como ele olhou para ela ontem à noite não lhe deu dúvida de que ele queria. Ela também queria, mas algo a deteve. Maud se sentia como um cavalo sendo controlado por rédeas. Toda vez que pensava nisso, algo puxava as rédeas e a fazia parar.

Karat se recostou e riu. — Isso não é como ele. Pobre, pobre Arland. Está perdido.

Maud suspirou. — O problema não é seu primo. O problema sou eu. Ele está me dando tempo.

Karat ficou séria. — Sim, claro.



— Existe algum motivo de você vir aqui e me acordar?

— Sim. —Toda energia foi drenada do rosto de Karat. — Lady Ilemina solicita sua presença no Treino Coletivo de Senhoras essa manhã.



*Imaginei.* Maud ergueu os ombros. Ela sabia que esse momento chegaria. E chegou. Não havia escapatória.

— Você tem armadura de guerra? —Karat perguntou.

— Vou usar minha armadura de sempre.

— É bom vestir. Vai precisar. Você tem cerca de vinte minutos para se preparar. Precisamos levar Helen também. Ela tem que cumprir algumas tarefas.

— Estaremos prontas, —disse Maud.





– Chegamos. —Karat parou na entrada de um grande salão.

O Sentinela mais velho que levou Helen para o salão de jantar esperava na porta. Além da porta, as crianças brincavam no chão.



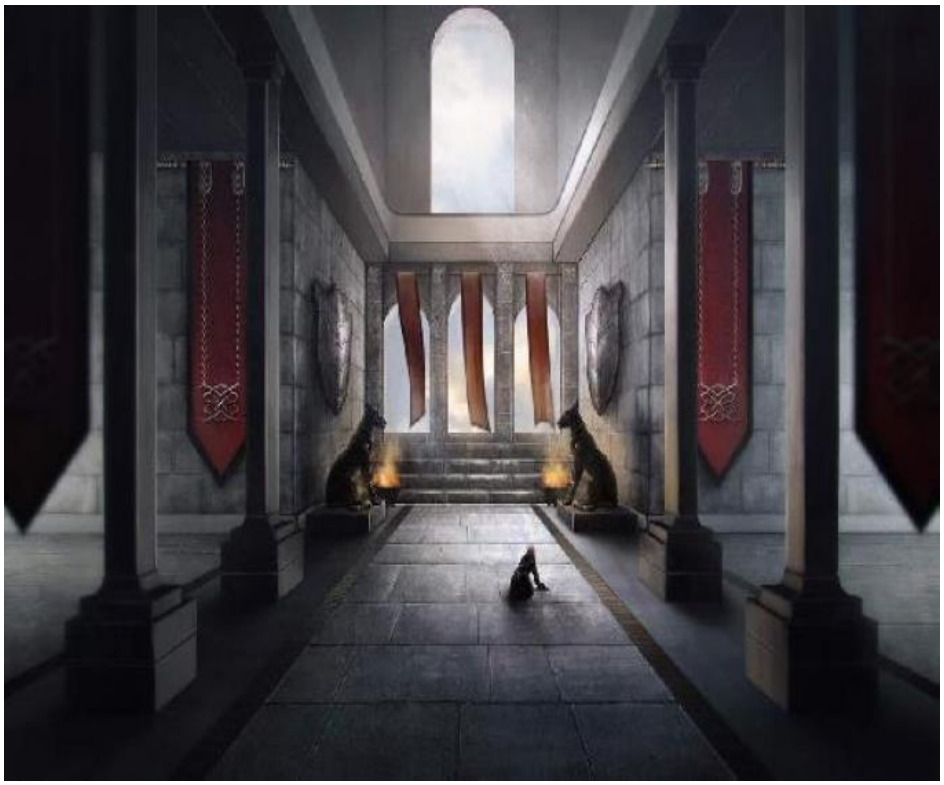
Os olhos azuis do Sentinela brilharam um pouco com humor escondido. — Leide Helen.

Leide Helen endireitou seus pequenos ombros. — Estou aqui para repercussões.

— Muito bem. —O vampiro mais velho mostrou a ela uma pequena escova e um tubo cheio de gel azul. — Você vai espremer um pouco de gel no chão e esfregar com a escova até que toda a sujeira seja removida. Limpará dez quadrados de pedra do chão. Ficará aqui até que sua tarefa seja concluída.

Helen pegou a escova e o tubo, manteve a cabeça erguida e entrou.







Atrás dela, Maud viu outra figura no chão com uma escova idêntica, o braço esquerdo em uma tipoia de plástico. *A justiça dos vampiros não tinha piedade.*

— Helen vai ficar bem, —Karat disse a ela. — Venha.

Elas caminharam dez metros pelo corredor e pararam em frente a grandes portas abertas. Do outro lado das portas, havia um gramado turquesa, inundado de sol dourado e cercado por árvores ornamentais. Um muro de pedra de um metro e meio circundava o gramado, claramente parte de um parapeito.



Além do muro, através do trecho de ar vazio, torres e muralhas do castelo se erguiam. Eles estavam no topo de uma torre de nível médio.

Mulheres vampiras lutavam na grama com armas de treino. Várias outras assistiam à luta. Ao lado havia uma mesa com bebidas. Um típico Treino Coletivo de Senhoras. Elas se espancariam por mais ou menos uma hora, depois beberiam e fofocariam.



Na Casa Ervan, depois que provou seu valor, Maud desfrutara bastante dos Treinos Coletivos antes de se tornar uma pária. Os Treinos Coletivos eram uma boa maneira de interagir com todas.

Hoje não seria agradável. Hoje elas a jogariam aos cachorros e esperariam que ela se encolhesse e se submetesse. Era um teste e Maud precisava passar nele.

A tradição ditava que mulheres e homens não participavam, nem mesmo assistiam os Treinos Coletivos um do outro. Ela estava sozinha.

Karat parou na prateleira de armas de treino.



— Vamos passar por isso de maneira fácil e agradável, — disse ela baixinho. — Você e eu vamos treinar, depois tomaremos algumas bebidas de frutas e iremos embora. Não se preocupe.



*Karat realmente não achava muito dela.*

Maud pegou a primeira espada, testando-a. *Muito pesada*. Pegou outra. *Longa demais*. Outra. *Curta demais*. *Leve demais.* As armas de polímero assemelhavam-se as armas de verdade nos mínimos detalhes, mas não podiam cortar armaduras. O principal perigo estava em ser espancado por uma. Um golpe habilidoso também poderia causar ferimentos internos, apesar da armadura.

Golpes com armas de prática deixavam marcas vermelhas na armadura, que desapareceria com o tempo ou com reparo. Era uma maneira fácil de visualizar os golpes e avaliar a intensidade deles nos treinos. Muitos Treinos Coletivos acabavam em longos exames das marcas vermelhas e longas discussões sobre se os golpes recebidos teriam sido fatais ou não se tivesse sido usado armas de verdade. As bordas das espadas de treino não eram exatamente afiadas, mas poderiam



cortar e tirar sangue como uma. Maud já havia feito isso antes, três dias atrás, quando Arland e ela haviam treinado a bordo da nave de guerra. O Marechal ficara fascinado com o conceito do uso de um *broquel*[21] e depois passaram três boas horas cortando um ao outro.



*Essa*. Ela encontrou uma lâmina semelhante à sua. Karat selecionou uma espada mais longa e pesada, depois olhou para a escolha de Maud e pegou uma lâmina mais curta. *Só faltava essa agora.*

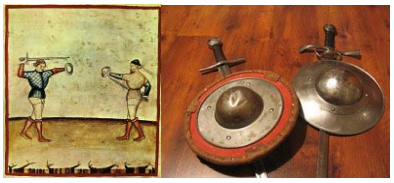
Karat caminhou até um ponto na grama e ergueu a lâmina. — Não se preocupe.

Maud se posicionou. — Não vejo vampiras de outras Casas.

— É exclusivo para as mulheres de Krahr.

— Sinto-me muito honrada por ter sido convidada.

---

21  Um **broquel** é uma espécie de pequeno escudo que era responsável pela proteção contra golpes do inimigo, sendo uma peça segurada por mãos, ou segurada por encaixe no antebraço. Devido a seu pequeno tamanho, era mais ágil, seu material era variado entre metais, couro, e madeira.



Karat balançou a lâmina e a golpeou deliberadamente muito devagar.

Maud olhou para ela. — Recuso-me a desviar desse seu golpe.



Karat se endireitou e sibilou: — Estou tentando ajudá-la.

Uma vampira ruiva marchou em direção a elas, seus olhos verdes brilhavam.

— Há uma vampira caminhando em nossa direção e ela parece que está prestes a nos atropelar.

Karat olhou por cima do ombro. — *Excremento de Faron*[22].

— Ela está vindo para você ou para mim?

— Para você. —Karat entrou no caminho da vampira. — Leide Konstana. Você está interrompendo.

— Leide Maud! —Konstana apontou a espada para Maud. — Sua filha vira-lata quebrou o braço do meu filho.

*Ah, é isso.*

[22] Xingamento vampírico.



— Gostaria de saber se teria a gentileza de me mostrar como ela fez isso. —Konstana mostrou suas presas.

Ao redor delas, outras pessoas pararam de treinar e se afastaram, limpando o espaço. Elas tinham uma audiência agora.

233 Divas & Lord's

— Konstana, —Karat rosnou baixinho. — Ela é humana e uma convidada.

— Como quiser, Senhora, —disse Maud.

— Afaste-se, Karat, —Konstana resmungou.

Um músculo estremeceu no rosto de Karat. — Não ache que pode me dar ordens.

— Alvina, —disse uma voz feminina.

Karat congelou.

À direita delas, atrás de Karat, sob um bosque de árvores, quatro mulheres vampiras mais velhas estavam de pé. A pessoa que falou era alta, com ombros largos e uma juba de cabelos loiros em cascata até a cintura. Sua armadura simples de treino abraçava sua figura. Seus olhos cinzentos eram frios. Maud olhou para eles e viu gelo.



— Deixe nossa convidada participar do Treino Coletivo, —disse Leide Ilemina.

Karat saiu do caminho.

Maud deu alguns passos à direita, dando-se espaço.



— Depois que eu quebrar seus braços, você vai me pedir perdão, —disse Konstana. — Por ocupar meu tempo valioso.

A vampira era cerca de cinco centímetros mais alta e provavelmente quinze quilos mais pesada que Maud, e o modo como ela segurava a espada indicava a técnica sul, o que significava que a mulher preferia ataques cortantes. Direita ou esquerda, essa era a questão. Golpes vindo da esquerda seriam melhores e mais poderosos.

Maud levantou a espada e fingiu verificar a ponta. — É um hábito da Casa Krahr perder tempo com ameaças vazias?

Konstana atacou, cortando da esquerda para a direita, apontando para o peito de Maud. Foi um bom golpe, rápido e mortal. Maud aparou, deixando a força do ataque deslizar para fora de sua lâmina, pegou o pulso da mulher por um segundo, puxou o braço para uma posição perfeita, o levantou



e empurrou a sua própria espada sob o antebraço de Konstana, e rolou o braço da espada para cima e sobre o de Konstana, prendendo a espada da vampira em sua axila. Aconteceu tão rápido que Konstana não teve chance de reagir. O impulso redirecionado de seu próprio golpe torceu Konstana e ela caiu sobre um joelho, a mão direita de Maud agarrada no pulso da vampira, a esquerda apoiada no cotovelo, travando-o.



— Você me perguntou como minha filha quebrou o braço de seu filho, —disse Maud. — Foi assim.

Maud bateu no cotovelo da vampira. A cápsula do cotovelo rachou em um estalo alto quando a bainha ao redor da articulação rasgou. Konstana gritou. As mulheres ao seu redor estremeceram e fizeram sons de sucção.

— Exatamente como eu a ensinei. —Maud soltou a vampira e se afastou.

A vampira lutou para ficar de pé, o braço pendendo inútil, e arrancou a espada do chão com a mão esquerda.

— Boa luta, Leide Konstana, —disse Maud.



A mulher vampira abriu os maxilares. — Boa luta, Leide Maud.

— Bem, —disse Leide Ilemina. — Isso foi muito emocionante. Sinto que preciso de algum exercício. Leide Maud, talvez me conceda essa honra?








*Merda, merda, merda*. Maud inclinou a cabeça em uma pequena reverencia. — Estou profundamente honrada.

— Claro que está. —Leide Ilemina avançou.



*Um metro e noventa, pelo menos. Uns noventa quilos. Era como assistir um tanque se aproximar*.

Pensamentos deslizaram por Maud, correndo muito rápido em sua mente. Não havia como negar o desafio. Esquivar-se também não era uma opção. Elas tinham muitos olhos assistindo, e Ilemina definitivamente veria isso como um insulto. Ganhar a luta não era uma opção, mesmo que fosse possível, o que não era. Maud não podia humilhar a mãe de Arland. Mas também não podia se deixar humilhar. Isso mataria qualquer chance de ser aceita, e depois da noite passada Maud queria Arland mais do que nunca.

*O que fazer? Como eu resolvo isso?*

A mãe de Arland era a Preceptora da Casa Krahr e chegou a esse posto porque era uma excelente líder. Só os melhores vampiros lideravam. Isso e a lista de títulos de duas páginas



atrás de seu nome significavam que Leide Ilemina seria uma lutadora superior. Sua força seria esmagadora.

Maud testou a espada mais uma vez, aquecendo. Ela era bem treinada, mas em uma disputa de pura força, especialmente contra uma Cavaleira vampira com décadas de experiência, Maud perderia. Confiava nos elementos surpresas que tinha e nas suas táticas sujas, mas graças a Konstana, todos sabiam o que ela poderia fazer agora e o gramado aberto não apresentava oportunidade de emboscada, o que significava que Maud tinha apenas duas coisas a seu favor: *velocidade e resistência.*

*Eu tenho que sobreviver a ela. Essa é a minha única chance. Sobreviva e saia da luta com alguma graça.*

Ilemina virou de lado, a lâmina da espada mantida paralela à grama, levantou a mão e a chamou movendo os dedos.

*Ah, ótimo.*

Maud a atacou, leve em seus pés. Ilemina aparou e bateu de cima. Maud virou-se, evitando a lâmina por um fio de



cabelo, e cortou o peito de Ilemina. A ponta da lâmina roçou a armadura, traçando uma linha vermelha brilhante para todo mundo ver.

— Primeiro *sangue!*[23] —Karat anunciou.



*Merda.*

Leide Ilemina riu. Era um som de pura ameaça.

Maud ficou fria.

*Você tem isso sob controle. Você consegue.* Arland tem sido o Marechal nos últimos seis anos, com a guerra de Nexus sendo seu primeiro grande comando, o que significa que já fazia seis anos que Ilemina realmente sujou a sua espada.

A mãe de Arland atacou. Sua lâmina desceu, impossivelmente rápida. Maud se esquivou. Antes que ela tivesse a chance de contra atacar, Ilemina reverteu. Foi uma bela jogada, mas Maud não tinha tempo de admirá-la. Ela se esquivou novamente, dançando ao redor de Ilemina.

Ilemina atacava, Maud se esquivava, ataque, esquiva.

[23] O primeiro dano ou reverso infligido a um oponente em uma luta.



Golpe. Maud aparou, dobrando sua lâmina, direcionando a maior parte da força para baixo. A força cinética do golpe reverberou através de seu braço até o ombro. *Ai.*

Um golpe direto quebraria seus ossos. Maud tinha certeza disso.

240 Divas & Lord's

Ilemina empurrou novamente e bateu o ombro no de Maud. Não havia para onde ir. Maud mal teve tempo de se preparar. O impacto a tirou de seus pés.

Ela voou, girou as pernas e se levantou a tempo de pular para longe da espada de Ilemina.

A mãe de Arland a atacou repetidamente e Maud se esquivou de todos os golpes.

Maud deslizou entre os golpes e cortou um corte diagonal no peito de Ilemina. A ponta da espada pegou o pescoço da mãe de Arland. Uma gota de sangue escorreu.

*Ah, não.*

Ilemina atacou.

A enxurrada de golpes veio rápido demais para se esquivar. A lâmina se conectou com as costelas de Maud. A



dor estalou ao seu lado, não muito forte—a armadura a protegeu. Ilemina atacou de novo e de novo. Toda a aparência de controle desapareceu do rosto da vampira. Ela atacou Maud com intensidade obstinada.



A lâmina de Ilemina desceu em um amplo arco horizontal. Maud se inclinou para trás, isso quase a derrubou. Todos os pêlos de sua nuca estavam arrepiados. Se essa espada tivesse atingido seu crânio desprotegido, ela estaria morta.

*Isso não é mais uma luta de treino.*

Um dos golpes de Ilemina pegou seu braço esquerdo. Dor martelou em Maud.

Ela tinha que sobreviver. Não podia abandonar Helen.

*Espere, querida. A mamãe não vai morrer.*

O mesmo calor cortante que sempre a atingia quando suas vidas estavam em perigo engoliu Maud. Ela pulou para frente. A espada de Ilemina passou por ela. Maud inverteu seu aperto e deu um soco com o pesado punho da espada na garganta de Ilemina.



A mãe de Arland fez um barulho de sufoco e deu um tapa no rosto de Maud, fazendo-a girar. A forte sensação de seu próprio sangue molhou a língua de Maud. Ela girou e cortou Ilemina.



Elas colidiram no meio do campo, cortando, golpeando, rosnando, transformando-se em um turbilhão de lâminas. As pessoas saíram do seu caminho. Uma das mesas de bebidas pairava nas costas de Maud. Ela pulou e chutou uma jarra de vidro na direção da mãe de Arland. Ilemina levou um segundo para quebrar a jarra com sua espada. Maud usou esse segundo para pular para o lado e correr, dando distância.

A mãe de Arland a atacou incansavelmente, como uma máquina. Outro golpe. Outro.

O mundo ficou um pouco confuso. Maud sacudiu e cortou outra corte inútil vermelho do lado de Ilemina. Ilemina a empurrou de volta. Maud tropeçou, esquivando-se de uma investida sem nada a perder.

*Não vou aguentar muito mais. Tenho que terminar com isso ou ela vai me matar.*



Ilemina fez um corte vertical, seguido de outro. Em uma fração de segundo, Maud reconheceu o padrão. A mãe de Arland inverteu sua lâmina novamente. Em vez de dançar, Maud caiu no chão, plantou as mãos e chutou o joelho esquerdo de Ilemina. A rótula do joelho estalou.



Ilemina rosnou e chutou na direção dela com a perna machucada. *Doce universo, a mulher sentia dor?* Maud viu a bota chegando, desviou, a agarrou e passou as pernas em volta de Ilemina, tentando derrubá-la.

A mãe de Arland rugiu, abaixou-se e agarrou o braço de Maud, arrastando-a para cima. Era como ser levantada por um *lince*[24]. Maud deixou cair a espada.

Ilemina a levantou e Maud bateu as duas mãos nos ouvidos de Ilemina. Ilemina gritou e a jogou para longe, como se ela fosse um gato selvagem. Maud correu para a prateleira

---



24 Lince



de treino e pegou uma espada. Era muito pesada, mas não havia tempo para ser exigente.

A mãe de Arland pisou no campo, imparável, com os olhos fixos em Maud. Maud arreganhou os dentes.



Helen correu entre elas e parou na frente de Maud, segurando suas adagas, rosnando e encarando Ilemina.

— Não! —Maud gritou.

Leide Ilemina parou.

Maud quase desabou de alívio.

O pensamento racional voltou aos olhos de Ilemina. — Oh Deusa, —disse ela.

Helen levantou as adagas. — Não machuque minha mãe ou eu mato você.

— Está tudo bem, minha flor, —Maud conseguiu falar. — Estávamos apenas treinando.

Ilemina riu. — Que coisinha mais adorável. Não precisa, pequenina. Eu me rendo. Sua mãe e eu terminamos, e você é muito assustadora.



Ela olhou para cima e Maud leu nos olhos dela. Ilemina sabia que tinham ido longe demais. A luta acabou.

— Esta é Leide Ilemina, —disse Maud. — A mãe de Lorde Arland. Devemos dar-lhe toda a cortesia.



Helen abaixou as adagas, juntou as pernas e dobrou um dos joelhos em uma antiga reverencia de vampiro.

Ilemina riu. — Minha nossa.

Helen se levantou.

— Esses são seus punhais? —Ilemina perguntou.

— Sim.

— Eles são afiados?

— Sim.

— Você acha que eles são afiados o suficiente para cortar um biscoito ao meio?

Helen fez uma pausa. — Sim.

— Venha me mostrar.

Helen virou-se para Maud.



— Sim, —disse Maud. — Seja educada.

Ilemina ofereceu a mão a Helen. Helen guardou as adagas, pegou a mão da mãe de Arland e foi embora com ela. — Que tipo de biscoitos ...



Maud caiu. De repente Karat estava lá, segurando-a. Maud vomitou, cuspiu sangue e limpou os lábios com as costas da mão.

As pessoas estavam olhando para ela.

— Tudo dói, —ela murmurou.

— Não me diga, —disse Karat. — Olhe para você.

Maud olhou para baixo. Cortes e barras cruzavam sua armadura, tantas, que a armadura não era mais preta. Era vermelho sangue. Do outro lado do campo, Ilemina entregou um biscoito a Helen. A armadura dela também estava vermelha.

Karat gentilmente sentou Maud na grama. — O médico está chegando. Sente-se aqui e descanse um pouco.

Konstana entrou na sua visão com uma unidade de tratamento médico de campo. — Tome.



— Você vai me envenenar?

— Cale a boca e tome o analgésico. —Konstana levantou a unidade. Maud pressionou contra o pescoço dela. Uma picada e depois uma onda fria inundou seu corpo, aliviando a dor.

— Beba isso. —Karat enfiou um frasco de vidro debaixo do nariz de Maud. Extrato de hortelã. Claro. Maud engoliu.

— Onde diabos aprendeu a lutar assim? —Konstana perguntou.

— Na Pousada dos meus pais.

— Os humanos não lutam assim.

— Eu não podia deixá-la me matar, —disse Maud. — Não posso deixar Helen sozinha.

Karat olhou para ela.

— Você entenderá quando tiver seus próprios filhos, — disse Konstana a Karat.

Maud recostou-se na pedra. *Não venci. Mas também não perdi. O dia está indo bem.*







Cada passo doía. Maud caminhava pelo corredor, tentando não estremecer, ciente de Karat pairando ao seu lado.

O médico chegou e rapidamente confirmou três costelas quebradas. Ele ofereceu uma maca. Subir na maca e ser transportada nela iria desfazer tudo o que acabara de conquistar. Ela lutou com Ilemina. E não tinha perdido. Tinha que ser vista sair do campo de luta sem ajuda.

Demorou mais um quarto de hora angustiante até Leide Ilemina ir embora, e o Sentinela mais velho veio buscar Helen, que ainda tinha que terminar de esfregar o chão. Maud conseguiu se levantar por pura força de vontade, mas andar doía como o inferno, e sua força de vontade estava rapidamente ficando menor.



Duas mulheres de meia-idade passaram por elas, encarando a armadura vermelha de Maud. Parecia que um monte de vampiros encontrou uma desculpa para atravessar ou andar pelo corredor. A notícia de sua luta com Ilemina havia se espalhado. *Provavelmente filmaram tudo*, refletiu Maud. Quando se tratava de violência, os vampiros filmavam tudo.



O Comunicador em seu pulso tocou. Ela olhou para ele. O Comunicador acompanhou o movimento dos seus olhos, projetando um *holograma*[25] sobre o pulso. O holograma brilhou e focou no rosto de Arland.

O começo de uma mancha roxa espetacular crescia ao redor do olho esquerdo dele. Um corte longo e irregular atravessava sua bochecha direita. Os olhos dele brilhavam. Ele arreganhou os dentes. Ela já tinha visto esse olhar antes no rosto dele e o reconheceu instantaneamente. Fúria após batalha.

— *Você está bem?* —Ele rosnou.

---

25  **Holografia** é uma técnica de registro de padrões de interferência de luz, que podem gerar ou apresentar imagens em três dimensões.



— Você está? —Ela perguntou.

— *Sim.*

Karat agarrou o pulso de Maud e levantou o braço dela para que pudesse olhar para a tela do Comunicador.

— Não se atreva a aparecer aqui, —ela murmurou entre dentes. — Ela está fazendo um grande sacrifício para caminhar sob as próprias pernas, sem ajuda de ninguém e temos uma audiência. O que diabos aconteceu com você?

— *Otubar,* —Arland rosnou.

*O que?*

Karat xingou.

Maud puxou o braço dela de volta. — Você lutou com o Consorte de sua mãe?

— *Tivemos um treino animado,* —disse Arland. — *Eu vou te encontrar assim que terminar de falar com minha mãe.*



— Não diga nada estúpido, —Karat gritou, mas a tela ficou escura. Karat revirou os olhos.

— O que está acontecendo em nossa Casa?

Elas fizeram outra curva e entraram em um quarto cheio de equipamentos médicos e macas cercadas por braços de metal e plástico com uma variedade de lasers, agulhas e uma ferramenta estranha que certamente era usada para algum tipo de tortura. A porta se fechou atrás delas. O quarto parecia que ia tombar de lado. Karat agarrou seu braço e a firmou.

O médico, um vampiro, magro, com pele cinza escura e longas madeixas de cabelos escuros afastados do rosto, apontou para ela. — Tire a armadura.

Maud hesitou. A armadura era a proteção dela. Em um território inimigo, determinava a vida e a morte. Tirá-la a deixaria vulnerável e ela já estava se sentindo vulnerável o suficiente.

— Você vai fazer isso sozinha e sair daqui em duas horas ou que ser sedada a força? —O médico perguntou.

Ela não podia se dar ao luxo de ser sedada.



Maud bateu no topo do Brasão. A armadura se abriu ao longo das costuras e caiu, deixando-a no macacão sob a armadura. A súbita ausência da sua proteção externa reforçada a pegou de surpresa, fazendo-a desabar e por pouco não bateu no chão. Mãos fortes a pegaram, e o médico a carregou para uma maca. Um bisturi apareceu e, em seguida, seu macacão se desfez no lado direito. Os braços da maca zumbiam e pairavam sobre ela, como se a maca fosse uma aranha de alta tecnologia de repente ganhando vida. O colchão que a sustentava se levantou, curvando-a, deslizando-a para uma posição semissentada. Uma luz verde se acendeu em um dos braços mecânicos da maca e deslizou através de suas costelas machucadas, sua pele se aqueceu por onde a luz passava.



— O quanto ela está machucada? —Karat perguntou.

O médico encontrou os olhos de Maud. — Você vai ficar bem. Se chegares a mim a tempo, posso curar quase tudo. Exceto estupidez. Nisso estará sozinha.

— O que você está implicando? —Karat exigiu.



— Lutar de igual para igual com Ilemina foi estúpido, — disse o médico.

Karat o encarou com seu olhar. O médico bateu no seu Comunicador. Uma enorme tela holográfica brilhou na frente deles. Nela, Ilemina chutou Maud pelo gramado. A lembrança do pé se conectando com as costelas dela ressurgiu através de Maud. Ela estremeceu.

253 Divas & Lord's

— Estúpido, —disse o médico.

Maud caiu contra a cama. O colchão a embalou, segurando seu corpo agredido suavemente. O braço esquerdo da cama espetou seu antebraço com uma pequena agulha. Uma calma fria a inundou.

Por alguma razão inexplicável, ela sentiu falta do pai. Sentiu falta dele com toda a intensidade desesperada de uma criança solitária e assustada. Maud daria qualquer coisa para seu pai passar por aquela porta. Calor se acumulou atrás de seus olhos. Estava prestes a chorar.

Um sedativo, Maud percebeu. O médico deve ter dado a ela um estabilizador de humor ou um relaxante leve junto com



o coquetel de analgésicos. Provavelmente era uma prática comum para o tratamento de vampiros. Uma vez que a dor passasse, a maioria deles decidiria que estava bem e provavelmente tentaria se libertar drasticamente do equipamento médico e destruiria a porta para fugir daqui.



Gerard Demille não era seu pai biológico, mas ele era o único pai que conheceu. Ele nasceu em uma época em que saber usar uma espada significava a diferença entre vida e morte. A habilidade dele não era a mesma que se usa nas lutas modernas de espadas, como um esporte ou uma forma de arte, mas uma habilidade brutalmente eficiente, uma ferramenta de sobrevivência. Quando ela tinha seis anos, Maud pegou uma espada pela primeira vez e a girou no ar. Ele a observou por alguns minutos, parou o que estava fazendo, levantou-se e deu sua primeira lição sobre o uso da espada. As lições aconteceram todos os dias depois disso, e quando ela o venceu em um treino, ele contratou outros mestres—alguns humanos, outros não—para ensiná-la.

Ela suspirou. Sua mãe sempre achou que a habilidade de Maud com as espadas e lutas fazia parte da sua magia, sua



marca particular de poder. É por isso que a sua mãe passou a maior parte da adolescência de Maud se preocupando com a visita de um *Ad-hal.*

Os Ad-hals eram os executores da Assembléia dos Estalajadeiros. Enquanto os poderes dos Estalajadeiros estavam ligados a suas Pousadas, com uma magia quase ilimitada nas dependências da Pousada e muito limitada fora dela, a magia dos Ad-hals vinham de dentro deles. Eles serviam à Assembléia. Protegendo o Tratado que garantia a posição de neutralidade da Terra, eles investigavam, prendiam os infratores e os puniam. Ver um Ad-hal nunca era uma coisa boa. A última vez que Maud viu um foi há apenas alguns dias, quando ele entrou na batalha na Pousada de sua irmã e paralisou todos os lutadores naquele campo.

*Eu poderia ter sido uma Ad-Hal.*

Houve um tempo em que se tornar um Ad-hal não parecia tão ruim. Ela não tinha o conhecimento enciclopédico de Klaus de todas as espécies e costumes da galáxia. Klaus era excepcional, mesmo para os padrões dos Estalajadeiros. Maud também não tinha o dom para as plantas que Dina possuía. A



irmã dela podia plantar um cabo de vassoura no quintal, e no próximo verão o cabo daria lindas maçãs. Tudo o que Maud possuía era a capacidade de ler as pessoas e uma compreensão inata da violência, seus graus e usos. Segundos depois de encontrar um oponente, Maud sabia exatamente como provocá-lo ou acalmá-lo e quanta força teria que usar para detê-lo, incapacitá-lo ou matá-lo. Pessoa ou animal, Maud poderia avaliar, decidir e manipulá-los para o resultado desejado. Foi isso que a tornou tão boa em navegar na política de vampiros.



Ela sempre pensou que Klaus herdaria a Pousada, e Dina, que sempre quis viver uma vida normal, seria uma jardineira ou botânica em algum lugar, enquanto Maud se tornaria uma Ad-Hal. A maternidade e o casamento não estavam nos planos dela.

Agora seus pais estavam desaparecidos, Klaus não dava notícias, Dina era uma Estalajadeira e Maud estava deitada em uma maca de hospital de vampiros depois de ter sido espancada pela sua provável futura sogra.

A bateram na porta.



*O que agora?*

O médico olhou para a tela à sua esquerda. — O Escriba está do lado de fora, —disse o médico. — Você quer recebê-lo?

Os Escribas eram responsáveis em documentar as histórias pessoais dos vampiros. Toda peculiaridade genealógica, todas as vitórias e derrotas, cada ação e decisão que deu certo ou errado, eram eles que registravam tudo. Mas ela não fazia parte da Casa Krahr. Não havia razão para um Escriba querer vê-la.

Adiar não resolveria e recusar atendê-lo seria imprudente. O Escriba possuía poder suficiente para forçá-la a atendê-lo, se ele quisesse, e ela tinha poucos aliados preciosos. Não havia razão para não recebê-lo.

Maud se esforço para falar através do efeito do sedativo. — Sim.

A porta se abriu e o Escriba entrou. Alto, de ombros largos, com uma juba de cabelos castanhos, ele era mais velho que Arland, mas não muito. Tinha um rosto longo e



inteligentes olhos verdes claros sob sobrancelhas grossas, os olhos eram afiados.

— Leide Maud, —disse ele. — Eu sou Lorde Erast.

— A que devemos a honra? —Karat perguntou.



— Parece que Leide Maud e eu começamos com o pé errado, —disse o Escriba.

— Isso é impossível, meu Senhor, —disse Maud. — Nós não nos conhecemos.

— Precisamente. Presumi de que, como humana, você estaria livre de nossas tradições. —Erast acenou com a cabeça para a gravação tocando na tela. — Eu estava errado. Não sabemos exatamente nada sobre você, e não saber nada sobre um estrangeiro não é comum para nós.

Ele sacudiu os dedos no Brasão em sua armadura. — Esta entrevista está sendo gravada. Qual o seu número de mortes?

— Eu não sei.

Os olhos de Erast se arregalaram. — Como assim, você não sabe?



— Eu não contei.

— Você era a esposa do filho de um Marechal. Não lhe explicaram a importância de manter um registro pessoal?



Maud suspirou. — Nos três anos em que estive com a Casa Ervan, eles não tiveram grandes conflitos. Eu fui atacada pessoalmente várias vezes, mas nenhuma resultou em morte. Depois, em Karhari, contar as mortes não pareceu importante.

— Você tinha algum título? —Karat perguntou.

— Maud, A Erudita.

Karat e Erast se entreolharam.

— A Casa Ervan dava grande importância o conhecimento das Sagas antigas, —explicou Maud.

— Ela pode usar esse título? —Karat perguntou.

Erast beliscou a ponta do nariz. — Tecnicamente, não. Eles a tiraram de seus registos, por isso todos os títulos ou honras conquistados por ela, enquanto esteve na Casa Ervan, foram perdidos. Os títulos são subjetivos, concedidos a um indivíduo por outros para destacar certas ações. A contagem



de mortes é diferente porque tirar uma vida é um fato irrefutável.

— E Maud, A Exilada? —Karat perguntou. — Podemos chamá-la assim?



Erast franziu o cenho. — Minha Senhora, responda honestamente. Qual era o dever mais importante da sua vida antes do seu exílio?

— Cuidar de Helen.

— E em Karhari?

— Cuidar de Helen.

— E agora?

— Helen.

— Você deseja se vingar da Casa Ervan?

— Eu não me importaria de dar um soco em alguns deles, mas não. Senti muita raiva do meu marido, mas o enterrei há muito tempo.

Erast suspirou. — A Exilada não vai servir. Um título como esse implica um elemento de renascimento. Leide Maud



não permitiu que o ato de ser exilada afetasse sua visão de mundo. Não houve mudança sísmica em sua personalidade como resultado de ser enviada para Karhari.

Os dois vampiros a encararam. A frustração no rosto de Erast era quase cômica.



— Em Karhari me chamavam de algo.

— Chamavam de que?

— Maud, A *Sariv*.

— O que significa isso? —Karat perguntou.

— Em Karhari, há uma tempestade de areia que vem dos desertos. Ninguém sabe como se forma, mas surge do nada e captura esporos espinhosos das ervas daninhas locais. Quando você inspira a areia de *Sariv*, os esporos entram nos pulmões e o cortam por dentro. Não há como escapar dessa tempestade. Se você for pego nela sem equipamento de proteção, ela o matará. Eles me chamavam assim porque paguei a dívida de sangue que devia aos assassinos de meu marido.

Erast se animou. — Você tem alguma prova disso, minha Senhora?



— Poderia pegar o meu Brasão?

Erast pegou o peitoral da armadura de Maud. Seus olhos se arregalaram quando ele olhou as marcas vermelhas nela. Ele ofereceu a ela, e ela puxou o Brasão. Maud havia transferido todas as suas gravações para o Brasão sem Casa que Arland lhe dera.



— Reproduza todos os arquivos nomeados com o título *'Morte de Melizard'* em ordem cronológica, —disse ela.

O Brasão iluminou em vermelho, projetando-se em uma parede. Ela conhecia todas as cenas da gravação de cor. Reproduziu em sua mente por meses: *A vista de uma fortaleza do topo de uma colina empoeirada*. Uma multidão arrastando Melizard pela estrada, rostos contorcidos de fúria, alegria e fanatismo. Melizard tropeçando, seu rosto ensanguentado enquanto era socado e chutado, preso em um círculo de braços e pernas. Depois, ele rastejando no chão enquanto o chutavam. Uma pedra em forma de mesa, Melizard sendo arrastado e preso nela. O brilho do metal de um machado caindo. A cabeça de Melizard rolando depois que eles a



cortaram. A fumaça oleosa subindo de seu corpo queimado. A cabeça de Melizard empalada em uma lança, sendo exibida acima dos portões, seus olhos vazios e mortos olhando fixamente para o horizonte.



O silêncio reivindicou o quarto.

Um anel de luz destacou um rosto na multidão e deu um zoom. Um enorme vampiro de cabelos escuros com uma cicatriz no rosto. Uma legenda apareceu.

***Rumbolt da Casa Gyr.***

A imagem ampliou o rosto do vampiro, a tela ficou escura, encerrando a gravação. Em seguida a tela reiniciou, dessa vez as imagens, em plena luz do dia, sendo gravadas por uma câmera presa no ombro de Maud. O rosto de Rumbolt, torcido pela raiva, enquanto ele balançava uma clava de sangue nela. Um, dois, três golpes, Maud desviou de todos. A facada que ela deu foi rápida e precisa, a lâmina deslizou na pele da garganta dele, abrindo um corte que parecia uma segunda boca sangrenta no pescoço. Rumbolt caiu de joelhos e depois de bruços na terra, o sangue dele derramou sobre a terra. A



lâmina de Maud apareceu na tela novamente quando ela arrancou o pescoço de Rumbolt e chutou a cabeça pela estrada poeirenta, fazendo-a rolar e ricochetear na terra dura.

A gravação piscou e uma mulher parecida com Rumbolt olhava para ela enquanto Maud esmagava seu rosto com uma pedra. Uma legenda apareceu.



***Erline da Casa Gyr.***

— A irmã dele, —explicou ela. — Os parentes vieram atrás de mim a princípio, mas desistiram depois das primeiras mortes.

A imagem congelada da multidão segurando Melizard piscou novamente. O círculo de luz escolheu um novo rosto na imagem: uma mulher de cabelos grisalhos, gritando, suas presas à mostra. A legenda dizia: ***Kirlin, A Grisalha***.

A tela escureceu, e então brilhou novamente mostrando dessa vez uma vampira vestida em uma pesada armadura danificada. A vampira se jogou para cima de Maud, o pescoço e rosto da mulher escondidos por um capacete todo fechado.

— É uma antiga armadura-espacial? —Karat perguntou.



— Sim. Ela escolheu lutar vestida nessa armadura. Isso a deixou lenta, mas a armadura é tão grossa que as armas de sangue não conseguem penetrar.

Na gravação, Maud se esquivou dos golpes da lâmina de Kirlin e se jogou contra a mulher. O braço de Kirlin subiu, então a gravação tremeu e balançou enquanto Maud cambaleava depois de tomar um golpe. Kirlin levantou a espada, prestes a atacar novamente. Um pequeno ponto vermelho brilhou no pescoço da mulher. O ponto piscou e a garganta de Kirlin explodiu em uma rajada de sangue, levando a cabeça com ela.

— Mini-explosivo. —Maud sorriu.

A imagem da multidão que carregava Melizard apareceu novamente, destacando um novo alvo. A imagem aproximou o rosto do alvo, escureceu e, em seguida, um vampiro magro apareceu na imagem da tela, andando para trás, perto da borda de um penhasco, tentando escapar do impacto dos golpes selvagens da clava de Maud, aproximando-se cada vez mais da iminente queda. Maud continuou golpeando o vampiro, sua voz um rosnado gutural ecoando a cada golpe. Ele tentou



se equilibrar, ciente de que estava a beira do precipício, e a golpeou com sua espada. Ela largou a clava, girou para fora do caminho da lâmina dele e o chutou. Foi um chute frontal, impulsionado não para cima, mas para baixo, quase um golpe. Ela afundou todo o poder do seu corpo nesse chute.



O calcanhar de Maud bateu no joelho do vampiro. Sua perna cedeu e ele caiu, tentando se segurar. Ela socou a cara do vampiro e bateu com o ombro no peito dele. O vampiro caiu penhasco abaixo. Ela se abaixou e a câmera pegou o corpo do homem empalado em lanças lá embaixo. A gravação piscou e um segundo corpo se juntou ao primeiro. Depois um terceiro. E um quarto.

— Ele tinha três irmãos, —explicou Maud. — Eles insistiram em vir atrás de mim, então eu os avisei que, se tentassem lutar comigo, morreriam no mesmo lugar que o irmão e me seguiram até o penhasco. Deu certo com todos os três. Eu já tinha as lanças montadas. Parecia uma pena desperdiçá-las.

Erast, Karat e o médico estavam olhando para Maud como se ela tivesse brotado uma segunda cabeça.



O próximo alvo apareceu na tela, um vampiro mais velho, com os cabelos grisalhos bagunçados.

— Esse não é meu, —ela fez uma careta. — Este foi o meu pior fracasso.



A imagem ampliou. Ela estava no chão, sua respiração saindo em suspiros agudos e doloridos. A câmera estava manchada de sangue. O vampiro estava a vários metros de distância, a armadura dele estava muito danificada, havia muitos cortes. Ele agarrava Helen pelos cabelos dela. Helen balançava na mão dele, gritando, seu grito agudo e afiado. Toda vez que Maud ouvia, parecia que seu coração iria partir.

— Peguei sua filhote, vadia! Vou cortar a garganta dela e você vai assistir, —o vampiro rugiu.

Ele puxou Helen para cima. Helen, presa nas garras do vampiro, girou de frente para ele, puxou seus dois punhais para fora da bainha e rasgou o rosto do vampiro.

Ele a deixou cair. Maud saltou do chão, enfiou a espada em um buraco no peitoral da armadura e torceu a espada. A armadura rachou, apertou e travou, prendendo o vampiro. O



vampiro caiu e Helen esfaqueou seu pescoço exposto várias vezes, gritando.

— Esse é dela, —disse Maud.

O quarto estava tão quieto que ela podia ouvir sua própria respiração.



— Foram quantos? —Erast perguntou.

— Eu não sei, —ela respondeu. — Nunca contei.

— Então talvez devêssemos contar, —disse ele.

# CAPÍTULO 8

– Mamãe?

Maud abriu os olhos. Dois pares de olhos a encaravam, um verde de Helen e o outro marrom dourado.



*Ela deve ter adormecido. Em território inimigo*. O alarme disparou através dela em um choque químico. Instantaneamente acordou.

Maud olhou para as paredes claras, reconhecendo o único quarto que tinha visto no castelo até agora onde as paredes eram revestidas com um polímero estéril em vez de pedras antigas. Ela ainda estava na enfermaria. O médico deve ter adicionado um sedativo suave aos medicamentos. O sedativo combinado com o estresse em seu corpo, exausto da luta e curando a um ritmo acelerado, a derrubou. Não tinha certeza de quanto tempo dormiu, mas a dor aguda nas costelas se foi. O cansaço a envolveu como uma camisa de força. A cabeça dela estava confusa.

— Mamãe?

— Sim, minha flor?

— Esta é Ymanie.

Ymanie piscou os grandes olhos redondos e acenou timidamente. Ela tinha a idade de Helen, embora um pouco



mais alta e mais forte, com cabelos castanhos escuros e pele cinza-escura.

A boca de Maud estava seca, mas ela se esforçou para falar. — Prazer em conhecê-la, Leide Ymanie.



— Ela também teve repercussões, —disse Helen.

— Sim, —Leide Ymanie confirmou.

— Aqui tem um lugar, —disse Helen. — Que tem uma grande árvore e ela está em uma torre e para subir nela precisa chegar ao topo e depois há uma coisa que tem uma alça que a gente agarra e depois faz uôôôchi.

*O que?*

— A gente faz uôôôchi, —Helen repetiu. — Desce em uma corda.

— Você está falando de uma *tirolesa*[26]*?*

— Sim! —Ymanie e Helen disseram ao mesmo tempo.

---

26  Tirolesa



— Eles não me deixam brincar nela a menos que eu tenha permissão, —acrescentou Helen. — Posso ir, por favor?

— Leide Ymanie também vai?

As duas garotas assentiram.



Helen havia feito uma amiga e queria brincar. — Um ... tudo bem. Você tem permissão.

— Obrigada!

As duas garotas saíram correndo.

Maud se empurrou do colchão e sentou-se lentamente. O médico ergueu os olhos de seu posto perto do painel.

— Como está se sentindo?

— Cansada, mas as costelas pararam de doer.

— Bom. As costelas estarão completamente curadas até amanhã de manhã. Os danos nos órgãos internos foram leves, mas também exigiram alguns reparos, portanto, trate-se bem pelas próximas doze horas. Nenhuma atividade extenuante hoje. Sem brigas, sem treinamento, sem sexo. Faça uma boa refeição, durma cedo e tenha uma noite inteira de sono. Você



pode tomar medicação para as dores do corpo, mas não tome estimulantes ou suplementos. Se fizer algo estúpido e voltar para mim antes de amanhã, não serei tão gentil. Nós nos entendemos?



— Sim.

— Bom. Vou ajudá-la com sua armadura.

Cinco minutos depois, Maud desceu o corredor de volta à torre. O escudo transparente que protegia a ponte da tempestade de ontem desapareceu. A luz do sol inundava o mundo e o vento agitou seus cabelos. Era fim de tarde. Ela dormiu a maior parte do dia. *Será o que aconteceu nas últimas horas?* Sua consciência dizia que ela deveria se preocupar com isso e tomar algumas medidas para descobrir, mas se sentia muito cansada.

Um grito agudo alcançou seus ouvidos. Dezenas de metros acima, um corpo minúsculo deslizava por uma corda quase invisível através do espaço aberto entre duas torres a uma velocidade vertiginosa. O coração de Maud tentou pular do peito. Ela se debruçou contra o parapeito.



A criança desapareceu de vista atrás de uma floresta de torres.

Era tarde demais para fazer algo a respeito. Maud bateu na Pulseira Comunicador. Os sinais de vida de Helen pareciam normais, exceto o elevado batimento cardíaco. Ela teria que esperar que sua filha sobrevivesse à tirolesa dos vampiros.



Maud levou trinta segundos para se levantar do muro de pedra e começar a andar. Se estivesse na Pousada, juraria que sua irmã estaria aumentando a distância entre ela e seus aposentos, alongando o espaço artificialmente em uma caminhada sem fim. Mas estava na Casa Krahr, então apenas teve que seguir em frente. Chegaria no seu quarto eventualmente.

Finalmente, a porta da suíte de Maud apareceu diante dela. Ela acenou e a porta se abriu. Caminhou direto para o banheiro. Uma banheira quadrada grande o suficiente para caber confortavelmente seis vampiros estava no meio do banheiro, uma dúzia de frascos e potes diferentes esperando na prateleira para sua seleção.



— Água a 40 graus Celsius, encha a quinze centímetros da borda.

Jatos se abriram ao longo da borda da banheira, jorrando água. Ela examinou os frascos. Hortelã, hortelã, mais hortelã. *Aqui*. Mix calmante. O perfume a lembrou de lavanda.



Jogou alguns punhados de pó e ervas secas na banheira, tirou a armadura, o macacão, as roupas íntima e deslizou na água, apoiando-se em um degrau, mergulhou até o pescoço. A água quente rodopiou ao seu redor.

Água. Água quente maravilhosa. Toda a água que ela sempre quis.

Maud podia deixar o cabelo crescer novamente e depois lavá-lo com todos os xampus disponíveis.

Um pequeno som escapou de sua boca, antes que pudesse controlá-lo, e Maud não tinha certeza se era uma risadinha ou um soluço.

Estava prestes a fechar os olhos quando a viu, uma pequena esfera transparente fixada na beira da pia. Não estava lá quando ela e Helen deixaram o banheiro pela manhã.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Maud saiu da banheira e foi até a pia. A esfera tinha apenas meio centímetro de diâmetro. Na Terra, teria passado por uma minúscula bolinha de gude ou uma pérola perdida.

Uma Esfera de Armazenamento de Dados de alta capacidade, provavelmente criptografado para ela. Alguém deixou um presente.

Maud pegou a pequena esfera, inclinou-se para a frente e soprou no espelho. Apareceram palavras fracas, escritas com glifos dos Clãs dos Mercadores.

***Com os cumprimentos do Grande Nuan Cee.***

As *Lees*. Claro. E tão elegantes também. Uma sutil mensagem para ela, *podemos entrar nos seus aposentos quando quisermos.*

Papai sempre dizia que lidar com as *Lees* era como fazer malabarismos com fogo. Você nunca sabia quando se queimaria.

Maud voltou para a banheira e recostou-se na borda, rolando a esfera entre os dedos. *Devia olhar ou não?* Maud não tinha certeza se teria condições de receber más notícias agora.



Mas se eram más notícias, quanto mais cedo descobrisse, melhor. Ela colocou a esfera na borda da banheira.

— Acesso, —Maud sussurrou.

Uma luz brilhou dentro da esfera, o brilho prateado a cobriu. A luz disparou em uma nova direção, projetando imagens na parede: *Uma janela aberta emoldurada por longas cortinas de tecido leve. Quem quer que estivesse filmando isso tinha que estar do lado de fora. Conhecendo as Lees, provavelmente estava de cabeça para baixo.*

*A imagem foi ampliada. Leide Ilemina reclinava-se em um sofá.*

*Ha!*

*A mãe de Arland estava sem a armadura e usava uma longa túnica azul. Seus braços estavam nus e cobertos com manchas inchadas de vermelho. Maud sorriu. Ela havia espancado Ilemina mais do que imaginara. Uma unidade de tratamento médico*



*portátil, que parecia uma aranha robótica assustadora, varria com luz verde o machucado maior. Ilemina fez uma careta.*

*O quarto de Ilemina era lindo. Os móveis eram leves, esculpidos em madeira de cor creme e estofados em azul escuro que beirava a turquesa. Dois vasos de cristal escorriam flores. Era um espaço elegante e organizado, simples, pacífico e surpreendentemente feminino.*

*A porta na parede oposta se abriu e Arland entrou marchando por ela, seu rosto machucado, seus olhos brilhando, parecendo que mal podia esperar para rasgar algo com as próprias mãos.*

— Oi, mãe, —ele rosnou.

Ilemina suspirou. — Demorou demais.

Arland encolheu os ombros enormes. — Eu fui retido.



— Por quem?

— Lorde Consorte.

Ilemina levantou as sobrancelhas.



— Ele me procurou durante o Treino Coletivo, —disse Arland. — Trocamos algumas palavras.

— Que tipo de palavras?

— Ele disse: 'Você está chateando sua mãe.' Perguntei-lhe se ele estava pensando em fazer algo sobre isso, e aqui estamos nós.

— Otubar está vivo? —Ilemina perguntou, sua voz plana.

— Sim. Embora eu tenha deslocado seu ombro. Espero que ele se recupere completamente à noite.

— Gostaria que vocês chegassem a um entendimento, — disse Ilemina.



— Nós nos entendemos perfeitamente, mãe. Ele não se importa com nada, exceto com a segurança e felicidade da senhora. No entanto, não posso me permitir ter esse maravilhoso luxo. Preciso me preocupar com a estabilidade de nossa Casa, a disponibilidade e o comprometimento de nossas tropas e nossa reputação. Normalmente, Otubar e eu nos esforçamos para nos dar bem, porque isso simplifica as coisas. No entanto, sou o Marechal e não permitirei que ele me chame atenção como se eu fosse criança. Especialmente na frente de testemunhas. Ele sabia que isso só poderia terminar de um jeito quando ele começou.



— Ele sabe, —disse Ilemina. A unidade médica passou para a perna dela e ela estremeceu. — Ele se contém.

— Talvez da próxima vez ele precise se conter o suficiente para fazer suas perguntas em particular e escolher bem as



palavras, dessa forma não serei obrigado a quebrar o braço do meu padrasto na frente de toda a Casa!

— Não levante sua voz para mim, —Ilemina retrucou.



— Isso foi planejado, mãe?

— Sim, Arland, planejei que você quebrasse o braço do meu marido.

— Vocês dois conspiraram para dar uma surra em mim e na minha noiva?

— Ela não é sua noiva. Ela recusou seu pedido.

Eles se entreolharam.

— Vou te dizer uma coisa, —disse Ilemina. — Ela não é uma qualquer.

— O que estava pensando quando a atacou, mãe? Qual era o plano?



— Não havia plano. —Ilemina suspirou. — Você é meu único filho. Eu quero apenas o melhor para você. Eu queria vê-lo casado com alguém de uma Casa forte. Alguém digna de você. Com uma linhagem e um legado. Alguém que entraria ao seu lado na Catedral e toda a Casa ficaria admirado.



— Entendo. —Arland franziu as sobrancelhas. — E a minha felicidade foi em algum momento considerada nesta cena brilhante?

— Claro! Eu quero que seja feliz! Quero isso acima de tudo. Eu poderia ter lidado com você se casando com alguém abaixo de sua posição, mas uma humana, Arland? Uma humana! E ela nem quer se casar com você! Ela não entende quem você é? Não explicou adequadamente sua posição na vida? Suas conquistas? Como ela ousa!



Água tocou seu nariz. Maud percebeu que estava afundando mais na água para se esconder e se conteve.

— Ela sabe exatamente quem eu sou, mãe. Maud quer se casar comigo. Ela me ama.

282

— Então por que recusou o seu pedido?

Ele passou a mão pelos cabelos. — É complicado.

— Me esclareça.

— Não. Isso é entre mim e ela.

— Esperei anos para você encontrar alguém. Eu deveria estar até os joelhos de netos agora. Em vez disso, você resolveu ficar indo e vindo para a Terra, para Karhari, para só o Hierofante sabe onde. E você volta com essa ... essa mulher. Uma mulher exilada em desgraça! Você tem a audácia de exigir que eu prepare nossa Casa para ela como se fosse digna da honra.



Você não conversa comigo primeiro. Não fala nada para o seu tio ou sua prima. Você não fala com ninguém.

— Falei longamente com o tio Soren, —disse Arland. — Ele aprova.



— O que? —Ilemina se levantou e a unidade médica apitou em desaprovação. — Por quê?

— Porque ele é meu tio e eu procurei o conselho dele.

— Não, criança tola. Por que ele aprovaria?

— Você tem que perguntar a ele.

Ilemina sacudiu a cabeça. — Vocês dois perderam a cabeça. Você trouxe essa mulher aqui. Ela não se apresentou. Você nem falou comigo sobre ela. Você não procurou o meu conselho.

— E por isso você decidiu matar a mulher que eu amo?



Maud estremeceu na água. Ele disse a mãe que a amava. Por um segundo, as palavras de Arland pairaram sobre ela e depois a realidade penetrou em sua mente. Maud colocou a mão sobre o rosto. O que ela parecia, uma garota de doze anos?



— Eu não estava tentando matá-la. Eu estava ... frustrada. E lá estava ela, vestindo uma armadura como se soubesse o que fazer com ela.

— Ela sabe, —disse Arland.

— Bem, agora eu sei disso. —Ilemina acenou com a mão. — Fui longe demais. Admito.

— Se isso tivesse sido uma luta real, você estaria morta, mãe.

Ilemina riu, um som baixo de lobo que levantou os pelos da nuca de Maud. — Você presumi muito.

Arland sorriu. — Você supõe que Maud a enfrentaria em um duelo. Ela não faria. Um dia qualquer, quando você viajasse para



algum lugar e saísse do veículo, sem suspeitar de nada, ela estaria lá, com sua lâmina. Se ela não conseguisse cortar sua cabeça com um único golpe, deixaria você presumir que está vencendo a luta, até que você se aproximasse o suficiente dela, então ela cuspiria gás venenoso em seu rosto, a executaria e depois iria embora sem deixar rastro.



— Então, ela é uma assassina, —disse Ilemina.

— Não. Ela é uma mulher que foi largada em Karhari com uma criança de três anos e um marido que era uma cobra. Ela é uma sobrevivente. Maud não luta por diversão ou glória. Ela luta para eliminar a ameaça. Toda vez que ela puxa a espada, é vida ou morte. Ela dá tudo o que tem, porque a vida de sua filha está na balança. De todas as pessoas, pensei que você a compreenderia.



Ilemina ficou em silêncio. — Vou te dizer uma coisa, lutar com ela foi uma experiência esclarecedora.

— Sim.



— E a criança é adorável. —Ilemina sorriu. — Os punhais eram tão fofos.

— Eu vi aquela criança matar com aqueles punhais, —disse Arland.

— A bebê, Helen?

Ele assentiu. — Ela cortou a garganta de um assassino Draziri no meio de uma batalha. Fez isso usando as técnicas certas, mãe.

Ilemina recuou, chocada.

Maud abaixou a cabeça sob a água e desejou ser uma mãe melhor. Helen não deveria saber como matar. Ficar debaixo



d'água não mudaria esse fato, mas ela daria tudo para tirar isso da filha.

Maud veio à tona.

— Mas por que? —Ilemina perguntou.

— Karhari, —disse ele. Ele estava certo. Essa era a única explicação necessária.

— Que tipo de Casa exila uma criança? —Ilemina rosnou.

— O tipo de Casa que está sob nosso desprezo.

Ilemina suspirou. — Você realmente a ama?

— Sim.

— Tem certeza, Arland? Tem certeza de que ela faria você feliz?

— Sim, mãe. Dê a Maud uma chance. Pelo menos descubra com quem você está lidando antes de rejeitá-la.



— E se eu a rejeitar? Se eu rejeitar esta união?

— Eu vou embora com ela, —disse ele.

Maud escorregou, mergulhando e espirrando água para todo lado.



— Arland, você não ousaria!

— Você foi embora da sua Casa com o meu pai. Não vejo motivo para não fazer o mesmo.

Ela abriu a boca, fechou e abriu novamente. — Você é o Marechal.

— Você também era. Só precisará me substituir por outro.

— E se ela te rejeitar?

— Respeitarei os desejos dela.

Ilemina jogou as mãos no ar. — Isso é chantagem, Arland.



— Não, é um limite. Sua bênção não é necessária, mãe. Mas eu gostaria de tê-la. Eu sei que ela também. Maud te respeita muito. Ela é filha de Estalajadeiros. Tem vasto conhecimento e compreensão. Será um grande trunfo para esta Casa.

289 Divas & Lord's

Ilemina levantou a mão. — Vou dar uma chance a ela. Mas apenas uma chance, Arland. Eu vou ficar de olho. Se ela tropeçar, se ela colocar você em perigo de alguma forma ...

Arland inclinou a cabeça. — Obrigado mãe.

A gravação acabou, a projeção desapareceu.

Maud recostou-se na banheira. Ele iria embora com ela.

Maud não pediria a ele esse tipo de sacrifício. Ela não tinha o direito. Se ela o queria, se realmente o queria, tinha que se certificar de não tropeçar.



# CAPÍTULO 9



Alguém bateu na porta. *Arland. Finalmente*. Eles precisavam discutir algumas coisas. Ela planejava começar com: *'Os Lees estão espionando sua mãe e aqui está a gravação da conversa que você teve com ela'*. Se suas experiências anteriores com vampiros em geral e com Arland em particular valiam alguma coisa, levaria pelo menos vinte minutos para acalmar e convencer Arland a não fazer algo drástico como expulsar Nuan Cee e seu Clã peludo do castelo.

Maud verificou a hora. Depois do banho, localizou Helen através de seus Comunicadores. Helen e Ymanie haviam ganhado doces da equipe da cozinha e estavam comendo na varanda de uma das torres. Helen implorou por mais tempo e Maud lhe deu mais uma hora. Isso foi há vinte minutos. Ainda teria algum tempo para uma conversa particular com Arland.



Maud parou diante da porta, tentando recompor seus pensamentos que se recusavam a se organizar em sua mente. Palavras como *'amor'* e *'ir embora'* zumbiam em seus ouvidos, confundindo seus sentimentos. *Recomponha-se.*



A porta bateu novamente, depois novamente. *Não era Arland.*

— Mostre a visita, —disse ela.

Uma tela se abriu acima da porta, mostrando Karat. A Cavaleiro vampira batia o pé no chão impaciente, os braços cruzados.

*E agora?*

— Abra a porta.

A porta se abriu e Karat entrou.

— O que foi? —Maud perguntou.

— Tenho notícias urgentes.

— Começo a me perguntar se você é capaz de trazer algum outro tipo de notícia.



Uma batida discreta ecoou pelo quarto. Veio da porta lateral, da passagem que ligava o quarto dela ao de Arland. Maud atravessou o quarto e a abriu. Arland entrou. Ele também deve ter procurado o médico, porque quase não havia mais hematomas no rosto.



— Leide Maud.

— Lorde Marechal.

Ele viu Karat. Algo desapareceu nos olhos de Arland. Provavelmente sua paciência.

— Por que você está aqui? —Ele rosnou. — Por que está sempre por aqui? Não tem outros deveres, prima?

*Sim, definitivamente foi sua paciência.*

Os olhos de Karat se estreitaram. — Desculpe, frustrei suas intenções? Você estava prestes a fazer algum tipo de declaração amorosa bizarra? Talvez depois também declamaria algum soneto de sua autoria?

A expressão de Arland ficou gelada. — A natureza de minhas conversas com minha noiva não é da sua conta.



— Alguém poderia pensar que um homem em sua posição ficaria grato por uma parente do sexo feminino estar tentando proteger sua não-noiva.

— Um homem na minha posição ficaria grato por um pouco de privacidade!



— Você pode ter privacidade quando morrer!

Eles se entreolharam.

Certo. Ela já esteve em batalhas suficientes entre irmãos para saber exatamente onde isso terminaria.

— Minha Senhora! —Maud disse.

— O que foi? —Karat rosnou.

— Quais são as notícias urgentes? —Maud perguntou.

— Vá em frente, —disse Arland. — Quanto mais cedo ouvirmos, mais rápido você poderá ir embora.

— Eu vim aqui para informar à sua não-noiva, —disse Karat, olhando para Arland, — que a noiva a convidou para a Vigília das Lanternas.

Arland xingou.



— Quando? —Maud perguntou.

— Partiremos em trinta minutos.

Arland xingou novamente. Claramente, toda essa situação o aborreceu, decidiu Maud.



— O que querem com ela nas planícies geladas? —Arland perguntou.

— Eu não sei, —disse Karat. — Você tem que ir, Maud. Se recusar ...

— Será um insulto. Eu sei. O meu casamento também teve a Vigília das Lanternas.

Era um ritual de casamento antigo, nascido da mitologia e do amor. Mil anos atrás, um Cavaleiro vampiro havia entrado em guerra contra invasores interestelares. Sua noiva, se machucara em batalha e teve que ficar para trás. Toda semana, apesar do ferimento, a noiva fazia uma longa jornada até uma *Vala* sagrada no alto da montanha e pendurava uma nova lanterna nos galhos, rezando para que seu noivo voltasse para casa. Quando ele voltou, anos depois, triunfante, viu a *Vala* pela janela de sua nave. Brilhava com lanternas, um



símbolo da devoção de sua amada. Ninguém se lembrava do nome do casal, mas inúmeras noivas vampiras faziam uma jornada para uma *Vala* cuidadosamente escolhida em algum lugar do deserto, de preferência em uma trilha de montanha.



As noivas eram acompanhadas pelas jovens que participariam da festa nupcial. A jornada tinha que ser feita a pé. Sem armadura. Sem armas. Sem homens.

— Você pode convencê-las a dispensá-la? —Arland perguntou.

— O nome de Maud foi especificamente solicitado diretamente da noiva. —Karat fez uma careta. — A árvore nupcial fica a oito quilômetros da trilha. O terreno é íngreme e o caminho é estreito, na beira de um penhasco. Acabaremos caminhando em fila única na metade do caminho. A informação que tenho é que andaremos é uma ordem predeterminada pela noiva. Maud caminhará entre Onda e Seveline. Estarei a três mulheres à frente. Se algo acontecer com Maud, eu nem vou saber.



— Você acha que elas poderiam empurrá-la para fora do caminho? —Os olhos de Arland brilharam.

— Eu não me surpreenderia.

— Com que objetivo?



Karat acenou com os braços. — Para provocar você. Para perturbar o casamento. Por diversão, porque são cadelas más.

Maud pigarreou. Os dois vampiros olharam para ela.

— Eu vou ficar bem, —disse ela. — Sou difícil de matar. Pessoas mais capazes tentaram e falharam. Além disso, é improvável que elas me ataquem. Sou uma convidada de honra. Se eu morrer, Arland não irá ao casamento pois lamentará a minha morte e elas têm um interesse particular nele.

— Isso não me parece o suficiente, —disse Karat.

— Estarei melhor sem armadura do que elas. Mas vou precisar tomar um estimulante, —disse Maud. Andar oito quilômetros até a árvore e mais oito de volta, definitivamente contaria como *'atividade extenuante'*, algo que o médico a proibiu. Em circunstâncias normais, ela poderia caminhar



durante horas, mas considerando tudo o que seu corpo passara nas últimas horas, Maud precisaria da ajuda de medicamentos.

— Sem problemas.

Arland trancou os dentes. Os músculos nos cantos de sua mandíbula se moveram. Maud meio que gostou.



— Um centavo por seus pensamentos, Lorde Marechal?

Ele abriu os maxilares. — Não há nada que eu possa fazer para remediar esta situação, —disse ele, sua voz tão calma que era quase estranha. — Recusar o convite é um insulto grave. A única desculpa aceitável seria a incapacidade física. Se dissermos que você está ferida, haverá perguntas. A primeira delas será: *como você se machucou?* Por que a Casa Krahr deixaria uma hóspede humana ser ferida? E se descobrirem a verdadeira razão dos seus ferimentos, estaríamos jogando fora o elemento surpresa, que pode ser a única vantagem que você tem se sua vida estiver em perigo.

Ele parecia tão cansado que Maud sentiu a necessidade de provocá-lo. — Não é a minha única vantagem, —disse Maud. — Há também o meu sexy fascínio humano.



Karat engasgou com uma risada.

Arland fechou os olhos por um longo momento e depois a encarou com um olhar glacial. — Eu imploro que você leve isso a sério.



— Nunca subestime o impacto de um rebolado estratégico de quadris. —*Onde ela estava indo com isso?* Era como se não pudesse parar. — Tenho certeza de que algumas das Senhoras da comitiva da noiva ficariam intrigadas se devidamente motivadas. Se eu tiver problemas, morderei meu lábio de maneira sedutora e enrolarei meu cabelo ...

— Maud! —Ele perdeu a cabeça.

— Você sabe que eu tenho que ir, —ela disse a ele. — Elas estão planejando algo e acham que sou burra e frágil demais para ser uma ameaça. Elas acham que posso ser uma fonte de informação.

— Vou manter meu transporte em espera, —disse Arland. — Se algo acontecer ...

— Vou te chamar por ajuda. Enquanto isso, me tranquilizaria se você ficasse de olho em Helen.



— Eu vou, —disse ele.

— Obrigada, —ela disse a ele.

— A humana sai para caminhar em uma Vigília das Lanternas, enquanto meu primo, o Marechal, fica em casa cuidando de uma criança, —disse Karat. — Agora percebo por que nunca me apaixonei. Sou totalmente sensata para essa bobagem.





O caminho íngreme subia ao longo da encosta da montanha, com apenas trinta centímetros de largura. Maud mudou seu aperto sobre o cajado fino em sua mão. A lanterna pendurada na extremidade bifurcada do cajado balançava, as chamas alaranjadas dançando atrás do vidro translúcido da lanterna.



À direita dela, a montanha se erguia, a rocha cinzenta marcada pela chuva e coberta por uma vegetação rasteira verde e turquesa, que de alguma forma encontrara um meio de crescer em um penhasco de pedra. À esquerda, um precipício vertiginoso, lá embaixo rochas e árvores prometiam alguns segundos de terror antes de uma morte horrível. Se estivéssemos na Terra, haveria guardas e placas no final do caminho, alertando os visitantes a serem cuidadosos e que eles subissem por sua própria conta e risco. Os vampiros não se incomodavam com avisos. Se um deles fosse burro o suficiente para sair da trilha, considerariam a sua morte seleção natural.

Na frente de Maud, uma procissão de mulheres caminhava, cada uma carregando uma lanterna em um cajado. Mais mulheres seguiam atrás dela. Elas se estendiam ao longo do caminho, vinte no total, anônimas em suas vestes brancas idênticas, suas cabeças escondidas por capuzes profundos. O toque suave dos sinos do cajado da noiva flutuava na brisa. Insetos invisíveis zumbiam nas fendas da rocha, o que fez Maud se lembrar das cigarras nos jardins de



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Dina em casa, na Pousada de seus pais que não existia mais. O ar cheirava a flores estranhas e ervas potentes.

Maud continuou andando, sentido seu corpo extraordinariamente leve e um pouco agitado, como se ela tivesse tomado muito café. Teve que lutar contra o desejo de pular e correr pelo caminho. O estimulante que Karat trouxe para ela fez maravilhas. Seu corpo ficaria pelo menos quatro, talvez cinco horas nesse estado animado, e então desabaria. Estavam caminhando por quase uma hora. Como a árvore ficava a oito quilômetros do início da trilha, provavelmente já estavam chegando perto. Tempo suficiente para subir e descer a montanha.

Maud olhou para as costas de Onda na frente dela. A essa altura esperava que elas já tivessem feito algum tipo de movimento. A conversa em voz baixa era permitida durante a Vigília, mas até agora as duas vampiras não tomaram nenhuma iniciativa para envolvê-la.

Como se elas tivessem ouvido seus pensamentos, Seveline pigarreou atrás dela e falou baixinho, quase um sussurro, e em



Vampírico antigo. — *Nós poderíamos simplesmente empurrá-la para fora deste caminho.*

Maud continuou andando. Se Seveline a pressionasse, ela não tinha muitas opções.

À frente, Onda suspirou. — *E como explicaríamos isso?*

— *A humana desajeitada escorregou.*

— *Não.*

— *Eu posso fazer parecer um acidente.*

— *Seveline, encontre outra maneira de se divertir. Não podemos arriscar que ele não vá ao casamento para lamentar a morte da humana.*

Bem que ela desconfiava. Maud escondeu um sorriso. Elas precisavam de Arland para alguma coisa. A questão era: *o que?*

— A que distância fica essa maldita árvore? —Seveline murmurou em Vampírico Comum.

— Seveline, —Onda sussurrou entre dentes. — Seja respeitosa. Kavaline é sua prima.

— Prima em segundo grau, —murmurou Seveline.



Maud fez um leve ruído de tosse, tentando segurar um sorriso de escárnio.

— Você teve uma Vigília das Lanternas no seu casamento, Leide Maud? —Perguntou Seveline.

*Tema perigoso para se conversar*. Ela não tinha tido apenas a Vigília das Lanternas, teve também o Lamento das Flores, o Jejum da Catedral e todos os outros rituais arcaicos que a Casa Ervan pôde desenterrar. Dizer isso a elas faria Maud parecer menos ignorante. Maud não queria que elas descobrissem seu conhecimento sobre as tradições dos vampiros.

— Para ser sincera, mal me lembro de nada disso, —disse Maud, tentando tornar a voz sincera e um pouco triste. — Era muito diferente dos casamentos humanos. Perdi a noção de tudo em algum momento e as lembranças tornaram-se um borrão.

— Parece que isso é típico de qualquer casamento, —disse Onda.

— Não pretendo me casar tão cedo, —anunciou Seveline.



— Quem seria tolo o suficiente para se casar com você? — Onda murmurou.

— Ela é tão má comigo, —lamentou-se Seveline.

Maud fingiu achar engraçado e soltou uma risadinha falsa. Afinal elas estavam fazendo um show para o seu benefício e Maud odiava decepcionar.

— Você vai se casar com o Lorde Marechal? —Perguntou Seveline.

— É complicado, —disse Maud.

— Não se case, —disse Seveline. — Viva livremente.

— Ela tem uma filha para pensar, —disse Onda. — O Lorde Marechal fez alguma garantia quanto ao futuro da criança?

Elas definitivamente estavam tentando pescar informações, mas para quê? — Não assinamos nenhum acordo formalizado.

A voz de Onda flutuou para ela. — Mas Lorde Arland sabe que ele é o Marechal e Krahr é uma Casa violenta. Eles



amam a guerra. Ele deve ter lhe explicado que a vida dele está frequentemente em perigo.

— Onda está certa, —acrescentou Seveline. — Não ter um plano de contingência seria irresponsável. Os homens costumam ser irresponsáveis, mas não no que diz respeito à esposa e aos filhos.

*O que elas estavam tentando descobrir?* — Estou ciente dos perigos, —disse Maud, deixando passar tristeza suficiente em sua voz.

— Mas é claro que está, —disse Onda. — Você é viúva.

— Maridos podem não durar, —disse Seveline.

— Não posso acreditar que, depois do que aconteceu com você, o Marechal não tenha providenciado arranjos para tranquilizá-la, —disse Onda, com um leve ultraje vibrando em sua voz.

— Ele deve ter pensado nisso, —acrescentou Seveline.

— O Marechal mencionou alguém? —Perguntou Onda. — Alguém que pode cuidar de você e de sua filha em caso de



emergência? Alguém que aceitaria essa nobre responsabilidade?

A pergunta de Onda a atingiu como um raio. Elas estavam tentando descobrir quem era Submarechal. Claro.

Como Marechal, Arland lidera a totalidade das Forças Armadas da Casa Krahr. Ele comanda cada Cavaleiro, cada animal de guerra, cada veículo militar, não importa se for um transporte terrestre de dois lugares ou uma nave espacial de guerra. Se pode lutar e se pertencer à Casa Krahr, responde a Arland. Ele possui os códigos, senhas e sequências de comandos. Se Arland fosse incapacitado, os militares da Casa Krahr se encontrariam à deriva. Para evitar isso, toda Casa vampira, grande o suficiente para ter um Marechal, também tinha um Submarechal, um segundo no comando, um Cavaleiro secreto que possui uma cópia de tudo que dar a Arland poder e acesso. Se algo acontecesse, o Submarechal interviria, a transferência de poder seria rápida e eficiente e a Casa Krahr continuaria lutando até que a ameaça passasse e um novo Marechal pudesse ser indicado. Até então, o



Submarechal assumia todas as responsabilidades de Arland, incluindo sua obrigação pela segurança de sua esposa e filhos.

A identidade do Submarechal era um segredo bem guardado. Isso nunca era revelado a pessoas de fora. Poderia ser qualquer um, Karat, Soren, Ilemina, seu Consorte. Se a Casa Krahr tivesse confiado a Maud essa informação, entregá-la a outra Casa seria traição.

Elas realmente pensavam que ela era uma completa idiota.

— Lorde Arland não mencionou ninguém, —disse ela. — Mas você está certa, isso é preocupante. Vou perguntar a ele.

— Você deveria, —disse Onda. — Pela sua paz de espírito.

— *Ela é uma completa inútil,* —murmurou Seveline em Vampírico antigo. — Deixe-me empurrá-la.

— *Não.*

— *Ela gritaria todo a queda. Seria engraçado.*

— *Nós ainda podemos conseguir algo dela.*

A trilha se alargou e virou, seguindo a montanha. Um enorme desfiladeiro se abriu diante delas, as árvores lá



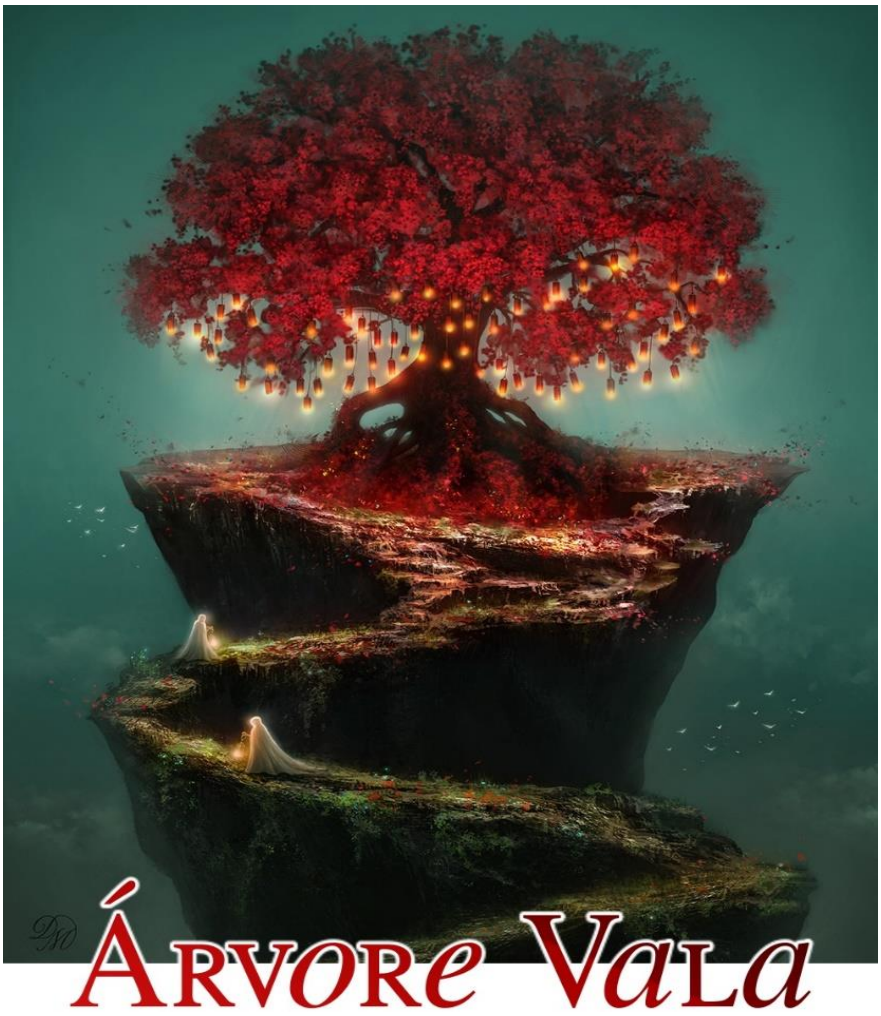
embaixo pareciam muito distantes, a extensão do ar vazio tinha adquirido uma ligeira tonalidade azul. Do outro lado do penhasco da montanha formava o outro lado do desfiladeiro, muito parecido com o que elas haviam escalado. Uma estreita ponte de arcos, feita de pedras empilhadas caoticamente, uniam os dois penhascos, como se algum gigante tivesse descuidadamente empilhado paus e pedras no meio do desfiladeiros. Os empilhamentos de pedra cruzavam-se umas sobre as outras, algumas abrangendo a distância do desfiladeiro, outras terminando abruptamente, desintegrando-se em nada, transformando a ponte em uma armadilha. A ponte parecia completamente natural, como se o tempo e a intempérie tivessem moldado a rocha, mas a presença de uma ponte nesse lugar era muito deliberado. E nenhum fenômeno geológico produziria pontes estreitas como essa. Alguém deve tê-la construindo; como, ela não tinha ideia.

À direita, no topo de uma saliência estreita de pedra, uma árvore *vala* espalhava seus galhos. Era antiga e frondosa, suas raízes grossas envolviam a rocha, escavando profundamente na montanha, como se desafiassem o desfiladeiro. Entre os



dois penhascos, o sol poente coloria o céu do início da noite, pintando-o de amarelo, rosa, lavanda e, finalmente, bem acima, um lindo roxo. Nesse cenário, as folhas vermelhas da *vala* quase brilhavam.

A vista deixou Maud sem fôlego. Ela parou. As outras mulheres também pararam.






— Contemplem, —a voz de uma mulher soou adiante. — A Toca dos Mukamas.

Nada mais precisava ser dito. Uma vez, o inimigo antigo fez a sua casa aqui. Agora a *vala* sagrada dominava o penhasco.

A comitiva foi retomada. Maud olhou para as costas de Onda. Elas queriam a identidade do Submarechal. Isso poderia significar apenas uma coisa. Maud precisava avisar Arland assim que pudesse.

Maud estava dolorosamente consciente de Seveline atrás dela. Se ela fosse Seveline, iria empurrá-la do penhasco. Afinal, havia uma grande chance de Maud dizer algo sobre a conversa delas que poderia alertar Arland.

O mundo ao redor de Maud ficou muito nítido. Ela caminhava na ponta dos pés, esforçando-se para captar todos os ruídos, alerta para qualquer indício de movimento de uma das duas vampiras.

A noiva estava quase alcançando a árvore.



Maud não viu Seveline se lançar contra ela, não podia, mas sentiu. Seus ouvidos captaram o leve raspar de um pé na pedra, seus olhos vislumbraram uma pitada de movimento na extremidade de sua visão, e seus instintos, afiados pelo deserto, fizeram Maud desviar do empurrão de Seveline. Ela pressionou as costas contra o penhasco. Seveline passou por ela e Maud agarrou o braço da mulher vampira.

Choque apareceu no rosto de Seveline. Um empurrão e Seveline cairia até a morte.

Maud abriu os olhos o máximo que pôde. — Minha nossa! Precisa ter mais cuidado aqui, minha Senhora. Olha só como a borda desmoronou? É por isso que ando junto à parede.

Seveline piscou.

— Seveline! —Onda sussurrou entre dentes. — Você está nos envergonhando.

Maud soltou o braço de Seveline. A mulher vampira franziu a testa.

Maud retomou a caminhada. Sabia que poderia ter se entregado demais, mas não havia maneira de contornar isso.



O importante é que agora estava a salvo. Seveline tropeçar uma vez e empurrar Maud para fora do caminho poderia ser aceito como um acidente. Tropeçar duas vezes seria visto como uma tentativa deliberada de tirar a vida de Maud. Até mesmo Seveline, com fraco controle em seus impulsos, entendia isso.

312 Divas & Lord's

Ainda assim, a melhor defesa de Maud, pelo menos por enquanto, seria ser vista como uma pessoa que não oferecia nenhuma ameaça. Ela tropeçou deliberadamente, agarrando-se na encosta do penhasco e continuou andando. *Pronto. A desajeitado humana quase caiu. Não há necessidade de alarme. Tudo é como parece ser.*

À frente, a noiva alcançou a ponte da *vala* e caminhou solenemente ao longo de seu comprimento curvo até o tronco enorme.

As mulheres alinharam-se no parapeito diante da ponte, onde o caminho se alargava para generosos três metros e começaram a cantar as palavras de um velho poema em voz baixa. Maud as conhecia de cor. Sua memória trouxe de volta imagens de outro tempo em sua vida em outra lugar. Outra



*vala*, uma lanterna em sua própria mão, e sua voz suave e sincera, enquanto recitava o poema, naquela época acreditou em cada palavra:

A noite caiu, o céu se abriu,

Estrelas antigas piscam sem sessar,

No vazio e na escuridão fria,

Encontre minha luz e sinta minha esperança.

Nunca te deixarei sozinho,

Nunca te esquecerei,

O tempo não irá me fazer desistir,

Encontre minha luz e sinta minha esperança.

Eu vou esperar por você para sempre,

Você não vai se perder, amado,

Encontre minha luz e sinta minha esperança

E meu amor te guiará para casa.

Às vezes, até o amor mais forte não bastava.



A noiva levantou a lanterna e a pendurou em um galho de árvore. A lanterna balançou suavemente. A noiva ficou de lado, com a mão na casca escura da árvore. Uma a uma, as mulheres avançaram para colocar suas próprias lanternas nos galhos, depois voltaram da ponte para a borda.



O som de uma pequena nave rasgou a serenidade do desfiladeiro. Um caça de combate, todo em metal reluzente, fino como uma adaga, despencou do céu em uma queda mortal. No último segundo, o piloto controlou o caça e o parou. A nave disparou através do desfiladeiro a uma velocidade vertiginosa, ziguezagueando os arcos da ponte como uma agulha, zumbindo tão perto, que os galhos da árvore *vala* tremiam. O manto da noiva tremulava com o vento. Maud ofegou.

Kavaline sacudiu seu cajado em direção a nave que agora se afastava. — Tellis, seu idiota!

O caça de combate voou em direção ao sol poente.

Seveline se recostou e riu.



— Mudei de ideia! —Kavaline rosnou. — Não vou mais me casar com ele!

— Aquele era o noivo? —Maud perguntou.

— Sim, —disse Onda, abrindo um sorriso.

— As manobras dele foram extremamente imprudentes, —Maud murmurou.

— Não havia perigo, —Seveline acenou com a mão. — Tellis é um piloto excepcional.

— É verdade, —Onda confirmou. — Ele tem mais de três mil horas de voou em pequenas naves de combate.

Seveline riu. — Precisamos continuar. Se ele voltar para um segundo show, Kavaline pode explodir. Sua vez, Leide Maud.

Maud pisou na ponte e levou a lanterna para a árvore.



# CAPÍTULO 10

Quando a comitiva desceu a trilha, Maud viu duas pessoas esperando por ela na beira da ponte que levava aos níveis superiores do castelo. Ambas eram loiras. O primeiro, enorme e ainda maior por causa de sua armadura, estava encostado na bancada de pedra que protegia o pátio da queda abaixo. A segunda, minúscula, estava sentada na bancada de pedra, com as pernas cruzadas.

Maud lutou contra o desejo de correr. Querendo ou não, ela não conseguiria ir a lugar nenhum até que as mulheres à sua frente saíssem da trilha.

— Que adorável, —murmurou Seveline atrás dela, sua voz doentiamente doce.

Foi preciso todo o controle que Maud tinha para não girar e dar um soco na boca da outra mulher. Seveline era uma ameaça e o deserto a ensinou a eliminar as ameaças antes que



tivessem a chance de se transformar em um perigo real. *Vire-se, chute Seveline para fora da trilha, gire para trás, prenda um braço em volta da garganta de Onda e a engasgue até que ela desmaie e depois esmague sua traqueia ...* Maud se sacudiu. Ela tinha problemas maiores para resolver agora.

317 Divas & Lord's

As mulheres na frente dela viraram à esquerda, em direção à ponte, enquanto Maud virou à direita e seguiu para as duas pessoas que a esperavam.

Uma longa mancha marrom atravessava o rosto de Helen. Olhando mais de perto, a mancha parecia pegajosa, decorada com pequenos pedaços de casca e cheirando levemente a resina de pinheiro. Maud lentamente desviou o olhar para Arland. Uma série de manchas semelhantes marcava sua armadura.

— Querem me dizer o que aconteceu?

— Não, —Arland e Helen disseram na mesma voz. Maud comparou a expressão em seus rostos. Idêntica. *Querido Universo, ela quase poderia ser filha dele.*



Algo verde saia entre os fios da juba loira de Arland. Maud estendeu a mão, o arrancou e puxou um galhinho com três folhas ainda presas. Ela segurou o galho entre eles. Arland recusou-se estoicamente a olhar.



*Certo*. Maud deixou cair o pequeno galho. — Estamos sendo observados?

— *Hum-rum.* —O rosto de Arland permaneceu estoico.

— Preciso de algumas informações, —ela murmurou. — Sobre os Kozors e Serak.

— Que tipo de informação? —Arland perguntou, mantendo a voz baixa.

— Sobre as posições hierárquicas e a estrutura de poder.

— É urgente?

— Pode ser.

Arland ofereceu seu braço. Maud apoiou os dedos no cotovelo dele e juntos caminharam até a ponte, deixando a última participante da comitiva nupcial passar diante deles.



Eles atravessaram a ponte sem pressa, Helen andando na frente.

— Onde estamos indo? —Maud perguntou.

— Ver meu querido tio. Eu sinto tanto a falta dele.

Maud escondeu um sorriso.



A última mulher vestida em manto desapareceu na torre mais próxima. Eles seguiram caminhando. As mulheres haviam dobrado para a esquerda, eles dobraram para a direita. Assim que a curva do corredor os escondeu da vista da fila da comitiva nupcial, ela e Arland aceleraram ao mesmo tempo, como se tivessem combinado. Helen correu para alcançá-los. Arland se abaixou, pegou Helen e a carregou no colo, e Helen deixou, como se fosse algo que fizessem todos os dias.

Eles pegaram um elevador por três andares, atravessaram uma passarela e depois outra, até chegarem a uma torre resistente, quase quadrada, protegida por uma porta de segurança, grossa o suficiente para aguentar ser atingida por um míssil aéreo. A porta se abriu com a aproximação de



Arland, e Maud o seguiu para dentro, através de outro curto corredor que dava direto a um grande quarto.

Se tivessem lhe mostrado vinte quartos diferentes e perguntado qual era o de Soren, ela escolheria imediatamente este. Um tapete grosso, parecendo tão antigo quanto o castelo, amortecia o chão. Crânios de animais estranhos e armas misteriosas decoravam as paredes de pedra cinza entre as bandeiras da Casa Krahr e as estantes antigas. As estantes de livros eram feitas de madeira rustica e preenchidas com uma variedade de objetos e troféus, descrevendo décadas de guerra e atividades perigosas: armas estranhas, mapas, rochas, Armazenadores de dados de todas as formas e tamanhos, pedras preciosas brutas, uma corrente com um amuleto Otrokar—Soren ou fez amizade com um xamã Otrokar ou matou um, e conhecendo a história da Sagrada Anocracia e da Horda Esmagadora da Esperança, a última opção era muito mais provável. Dinheiro de uma dúzia de nações galácticas, adagas, plantas secas, algemas, vários livros da Terra, um deles



provavelmente a *Arte da Guerra de Sun Tzu*[27], a menos que ela não estivesse vendo direito, um quadro com logogramas dourados do *Hanzi*[28] e um enfeite de Natal em forma de uma grande bola azul com flocos de neve cintilante faziam parte dessa coleção bizarra. Aqui e ali, cadeiras acolchoadas e alguns sofás ofereciam assentos. No meio da sala havia uma grande mesa de reunião, tão maciça e pesada que Maud duvidava que Arland pudesse levantá-la sozinho. Atrás da mesa, em uma cadeira igualmente pesada, estava Lorde Soren, estudando cuidadosamente alguns documentos em seu tablet.

O quarto gritava *'Cavaleiro Vampiro Veterano'*. Era tão clássico que doía.

A porta se fechou. Lorde Soren levantou a cabeça e olhou para os três com os seus olhos escuros. Ele fez uma cara feia

---

27 

A Arte da Guerra, é um tratado militar escrito durante o século IV a.C. pelo estrategista conhecido como Sun Tzu.

28 漢 汉
字 字 Os caracteres chineses ou caracteres **Hanzi** são logogramas utilizados como sistema de escrita do chinês, japonês, coreano e outros idiomas, como por exemplo o dong. Foram usados na Coreia do Norte até 1949 e no Vietname até o século XVII



para Arland, acenou em uma reverência com a cabeça para Maud, sorriu para Helen e voltou a fazer uma cara feia para o sobrinho.

— O que foi? —Arland perguntou.

— Precisava quebrar o braço dele?

Arland fez um barulho profundo na garganta que parecia muito suspeito como um rosnado.

Lorde Soren suspirou. — A que devo o prazer da visita?

— Eu preciso entender a estrutura da Casa Serak, —disse Maud.

Lorde Soren assentiu e passou os dedos sobre a mesa. Uma tela gigante deslizou do teto à direita de Maud. Na tela surgia a imagem de duas pirâmides feitas de nomes interligadas por linhas. A da esquerda estava nomeada como Serak, a outra Kozor.

— Em quem você está interessada? —Lorde Soren perguntou.

— Tellis Serak, —disse ela.



Helen se arrastou para um dos sofás, enrolou-se no grande travesseiro azul e bocejou.

— Ah. O galante noivo. —Soren sacudiu os dedos e o nome de Tellis, perto do topo da pirâmide, se destacou em prata. — O pai de Tellis é o Preceptor da Casa, a mãe dele é a Mestre de Estratégia.

— Quem é o Marechal? —Ela perguntou.

Outro nome se destacou na coluna à esquerda. — Hudra. Ela é a Marechal apenas no nome.

— Por quê? —Arland perguntou.

— Hudra tem cinco décadas a mais que eu, —disse Soren. — Ela era feroz em seus dias de auge, mas o tempo é um inimigo amargo e sempre vence.

*Interessante*. — Eles estão preparando Tellis para se tornar o Marechal? —Maud perguntou.

— Ele seria a escolha mais óbvia, —disse Soren. — Sua ascensão a Marechal cimentaria o domínio da família na Casa. Tellis é treinado desde a infância, mas ainda não está pronto, de qualquer forma. É muito jovem, muito imprudente. Esta



noite foi o exemplo perfeito. Que tipo de idiota pede permissão para voar em um caça apenas para que ele possa sacudir o cabelo de sua noiva enquanto ela está de pé em um penhasco?

*Claro*. Se fosse Arland que tivesse sacudido sua noiva no penhasco com um caça, seria chamado de ousado. Mas como esse era o descendente de Serak, Tellis era imprudente. — Me corrija se eu estiver errada, mas os candidatos a Marechal precisam se dedicarem à educação militar?

— De fato, —disse Soren. — Eles são treinados para liderar. Passam por um certo período em todos os ramos das Forças Armadas da Casa para se familiarizarem com o povo sob seu comando, mas a maior parte de sua educação centra-se na implantação efetiva dessas Forças e na Estratégia militar.

— Um Marechal geralmente tem uma especialidade, — acrescentou Arland.

— Sim, —confirmou Soren. — Normalmente, eles se concentram em qualquer aspecto da guerra que represente a maior ameaça à Casa no futuro próximo.

Maud virou-se para Arland. — Qual é a sua?



— Combate terrestre, —disse ele.

— Arland foi treinado para nos levar à batalha em Nexus, —disse Soren. — Previámos estar envolvidos nesse conflito várias vezes nas próximas décadas, mas graças à sua irmã, isso não é mais uma preocupação.

Era exatamente como ela pensava. — Qual a probabilidade de um Marechal ter outras atividades?

As sobrancelhas loiras e grossas de Arland se ergueram. — O que você quer dizer?

— Se você quiser dedicar muito do seu tempo a algo que não é vital para a Casa, poderia fazê-lo? Por exemplo, se você gosta de tiro ao alvo, poderia gastar uma parte significativa do seu tempo praticando?

— Será que eu tenho tempo para me dedicar a *hobbies* e atividades de lazer? —Arland franziu o cenho, fingindo pensar. — Deixe-me pensar. Duas semanas! Tirei duas semanas de folga nos últimos seis anos e meu tio veio me buscar como se eu fosse um cordeiro rebelde. Porque a grande Casa Krahr não pode se manter sem minha supervisão



constante. Descanso, hobby, tempo livre, um tempo para mim, nada disso faz parte da minha vida. Todo o meu tempo consiste em cuidar das sequências intermináveis de tarefas mundanas e ameaçadoras geradas pela máquina bem-afiada que é a Cavalaria da Casa Krahr. Não tenho um momento para mim desde os dez anos de idade.



Lorde Soren levantou-se, pegou um pequeno cobertor nas costas da cadeira mais próxima, caminhou até Arland e o colocou sobre a cabeça do sobrinho como um capuz.

*Certo. Isso ela não tinha visto antes.* Maud olhou para Arland atrás de explicação.

— Ele está me dando uma mortalha de luto, —disse Arland e puxou o cobertor da cabeça. — Como os enlutados usam em funerais.

— Dessa forma você pode lamentar a perda trágica de sua juventude, —disse Soren.

Arland colocou o cobertor sobre Helen, que adormeceu no travesseiro do sofá. — Para responder sua pergunta, minha



Senhora, não. Um marechal não tem tempo para atividades particulares fora de suas funções importantes.

— Tellis de Serak tem mais de três mil horas de voo em pequenas naves de combate, —disse Maud.

Os dois homens se calaram.

Anos atrás, Maud assistiu a um épico de ficção científica da Terra. No filme frotas de pequenas naves de combate atacavam enormes naves de guerra. A realidade das suas experiências nos combates espaciais vaporizou essa noção romântica tão rápida quanto uma nave de guerra comum vaporizaria a frota desses caças individuais. Mesmo que os caças de combate conseguissem atravessar os escudos, o dano que eles infligiriam a grande nave de guerra seria insignificante. Seria como tentar atacar um porta-aviões com uma frota de barcos a remo. Os caças poderiam gastar todo seu arsenal, reabastecer, gastá-lo novamente e ainda assim a grande nave de guerra não seria atingida.

— Pelo que sei, pequenas naves de combate são usadas apenas para uma coisa, —disse Maud.



— Embarque, —disse Arland, sua voz um rosnado baixo. — Uma vez que a nave de guerra se rende, os caças são responsáveis em embarcar uma tripulação que irá se encarregar de assumir o controle da nave e garantir sua carga.

328 Divas & Lord's

— Explica as acrobacias aéreas, —disse Soren, com o rosto sombrio.

Maud olhou para Arland.

— Depois de uma batalha, geralmente há um campo de destroços, —disse Arland. — Pedaços que costumavam ser escoltas voam em todas as direções. O piloto precisa de uma nave manobrável e mãos habilidosas.

— Existe alguma razão para a Casa Serak atacar e embarcar em naves piratas? —Maud perguntou. A pergunta soou ridícula mesmo quando ela pronunciou, mas precisava ser expressa.

— Não, —disse Lord Soren.

— Naves piratas são canhões de vidro, —disse Arland. — Elas são modificados para causar dano máximo e fugir rapidamente quando necessário. A maioria delas é mantida



funcionando na base de esperanças e orações. As naves não têm valor e as tripulações menos ainda. Eu não perderia tempo ou recursos embarcando nessas naves. Simplesmente acabaria com elas.



— Então, em quem eles estão embarcando? —Ela perguntou.

O silêncio reinou. Todos os três estavam pensando a mesma coisa. Nas proximidades do sistema de Serak havia dois tipos de naves: *piratas e mercadores.* E se Tellis não estava embarcando nas naves piratas ...

— Esta é uma acusação pesada, —disse Soren. — Não temos provas. Podemos até estar enganados.

— Eu ouvi isso claramente, —disse Maud.

Soren levantou a mão. — Eu não duvido disso. Mas não temos todos os fatos. Talvez Tellis seja apenas um mimado que gosta de voar ao redor de Serak esquivando-se de asteroides.

— Três mil horas? —Arland perguntou.

— Coisas mais estranhas tem acontecido.



— Pode haver uma maneira de confirmarmos, —disse Maud. — Eu precisaria de um canal de comunicação não rastreável que pudesse ir além desse sistema.

Arland foi até a mesa de Soren e colocou a palma da mão em sua superfície. Uma luz vermelha rolou sobre a mesa. A tela piscou e o símbolo vermelho-sangue da Casa Krahr apareceu nela. Maud piscou. Arland acabara de assumir toda a rede de comunicação. O poder de um Marechal em exibição.

Arland digitou uma longa sequência de números. A tela ficou preta e voltou a brilhar em um cinza neutro.

— O que você fez? —Ela perguntou.

— Sequestrei o sinal das *Lees*, —disse ele. — Elas criptografam suas origens de comunicação, dessa forma não podem ser rastreadas. Estou pegando carona no sistema de criptografia delas. Se o destinatário da chamada tentar nos rastrear, o sinal parecerá saltar de pontos aleatórios da galáxia.

*Uau*. — Impressionante.



Arland encolheu os ombros. — Nuan Cee nos espia todas as chances que ele tem. Estou simplesmente equilibrando a balança.

De repente, ela ficou ciente da esfera de dados escondida no bolso interno do roupão.

331 Divas & Lord's

— Para quem você gostaria de ligar, minha Senhora? — Arland perguntou.

— Alguém da minha vida passada. —Maud se aproximou e sentou-se no outro sofá, longe de Helen. — Talvez seja melhor vocês ficarem em silêncio e permanecerem fora da tela.

Soren fez uma cara feia, mas ficou ao lado de sua mesa. Arland passou os dedos pelos controles da mesa, virando a tela na direção de Maud. Uma segunda tela apareceu na parede, mostrando uma imagem duplicada, um feed de mão única. Eles seriam capazes de ver o que ela via, mas estariam invisíveis para a outra pessoa. O que era bom também. A última coisa que Maud queria era apresentar todos um ao outro.



— Eu preciso do nome de duas naves de carga, —disse ela. — Um da sua Casa e outra de Serak.

Os nomes apareceram em seu Comunicador no pulso.

Maud digitou uma longa sequência de números. Nunca pensou que faria essa ligação.

De onde ela estava, tinha uma excelente visão dos vampiros e da tela. Isso seria péssimo.

A tela permaneceu em branco.

Ela esperou.

Um longo minuto se passou.

A tela brilhou em vida. Os comandos de uma nave espacial apareceram. Renouard esparramado no assento do capitão. Ele parecia o mesmo—mais velho que Arland por cerca de uma década e meia, longos cabelos escuros derramando sobre suas costas e ombros em armadura negra sem Brasão, uma cicatriz profunda marcava o lado esquerdo do rosto. O módulo de alvo biônico em seu olho arruinado focou nela. A essa distância, parecia cheio de pó prateado brilhante.



Renouard olhou para ela. Um arrepio familiar de alarme tomou conta de Maud. *Ugh.*

— *A Sariv,* —disse ele. Se os lobos pudessem falar nas florestas escuras, soariam como ele. — *Flor delicada de Karhari. Então você conseguiu sair de lá afinal.*

Arland estreitou os olhos.

— Não graças a você.

— *Eu lhe fiz uma proposta.*

Sim fez, e não havia uma mãe viva que a aceitasse. — Você me propôs vender minha filha por um bom preço ao mercado de escravos.

— *Eu estava brincando. Basicamente. Ouvi dizer que você agarrou um belo rapaz Marechal.*

O belo rapaz Marechal passou de irritado para furioso em um instante.

— *A informação que tenho é que você ainda não aceitou a proposta dele.* —Renouard se inclinou para frente.



— *O rapaz não a satisfaz? Eu poderia dar a ele algumas lições.*

O rosto de Arland ficou duro.

— Pelo jeito você quer mais uma cicatriz na virilha, —ela disse a ele.

334 Divas & Lord's

Ele arreganhou os dentes e riu.

— Eu tenho um trabalho para você, —disse ela.

— *Sou todo ouvidos.*

— Preciso da carga recuperada de duas naves. Elas passarão pelo quadrante nas seguintes coordenadas. — Maud marcou a seção do quadrante perto do sistema Serak e a enviou. — Não é um volume grande, duas caixas da primeira nave, uma da segunda, menos de três metros cúbicos e aproximadamente cinquenta quilos de massa.

— *Quem está transportando estas cargas preciosas?*

— A primeira nave é a *Silver Talon*.

Renouard verificou sua tela. — *Casa Krahr. Então os rumores estão certos. Você está usando o Marechal. Eu*



*sempre soube que você era capaz disso.* —Ele piscou para garantir que ela entendesse.

*Ugh.* — Pode fazer isso ou não?

— *Posso,* —disse ele. — *Pelo preço certo. Não faço esse tipo de trabalho, mas vou atuar como intermediário. O que há nos caixotes?*

— Isso não é de sua conta.

Ele sorriu. — *E a segunda nave, qual é?*

— *Valiant Charger.*

— *Não.*

Ele nem se deu ao trabalho de pesquisar em sua tela dessa vez.

— É uma nave de carga pequena, —disse ela. — Você pode fazer isso com os olhos fechados.

— *Eu já te disse, não faço esse tipo de trabalho. Quem faz é o meu contato e eles não aceitarão ir atrás desse nave.*

— Arranje outro contato.



— *Não há mais ninguém. Eles monopolizam essa área de trabalho.*

— Então o negócio está cancelado, —disse ela. — Vou encontrar outra pessoa.

Ela desligou a tela, cortando a conexão, e olhou para Arland e Soren.

— A Casa Serak está pirateando esse quadrante, —disse Arland. — Piratas independentes são muito fragmentados e fracos demais para monopolizar um sistema estelar. Obviamente, eles não piratearíam seus próprios mercadores.

— E Kozor está envolvido nisso, —acrescentou seu tio. — Sozinhas, nenhuma das duas Casas tem recursos suficientes para piratear e manter a outra à distância. Elas são cúmplices. Se Kozor e Serak ainda estivessem em guerra e se uma das duas Casas dedicasse parte da sua frota à pirataria, a outra Casa aproveitaria a oportunidade para atacar.

— Gostaria de saber há quanto tempo Kozor e Serak formaram uma aliança, —disse Arland.



— Pelo menos dez anos, —disse Soren. — Foi quando eles tiveram a última batalha séria. Eles mal se falam em reuniões políticas na frente de outras Casas e têm pequenos conflitos de tempos em tempos, mas nada sério o suficiente para realmente sangrar o nariz um do outro.



— A frota combinada deles não é suficiente para se aproximar do nariz e muito menos sangrar, —rosnou Arland.

— Então, por que a Casa Krahr? —Maud perguntou. — Não faria mais sentido escolher uma Casa menor?

— Eles são piratas, —disse Soren, — e somos o maior dos prêmios.

— Se pretendem assumir que são piratas e aliados, querem colher os maiores benefícios, —disse Arland.

— Como? —Maud perguntou. — Existem apenas duzentos deles.

— Eu não sei, —disse Arland. — Mas vou descobrir.

— É um jogo divertido que eles estão jogando. —Soren mostrou suas presas afiadas. — Um desafio é sempre bem-vindo.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**



338
Divas & Lord's

*Dentes. Corria muito rápido. Uma feia criatura muito grande atrás dela. Pisadas que esmagavam o chão.*

*Papai entrou no caminho dela, vestido em seu manto negro de Estalajadeiro, seus olhos e a vassoura na mão brilhando com fogo turquesa.*

*Dentes. Bem atrás dela.*

Maud abriu os olhos. Outro pesadelo, o mesmo, confuso e estranho, como se não fosse um sonho e sim uma lembrança.

*Este lugar está me deixando louca.*

Ela se virou para verificar Helen.



A cama da filha estava vazia.

O pânico a inundou. Maud se levantou e viu a porta aberta para a varanda. A luz do sol penetrava através das leves cortinas claras, refletindo retângulos brilhantes no chão. Quando a cortina se abriu, balançada pela brisa, Maud vislumbrou uma pequena figura sentada no parapeito de pedra.



Maud pegou um roupão da cadeira, o vestiu e caminhou até a varanda de nove metros de largura que acompanhava a lateral de todo o quarto delas. À direita, uma fonte projetava-se da parede, em forma de um arranjo de flor com cinco delicadas flores que a lembravam de *campanulas*[29]. Um córrego artificial, com cerca de trinta centímetros de largura, se estendia da bacia da fonte, serpenteava em curvas suaves ao longo do perímetro da varanda e desaparecia na parede.

Tanto o riacho quanto a fonte estavam secas. Duas poltronas confortáveis convidavam para uma conversa

---

29  Campanulas



silenciosa. A varanda implorava por plantas. Parecia quase estéril sem elas.

Maud atravessou o riacho seco e encostou-se na parede de pedra da varanda ao lado de Helen. O espaço se abria abaixo até o chão oculto pelas passarelas, torres e, finalmente, árvores. Uma mãe normal tiraria a filha do parapeito, mas não havia nada de normal em nenhuma delas.

Helen havia encontrado um pedaço de pau em algum lugar e estava cutucando a parede de pedra. Algo incomodava Helen. Maud esperou. Quando ela era pequena, costumava sentar-se assim, mal-humorada e sozinha. Eventualmente, sua mãe a encontraria. Sua mãe nunca a pressionava. Ela apenas esperava nas proximidades, até que os problemas de Maud finalmente saíssem dela.

Por um tempo, Maud ficou ali, analisando mentalmente as dores e os puxões que seu corpo sentia. Sua caixa torácica doía. Era de se esperar. Ela deveria ter passado ontem deitada na cama, não subindo uma montanha e esquivando-se de Cavaleiras Vampiras que tentaram jogá-la para fora do caminho.



O estimulante tinha cobrado ainda mais de seu corpo e exigido seu preço. Ela dormiu como uma pedra por mais de doze horas. O sol estava a caminho do seu auge. Logo seria hora do almoço.



Maud perdeu o café da manhã. Provavelmente havia mensagens em seu Comunicador. Ela os verificaria, mas não agora.

A brisa agitou seu roupão. Maud endireitou os ombros, sentindo a suavidade do tecido fino de fios de seda sobre sua pele.

Ver Renouard na noite anterior havia potencializado uma paranoia. Uma que zumbia através dela como uma dor crônica, uma ferida que sangrava apenas o suficiente para garantir que ela não a ignorasse. Ela lutou por um tempo, mas eventualmente acabou sendo vencida, como sempre. Então Maud se desculpou, pegou Helen do sofá e a levou para o quarto, impulsionada pela necessidade urgente de se esconder atrás de portas seguras.



Arland não se ofereceu para carregar Helen, parecia sentir que ela precisava fazer isso. Eles caminharam em um silêncio confortável para o quarto dela.

Sentir o peso de Helen envolto de seu peito e ombro e o cheiro familiar de seus cabelos a acalmaram um pouco. Helen estava em segurança. Ambas estavam seguras.

Alcançaram o seu quarto, Maud entrou e cuidadosamente colocou Helen em sua cama. Colocou as adagas da filha ao lado dela, a cobriu e se levantou. A porta ainda estava aberta, Arland esperava na entrada.

Ontem à noite, ela se virou e o viu parado ali, na porta, meio escondido nas sombras, alto, de ombros largos, a armadura dele engolindo a luz de tão negra. Seus cabelos caindo sobre o rosto, sua mandíbula esculpida contra a paisagem de fundo e, quando a luz das duas luas pegou seus olhos, eles brilharam em azul esverdeado. Arland a deixou sem fôlego. Ele parecia um guerreiro antigo, um cavaleiro errante que de alguma forma encontrou o caminho para sair de uma lenda e entrar no quarto dela, exceto que ele era real,



carne e sangue, e quando ela olhou nos olhos dele, viu o calor fervendo logo abaixo da superfície.

Maud havia esquecido como era ser olhada dessa maneira por um homem. Ela não tinha certeza se Melizard já a olhou assim, embora ele devesse ter. Todos os nervos do corpo dela acordaram. A respiração ficou presa em seus pulmões. Tudo o que Maud queria fazer, tudo o que conseguia pensar naquele momento, era atravessar a distância, estender a mão e beijá-lo. Queria prová-lo. Queria arrancar a armadura, vê-lo arrancar a dele e tocá-lo, corpo a corpo, pele a pele. Mesmo só imaginando seu batimento cardíaco acelerou.

Helen dormia. Os aposentos de Arland ficavam a um curto corredor de distância. Um passo. Uma palavra. Isso era tudo o que precisaria. Um pequeno sinal, minúsculo, a mais fraca expressão de desejo era tudo o que precisava.

Ela queria. Ah, como queria. Em vez disso, ficou lá como uma estátua, como se tivesse sido congelada. Ele lhe disse boa noite e ela apenas assentiu.

Ele foi embora.



A porta se fechou.

Ela o deixou ir. Ela o deixou escapar e depois tirou a armadura e irritada subia na cama. O estimulante a manteve acordada por mais meia hora e ela ficou deitada nas cobertas, brava consigo mesma, tentando descobrir o que havia acontecido e falhado.

Maud nunca teve problemas com intimidade. Melizard não foi o seu primeiro homem, seja qual for o problema que eles tiveram no casamento, o sexo não era um deles. Os corpos falavam sua própria língua, no amor e na guerra, uma língua que Maud entendia por natureza. Uma mulher cega poderia ler Arland na noite passada e, se Maud dissesse a si mesma que não sabia o que queria, estaria mentindo.

*O que há de errado comigo?*

— Eu sou uma vira-lata?

A pergunta de Helen a pegou desprevenida. Maud piscou, tentando voltar ao presente.

— Tudo bem se eu for, —disse Helen. — Eu só quero saber.



— Alguém te chamou assim?

Helen não respondeu. Não precisava.

— Usaram essa palavra?

— Eles me chamaram de *erhissa*.

As mãos de Maud se curvaram na parede de pedra. Helen deve ter digitado a palavra em sua Pulseira Comunicadora, e o software de tradução deu a ela o equivalente mais próximo: *vira-lata. Eles a chamaram de vira-lata, aqueles idiotas*. Naquele momento, Maud podia machucar qualquer um que disse isso e não se importaria particularmente se fosse um adulto ou uma criança.

Ela controlou sua raiva com sua força de vontade e respirou até ter certeza de que sua voz soaria calma e medida. Tinha que explicar. Esconder a verdade não serviria bem a nenhuma delas.

— Toque. —Ela estendeu a manga do roupão. Helen passou os dedos sobre o material macio.

— Os vampiros criam uma criatura especial, um tipo de cobra de aparência estranha. As cobras secretam longos fios e



tecem seus ninhos com eles. Os vampiros coletam esses ninhos e os transformam em tecido. Existem dois tipos principais de cobras, *kahissa,* que produz um tecido muito fino e leve como este, e *ohissa*, que produz tecidos mais fortes, quentes e duráveis. Ambas são úteis. Às vezes, *kahissas* e *ohissas* se reproduzem e produzem um terceiro tipo de cobra, *erhissa*. *Erhissas* não fazem ninhos. Elas são venenosas e mordem.



Helen se encolheu.

— Para os vampiros, *erhissas* não tem propósito, —disse Maud. — Mas as *erhissas* sabem que o mundo não gira em torno dos vampiros. Elas não se importa com o que os vampiros pensam. Vivem as suas próprias vidas.

— Então, eu sou uma *vira-lata.*

— Na Terra, essa é uma palavra que as pessoas usam quando não sabem qual é a raça de cachorro. Você sabe quem é. Você é Helen.

Helen olhou para baixo e arrastou o pedaço de pau sobre a pedra, com o queixo fixo.



— Cada um de nós é mais do que só um humano ou só um vampiro. Cada um de nós é único. Algumas pessoas percebem isso e outras se recusam a ver.

— Por quê?

Maud suspirou. — Porque algumas pessoas têm mentes fechadas. Elas gostam que tudo seja claramente rotulado. Elas possuem a necessidade de colocar todos em uma caixa específica. Uma caixa para vampiros, uma caixa para *Lees*, uma caixa para humanos. Quando alguém não se encaixa em suas caixas, entram em pânico.

— Mas por que?

— Eu não sei exatamente, minha flor. Acho que é porque sentem medo. Acreditam que encontraram as regras perfeitas para o seu mundo e quando algo desafia essas regras, isso os assusta.

— Então, eu sou assustadora?

— Para essas pessoas? Sim. Se as regras que elas criaram não se aplicam mais, elas não sabem como agir e isso as faz sentir que sua sobrevivência está em perigo. Em vez de se



adaptarem a uma nova situação e criarem um novo conjunto de regras, alguns deles lutam até a morte tentando manter o mundo do jeito que era. Você se lembra de quando morávamos na Fortaleza Kur? O que estava escrito acima da porta?



— Adapte-se ou morra, —disse Helen.

— É impossível parar a mudança, —disse Maud. — É a natureza da vida. Quem se recusar a se adaptar acabará morrendo. Mas antes disso, tornara-se um ser desagradável. Podem até te odiar.

Helen olhou para cima. Os olhos dela brilharam. — Eu os odeio de volta!

— O ódio é uma ferramenta muito poderosa. Não a desperdice. As pessoas que não gostam de você por causa de quem você é podem mudar de idéia quando a conhecerem melhor. Mas algumas pessoas vão te odiar por causa de quem você é. Se elas fossem honestas consigo mesmos, admitiriam que não gostam de você porque algo em você faz com que se sintam inferiores. Podem achar que você é uma lutadora melhor, ou que é mais esperta ou mais bonita, ou está



chamando a atenção que elas acham que deveria ser para elas. Essas pessoas são realmente perigosas. Se elas tiverem uma chance, vão machucá-la e aqueles que você ama. Guarde seu ódio para essas pessoas. Nunca as machuque primeiro, mas se elas a machucarem ou aos seus amigos, deve machucá-los com mais força. Entendeu?



Helen assentiu.

— Você quer voltar para a Pousada da tia Dina?

Os ombros de Helen caíram. — Às vezes.

Maud se aproximou da filha e a abraçou. — Nós podemos ir a qualquer momento. Não precisamos ficar aqui.

— Mas às vezes eu gosto daqui, —disse Helen em seu ombro. — Eu gosto de Ymanie. A Pousada da tia Dina não tem Ymanie.

— Não, não tem.

Se elas voltassem para a Pousada de Dina, Helen precisaria ser educada em casa. Mesmo que Maud pudesse alterar a perspectiva de vida da filha, não havia como disfarçar as presas, nem a força, nem a maneira como seus olhos



capturam a luz à noite. Crescer em uma Pousada foi interessante e divertido, mas teve momentos solitários. Todos os três, Klaus, Maud e Dina, lidaram com isso de maneiras diferentes. Klaus deixava a Pousada todas as chances que tinha. Ele e Michael, seu melhor amigo e o filho de outro Estalajadeiro, faziam excursões a *Baha-char*, a *Kio-kio* e a todos os lugares que podiam alcançar em qualquer uma das Pousadas. Maud havia enfiado a cara nos livros e passara muito tempo praticando artes marciais com o pai e depois com vários tutores. E Dina passou por uma fase que tentou ser uma humana comum, tentou ir à escola pública e fazer amigos lá. Amizades construídas sobre mentiras nunca duravam.

Maud abraçou Helen com mais força. Não havia opções perfeitas. Ela queria consertar isso. Se pudesse acenar com uma varinha mágica e simplificar a galáxia pelo bem de sua filha, faria em um piscar de olhos.

— Não precisamos estar aqui nem na Pousada, —disse ela. — Podemos tentar morar em outro lugar. Podemos abrir uma loja em *Baha-char*. Podemos pegar uma nave e viajar pela galáxia.



A Pulseira Comunicador de Helen tocou. Ela cutucou com o dedo. — Ymanie está dizendo que há filhotes de pássaros na Torre 12.

Maud suspirou. No final, Helen tinha apenas cinco anos de idade. — Você quer ir ver os filhotes?

— Sim! —Helen pulou do muro para a varanda.

— Vá. Sem heroísmo, Helen. Sem tocar nos pássaros, sem subir em lugares altos perigosos, e não ...

— Sim, mamãe!

Maud fechou a boca e viu a filha correr para dentro e para a porta.

Dessa vez, os filhotes resolveriam todos os problemas de Helen. Mas ela não teria cinco para sempre. *O que eu faço? Qual a coisa certa a fazer?*

Nesse exato momento, Maud daria dez anos de sua vida para poder ligar para sua mãe.

Ela entrou. Olhou para a sua armadura, o Comunicador brilhava. *Ótimo.* Uma mensagem de alta prioridade, enviada



há dez minutos atrás. Pelo menos não havia passado muito tempo.

Maud tocou a tela. O rosto de Leide Ilemina apareceu.

— *Leide Maud,* —disse a mãe de Arland. — *Venha almoçar comigo.*



# CAPÍTULO 11

Leide Ilemina decidiu almoçar no Pequeno Jardim. Pequeno, Maud refletiu enquanto caminhava pelo caminho de pedra, era um termo relativo.

O Pequeno Jardim ocupava cerca de quatro mil metros quadrado no topo de um pequeno *platô*[30] que se projetava para fora da rocha da montanha. Havia muitos desses platôs ao redor e o castelo naturalmente crescia em torno deles, incorporando-os à sua estrutura. Alguns apoiavam torres, outros forneciam espaço para áreas de atividades coletivas ou parques. Seu Comunicador informou-lhe que havia um jardim maior, imaginativamente intitulado Grande Jardim, quase o dobro do tamanho do pequeno, também o Alto Jardim, o

---

30  Planalto, também chamado altiplano ou **platô,** é a classificação dada a uma forma de relevo constituída por uma superfície elevada, com cume quase nivelado, geralmente devido à erosão eólica ou pelas águas. São como topos retos, superfícies topográficas, que podem ser regulares ou não.



Baixo Jardim, o Jardim Prateado, o Jardim Fluvial ... ela parou de ler as informações depois disso.

Os vampiros amavam a natureza, mas onde na Terra um jardim significava um espaço cuidadosamente cultivado, organizado, planejado e frequentemente oferecendo uma variedade de plantas de todo o planeta, um jardim de vampiros era basicamente um pedaço de natureza preservada. Era uma floresta de plantas nativas cuidadosamente cultivada, podada, manejada e bem amada. Os jardineiros vampiros plantavam flores extras e incentivavam arbustos pitorescos e ervas nativas, mas nunca lhes ocorreu transplantar flores de um continente para outro. Se vissem uma *borboleta-arbusto-chinês*[31] em um jardim britânico entre as *sinos-azuis nativas*[32], eles a arrancariam como uma erva daninha.

---

31  Borboleta-arbusto-chinês. Originada da China.

32  Sino-azul inglês



A exceção era a *vala*. A Sagrada Anocracia as levou a todos os planetas que colonizou.

O jardim ao redor de Maud exibia o melhor que essa biosfera tinha para oferecer. Árvores altas, com estreitas folhas turquesas e casca pálida, erguiam-se dos dois lados do caminho. Suas raízes estavam parcialmente expostas e entrelaçadas, como se alguém tivesse as puxado e decidido experimentar o *macramé*[33]. Sob as raízes, delicadas flores na cor lavanda e azul floresciam em cachos, com cinco pétalas cada e um conjunto de longos estames. As flores brilhavam um pouco, suas folhas cintilando com um brilho perolado. Um arbusto esmeralda com folhas tingidas de verde mais brilhante, amontoava-se em volta das raízes. Entre as árvores, onde o sol penetrava mais forte nas copas, outras flores desabrochavam. Hastes altas sustentavam flores estreitas em forma de taças de champanhe cor de rosa, recheadas até a borda com uma

---

[33]  **Macramé** - é uma técnica de tecelagem manual que consiste no uso de nós originalmente usada para criar franjas e barrados em lençois, cortinas toalhas etc.



riqueza de estames brancos. Flores translúcidas, do tamanho de uma cabeça, espalhavam suas pétalas finas como tecido, cada pétala azul suave era marcada com uma listra vermelha brilhante, que percorria seu meio e encontrava-se no brilhante centro dourado da flor. Longos espinhos cobertos com gavinhas amarelas, pingavam pólen brilhante nas folhas das plantas vizinhas.



O ar cheirava a especiarias e perfumes doces.

Dina se esbaldaria aqui.

O caminho terminou em um grande círculo. Dentro dele corria um córrego, cortado por uma pequena ponte de pedra que levava a outro círculo menor, como uma ilha redonda. Uma única *vala* crescia no círculo menor, não uma *vala* gigante de mil anos, mas uma que foi plantada mais recente, com o tronco com apenas um metro de diâmetro. Espalhava seus galhos escuros com folhas vermelho-sangue sobre a água do córrego e sobre a pequena mesa de pedra com duas cadeiras, uma vazia e a outra ocupada por Leide Ilemina vestida em sua armadura completa.



*Aqui vamos nós*. Maud atravessou a ponte de pedra. A mulher mais velha olhou para ela.

— Então, você conseguiu chegar. Excelente.

Maud curvou-se em uma reverência e sentou-se. Um prato já estava colocado na frente dela. Uma travessa grande continha uma variedade de assados, carnes e frutas em pequenos espetos. Aperitivos. Uma jarra alta de vidro oferecia vinho verde.

Ilemina recostou-se na cadeira, sentada de lado, uma perna longa sobre a outra, o braço esquerdo apoiado na mesa. De perto, a semelhança entre ela e Arland era inconfundível.

O mesmo cabelo, mesmo olhar determinado nos olhos azuis, o mesmo ângulo teimoso da mandíbula. Um almoço com um Krahr.

— Seu rosto estava pensativo enquanto você caminhava, —disse Ilemina.

*Quanto ela podia dizer?* — Eu estava pensando na minha irmã.

— *Ah?*



— Quando nós três, meu irmão, minha irmã e eu éramos criança e crescíamos na Pousada de nossos pais, cada um de nós era responsável por uma área específica da Pousada, além de nossas tarefas gerais. Dina ficava com os jardins. Ela adoraria aqui.



— Qual era o seu?

— Estábulos.

— Eu nunca imaginaria. Você não tem montaria ou animal de estimação.

— Não havia muitas oportunidades para animais de estimação em Karhari.

— E antes disso? —Ilemina perguntou.

Ela tinha que estabelecer alguns limites. — Antes disso é passado.

— Meu irmão me contou o que você descobriu. —Ilemina pegou a jarra e encheu os copos.

Maud levou o copo aos lábios e tomou um pequeno gole de vinho. A mulher mais velha a observava atentamente.



— Já suspeitávamos que Kozor e Serak estavam colaborando com os piratas, mas rebaixar-se a pirataria e atacar sua própria espécie é vil.

— Não é algo inédito, —destacou Maud e desejou ter mordido a língua.

359 Divas & Lord's

— Você está certa. Mas as Casas da Sagrada Anocracia nunca se atacam sem uma declaração de guerra. —Ilemina engoliu seu vinho. — É uma acusação pesada. Eu preciso de provas.

— Entendo, —disse Maud.

Elas tomaram um gole de vinho. A pressão aumentava dentro de Maud a cada segundo que passava.

— Você não me chamou aqui para falar sobre Kozor, — disse Maud.

— Você não é muito boa com silêncios, —disse Ilemina. — Algo para aperfeiçoar.

Maud estendeu a mão, pegou um espeto de pequenas bagas amarelas e deslizou uma na boca.



— Quais são suas intenções em relação ao meu filho? — Ilemina perguntou.

Maud considerou a pergunta. *Quais diabos eram suas intenções?* Decidiu ser honesta.

— Eu não sei.

— O que há para saber? —Ilemina a encarou com seu olhar. — Você tem sentimentos por ele. Viajou com ele através do Vazio. Ele tem sentimentos por você. Ele a trouxe aqui. Por que a dúvida?

— Não é tão simples assim.

— Claro que é. Vocês são adultos. Eu vejo o jeito que olha para ele quando se esquece de controlar as emoções em seu rosto.

*O que?*

— Ele a pediu em casamento. Você disse não. O que está esperando? O que quer? Riqueza? Poder? Case-se com ele e você terá os dois.



Leide Ilemina pensava que ela era uma caça-fortuna. Uma irritação familiar a perfurou, como um espinho preso debaixo do pé. — Não preciso da Arland para ganhar a vida. Sou filha de Estalajadeiros. Falo dezenas de idiomas, sou treinada para combate e me sinto à vontade em qualquer centro comercial. Se eu quiser, posso voltar para a Pousada da minha irmã a qualquer momento.

361 Divas & Lord's

Ela poderia. Dado que a Pousada de Dina tinha acesso ao *Baha-char*, o bazar galáctico, se ela fosse atrás de trabalho, eles seriam abundantes e o salário seria ótimo.

Uma pequena luz triunfante brilhou nos olhos de Ilemina. — E mesmo assim você está aqui. Submetendo-se à humilhação de ser uma humana em uma Casa de vampiros, portando um Brasão sem Casa.

Maud quase mordeu a língua.

— Claramente a um vínculo forte entre você e Arland, suficiente para fazê-la atravessar a galáxia.

Maud não disse nada.

— Você ama meu filho? —Ilemina perguntou.



— Sim. —A resposta veio com uma facilidade surpreendente.

Ilemina olhou para ela. — Então resolva isso.

Maud abriu a boca e a fechou.

— É um problema de simples solução. Não há necessidade de fazer disso um *hissot*.

*Fantástico.* A sua possível futura sogra acabou de comparar os seus sentimentos com um amontoado de cobras venenosas.

— Não sou só eu, —disse Maud calmamente.

Ilemina se inclinou para frente. — Você honestamente acha que sua filha ficará melhor na Terra? Ela matou, Maud. Ela tem presas. É uma criança vampira, isso eu posso lhe garantir. O nosso povo pode fazer muito por ela. Os humanos não podem fazer nada. Você terá que escondê-la pelo resto da vida. Será capaz de fazer isso com sua filha?

— O que quer de mim, Leide Ilemina? —Maud rosnou.

— Quero chegar ao fundo disso. Pare de fingir ser uma idiota e me diga o que está segurando-a, porque meu filho está



infeliz e estou cansada de ver vocês dois dançando um ao redor do outro.

— Estou no planeta há três dias!

— Três dias são suficientes. O que quer, Maud dos Estalajadeiros?

— Quero que Helen seja feliz.

Ilemina suspirou e bebeu seu vinho. — Meus pais não tinham utilidade para mim quando eu era criança. A Casa deles era uma Casa de guerra. Havia sempre uma batalha que eles estavam lutando ou se preparando para lutar. Eles não me notaram até eu crescer o suficiente para ser útil. Eu me esforcei ao máximo, me destaquei, me ofereci para todas as ações, só para ganhar uma migalha de atenção. Quando conheci meu futuro marido, eu era a Marechal da Casa deles. Conversei com o pai de Arland por menos de uma hora e sabia que iria embora com ele se ele pedisse. Pela primeira vez na minha vida, alguém me viu como eu era.

As palavras afundaram profundamente. Maud mostrou a Arland exatamente quem ela era e ele a admirou por isso.



Ilemina sorriu. — Fui embora com ele e depois lutei uma guerra contra a Casa dos meus pais quando eles tentaram me punir por encontrar a felicidade. Foi o ato final de egoísmo da parte deles. Então, quando minha filha nasceu, eu jurei que não seria como minha mãe. Prestei atenção a minha filha. Estive envolvida em todos os aspectos da vida dela. Eu a alimentei, a apoiei, a encorajei. Eu a treinei. Meu marido também. Alguns podem dizer que meu marido e eu negligenciamos nossa própria união pelo bem de nossa filha e eles não estariam errados.



Ilemina fez uma pausa, traçando a borda do copo com o dedo. — Quando minha filha fez 22 anos, ela conheceu um Cavaleiro e se apaixonou. Ele era tudo o que eu poderia desejar em um genro. Meu coração se partiu de qualquer maneira, mas eu não queria ser um empecilho na vida dela. Ela casou com ele e agora vive no meio da galáxia. Nos visita uma vez a cada ano ou dois. Arland tinha dez anos quando ela partiu. Ele mal a conhece. Tenho netos que quase nunca vejo.

Maud não tinha ideia do que dizer, então ficou em silêncio.



— As crianças vão embora, —Ilemina disse a ela. — Se você fizer tudo certo, ensiná-los confiança, dar-lhes independência, eles pegam tudo isso e vão embora. É a maior tragédia da maternidade, mas é como deveria ser. Um dia Helen vai embora.

A ansiedade perfurou Maud. Ela engoliu em seco, tentando mantê-la escondida.

— Se você tentar segurá-la e contê-la, cometerá um pecado irreparável. Não devemos mutilar nossos jovens. Não podemos cortar os dentes deles. Um dia será só você, Maud.

— Eu sei, —Maud murmurou. Pensar nisso doeu.

— Onde se vê quando esse dia chegar? —Ilemina perguntou.

Ela sabia onde queria estar, mas chegar lá era muito complicado.

— Então eu vou perguntar novamente. Do que você tem medo? Está tentando ser mais vampiro do que nós? Isso é inútil. Nada que faça mudará a sua origem, e se meu filho quisesse uma vampira, ele tem uma verdadeira multidão de



mulheres com linhagens antigas caindo por toda parte para amá-lo. Você tem vergonha de ser humana? Odeia sua espécie?

Maud levantou a cabeça. — Não desejo fingir que sou uma vampira.

— Então, o que é? —Ilemina levantou a voz.

Algo dentro de Maud quebrou como uma haste fina de vidro.

— A Casa Ervan me jogou fora. Eles jogaram minha filha fora como se fôssemos trapos velhos. Não tínhamos valor para eles longe do meu marido. Todo o tempo em que vivemos entre eles, todas as coisas que fiz a serviço da Casa, todas as amizades que forjei, nada disso importava. Eles não lutaram para nos manter. Se livraram de nós o mais rápido que puderam.

As palavras continuaram saindo de algum lugar secreto que ela as escondia e, por mais que tentasse, não conseguia detê-las. — Eu vivi uma mentira. Não posso me arriscar novamente. Não vou. Não quero que Arland se case com uma estranha que mal é tolerada. Quero que ele se case com alguém



que é valorizado por sua Casa. Alguém que é indispensável. Quero que esse casamento seja visto como um benefício para a Casa Krahr. Não confio em nenhum de vocês, exceto em Arland. Eu quero garantias de que vocês nunca vão me trair. Que minha filha terá um lugar aqui, não por causa do seu filho, mas por minha causa e, eventualmente, por ela mesma.



Ela falou demais. De onde tudo isso veio? Não fazia ideia do que queria até que as palavras saíssem dela.

O silêncio estava entre elas. Uma brisa leve agitou a *vala*.

Ilemina arqueou as sobrancelhas e tomou um gole de vinho. — Agora isso? Isso eu entendo.



Maud marchou pela ponte, furiosa. Ela deixou Ilemina entrar sob sua pele. Foi um erro estratégico. Compreender o seu



oponente era a vantagem mais importante que se poderia ter em um conflito. Números, pontos fortes e sorte importavam, mas se você soubesse como seu oponente pensava, poderia prever sua estratégia e se preparar.

Ela deu à mãe de Arland munição suficiente para manipulá-la. Estúpida. Muito estúpida.

Que diabos estava pensando, desnudando sua alma para uma maldita vampira?

A lembrança de ajoelhar-se diante de Stangiva e implorar pela vida de Helen a apunhalou, quente e afiada. Se ao menos pudesse ter posto as mãos naquela cadela, teria quebrado o pescoço da ex-sogra. E pensar que ela passou anos tentando se transformar em uma esposa vampira perfeita por causa de Melizard, e sua mãe, e toda a maldita Casa deles. Ela se virou ao avesso para se tornar excepcional em todos os sentidos, tudo para que pudesse ser exibida diante dos visitantes com um contexto tácito de *'Veja como somos uma Casa exemplar. Aceitamos uma humana e a*



*transformamos em vampira. Ouça-a recitar as Sagas antigas. Observe-a se apresentar para sua diversão'.*

E ela foi a idiota que voluntariamente colocou um cabresto no próprio pescoço e arrastou a carroça para a frente. Pelo quê? Por amor?

Maud riu de si mesma e o som saiu agudo e frágil.

*Amor. Como ela pôde ser tão inocente e burra?*

*Ugh*. A raiva a percorreu. Maud queria desesperadamente socar alguma coisa.

Um som agudo e estridente a fez se virar. Ela tinha chegado a um cruzamento em forma de T. À sua direita, outra ponte se ramificava da primeira em um perfeito ângulo reto. O fim da ponte levava a outro platô de jardim. Árvores e arbustos obscureciam sua visão, mas Maud tinha certeza absoluta do que acabara de ouvir. O guinchar agudo e curto de uma *Lees* sendo encurralada.

Ela se virou e correu descendo a ponte para o jardim. O Clã de Nuan Cee era um convidado da Casa. Nenhum dano



poderia acontecer a eles enquanto estivessem sob a segurança da Casa Krahr.

Vozes agitadas mais adiante. Ela não conseguia entender o que estava sendo dito, mas conseguiu ouvir a entonação bem o suficiente: *macho, vampiro, arrogante.* Ela dobrou a curva. À sua frente, um trecho reto do caminho levava a uma praça redonda com uma pequena fonte no centro. Na praça, mais próxima da entrada do caminho, havia uma pequena *Lees* de pelo azul e um *Tachi*. A *Lees* estava na ponta dos pés, pronta para correr. O corpo do Tachi em uma única cor cinza. Na frente deles havia quatro vampiros em pé. Dois se inclinavam um pouco para a frente, o terceiro acariciava o punho de um martelo de sangue e o quarto cruzava os braços sobre o peito, claramente o líder. Ela estudara os arquivos dos convidados do casamento e não teve dificuldade em reconhecê-lo. Lorde Suykon, irmão do noivo. Grande, ruivo e agressivo.

Eles estavam prestes a ficar violentos. O *Tachi* retaliaria e as relações entre os *Tachis* e a Casa Krahr se afogariam em sangue. Maud não tinha autoridade para impedir isso. Ela era apenas mais uma convidada. Se for atacada, o *Tachi* retaliará



por ela. Tinha certeza disso. Maud serviu comida para a rainha e isso era visto como favor. O *Tachi* seria obrigado a ajudá-la contra uma ameaça mútua.

Precisava evitar a violência e ganhar tempo até que reforços chegassem. Seria quase impossível. Maud era humana e, aos olhos dos vampiros pertencia a Arland, mas ela não tinha nenhuma posição na Casa. Na verdade, sua presença provocaria ainda mais a situação.

Maud bateu em seu Brasão. Um fino tentáculo deslizou do seu Comunicador na armadura e se dividiu em dois. Um tentáculo chegou ao ouvido dela, o outro à boca. O Brasão pulsava com luz branca, informando que a câmera estava ativada e filmando a cena a sua frente.

— *Arland?*

Houve uma pequena pausa, então ele respondeu. — *Aqui.*

— *Abra a minha câmera.*

Houve outra pequena pausa. Suykon disse alguma coisa. O vampiro ao lado dele riu.

Maud ganhou velocidade.



A *Lees* gritou, o nervosismo na sua voz a fazia parecer um esquilo irritado.

A voz nítida de Arland falou em seu ouvido. — *O apoio está a caminho.*

O Comunicador tocou, anunciando uma mensagem recebida. Maud tocou, abrindo a mensagem. Um contrato que a tornava Retentora oficial da Casa Krahr. Ela rolou, procurando as palavras certas.

*... serviço militar, a ser executado conforme requisitado pelo Marechal ...*

Ele a contratou, dando-lhe a mesma autoridade que qualquer Cavaleiro da casa.

— Aceito, —disse ela.

A tontura a socou enquanto seu Brasão se conectava e atualizava sua armadura. Levou apenas um momento. Arland deve ter pré-instalado a interface da Casa no Brasão antes de dar a ela e agora o Brasão foi ativado.

Seu Brasão brilhou em vermelho. Uma fina haste brotou dele, projetando uma tela sobre o seu olho esquerdo. Nela, o



símbolo da Casa Krahr brilhava vagamente no canto oposto. Ao lado, outro símbolo, uma pequena bandeira, esperava.

*Este homem. Por este homem, ela iria tolerar Ilemina. Ele valia a pena.*

Maud marchou para a clareira. A tela ocular no seu olho esquerdo destacou a *Lees,* exibindo o nome acima da sua cabeça em letras translúcidas. *Nuan Tooki.* O *Tachi* era Ke'Lek.

— Vejam só, a humana chegou! —Um vampiro de cabelos escuros declarou. A tela ocular dela o marcou com um nome. *Lorde Kurr.* Agora que Maud era uma Retentora, os arquivos internos estavam na ponta dos dedos.

Nuan Tooki se escondeu atrás dela, enfiou as patas nos bolsos do avental e tirou um punhado de dardos com a mão esquerda e uma pequena adaga com a direita. Lâmina *monomolecular*[34] em ambas as bordas, provavelmente envenenada.

---

[34]  Arma fictícia: **As lâminas monomoleculares** são **lâminas hiper-** afiadas forjadas a partir de um material super endurecido e denso feito de moléculas de carbono fortemente ligadas, com as bordas afiadas à largura da molécula única. Uma vez que as lâminas cortam melhor quando suas bordas são mais finas, as lâminas de uma molécula de espessura permitiriam teoricamente que elas cortassem coisas no nível molecular.



A cor de Ke'Lek escureceu um pouco, mas apenas uma sombra, um verde quase imperceptível.

Suykon sorriu.

Maud se moveu na frente do *Tachi*, olhou para o símbolo da bandeira na sua tela ocular e deliberadamente piscou para ativá-lo.



O Brasão tocou como um sino. Um ponto vermelho brilhante piscou em seu ombro esquerdo, projetando uma imagem holográfica da bandeira da Casa Krahr. Maud puxou sua espada de sangue e ela chiou em sua mão quando a luz vermelha correu através dela, preparando a arma.

A bandeira brilhou um pouco mais intenso.

— O que temos aqui? —Perguntou Suykon. — Encantadora, ela não é?

Qualquer coisa que Maud dissesse a eles daria uma oportunidade de alegar que ela os provocou. Qualquer palavra seria vista como um insulto e usada como pretexto para a violência. Ela simplesmente não disse nada.

— Você é muda, humana?



Maud esperou.

Os olhos de Suykon se estreitaram. — Lorde Kurr.

— Sim? —O Cavaleiro de cabelos escuros perguntou.

— Acho que essa Senhora está em perigo. Olhe para ela sendo ameaçada por esses dois forasteiros. Você deveria ir e resgatá-la.

O *Tachi* avançou.

Maud ativou a bandeira novamente. Seu Brasão projetou uma linha vermelha no chão ao mesmo tempo que um aviso pré-escrito aparecia na sua tela ocular. Ela leu. — Vocês são convidados da Casa Krahr e estão na presença de um Cavaleiro da Casa Krahr. Qualquer violência contra outros convidados da Casa Krahr será imediatamente punida. Atravessem esta linha e irão morrer.

Ke'Lek estalou a boca em decepção e deu um passo atrás. A linha os separou dos vampiros.

Lorde Kurr riu.



A tela ocular dela o examinou, destacando uma pequena rachadura comprida e levemente brilhante no lado esquerdo da armadura. Um trabalho de restauração recente, e não muito bom. A restauração de uma armadura era uma arte e uma ciência, e era preciso ter um toque leve. Lorde Kurr foi descuidado com as ferramentas. Ele deveria deixar alguém que soubesse o que fazer restaurar sua armadura, mas a manutenção era motivo de orgulho. A rachadura era um alvo pequeno, com menos de um centímetro de largura. Maud não teria detectado se não fosse sua tela ocular.

376

— Este é o único aviso que você receberá.

— Minha bela donzela, —Kurr rugiu, puxando uma enorme espada de sangue. — Eu devo resgatá-la.

*Mal posso esperar.*

Kurr atacou.

No momento em que o pé dele cruzou a linha, ela caiu de joelhos. A lâmina dele deslizou por cima do ombro dela, raspando contra sua armadura. Ela enfiou a espada na



rachadura e torceu. A armadura estalou com um som audível. Os nanofilamentos se contraíram, rasgando-se.

Maud soltou a lâmina, levantou-se e deu um chute no lado exposto de Kurr. O impacto o derrubou e o jogou para trás da linha novamente. Ele tropeçou e se dobrou, agarrando a lateral do seu corpo. Sangue escorria entre seus dedos. Metade do peitoral dele pendia, tremulando muito devagar enquanto os nanofilamentos individuais tentavam se reconectar.

Por um momento, todos olharam incrédulos no que havia acontecido. Ela acabou de arrancar a armadura de Kurr. Isso era uma humilhação absoluta.

O aviso por escrito brilhou em sua tela ocular novamente.

— Vocês são convidados da Casa Krahr e estão na presença de um Cavaleiro da Casa Krahr. Qualquer violência contra outros convidados da Casa Krahr será imediatamente punida. Atravessem esta linha e irão morrer.

Kurr agarrou sua espada. — Eu vou matar essa cadela.

— Kurr! —Suykon gritou.

Kurr atacou.



Uma sombra caiu do céu. Maud mal teve a chance de recuar. Um enorme vampiro pousou na frente dela vestido em sua armadura completa de combate, suas costas largas bloqueando sua visão. Seu cabelo grisalho estava cortado em um corte curto humano.



O recém-chegado vampiro balançou seu martelo de sangue. O martelo rasgou o ar com um lamento arrepiante e depois um baque.

Maud pulou para o lado, tentando ver.

Kurr estava a seis metros de distância, de bunda no chão, tentando respirar. Os outros dois vampiros se ajoelharam junto a ele, lutando para ativar o Brasão de Kurr. Apenas Suykon permaneceu de pé.

O recém-chegado vampiro abriu a boca, exibindo suas presas e inclinou a cabeça para frente, exalando ameaça, como um touro pronto para atacar. Ele era um gigante mesmo para os padrões dos vampiros. A tela ocular dela o marcou, identificando-o.

Maud piscou.



— Nossas desculpas, Lorde Consorte, —disse Suykon. — Não pretendíamos fazer mal. Claramente interpretamos mal a situação.

Lorde Otubar torceu os maxilares e disse em voz grave. — Saiam.

Os dois Cavaleiros pegaram Kurr como uma criança e os quatro partiram pelo caminho.

Lorde Otubar virou-se para a *Lees* e para o *Tachi*. — O que os dois estavam fazendo aqui sem uma escolta?

Nuan Tooki abaixou a cabeça, escondeu o rabo e apertou as mãos, fazendo-se parecer propositalmente adorável. — Por favor, perdoe-nos, Lorde Consorte. É tudo culpa minha. Eu estava perdido. Este bravo *Tachi* veio em meu socorro e então esses vampiros maus se aproximaram e nos ameaçaram. Você não é como eles. Você é um bom vampiro. Eu estava tão assustado e desamparado, e você nos salvou. Eu sinto muitíssimo.

— Volte para seus aposentos.

— Obrigado.



A Lees escapou. Ke'Lek olhou para eles, hesitou por um momento e seguiu a *Lees* pelo caminho.

— Dispensada, —disse Lorde Otubar para mim.

As pernas de Maud a carregaram pelo caminho antes que seu cérebro tivesse tempo de processar o que aconteceu.

— Minha Senhora, —Otubar gritou nas suas costas.

Ela parou e girou para encará-lo. — Lorde Consorte?

— Boa luta, —disse ele.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

# CAPÍTULO 12

Maud estava sentada em uma cadeira na enorme varanda. Mais cedo, em seus aposentos, projetou uma tela na frente dela e debruçou-se através dos documentos sobre a festa de casamento, tentando entender e descobrir alguma coisa. Sua posição como Retentora lhe deu acesso a documentos mais detalhados, e ela os leu rapidamente enquanto ainda podia. A riqueza de informações adicionais fez seu cérebro zumbir. Ela estava de mau humor.

O vento agitou seus cabelos. Maud olhou para cima e seu olhar admirou os platôs distantes. Ela gostava de estar no alto, mas nem mesmo a vista de tirar o fôlego, foi capaz de tirá-la de seu mal-estar. Os Kozors e Seraks estavam planejando algo, mas o quê? Eles tinham apenas duzentos Cavaleiros, enquanto o Krahr tinha milhares.

Maud tentou encontrar Arland após seu encontro com o padrinho do noivo excessivamente entusiasmado e sua escolta,



mas ele não estava em lugar nenhum que ela pudesse encontrar. Ela enviou uma mensagem ao seu Comunicador, mas ele não respondeu.

Estava mal-acostumada. Nas últimas semanas, Arland esteve à disposição dela. Maud só tinha que chamar pelo nome dele e lá estaria ele, pronto para ajudar. Agora ela queria falar com Arland, e ele não estava ao seu alcance.

*Ele é um Marechal. Tenho tomado a sua disponibilidade como garantida.*

Maud sentia falta dele. Isso a consumia.

*Talvez ele tenha ficado entediado.*

Era definitiva uma possibilidade. Ela poderia ter sido apenas uma breve paixão. Ele a resgatou, tornou-se o herói, e seu tempo com ela na Pousada sitiada foi emocionante, e agora a vida normal voltou e a novidade desapareceu. Talvez ela fosse um romance de viagem.

A gravação de Arland, de frente para a mãe, se repetiu em sua cabeça. *Não. Ele a amava.*



A única maneira de ter acesso constante a Arland seria casando-se com ele. O casamento é isso, no fundo, o direito exclusivo de passar tanto tempo com alguém que você ama quanto ele está disposto a dar.

Sua tela tocou, anunciando alguém na porta da frente. Seu coração bateu mais rápido. Ela tocou a tela e lá estava ele. Maud pulou da cadeira como se tivesse encontrado um escorpião nela e correu pelo quarto até a porta. Respirou fundo, tentando se recompor.

— Abrir.

A porta deslizou para o lado. Arland olhou para ela. Para alguém que não o conhecia, ele parecia normal, mas ela passara muito tempo estudando as feições do rosto dele. Maud viu a distância nos olhos dele e isso a gelou. Algo aconteceu. Ela analisou freneticamente as possibilidades. Será que tinha envergonhado a Casa? Será que de alguma forma machucou os sentimentos dele? Ele leu a mensagem dela e isso o irritou?

— Minha mãe pede sua presença no piquenique em honra aos noivos, minha Senhora.



— Estou honrada, meu Senhor. Armas?

— Não serão permitidas.

— Permita-me um momento para verificar minha filha.

— Não há necessidade. Leide Helen e o resto das crianças foram levadas para a margem do lago.

*E Lady Helen não tinha a informado sobre isso. Elas teriam uma conversa hoje à noite*.

Ele se afastou, deixando-a passar. Caminharam lado a lado.

— Notícias de Lorde Kurr? —Ela perguntou.

— Ele sobreviverá. Mal.

— Peço desculpas se causei alguma ofensa.

— Você não causou. Sua conduta foi exemplar. Exibiu notável autocontrole, minha Senhora. A Casa Krahr tem a sorte de ter o benefício de seu serviço.

*Não, ele não leu a mensagem dela*.

Eles entraram em uma longa passagem que levava a uma torre que, por sua vez, permitia a passagem para outro



pequeno platô que se erguia à esquerda. Segundo o seu Comunicador, o piquenique estava sendo realizado lá. Mesmo que seu Comunicador não a informasse a localização, o grande número de vampiros espalhados pelo gramado verde teriam sido um sinal obvio. Quando chegassem lá, estariam em público e ela teria que esperar para mais tarde uma chance de ter uma conversa particular com Arland. Maud tinha que esclarecer isso agora.

385

— O que há de errado, meu Senhor?

— Está tudo bem, —disse ele.

Certo, isso era tudo que ela estava disposta a tolerar. — Então por que parece um bloco de gelo?

Ele olhou para ela. Maud o encarou. Ela estava razoavelmente certa de que estavam sendo observados do platô, mas não se importava.

O olhar nos olhos dele a atingiu e ela acabou falando em inglês sem querer. — Um gato comeu sua língua?

O rosto dele congelou. — Não. Nem mesmo leões conseguiriam me machucar. Você e eu temos um



relacionamento complicado, minha Senhora. Mas independente dessas complicações, em público devemos nos comportar de acordo com a nossa posição na cadeia de comando.

— Você vai usar essa desculpa agora?

— Sim.

Ela riu e se afastou. Eles estavam quase na torre.

— Minha Senhora. —Um comando inconfundível impregnou sua voz.

— Você deveria ler suas mensagens, Lorde Marechal.

Ela deu mais três passos antes dele rosnar: — Maud!

Maud girou e o encarou novamente. — Vou perguntar de novo, o que há de errado?

Ele a olhava chateado. — Você se demitiu. Por quê?

— Como assim por quê? —Era dolorosamente óbvio o motivo dela ter se demitido do posto de Retentora. Talvez ele realmente tivesse dúvidas sobre o relacionamentos deles.



— Você deveria pelo menos ter me dado a cortesia de me dizer cara a cara, —sua voz era baixa e gelada.

— Eu tentei, mas você estava ocupado. A mensagem para o seu Comunicador foi minha única opção.

— Quando? —Ele perguntou, seus olhos sombrios.

— Não entendi.

Eles definitivamente tinham uma audiência agora. As vozes deles não poderiam chegar tão longe, mas quase todo mundo no gramado estava olhando para eles.

Arland forçou as palavras. — Quando você vai embora?

Isso a apunhalou. — Você quer que eu vá embora?

— Acha isso engraçado? Porque não vejo graça nenhuma. Eu te dei uma posição na Casa Krahr. Você a jogou de volta na minha cara. Isso pode significar apenas uma coisa. Você está indo embora.

Arland achava que ela se demitiu porque teria resolvido deixá-lo e ir embora da sua Casa. Ele a honrou com confiança e uma posição dentro da Casa e pensou que ela estava jogando de volta na cara dele.



*Oh, seu idiota.*

Arland continuou. — Você quase se casou com Betin Cagnat em Karhari. Estava negociando o contrato, se preparando para assiná-lo e quanto a mim nem se quer aceitou minha proposta.

Eu me pergunto quando ele descobriu esse boato.

— Eu disse que esperaria tranquilamente sua decisão. Mas se você tem sentimentos por alguém do seu passado, é justo que me diga.

*Oh. Ele deve ter pensado, depois da noite anterior que conversou com Renouard, que ela tinha dúvidas por causa de alguém no passado*. Maud quase riu.

— Ser um Cavaleiro de Krahr lhe daria tempo para tomar sua decisão. Foi a melhor opção disponível nessas circunstâncias.

— É por isso que você me ofereceu o posto? —Ela perguntou, mantendo a voz suave.



— Não. Ofereci a você porque estava em uma situação perigosa, sem qualquer autoridade para intervir. Mas depois que aceitou, pareceu ser a melhor solução.

Arland estava tentando mantê-la perto de qualquer maneira que pudesse. Ele devia estar preocupado que ela fosse embora, e oferecê-la um cargo interno era sua maneira de garantir que ela ficasse.

Atrás de Arland, Cavaleiro Ruin saiu pelas portas, com um tablet nas mãos. Ele viu Arland e correu para eles.

— Agora você vai embora, —Arland disse. — E eu só quero saber o porquê. O que falta em mim que é tão importante para você? O que há em mim que te desagrada?

— Você já acabou? —Ela perguntou.

— Lorde Arland! —Cavaleiro Ruin chamou. — Tenho uma mensagem urgente de Lorde Soren.

— Eu mereço uma resposta, Maud. Certamente, você pode me dar uma.

— Decreto de Comando, Artigo Sete.



Ele franziu a testa. — Proibição de confraternização entre Cavaleiros com cargos separados por mais de três posições na cadeia de comando? O que isso tem a ver com alguma coisa?

Ela aproximou-se dele, levantou a mão, e gentilmente bateu-lhe na testa.

O jovem Cavaleiro chegou até eles e colocou o tablet na frente de Arland.

Maud se virou e foi embora.

— Maud, espere!

A mudança no tom da sua voz disse que ele finalmente entendeu.

Ela acelerou. Arland não correria atrás dela. Ele não poderia parecer um idiota para o público abaixo.

— Tire esse tablet dos infernos da minha cara! Maud, espere!

No momento em que Maud entrou na torre, correu escada abaixo. Assim que ele conseguisse se livrar do Cavaleiro Ruin, Arland a perseguiria para perguntar que tipo exatamente de confraternização que ela tinha em mente, e Maud não queria



ter essa conversa na torre. Queria conversar sobre isso em seus aposentos ou nos dele, depois que eles fizessem uma varredura atrás das microcâmeras de Nuan Cee.

Ela precisava descer para aquele gramado o mais rápido possível.



Maud emergiu da torre para o sol. Diretamente em frente a ela, um caminho de pedra levava a um gramado aberto, rodeado por árvores. Ela caminhou em direção aos bancos de pedra e pequenas mesas que foram colocados para acomodar pequenos grupos, oferecendo uma visão aberta do gramado. Muitos dos bancos estavam ocupados, vampiros de armadura completa descansavam, comiam petiscos colocados em grandes travessas e bebiam. O ar cheirava a carne assada, pão



fresco e mel. Bandeiras marcavam cada área, anunciando a Casa de seus ocupantes. A maioria dos bancos diretamente à sua frente, organizados em forma de lua crescente, estavam ocupados pela Casa Krahr e delimitados por uma fila de flâmulas pretas e vermelhas familiares, e quase acolhedoras. A casa Kozor estava a direita, delimitada por flâmulas nas cores vermelha e verde. A casa Serak estava alinhada no lado esquerdo. Suas flâmulas, azuis e amarelas, balançavam na brisa.



No gramado, duas equipes, uma vermelha e preta, a outra composta por Kozors e Seraks, colidiam com armas de treino. *Krim*, Maud reconheceu, o esporte favorito da Sagrada Anocracia: *desenhava-se um círculo com cerca de quinze metros de diâmetro.* No meio do círculo, um poste de cinco metros de altura por vinte centímetros de diâmetro, sustentava uma bandeira branca. Os defensores se posicionavam ao redor do poste, protegendo-o, enquanto os atacantes tentavam romper a defesa e pegar a bandeira. Não era um jogo complicado, mas o que faltava em complexidade era mais do que compensado por pura brutalidade. No jogo de agora, Krahr era a defesa do



poste. Todo mundo usava armadura completa, carregava armas de prática e capacetes esportivos equipados com sensores. Os capacetes analisavam o impacto que as armas faziam nas armaduras e brilharam quando o usuário sofria dano suficiente para morrer.



— Leide Maud! —Uma voz familiar gritou.

*Bem, vejam só. Ela conseguiu não estremecer*. — Leide Ilemina?

A Preceptora da Casa Krahr estava sentada a uma mesa à sua direita. O Lorde Consorte pairava na cadeira ao lado dela como uma montanha imóvel em forma de Cavaleiro vampiro.

— Junte-se a nós, —disse Leide Ilemina. Não parecia um pedido.

Ótimo, exatamente o que ela queria, estar em exibição ao lado de sua possível futura sogra.

Atrás dela, a porta da torre se abriu e Arland a atravessou.

Pensando bem, juntar-se a Leide Ilemina era uma excelente ideia. Maud se aproximou e sentou-se à esquerda de



Ilemina. Pelo canto do olho, viu Arland seguir o caminho em direção a eles.

*Sim, sim. Corra tudo o que quiser*. Não havia como ele discutir sobre tipos de confraternização na frente de sua mãe e padrasto. Ela o passou para trás. Por alguma estranha razão, isso a fez se sentir ridiculamente realizada.



No meio do jogo, a Casa Krahr, liderada por Karat, formava um denso anel de corpos ao redor do poste. As Casas Kozor e Serak dividiram suas forças, preparando-se para atacar de lados opostos. Uma juba loira familiar chamou a atenção de Maud entre a equipe de Kozor. Seveline estava liderando o ataque.

— Eles estão usando o Ataque *Torquês*[35], —disse Ilemina.

— Não parece uma boa estratégia, —disse Lorde Otubar. — Não há número suficiente para avançar efetivamente, e ela sabe que eles defenderão. Muito brutalmente.

---



35 Torquês é uma ferramenta de corte.



A manobra parecia dolorosamente evidente. Karat estava movendo sua equipe para compensar, mas fazia isso muito lentamente, esperando o próximo passo dos atacantes.

Arland se aproximou. O único assento desocupado era ao lado de Otubar. Arland o pegou, o moveu para o lado dela e sentou-se.

— O que acha? —Ilemina perguntou a ele.

Ele estudou o campo de jogo. — Nada nas táticas de Kozor ou Serak até agora indica uma preferência por ataque direto.

— É uma distração, —disse Otubar.

— A questão é: *onde querem chegar com isso?* —Ilemina murmurou. — Você terminou a análise comparativa?

Arland fez uma careta. — Não há dados suficientes para uma conclusão definitiva. Os dados que temos dos ataques piratas conhecidos são consistentes com os padrões táticos de nossos queridos convidados. No entanto, a similaridade não é prova.

— E os dados das *Lees*? —Otubar perguntou.



— Nuan Cee está dificultando compartilhar o que sabem, —disse Arland.

— Talvez algo possa ser feito para convencê-lo a compartilhar. —Leide Ilemina olhou para Maud.



Eles estavam falando na frente dela como se ela já fizesse parte da Casa, mais ainda, estavam pedindo seu conselho. Maud não tinha certeza se deveria ficar lisonjeada ou chateada que todos na mesa vissem a sua admissão mais cedo para um cargo na Casa Krahr como uma decisão precipitada.

— Dê-me algo para trocar, —disse ela. — É um equívoco comum pensar que as *Lees* amam dinheiro acima de tudo. Isso não é exatamente verdade. Elas amam uma pechincha, adoram fazer um bom negócio. Obter mais por menos é a base de sua sociedade. Deixe-me levar algo que eles acharão irresistível.

— Pechinchar é algo tão desagradável. —Ilemina franziu a testa. — Principalmente porque sou péssima nisso. Eu prefiro um preço justo, que eu possa pagar sem nenhuma negociação.



— E isso aos olhos delas é uma grande fraqueza. —Maud deu de ombros.

Quando se barganha com *Lees,* o primeiro preço que elas citam sempre é escandaloso. Era um teste e você tinha três opções: *primeiro, poderia pagar o preço que elas pediram e ficar conhecido como um idiota para sempre, segundo, poderia desistir da negociação e ser julgado por elas como uma pessoa rígida demais para se tornar um parceiro de negócios ou aliado, e terceiro, poderia negociar.* Somente a terceira opção lhe trazia respeito entre as *Lees*.

No campo do jogo, a Casa Serak se moveu para o lado esquerdo de Karat. Ela mudou sua formação para um anel oval irregular, uma das extremidades do anel oval voltada para Serak e a outra para Kozor. Karat estava no meio, abaixo do poste, sua lâmina de treino pronta na mão.

Serak atacou Krahr, mas o lado esquerdo resistiu. À direita, a um pouco mais de vinte metros de distância, os Kozors formavam um triângulo com Seveline na ponta. Os dois Cavaleiros vampiros logo atrás dela pareciam ter pulado



de um filme de uma saga antiga, cada um quase do tamanho de Otubar.

O triângulo atacou. Os Cavaleiros avançaram, ganhando velocidade, como uma manada de rinocerontes enfurecidos.



— Bloqueiem! —A voz de Karat soou. Os defensores se prepararam, fazendo o melhor possível para formar um muro impenetrável prestes a encontrar uma força incontrolável.

Agora o plano fazia mais sentido. Se não fosse por Serak, a equipe de Karat poderiam se dispersar, deixando apenas alguns defensores no meio para retardar a equipe de Kozor que penetrava no círculo, enquanto a maioria dos seus Cavaleiros cortava a massa de invasores dos lados. Maud já vira essa estratégia antes. Feita corretamente, absorvia a energia cinética da força como uma esponja. Mas com Serak nas costas, Karat não teve oportunidade de manobrar. A pressão constante em suas costas a deixou apenas com uma escolha— bloquear.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Os Kozor estavam quase neles. Maud prendeu a respiração, preparando-se como se estivesse na equipe de defensores.

O triângulo se abriu um pouco, Seveline deslizou para as fileiras de trás. A última fila do triângulo se desfez. Seveline correu por cima dos ombros e costas dos Cavaleiros Kozor e saltou. Por um momento ela voou, sua forma magra em silhueta contra o céu azul, a luz do sol brilhando em sua armadura, depois aterrissou no círculo. Karat inclinou-se para a direita, evitando ser derrubada por um fio de cabelo.

Seveline bateu nela, girando rápido como um dervixe. Karat bloqueou, recuando, em linha reta para a parte de trás de das linhas da equipe de Krahr. Seveline era um redemoinho de lâmina. Seus ataques perfuraram a defesa de Karat em uma rajada, tão rápida que Maud mal conseguia acompanhar. *Droga*. Karat bloqueou e desviou, mas ela não tinha para onde ir. Listras vermelhas cortavam sua armadura, os golpes da espada de prática de Seveline deixando sua marca.

*Droga.*



O capacete de Karat ficou branco. Seveline a atingiu com um ferimento mortal. Karat xingou e jogou a espada no chão. Seveline riu e se moveu para a linha defensiva de Krahr.

— Interessante, —disse Otubar, assistindo Seveline massacrar os Cavaleiros por trás.

— O que poderíamos oferecer às *Lees*? —Ilemina tomou um gole de vinho azul da sua taça, seu tom relaxado.

— Elas querem uma Estação comercial, —disse Maud.

Ilemina sorriu com ironia. — Só isso?

— A idéia de uma Estação comercial tem algum mérito, —disse Arland, com o olhar fixo na equipe em ruínas de Krahr.

Otubar fez um barulho baixo e estridente que poderia ser desdém ou apoio a opinião de Arland. Maud não conhecia o Lorde Consorte o suficiente para saber.

As sobrancelhas de Ilemina se levantaram. — Você concorda com isso?

Otubar deu um encolher de ombros quase imperceptível.



— Podemos levar uma frota para o Sistema Serak, e posso reduzir suas frotas a lixo espacial, —disse Arland. — Temos superioridade militar tanto em número quanto no calibre de nossos naves. No entanto, não podemos monitorar o Sistema indefinidamente. Leide Maud é especialista na história dos vampiros. Diga-nos, minha Senhora, o que a história conta sobre ocupar o território de outras Casas?

*Obrigada por me atropelar com um ônibus e passar por cima de mim depois que me jogou debaixo dele. Me sinto maravilhosa*.

— Ninguém na história da Sagrada Anocracia jamais venceu uma guerra entre Casas. Sempre que se tentou uma ocupação de outra Casa, a ocupação falhou e a Casa derrotada deixou de existir.

— Se você contar Serak e Kozor, há quase um milhão de seres entre os dois planetas, —disse Arland. — Não podemos ocupar seu território, então o único recurso seria a aniquilação.

A nave de guerra de Arland brilhou diante dos olhos de Maud. Alvos fixos, como planetas e instalações defensivas nas luas, não tinham chance contra as frotas espaciais. Esses alvos



seguiam uma órbita fixa e não conseguiam se esquivar. Lançar um projétil cinético ou uma enxurrada de mísseis quando os computadores podiam calcular a posição exata do seu alvo era uma brincadeira de criança. A Casa Krahr podia simplesmente sentar e bombardear os dois planetas até que nada vivo permanecesse na superfície. Uma agulha gelada perfurou a espinha de Maud. Eles estavam sentados aqui discutindo a potencial morte de um milhão de seres. Não era uma discussão abstrata sobre a moralidade disso, não era hipotético. Eles realmente poderiam fazer isso. O que seria dito aqui nos próximos minutos determinaria se a próxima geração de crianças Kozor e Serak cresceria.

402 Divas & Lord's

— Alguns enxergam isso como a única opção, —disse Ilemina.

— Não somos uma Casa que se incline a genocídio contra nossa própria espécie, —disse Arland.

Ilemina sorriu.

Seveline estava subindo o poste.

— Leide Maud? —Ilemina perguntou. — O que acha?



Maud tomou um gole de vinho. De repente, sua garganta ficou seca. — O que me parece, é que tanto Serak quanto Kozor estão com problemas financeiros sérios, já que andam recorrendo a saquear naves comerciais.

— Eles estão presos em um sistema distante sem meios de expandir suas Forças Armadas, —disse Otubar.

No campo de jogo Seveline agitou a bandeira do topo do poste.

— E por isso a Casa Krahr ganharia muito pouco se decidisse exterminá-los, —disse Maud. — Teriam prejuízo financeiramente. Gastariam uma fortuna em combustível e munições. Do ponto de vista militar, também teriam prejuízos. A Casa Krahr não obteria território, recursos ou vantagem estratégica. Se justificarem que o motivo do ataque foi uma questão de honra, precisam lembrar que a Sagrada Anocracia não ve como vitória o extermínio de um oponente que não tinha chance de se defender. E isso poderia abalar a reputação impecável da Casa Krahr.



Ilemina riu em seu vinho. — Não precisaríamos de nenhuma justificativa para atacá-los, Leide Maud. Eles saquearam nossas naves. A vingança seria motivo suficiente.

— E tenho a certeza de que Lorde Arland os esmagaria tão completamente que quando acabasse, as únicas naves espaciais no sistema seriam as cápsulas de fuga. —Maud bebeu mais vinho. — Parece-me que uma vez que as aventuras piratas de nossos estimados convidados se tornem de conhecimento público, o comércio mudará. O Sistema das duas Casas definharão e apodrecerão sem sua principal fonte de renda. O comércio terá que ir a algum lugar.

— Irá para Sarenbar, —disse Arland. — Ou poderão vir para nós. Trazer o polo comercial para cá através de uma Estação Espacial Portuária nos permitiria controlar os termos dos negócios e nos ofereceria uma oportunidade única de contornar os portos de comércio exterior, recebendo embarques de outras espécies. Colocar as *Lees* num papel-chave assegurará a rentabilidade da Estação.

— E a participação dos *Tachis* garantiria a superioridade tecnológica desse Porto, —acrescentou Maud.



— Você permitiria a entrada de estranhos em nosso espaço seguro. —O rosto de Ilemina endureceu.

Arland a encarou. — Eventualmente, teremos que interagir com o resto da galáxia por outros meios que não a invasão e a guerra. Não podemos matar todos, mãe.

Otubar pigarreou. — Temos visita.

Tellis, o noivo, estava caminhando em direção à mesa.

— Muito arrogante para o meu gosto, —Ilemina observou. — Devemos fazer alguma coisa a respeito, não é querido?

— Sim, —Otubar e Arland disseram em uníssono.

Maud se preparou.





# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Tellis parou a uns cinquenta centímetros muito perto.

Quando criança, uma das primeiras lições que o pai de Maud lhe deu foi a respeito da importância da tradição para os vampiros. Espécie agressiva e predatória, os vampiros lutavam à menor provocação e suas interações sociais precisavam ser extremamente reguladas. Todas as regras e cerimônias garantiam que ninguém seria ofendido casualmente. Um vampiro teria que ignorar empenhadamente os costumes para causar uma ofensa, e quando o faziam, era sempre deliberado.

Uma distância apropriada entre dois inimigos em potencial era de cerca de um metro e meio, o suficiente para que ambos pudessem sacar armas, se necessário. Os aliados podiam ficar um pouco mais perto, um metro, apenas distante de um comprimento de braço. Só os amigos podiam ficar a uma curta distância, e os membros da família geralmente permitiam apenas alguns centímetros de espaço pessoal.

Tellis havia chegado perto o suficiente para tocar a mesa, o que o colocava a um metro de Ilemina e Otubar, mas a apenas meio metro de Maud. Ele poderia alcançá-la e tocá-la,



e estava sorrindo. Os vampiros só arreganhavam os dentes assim por apenas uma razão: *impressionar.* Era o sorriso de um predador no ápice demonstrando todo o esplendor de suas presas.

Era também um insulto óbvio, independentemente da maneira que se escolhesse interpretar. Ou ele considerava que Maud não pertencia à Casa Krahr e, portanto, não era digna de cortesias básicas, ou estava deliberadamente familiarizando-se excessivamente com a noiva de outra pessoa. Um equivalente humano seria colocar seu braço em torno de uma mulher celebrando seu noivado com outro homem e sorrir enquanto fazia isso. Tellis não poderia ter sido mais óbvio sobre isso nem se ele tivesse a encarado e perguntado a ela se estava livre hoje à noite.

Pelo canto do olho, Maud podia ver o rosto de Arland. Sua expressão estava completamente relaxada. De fato, nunca o viu tão tranquilo. O sorriso no rosto de Arland era quase sonhador.

*Ah, merda.*



— Excelente jogo, —disse Tellis, — nossos mais profundos cumprimentos.

Lorde Otubar sorriu. Seu sorriso o suficiente para dar pesadelos às crianças humanas. — Táticas interessantes.

— Sim, —disse Leide Ilemina. — Nós apreciamos bastante esse vislumbre informativo de como funciona as mentes da Casa Kozor e da Casa Serak. Realmente, a cooperação entre as duas casas é louvável. Você não acha, Arland?

— Um exemplo para todos nós, —disse Arland.

As sobrancelhas de Tellis se levantaram um pouco. Ele não era um idiota, e acabara de perceber que haviam exagerado no jogo, revelando mais do que pretendiam. Ele tinha duas opções agora: *poderia se retirar graciosamente ou ir em frente com a sua provocação.* Dado que ele era um Cavaleiro vampiro, escolheu a segunda com coragem e se lançou no ataque com toda a sutileza de um aríete.

— Falando em exemplos, todos estávamos admirados com as aventuras de Lorde Arland em Karhari.



Maud bebeu o vinho, segurando um tremor antes que ele começasse.

Tellis ainda estava sorrindo. — Quantos atacantes você enfrentou de uma só vez lá? Foram quatro ou cinco? Não me lembro.

— Eu estava um pouco ocupado e não tive tempo para contar. Em uma batalha real, as coisas ficam um pouco agitadas. —Arland ainda estava flutuando em sua própria *nuvem Zen*[36].

— Gostaria de nos fazer uma demonstração, Lorde Marechal? Uma pena que o jogo não tenha durado tanto quanto gostaríamos. Ainda precisamos de um pouco de exercício. Se não se importa, claro.

*Ele não disse isso*. Aparentemente, a Casa Krahr era tão fraca que Tellis não havia nem suado.

[36] **Zen** é o nome japonês da tradição Ch'an, que surgiu na China por volta do século VII. O Zen costuma ser associado ao Budismo do ramo mahayana. Foi cultivado, inicialmente, na China, Japão, Vietnã e Coreia. A prática básica do zen japonês é o zazen (literalmente, "meditar sentado"), tipo de meditação contemplativa que visa a levar o praticante à "experiência direta da realidade" através da observação da própria mente.



Arland parecia entediado. — Eu não terminei meu vinho. Se eu me levantar para dedicar meu tempo a alguma exibição, meu vinho estará quente quando eu voltar.

Tellis piscou. Maud escondeu um sorriso. *Sim, Arland acabou de esfregar na sua cara que o vinho dele é mais importante que você*. Tellis teria que adotar meios mais rudes de provocação se quisesse fazer Arland entrar em ação.

— Tudo bem, o Lorde Marechal deve estar muito cansado de perseguir sua noiva humana relutante para redimir a honra de sua Casa. Entendo completamente. Todos nós apreciamos sua nobre perseguição, no entanto, acredito que a Senhora desejaria ver tal exibição. —Tellis olhou para Maud e sorriu.

*Sim, agora ele conseguiu provocar suficiente.*

Arland suspirou e ficou de pé, parecendo entendido, como se alguém tivesse lhe pedido para levar o lixo lá fora no meio de um bom filme.

— Vou conservar seu vinho fresco, querido, —disse Ilemina. — Vá e divirta-se.



Arland virou-se para Tellis. — Se você insiste. Armadura completa, armas carregadas, primeiro a cair?

O sorriso de Tellis não diminuiu, mas definitivamente vacilou. Sob circunstâncias normais, as armas vampíricas tinham as mesmas limitações que as armas terrestres. Elas eram feitas de uma liga avançada que proporcionava maior durabilidade, e os ferreiros vampiros haviam transformado a fabricação de armas em uma arte, mas se alguém tentasse cortar uma grande árvore com uma espada vampira, a espada quebraria antes que a árvore caísse. A preparação de uma arma vampírica exigia que ela fosse preenchida com o *rathan rhun*, o sangue brilhante. Nem mesmo o pai de Maud sabia exatamente o que era o *rathan rhun*. Era vermelho e brilhante e fluía através da arma, emitindo um ruído revelador, espalhando-se pelo metal como seu nome sugeria. Depois que se ouvia o som de uma arma de sangue sendo preparada, nunca mais se esquecia. Uma clava de sangue empunhada por um forte Cavaleiro vampiro derrubaria um poste de telefone.

Armas de sangue não eram usadas nos treinos. Arland acabara de sugerir uma luta em condições reais de batalha.



Lutariam até o ponto dos combatentes desistirem quando não conseguirem mais continuar.

— Armas carregadas? —Perguntou Tellis.

— Você é quem queria exercício. —Arland olhou para Tellis. — O Lorde parece achar que a minha luta no *Road Lodge* foi uma luta de exibição, não é? Você pediu uma demonstração precisa. Honrarei seu pedido.

Tellis abriu a boca e a fechou.

Arland levantou a cabeça e berrou: — Tragam as armas para os nossos convidados!





# CAPÍTULO 13

Isso era estúpido, concluiu Maud. Na verdade, essa era uma das coisas mais estúpidas que viu Arland fazer, e ele não era, de maneira alguma, um homem estúpido.

Arland olhou para os dois Cavaleiros Serak que se adiantaram para se juntar a Tellis. Ambos carregavam a confiança de veteranos. Eles lutaram antes, venceram e não achavam a presença de Arland ou sua reputação especialmente intimidadora. Em resumo, pareciam prontos, e Maud não gostou disso nem um pouco.







Arland levantou a voz. — Estes são os únicos bravos Cavaleiros que a Casa Serak tem a oferecer?

*O que ele está fazendo?*

Arland olhou em volta, abrindo os braços. — Não há mais ninguém?



Mais dois Cavaleiros se levantaram de suas mesas do lado da Casa Kozor, Onda e um Cavaleiro grisalho que parecia poder derrubar um touro com um soco. *Ótimo, simplesmente ótimo.*

— Temos cinco agora, —disse Arland. — Fantástico.

Maud pegou a taça e bebeu.

— Foram sete em Karhari, mas se cinco almas corajosas são o melhor que as duas Casas podem conseguir, vou me contentar.

*O que?* O vinho entrou na direção errada e ela engasgou.

Mais quatro cavaleiros se levantaram, dois de Serak, dois de Kozor.

— Agora sim, —declarou Arland.

*Nove oponentes. Ele ficou louco. Essa era a única explicação*.

Prateleiras de armas estavam sendo trazidas para o gramado. Os Cavaleiros se armaram. O chiado agudo das armas de sangue sendo preparadas cortou o silêncio. Arland



ergueu a clava. O olhar dele se cruzou com o de Maud e ele sorriu para ela.

— Ele ficou louco, —ela sussurrou.

— Nexus, —disse Otubar.

Ela olhou para ele. — Não entendi, meu Senhor.

— Já se passaram muitos anos desde que esse castelo foi construído, —disse Ilemina. — Hoje em dia, os conflitos entre Casas são decididas no espaço. Batalhas terrestres são poucas e preciosas. Duvido que Kozor ou Serak tenham realmente lutado em uma.

— As características únicas de Nexus não permitem batalhas aéreas, —disse Otubar. — Em Nexus, o solo foi disputado e conquistado centímetro a centímetro, regado com sangue e fertilizado com cadáveres.

— Eu sabia que teria que enviar meu filho para Nexus vinte anos atrás. —Ilemina sorriu. — Seu pai e eu fizemos tudo para garantir que ele voltasse vivo. É isso que Arland faz melhor. Confie nele.



Um jovem Cavaleiro correu para Arland e lhe passou um escudo redondo, com cerca de dezoito centímetros de diâmetro, feito da mesma liga escura que a armadura-Syn. Um pedaço em forma de meia-lua fora cortado de um lado, grande o suficiente para prender um braço. Ele planejava usar um broquel.



Maud havia mostrado a ele a técnica de broquel e lâmina durante uma das sessões de treinos na Pousada de Dina. Ele perguntou sobre a luta de espadas na Terra e ela o mostrou vários estilos diferentes. Arland havia zombado do broquel. Os escudos eram obsoletos para os vampiros. A armadura-Syn oferecia proteção superior sem sobrecarga de peso e os únicos escudos ainda em uso eram enormes e projetados para proteger o portador durante um bombardeio. Em batalha corpo-a-corpo os vampiros usavam duas armas ou escolhiam armas grandes e as usavam com as duas mão para aproveitar ao máximo sua força e resistência. Por que defender quando se pode atacar? Depois de atacar Arland com o broquel algumas vezes nos treinos, ele mudou de ideia. Eles treinaram com broquéis o tempo todo que passaram no espaço a caminho daqui.



Arland agarrou o broquel com a mão esquerda. O escudo chiou, carregando. Faixas vermelhas o riscaram e, quando ele girou o broquel, Maud viu sua borda vermelha. Era afiada.

*Uau!* Ele construiu uma versão vampira do broquel.

Tellis, carregou duas lâminas e riu. — Meu Senhor, é tão pobre que não pode pagar por um escudo adequado, ou tão estúpido que acha que esse brinquedinho o protegerá?

— Tudo a seu tempo, —disse Arland. — Espere e verá.

Ilemina se inclinou para frente, concentrada em Arland. — Um escudo. Interessante. Mas por que tão pequeno?

Otubar fez uma careta. — Estou animado para descobrir.

Os nove vampiros se espalharam, cercando Arland. De repente ela entendeu. Como havia nove deles, precisaram se organizar ao redor de Arland em um amplo círculo, cada Cavaleiro tinha apenas aproximadamente um ângulo de quarenta graus para se mover. A distância ideal para um combate era a soma da altura do combatente, mais o comprimento da sua arma, mais um passo. Se eles tivessem ficado na distância ideal de Arland, se chocariam um com o



outro. Eles precisavam de espaço para se mover, de modo que instintivamente recuaram, dando-se espaço, mas agora estavam tão distantes de Arland que corriam o risco de entregar suas estratégias de ataque antes de usá-las. Dessa forma, Arland teria tempo mais do que suficiente para reagir, e eles só podiam atacá-lo dois ou três de cada vez, ou entrariam no caminho um do outro.



Os Cavaleiros também perceberam, mas tarde demais, agora não havia tempo para planejar nenhum tipo de estratégia. Quanto mais tempo eles ficassem ali, mais pareceriam que estavam com medo, e seu plano para humilhar Arland sairia pelo avesso.

— Venham! —Arland berrou.

Um Cavaleiro mais velho à sua esquerda atacou, a enorme espada de *duas-mãos*[37] cortando o ar em um arco vicioso. Arland se esquivou. O impulso do vampiro o levou para longe

---

37  Espada de duas-mãos



de Arland, que esmagou sua clava na parte de trás do capacete do outro homem. A força do golpe derrubou o Cavaleiro no chão. Ele rolou e ficou imóvel.

Onda e um Cavaleiro loiro à sua direita atacaram ao mesmo tempo e acabaram colidindo um no outro. Um Cavaleiro ruivo mais magro correu para Arland, empurrando sua espada. Uma coisa interessante sobre os broquéis: *segurados perto do corpo, eles ofereciam muito pouca proteção, mas quando estendidos no comprimento do braço, os broquéis não apenas protegiam a maior parte do corpo, mas também reduziam a visão do seu oponente.* Arland aparou a espada do adversário com o broquel, jogando-a para a direita e baixou a clava como um martelo no ombro direito exposto do Cavaleiro. Ossos trituraram quando a armadura falhou em absorver completamente a força do golpe. O vampiro ruivo deixou cair a espada enquanto Arland se virava para encontrar Tellis, que se preparava para atacá-lo por trás.

A espada esquerda de Tellis encontrou a clava de Arland, a direita bateu no broquel, deixando Tellis exposto por uma



fração de segundo e Arland o chutou violentamente. Tellis tropeçou para trás.

Uma Cavaleira de ombros largos saltou para Arland a partir da esquerda, enquanto um Cavaleiro alto avançou pela direita. Arland recuou, e a Cavaleira se chocou contra o vampiro, ambos desmoronando em uma pilha. Arland esmagou as costas da mulher com sua clava. Ela gritou e saiu de cima do Cavaleiro, que estava se debatendo debaixo dela. O Cavaleiro tentou se levantar, mas deu de cara com o broquel.

Onda bateu o martelo nas costas de Arland. Ele deve ter percebido o golpe iminente, mas sem ter como evitá-lo, simplesmente flexionou os ombros e levou o golpe. Onda deve ter esperado que ele caísse, porque ela o encarou por meio segundo. Maud sabia por experiência que dar a Arland meio segundo era um erro fatal. Ele se virou, colocando todo o seu peso atrás de um golpe horizontal. Sua clava se conectou com as costelas de Onda. O golpe a tirou do chão. Foi quase cômico—um momento Onda estava lá, brandindo seu



martelo, e no outro ela apareceu deitada em algum lugar na grama.

Os seis Cavaleiros ainda de pé atacaram. Arland trabalhou neles com precisão metódica, quebrando membros, esmagando ossos, enfiando o broquel nas articulações. Cinco deles o encurralaram, e Arland os quebrou um a um, até que nenhum deles se moveu. Era uma raiva fria e controlada, aproveitada e canalizada para carnificina.

Finalmente, apenas Tellis e Arland continuaram de pé. Arland sangrava de um corte na têmpora esquerda. Arranhões e amassados marcavam sua armadura. O lado direito da mandíbula estava inchada. Maud tentou se lembrar de todos os ataques que ele havia sofrido. Não havia como saber se Arland estava bem ou sangrando dentro daquela maldita armadura.

Tellis respirava como se tivesse corrido uma maratona. Um hematoma escureceu sua bochecha esquerda. A armadura sobre o antebraço esquerdo havia perdido a integridade, ficando sem brilho.



Arland largou o broquel e atacou. Sua clava assobiou no ar. Tellis bloqueou a espada da mão direita e atacou com a esquerda. A lâmina passou por um fio acima do ombro direito de Arland. Arland pulou para frente e deu um soco em Tellis. Foi uma cruzada de esquerda devastadora. Tellis tropeçou e Arland enfiou a clava no braço esquerdo de Tellis. O noivo recuou. Arland girou novamente e Tellis se moveu para longe.



Eles circundaram o campo de batalha, Tellis, rápido e ágil, Arland imparável como um tanque em meio à fúria.

Circularam o campo por completo.

Tellis continuou recuando. Arland continuou seguindo-o, mas o outro Cavaleiro não deixava Arland o alcançar.

Arland parou e esperou. Tellis parou também.

O gramado estava silencioso.

Arland deu um passo à frente. Tellis deu um passo para trás.

Otubar gritou: — Isso não é uma dança. Lutem ou saiam do campo.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Tellis olhou para os oito corpos caídos na grama. Alguns gemiam, outros completamente silenciosos.

Os olhos de Tellis estavam arregalados e vidrados. Maud já tinha visto aquele olhar antes. Era o olhar de alguém que tinha visto sua própria morte. Tellis tinha esquecido que este não era um campo de batalha real. O desejo de sobreviver havia tomado conta. Ele não tinha para onde ir. Desistir seria desonroso, enfrentar Arland seria dor e morte. Assim, como os corpos na grama, Tellis ficou parado.

Arland encolheu os ombros enormes, abaixou a clava, deu as costas para Tellis e saiu do campo. Maud deixou escapar um suspiro que não sabia que estava segurando.

Ele parou ao lado da mesa, espancado e salpicado de sangue, e olhou para ela. Podia-se ouvir um alfinete cair.

— Nós não terminamos nossa conversa, minha Senhora.

Oh, ela estava mais do que pronta para ter uma conversinha com ele. Apresentaria tópicos como: *por que diabos deixou nove Cavaleiros o espancar? e o que diabos estava pensando?* Se Arland estava sangrando internamente, tirá-lo



daqui com a desculpa de que precisavam conversar era a única maneira dele sair de forma honrosa. Maud precisava tirá-lo daqui e dessa armadura.

Maud levantou-se, consciente de cada olhar. — Nesse caso, meu Senhor, sugiro que nos retiremos para seus aposentos, assim poderemos ter essa conversa em particular.

— Teria todo o prazer. —Arland estendeu a mão em direção ao caminho.

Maud inclinou a cabeça para Ilemina e Otubar. — As minhas sinceras desculpas.

Ilemina acenou para ela. — Não tem de quê, minha querida.

Maud começou a andar, consciente de Arland apenas um passo atrás dela.

— Ahh, os jovens e suas paixões, —a voz de Ilemina flutuou para ela. — Onde está o nosso médico?



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**





Assim que chegaram à torre e a porta se fechou atrás deles, Arland balançou e caiu contra a parede.

— Você é muito idiota, —ela sussurrou entre dentes.

Arland sorriu. — Talvez. Mas eu ganhei.

*Ugh*. Ela não tinha ideia do quanto ele estava machucado. Provavelmente nem mesmo ele sabia o quanto estava machucado. Precisava tirá-lo dessa armadura. Ela poderia tirá-lo aqui mesmo. Cada Brasão da Casa continha os suprimentos básicos necessários para a intervenção médica de emergência. Mas se Maud o usasse agora e o aplicasse, Arland não conseguiria sair dessa torre. Precisavam subir as escadas, atravessar a ponte e chegar ao quarto dele ou ao dela e tinham



que fazer isso com Kozor e Serak assistindo. Qualquer demonstração de fraqueza diluiria a vitória de Arland.

O valor de sua vitória não estava na humilhante surra que deu nos Cavaleiros de Kozor e Serak. Estava no medo e na incerteza que despertou depois da surra. As Casas Kozor e Serak entraram na luta razoavelmente certos do que esperar. Eles haviam feito suas pesquisas, haviam assistido à luta em Karhari e esperavam que Arland fosse um lutador superior. O que eles não esperavam era que Arland fosse invencível. Se ele tivesse sido levado do campo por médicos ou tivesse saído mancado e obviamente ferido, seus inimigos poderiam pensar: *'Quase o vencemos com nove Cavaleiros; podemos matá-lo com dez!'* Mas Arland os esmagou e foi embora como se a batalha não fosse nada. Agora seus inimigos não sabiam quantos Cavaleiros seriam necessários para derrotar Arland e nem quantos Cavaleiros do nível de Arland a Casa Krahr possuía. Eles temiam o que não podiam ver e não conheciam. Arland tinha que parecer invulnerável.

Maud deslizou o ombro sob o braço dele. Ele se apoiou nela. O peso dele caiu sobre ela e seus joelhos quase dobraram.



Era ruim. Arland não teria colocado tanto peso nela se pudesse se segurar. Ele tinha que estar em suas últimas forças.

Arland mostrou as presas, o rosto sombrio. — Degraus.

— Um de cada vez, meu Senhor.

Eles subiram as escadas cambaleando.

— Foram sete em Karhari, —ela rosnou imitando a voz de Arland.

— Mas é verdade.

— Aquilo foi diferente. A luta em Karhari foi uma briga contra bandidos e babacas com armaduras ultrapassadas. Você poderia matá-los. Agora você enfrentou nove Cavaleiros em ótimas condições de luta e de armadura, e não poderia matar nenhum deles sem estragar o casamento. Quem faz isso?

— Bem, parece que realmente foi imprudente colocado dessa maneira. Mas eu ganhei.

Eles pararam no patamar. A respiração de Arland estava saindo em suspiros irregulares.

— Você sente frio ou sonolência? —Ela perguntou.



— Eu não estou sangrando.

— Bem, nós não sabemos disso, não é?

— Eu saberia.

— Cala a boca.



Ele sorriu para ela.

— O que foi?

— Estamos como éramos antes. Na Pousada.

Ela olhou para o rosto dele. — Levar uma surra dos infernos e sangrar nas escadas?

— Não. Você está falando comigo de novo. Realmente falando comigo. Você anda tão ... distante desde que chegou. Eu gosto quando estamos assim.

Eles começaram o segundo lance de escadas.

— Se eu tiver que lutar contra nove Cavaleiros toda semana para ...

— Não termine, —ela o alertou.

— ... manter você falando comigo ...



— Vou jogá-lo escada abaixo, Arland. Juro.

— Não, não vai. Você gosta de mim. Ficou impressionada com a minha exibição.

Ela revirou os olhos. — Qual exibição? Essa que você não pode subir, sem ajuda, um lance de escada? Sim, meu Senhor, muito impressionante.

Ele resmungou e balançou. Por um momento, cambalearam no último degrau, andando de um lado para o outro, e Maud pensou que perderiam o equilíbrio, mas se lançaram para a frente, terminando de subir a escada.

— Como eu estava dizendo, —disse Arland, com um brilho de suor cobrindo seu rosto, — se eu tiver que lutar contra nove Cavaleiros toda semana pelo prazer de você me repreender, faria isso de bom grado.

— Você é um idiota. Abandonei minha irmã e uma Pousada perfeitamente boa, e viajei pela metade da galáxia atrás de um idiota.



A porta se abriu na frente deles. A passarela se estendia, impregnada de sol e impossivelmente longa. Eles estariam sendo vistos pelos vampiros no gramado a cada passo.

Arland grunhiu novamente, se empurrou gentilmente para longe dela e ficou sozinho.

— Você pode fazer isso, —ela disse e deslizou o braço dela na dobra do cotovelo dele.

Eles caminharam para a luz do sol lado a lado, como se estivessem em um passeio.

— Se eu cair, não tente me pegar, —alertou.

— Você não é tão pesado.

— Sim eu sou.

Eles continuaram passeando. Um passo de cada vez.

Um passo.

Outro.

Outro.

— Tinha que ser nove? Não poderiam ter sido cinco? — Ela sabia a resposta, mas falar o distrairia.



— Tinha que ser mais do que havia em Karhari. Bater sete novamente não seria tão emocionante. Eu já fiz isso.

— Você me tira do sério, meu Senhor. Não há bom-senso em sua cabeça? Nenhum mesmo?



Ele deu um sorriso deslumbrante. — Não, agora não.

Maud suspirou. — Eu esperava que tivesse.

— Você deveria ficar comigo. Aqui. Você e Helen. Não me deixe. Não quero que você vá.

Seu coração acelerou.

— Casada ou não comigo, aceitarei o que está disposta a me dar. Não vá embora.

E aí estava. Ele acabou de colocar para fora. Tudo ou nada. Maud tinha que dar uma resposta e desta vez não poderia ser um talvez. — Lorde Arland?

Arland suspirou baixinho, sua voz resignada. — Sim minha Senhora?

— Eu não vou a lugar nenhum, seu tolo. Você é meu. Mas se decidir lutar contra nove Cavaleiros aleatórios novamente,



porque quer fazer uma declaração, juro, vou deixá-lo sangrando ali mesmo e ir embora.

— Não, você não vai. Da próxima vez você vai querer me ajudar a lutar.

Ela xingou e ele riu.



A seis metros da bifurcação no corredor que levava aos dois quartos, o Comunicador de Arland tocou. Ele olhou para o Comunicador e continuou. Maud estava quase carregando-o agora. O Comunicador tocou repetidamente.

— É Soren, —disse Arland.

Chegaram ao local onde o corredor se dividia. Precisavam escolher, o quarto dele ou o dela. Soren provavelmente tinha



entrada autorizada para os aposentos de Arland com acesso prioritário. Se escolhessem o quarto de Arland, não teriam paz.

— Lorde Soren tem um código de autorização para entrar em meus aposentos? —ela perguntou.

— Não.

Maud virou à direita em direção ao quarto dela, segurando Arland. Os últimos metros do corredor eram pura tortura. Os joelhos tremiam e as costas ardiam devido ao esforço.

A porta se abriu. Eles entraram tropeçando e a porta se fechou atrás deles. O peso total de Arland a atingiu. O rosto dele estava pálido e quase desfalecido. Arland chegou ao seu limite.

— Banheiro, —ela o forçou. — Preciso levá-lo ao banheiro.

O rosto de Arland estremeceu e ele cambaleou para o banheiro, guiado por pura força de vontade.



— Cama-de-cura! —Ela ordenou quando eles cruzaram a entrada para o banheiro.

Uma maca desceu da parede e ela a puxou e colocou Arland sobre a maca. Ele caiu de costas, sua juba de cabelos loiros se espalhando sobre a maca. Sua perna direita pendia na borda. Maud a pegou e a jogou para cima.

Arland bateu no peito. A armadura-Syn estalou ao longo de seus encaixes, se desmontando em pedaços. Maud puxou os pedaços do peitoral dele e as jogou no chão.

— Kit de primeiros socorros!

Uma bandeja deslizou para fora da parede, oferecendo a habitual variedade de estimulantes, antibióticos, selantes de feridas e anestésicos. Maud arrancou o ultimo pedaço da armadura dele. Arland tinha um corpo dos heróis das lendas vampiras. Dizer que ele tinha ombros largos, um peito e abdômen esculpidos não fazia justiça a ele. Ele era grande. Não havia realmente nenhuma palavra melhor para descrevê-lo. Músculos duros e poderosos cobriam seu corpo maciço. Quando se olhava para Arland, via-se força pura em forma



física. Um homem humano grande e atlético pareceria um adolescente frágil ao lado dele.

Todo esse músculo vinha com um preço. Arland tinha resistência e podia produzir explosões de poder devastadoras, mas não podia correr por horas como Sean, o namorado de Dina.

Sean, sendo um lobisomem alfa, possuía velocidade e resistência quase ilimitadas. Arland foi projetado para se manter firme. E foi exatamente o que ele fez naquele campo agora a pouco. Todo o seu lado esquerdo estava coberto por um enorme hematoma retangular. Seu bíceps direito sangrava em dois lugares, onde algo havia perfurado a armadura. Seu quadril direito estava vermelho escuro, resultado de uma pancada forte. Ele também foi atingido nas costas, mas ela lidaria com isso depois.

Maud pegou cuidadosamente um cartucho de energético, preparou a seringa com facilidade praticada, encontrou uma veia no braço esquerdo e aplicou nele. Os vampiros se curavam mais rápido que os humanos, mas eles precisavam de muito combustível para fazê-lo.



— Escâner.

Um braço mecânico deslizou da parede, na extremidade do braço havia dois filamentos separados por cerca de vinte centímetros. Ela o puxou para frente, posicionando os filamentos horizontalmente sobre o hematoma no lado esquerdo de Arland. Uma tela se abriu entre os filamentos, mostrando a ela uma visão em preto e prata dos ossos de Arland. Duas pequenas fraturas. Não era uma ótima notícia, mas também não era tão horrível assim. Ela esperava encontrar costelas quebradas perfurando órgãos vitais. Se ele fosse humano, teria encontrado.

Maud moveu o escâner para o braço direito. A arma que perfurou o braço não atingiu nenhum vaso sanguíneo importante. O sangramento já havia diminuído.

O quadril direito era o próximo.

— Um pouco para a esquerda e para baixo, —disse ele em voz baixa.

— Lembre-se de que tenho uma bandeja inteira de tranquilizantes aqui do meu lado.



— Isso seria bom também.

Os analgésicos teriam que esperar até que ela terminasse de avaliar a extensão de seus ferimentos.

O escaneamento do quadril lhe ofereceu uma contusão muscular, osso machucado e hematoma. Um nódulo se formou quando uma poça de sangue saturou o tecido ferido. Isso doía como o inferno, o fez mancar, mas não era fatal.



Ela agarrou seus ombros. — Preciso que se sente.

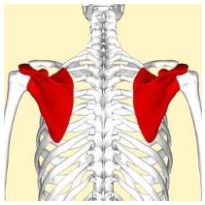
Ele sentou-se. Ela moveu o escâner pelas costas dele. Arland levou um golpe em seu ombro esquerdo. *Escápula*[38] fraturada. *Merda.*

— Levante seu braço esquerdo.

Arland levantou o braço alguns centímetros para o lado e parou. — Não dá.

— Dói respirar?

---

38  Escápulas em vermelho no desenho. Ossos das costas.



— Eu já tive pior.

— Você precisa de um médico.

— Estou bem.

Humanos, vampiros, lobisomens, não importava. Se fossem machos e estivesse gravemente feridos, todos sempre achavam que não era nada.

— Respire fundo, meu Senhor.

— Estamos de volta a *'meu Senhor'*, —disse Arland secamente.

Certo. Distração era uma estratégia maravilhosa, quando funcionava. Maud sorriu e bateu a mão nas costas dele. Arland deu um pulo para a frente, respirando fundo.

Ela alcançou um cartucho de um potente analgésico da bandeja.

— Não, —ele disse. — Não quero ser sedado. Isso vai me deixar lento e com sono. Não tenho tempo para tirar uma soneca.



— Você tem uma escápula fraturada e duas costelas quebradas. Perdeu força do seu braço esquerdo e toda a sua respiração é uma tortura. Precisa passar um tempo com um restaurador ósseo.

— Maud, —disse ele.

— Não. Você não é adolescente. Nós dois sabemos que precisa de sedação e de uma visita a enfermaria. Nem sei porque preciso lhe convencer ...

Ele estendeu a mão com o braço esquerdo e segurou o pulso dela entre os dedos, puxando-a para perto. De repente estavam cara a cara, e Arland olhava para ela. Seus olhos estavam muito azuis.

Teria sido fácil se afastar. Uma parte dela, a parte que a manteve viva em Karhari entrou em pânico e a advertiu para ser cautelosa. Mas Maud estava muito cansada de ser cuidadosa e prudente. Algo selvagem a atravessou como um *Sariv* ardente.

Ela o beijou.



Os lábios dele eram quentes nos dela e Maud abriu a boca e o deixou entrar. Arland era exatamente como ela imaginara, quente e masculino, e a beijou como se ela fosse a única coisa que importava. Começou suave e depois tornou-se faminto, como se os dois não pudessem ter o suficiente. Todo o seu corpo palpitou com a necessidade. Ele a beijou até que ela não conseguiu pensar em nada, exceto tirar as roupas, subir em cima dele e senti-lo contra sua pele.



Eles se separaram. Os olhos dele estavam escuros. Maud viu luxúria nua em seu rosto e isso a excitou.

— Parece que meu braço esquerdo ainda serve para alguma coisa, —disse ele.

— Sim, —ela disse e esvaziou a seringa de sedativo nas costas dele.





# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Maud olhou para a tela que se projetava de seu Comunicador.

O médico não respondeu, o que não era incomum. Os médicos geralmente ignoravam as ligações diretas porque estavam ocupados, e o show que Arland deu no gramado garantiria que a equipe médica estivesse ocupada. Mas, depois de ligar diretamente para o médico, Maud tentou ligar para a enfermaria e também não recebeu uma resposta. Isso não era comum. Sempre havia alguém na enfermaria.

Ela tinha que encontrar uma maneira de levar Arland para lá. Deixá-lo sozinho não era uma opção. Ele estava sedado e tinha que estar sob observação. Além disso, seus ferimentos precisavam ser tratados. Não eram ferimentos mortais, mas eram urgentes.

Ela ligou para a enfermaria novamente.

Sem resposta. *Que diabos?*

Maud podia ligar para Soren. Arland estava se esquivando de seu tio, mas, como ele estava dormindo pacificamente, Soren não podia exatamente incomodá-lo com quaisquer



tarefas que Arland estivesse evitando. Ela ligou para Lorde Soren.

Sem resposta.

Um peso carregado e frio aterrissou em seu estômago e se espalhou. Algo estava errado. Algo ruim aconteceu ou estava acontecendo.

*Helen.*

Maud deu um rápido comando ao seu Comunicador. — Helen, Prioridade paternal. —A Prioridade paternal cobriria qualquer outra ligação ou ação com a Pulseira Comunicadora que Helen estivesse fazendo. Interromperia um vídeo ou outra ligação e substituiria pela a de Maud.

Sem resposta.

O pânico a atingiu em uma corrida gelada. Maud usou a lógica para atravessar a onda de medo, tentando manter-se calma. Ou todo mundo resolveu não atender as chamadas dela, ou o seu Comunicador tinha sido bloqueado. Se alguém estava interferindo as ligações dela, isso significava apenas uma coisa: *Um ataque estava chegando.*



A porta tocou, normalmente o toque era reconfortante, mas agora o som açoitou seus sentidos. Maud desembainhou a espada, preparando-a. A lâmina de sangue chiou.

Outro toque.

— Mostre-me, —ela ordenou.

Uma tela se acendeu acima da porta, mostrando Karat sozinha no corredor. O rosto de Karat estava mais pálido do que o habitual, sua expressão tensa, seus olhos focados. Somente a Casa Krahr tinha energia e recursos suficientes para bloquear seu Comunicador. Ela estava no alcance da rede de comunicação deles. As outras Casas Vampiras não tinham acesso a essa parte do castelo e não tinham a capacidade de penetrar na rede de comunicação da Casa e bloqueá-la, especificamente.

Maud e Karat eram amigáveis. Se a Casa Krahr resolveu se virar contra ela, Karat seria exatamente quem eles enviariam.

— Áudio, —disse Maud. O ícone de áudio piscou no canto da tela. — O que foi?



— *Abra a porta,* —disse Karat.

— Estou indisposta no momento. Isso pode esperar?

— *É uma emergência.*

*Claro que é.* — Que tipo de emergência?

— *Maud, não temos tempo para isso.* —Karat colocou a mão contra a porta. — *Autorização para substituição de comando.*

A porta se abriu. Maud recuou, colocando-se entre Karat e Arland, dando-se espaço para trabalhar.

— Guarde isso! —Karat acenou com a mão. — Você tem que vir comigo. Helen foi envenenada.



# CAPÍTULO 14

Maud correu.

Ela ouvira duas palavras: *envenenada e enfermaria.* Não esperou por mais nada. Apenas correu. Atravessou corredores voando, as portas abrindo e fechando automaticamente uma após a outra. O ar em seus pulmões virou fogo, mas ela mal sentiu. Karat a perseguia, mas ficou para trás.

A enfermaria apareceu à frente. Havia pessoas na antessala: *Ilemina, Otubar e Soren.* Mas ela não se importou com eles, chegar à porta era tudo o que importava. Maud passou por eles e entrou na sala de triagem.

Ela viu tudo em um instante, a imagem foi gravada em sua mente em uma fração de segundo: *Helen deitada em um colchão, pequena e pálida, uma dúzia de braços de metal pairando sobre ela, uma teia de finos tubos se ligando a ela em*



*uma intravenosa sofisticada, e o médico sentado ao lado dela, com o rosto sombrio.*

Maud correu para a cama, e Karat a agarrou, a puxando para trás com toda a força, e o médico estava à sua frente, estendendo os braços, dizendo algo. Ela abriu caminho, arrastando Karat, e o médico a segurou, empurrando-a para trás, sua voz insistente.

Finalmente, as palavras penetraram. — … não toque …

Ela se concentrou. Levou mais alguns segundos para o corpo dela obedecer sua mente. Maud parou de lutar.

— … estável por enquanto, —disse o médico.

Sua boca finalmente funcionou. — O que aconteceu?

Karat gentilmente, mas com firmeza, a empurrou de volta para a antessala. — Aqui não.

— Eu preciso vê-la.

— Pare, —disse o médico. — Olhe para você.

Maud desviou o olhar de Helen e olhou para a própria armadura. Estava manchada com o sangue de Arland. Ela



lavou o braço dele e selou os ferimentos, mas parte disso deve ter a sujado quando ele a beijou.

— Eu a estabilizei, —disse o médico. — Você está carregando uma horda de germes e está coberta de sangue. Não pode ajudá-la entrando lá. Só vai agravar a situação dela.

448 Divas & Lord's

Maud precisava sair, mas tudo nela gritava para voltar para o quarto, como se caminhar até a cama fosse resolver tudo magicamente, e Helen iria se sentar e dizer: *'Oi, mamãe.'* Mas não iria.

Não parecia real. Parecia um sonho, um pesadelo, e ela desejava desesperadamente acordar. Queria desfazer isso. Se ao menos houvesse algum botão, poderia pressionar para voltar ao normal.

— Venha comigo, —disse Karat.

Não havia nada que ela pudesse fazer. Maud virou-se e entrou na antessala. O médico e Karat a seguiram.

— O que aconteceu? —Maud perguntou novamente. Sua voz soou estranha, como se estivesse vindo de outra pessoa.



— Helen estava no lago com outras crianças, —disse Soren. — Os *Tachis* também estavam lá, nadando na área designada. Depois de um tempo, os cuidadores fizeram as crianças saírem da água para descansar, se aquecer e fazer um lanche. As crianças comeram e decidiram brincar de caçar e correr.



Caçar e correr era a versão vampira da brincadeira pega-pega. Helen deve ter adorado.

— Helen correu em direção a um *Tachi*, —continuou Soren.

— Então um deles a mordeu! —Ilemina rosnou.

— Helen entrou em colapso, —disse Soren. — Ela foi trazida imediatamente para cá, para e enfermaria. O *Tachi* foi preso, e o resto deles estão confinados em seus aposentos. Tentamos interrogá-lo, mas ele se recusa a conversar. Nenhum deles quer falar conosco e forçá-los está fora de questão até sabermos se Helen sobreviverá.



Esse ‘se’ atingiu Maud como uma marreta. Ela queria afundar no chão, fechar os punhos e gritar. Mas não tinha tempo.

— Ele mordeu uma criança. —O rosto de Ilemina estava terrível. Ela arreganhou as presas, os olhos em chamas. Um rosnado primitivo saiu de seus lábios. Era como olhar para a raiva personificada. — Eu matarei cada um deles. Vou dizimar o planeta deles. Seus netos tremerão quando virem um vampiro.

De qualquer outra pessoa, isso pareceria exagero em um momento de raiva. Mas vindo de Ilemina cada palavra era real. Otubar rosnou em resposta. Karat agarrou sua espada de sangue. A sala inteira estava a um fio da violência. Era assim que as guerras começavam.

— É mais complicado que isso, —disse o médico. — Temos dados sobre o veneno *tachi,* mas encontramos um composto sintético na composição que é inconsistente com o veneno *tachi.*



As peças afiadas e irregulares se juntaram na cabeça de Maud. Os vampiros amavam crianças. Não havia maior tesouro. Eles também amavam Helen e a consideravam uma deles. E então um Tachi a mordeu, como se ela fosse uma presa. Toda essa situação acabou despertando uma resposta primordial, uma memória coletiva sobre os Mukamas, os invasores que devoraram crianças vampiras.

— Onde está o *Tachi* agora? —Maud perguntou.

— Do outro lado do corredor, —disse Soren. — Você não pode machucá-lo, Leide Maud. Ele pode ser a chave da recuperação de sua filha.

— Eu preciso falar com ele. —Ela afundou aço nessas palavras.

— Venha comigo. —Soren marchou para fora da sala e entrou no corredor, em direção à porta oposta a enfermaria.

Maud o seguiu, ciente de Ilemina, Otubar, Karat e o médico diretamente atrás dela. A porta se abriu, expondo uma pequena cela. Dentro dele, um *Tachi* estava sentado no chão, vestindo um traje de prisão. Feito de polímero resistente e



pesado, o envolvia como uma camisa de força. Seu exoesqueleto havia desbotado para um cinza quase inexistente.

Maud caminhou para cela, ajoelhou-se na frente dele e soltou a trava do traje de prisão. O traje caiu e o *Tachi* se levantou até sua altura total acima dela.

Ela ficou de pé e inclinou a cabeça. — Obrigada por salvar minha filha.

O *Tachi* ficou azul índigo brilhante. — Não há de que, filha dos Estalajadeiros.



— Alguém poderia explicar o que está acontecendo, — Ilemina rosnou.



— O veneno *tachi* não é letal para a maioria das espécies. —Maud se afastou, dando ao *Tachi* espaço para esticar suas asas. — O objetivo do veneno é colocar a presa em um estado dormente, diminuindo as atividades vitais do corpo para preservar o corpo da presa.

453 Divas & Lord's

Karat estremeceu.

— Se o Tachi quisesse matar Helen, teria apenas cortado a cabeça dela, —continuou Maud. — Assim que você disse que ele a havia mordido, eu sabia que não a atacou.

Ilemina voltou o olhar para o *Tachi.* — Por que você não nos explicou?

O *Tachi* espalhou seus braços índigos. O gesto parecia muito com o gesto humano de encolher os ombros, como se dissesse: *'Nada disso é minha culpa. Não fui eu quem estraguei tudo, foram vocês. Resolvam.'*

Ilemina virou-se para Maud. — O que esse gesto significa?

— Significa que ele pensa que vocês são uma espécie xenofóbica propensa a reações precipitadas e violentas, então



ele não viu sentido em se explicar. Vocês não teriam acreditado nele mesmo.

Os olhos de Ilemina se estreitaram. Ela perfurou o *tachi* com seu olhar.



— Não posso simplificar as coisas para você, —disse ele.

Ilemina mostrou suas presas. — Me provoque.

O *Tachi* virou-se para Maud, mudando para o dialeto Akit. — *Eles achavam que eu matei a criança, a Preceptora ficou com raiva. Agora eles sabem que eu salvei a criança; ela continua com raiva. Eu não compreendo esta espécie. Como conseguiram alcançar a civilização interestelar sem se autodestruir?*

— Você poderia me dizer o que aconteceu com minha filha? —Maud nem tentou esconder o desespero de sua voz.

A cor do Tachi se iluminou por um momento. — Sim, claro. —Ele cruzou os braços em um gesto apologético. — Vou usar pensamentos curtos: *Nós estávamos tomando banho.* As crianças corriam e faziam barulhos empolgados. Sua filha correu em nossa direção. Ela não teve medo de nós como as



outras crianças. Eles não conseguiram pegá-la. Ela correu muito perto e quase esbarrou em mim. Então pediu desculpas por perturbar meu *tegah*.

Maud dera a Helen um manual sobre maneiras e hábitos *Tachis*. Até agora, ela não fazia ideia de que Helen tivesse aprendido algo do manual.

— Ela é uma criança tão educada, —disse o *Tachi.* — Nós conversamos. Algo a atingiu no pescoço, no lado esquerdo. Ela caiu. Eu a peguei. Eu vi uma mancha úmida em sua pele. Cheirava muito estranho. Os olhos dela reviraram na cabeça. Eu sabia que tinha que agir. Mordi a criança para impedir que o veneno se espalhasse.

— Para que lado ela estava olhando quando foi atingida? —Soren perguntou.

— Ela estava se afastando de mim para voltar a brincar com os outros. Estava de frente para o resto das crianças. O lago estava à direita e o castelo à esquerda.

— Um tiro disparado da encosta, —disse Otubar.



Karat arreganhou os dentes em uma careta. — Um atirador posicionado na encosta oeste teria uma linha de visão nítida do terreno onde as criança brincavam e do lago. Eles nos distraíam com a partida de *Krim*, depois provocaram Arland a lutar, e enquanto estávamos assistindo, atiraram em Helen.



— Puxe as imagens de vídeo, —ordenou Ilemina. Karat decolou em uma corrida.

Havia implicações e conclusões a serem tiradas disso tudo, mas, no momento, nenhuma delas importava. — Você reconheceu o veneno? —Maud perguntou.

— Não, —disse o *Tachi.* — Eu reconheceria se já houvesse alguma vez o cheirado. Tinha o cheiro muito forte.

O médico vampiro não conseguiu identificar o veneno e o *Tachi* não sabia. O estado dormente dos *Tachis* não duraria para sempre. Poderia acabar a qualquer momento. Ela tinha que fazer alguma coisa agora, ou Helen morreria. Havia apenas uma criatura para a qual ela poderia recorrer.

— Não tenho nada para negociar.



Todo mundo parou e olhou para ela. Maud percebeu que tinha falado em voz alta.

Antes que pudesse explicar, um Arland meio nu dobrou a esquina, de alguma forma conseguindo parecer zangado e sonolento ao mesmo tempo. — O que diabos está acontecendo?

Soren piscou. — Por que você está sem armadura?

— Maud? —Arland se aproximou dela.

Ela olhou para ele, remexendo febrilmente a lista de seus poucos bens em sua cabeça.

— O que foi? —Ele perguntou.

— Helen foi envenenada e não tenho nada para negociar.

— Alguém vai me explicar isso? —Ilemina exigiu.

O entendimento despertou nos olhos de Arland. — Mas eu tenho. Elas negociarão comigo ou eu vou torcer a cabeça delas.

— Quem? —Ilemina rosnou.

— Explique para sua mãe, —Otubar explodiu.



— Não há tempo. —Arland agarrou a mão de Maud e a puxou pelo corredor. Atrás deles, o som de uma Preceptora irritada sacudiu o ar. Arland acelerou.

— Como está conseguindo andar? —Maud murmurou.

— Estimulante. A unidade médica do meu Brasão aplicou antes de você tirar minha armadura. Eu tinha planos e não havia um sedativo envolvido.

— Arland Rotburtar Gabrian de Krahr! —Ilemina rugiu. — Pare agora mesmo!

Arland a ignorou. Eles estavam quase na curva do corredor.

De repente, Arland freou e então as *Lees* o cercaram por todo o espaço disponível, seus véus girando, suas jóias brilhando, caudas e orelhas tremendo. Maud viu Nuan Cee no centro da multidão das *Lees* e estendeu a mão para ele. — Helen ...

Nuan Cee segurou as mãos dela com sua patinha peludas. — Eu sei.



O resto das *Lees* passou por eles como uma onda, e rolou pelo corredor, abrindo caminho entre Ilemina, Otubar e Soren.

— Não tenho nada para negociar, —disse ela.

Os olhos turquesas de Nuan Cee brilharam. Ele sorriu, exibindo dentes afiados e uniformes. — Tenho certeza de que podemos chegar a um acordo.



— Saia da minha enfermaria, seus vermes! —O médico gritou.

— Não se preocupe. —Nuan Cee deu um tapinha nas mãos de Maud quando uma multidão de *Lees* colocou o médico para fora de sua enfermaria. — Tudo ficará bem agora.



# CAPÍTULO 15

Maud se jogou em uma cadeira enorme no escritório de Lorde Soren. Ela se sentia torcida como uma peça de roupa molhada prestes a entrar na secadora. As *Lees* trataram Helen por quase uma hora e, quando Nuan Cee finalmente saiu da enfermaria, Maud se sentia prestes a arrancar os próprios cabelos. Nuan Cee anunciara que o perigo havia passado, Helen acordaria em algumas horas e não havia necessidade de preocupação.

Maud teve permissão para ver sua filha e beijar a testa quente de Helen, e então o médico vampiro enfurecido expulsou todo mundo. Ela queria estar lá na enfermaria, sentada ao lado da cama, procurando os mínimos sinais de melhora, mas não adiantaria nada e Ilemina havia pedido sua presença no escritório de seu irmão.

A Preceptora da Casa Krahr estava sentada em uma cadeira ao lado da mesa de Lorde Soren, suas feições sombrias.



Otubar sentou-se à direita de sua esposa, Arland sentou-se à esquerda de Maud. Ele vestiu a armadura e o estimulante o mantinha acordado, mas ela percebeu pelo olhar levemente febril nos olhos dele que uma embate estava por vir.



Karat tomou uma posição no extremo oposto da sala. Soren presidia tudo, sentado atrás de sua enorme mesa como se fosse uma muralha do castelo e assistisse uma horda de invasores se reunir para um cerco. Só que desta vez os invasores olhavam para eles não de um campo fora do castelo, mas de uma enorme tela, onde as gravações dos eventos que ocorreram no piquenique eram reproduzidos.

Maud pegou a cadeira mais distante da tela, mais ou menos a seis metros de distância. Parecia milhas. O Krahr estava nessa sala, não a enorme Casa, mas a família elementar que a administrava. Ela realmente não pertencia aqui.

— Então não temos imagens uteis, —disse Arland.

Karat franziu o cenho. Os dedos dela dançavam através do tablet na mão. A imagem se distanciou, mostrando uma visão mais ampla do jogo de *Krim* e das pessoas se movendo



na encosta do terreno. A imagem acelerou e as pessoas nela se movimentaram ligeiramente como se estivesse em uma dança um pouco engraçada.

— Sabemos que membros das Casas Kozor e Serak estavam nos limites do campo de jogo e tiveram oportunidade de atirar em Helen, —disse Karat. — Sabemos que nenhum deles portavam armas, então precisaram montar a arma no local. Vê como eles continuam se aglomerando? Poderiam ter montado uma pequena nave espacial e não teríamos percebido.

— Devemos aumentar a vigilância, —disse Otubar.

Soren fez uma careta. — Você quer atribuir a cada um deles uma câmera drone pessoal?

— Se isso for preciso, —disse Otubar.

— Estaríamos violando todas as regras de hospitalidade, —disse Soren. — Eles nos acusarão de covardia e paranoia e dirão que impossibilitamos o casamento. Já falhamos em proteger uma criança sob nossos cuidados e quase chegamos



tarde demais em impedir um confronto entre nossos outros convidados e esses ... *ushivins.*

Karat estremeceu. — Pai!

Maud piscou. De todas as palavras que ela esperava que o Sargento-Cavaleiro usasse, o palavrão, que significava a diarreia sangrenta de vermes doentes, era o último da lista.



Os cantos da boca de Otubar subiram alguns milímetros. Foi o mais perto que Maud viu o Lorde Consorte sorrir.

— Foi planejado e premeditado, —disse Karat. — Como eu ia dizendo, eles precisaram levar a arma em pedaços, a montaram no local, atiraram em Helen e a desmontou depois. Vasculhamos toda a área, do topo da encosta a praia. Se eles tivessem deixado cair alguma parte da arma, nossas buscas teria achado. Cada um deles deve ter carregado uma pequena parte da arma. Foi inteligente.

— Eles mudaram de alvo, —disse Arland. — Devem ter planejado me eliminar após a partida de *Krim* em um esforço final para descobrir quem é o Submarechal, mas se prepararam



para a possibilidade de fracasso. Então, quando ganhei a luta e fui embora, eles atiraram em Helen.

Maud virou-se para ele. — Porque ela? Helen é apenas uma criança.



— Não por ela, —disse Ilemina. — Eles usaram Helen para atingir você. Se o *Tachi* tivesse realmente machucado a criança, você ainda negociaria com eles em nosso nome?

— Se ela sobrevivesse, sim, —disse Maud. — Mas se ela morresse, tudo estaria acabado para mim.

— E o que os *Tachis* e as *Lees* fariam se Helen tivesse sido ferida por um deles? —Ilemina perguntou.

— Eles iriam embora, —disse Maud. — Nenhuma das duas delegações têm o suficiente para se opor a um grande ataque e nenhuma delas querem entrar em conflito com vocês. Eles querem a Estação Comercial e acesso ao seu espaço. Se a presença deles se tornasse um problema ou causasse algum inconveniente, eles se retirariam da situação em vez de se arriscarem a agravá-lo. Esperariam o casamento e retomariam



as negociações depois que os outros convidados fossem embora.

— Percebe agora? —Ilemina se inclinou para frente, descansando as mãos na mesa de Soren. — Você é a chave para os *Tachis* e as *Lees*. Sem a sua intervenção, os Tachis teriam ido embora e Nuan Cee, que ama dinheiro acima de tudo, gosta de você como uma filha. Parabéns. Você fez a diferença suficiente para se tornar um alvo de alto valor.

— Sim, —Soren concordou. Os Kozors e Seraks apelaram a um ataque a uma criança apenas para removê-la. Eles estão dispostos a enfrentar a desonra, se isso significa fazer as *Lees* e os *Tachis* irem embora.

Otubar se inclinou para frente. — Os fins justificam os meios.

— Mas voltamos ao porquê, —disse Karat. — Que possível prejuízo as *Lees os Tachis* podem trazer para o plano deles? —Ela se virou para Maud.

*Ótimo*. — Eu não sei.



— Isso me lembra, —disse Ilemina. — Há alguma chance das *Lees* terem envenenado Helen? Elas são desonestas o suficiente para machucá-la e, em seguida, magnanimamente fornecerem a cura. Isso colocaria Maud em dívida com elas.



Maud sacudiu a cabeça.

— Essa possibilidade precisava ser levantada, —disse Otubar.

— Não, —disse Arland. — Essa foi a primeira coisa que verifiquei. Nenhuma das *Lees* estava perto do local do piquenique ou do lago. Elas possuem um equipamento sofisticado que pode torná-las praticamente invisíveis, mas vi o Disruptor em ação e Nuan Cee sabe disso. O Disruptor depende de um emissor *maa* e, assim que se descobre o que deve rastrear, não é difícil encontrá-lo. As *Lees* estão andando pelo castelo furtivamente e gravando vídeos de todos nós, mas não tiveram nada a ver com envenenamento da criança. De qualquer maneira, isso seria uma atitude muito desonrosa para eles.

— Por quê? —Karat perguntou.



— As *Lees* buscam equilíbrio, —disse Arland. — Uma boa negociação é a maior honra pela qual eles podem se esforçar. Salvar uma criança e receber um favor dos pais satisfaz a necessidade de equilíbrio. Envenenar uma criança para salvá-la e depois cobrar o favor não seria uma transação equilibrada.



Maud olhou para Arland surpresa. Ele lhe deu um sorriso.

— Ele está certo? —Ilemina perguntou.

— Sim. As *Lees* orgulham-se de serem inteligentes. Tramar contra nós envenenando Helen seria contra o código do Clã Nuan Cee. —Maud respirou fundo. — No entanto, ainda devo-lhes um favor. Ele cobrará, o que significa que vai me pedir uma coisa e eu não poderei recusar. Agora sou um risco à segurança.

Ilemina acenou com a mão. — *Hum.*

— Você seria um risco à segurança se não tivéssemos descoberto o que já descobrimos até aqui, —disse Soren.

Arland recostou-se na cadeira. — O que as *Lees* e os *Tachis* têm em comum? Por que Kozor e Serak querem que eles vão embora?



Maud suspirou. — As duas espécies são muito diferentes. As *Lees* vivem em Clãs, os *Tachis* são uma monarquia. As *Lees* valorizam a riqueza, os *Tachis* buscam conhecimento. As *Lees* são predadoras individuais de emboscada, os *Tachis* atacam em grupo o seu alvo. As *Lees* incentivam conquistas pessoais e se esforçam para obter reconhecimento individual, os *Tachis* vencem ou perdem todos juntos. Essas espécies não têm muito em comum. Ambas são *onívoras*[39]. Ambas estão interessadas em uma Estação Comercial e em uma aliança com os Krahrs. As duas chegaram a esse planeta em naves espaciais ...



— Estação Espacial de Batalha, —disse Karat.

Todo mundo olhou para ela.

Karat bateu o punho na mesa do pai. — Desgraçados. Serak e Kozor querem a Estação de Batalha.

Arland se endireitou. — A Estação de Batalha possui pessoal limitado e um ponto de controle central. Duzentos convidados do casamento, a elite de Cavaleiros das duas Casas, representariam uma ameaça real a Estação.

[39] Indivíduos que possuem uma gama bem abrangente na alimentação. Se alimentam de vegetais, animais, fugos.



Karat assentiu. — Depois de tomarem o controle da Estação de Batalha, eles podem transformar esse planeta em pó. Mesmo usando todo o poder de nossas frotas podem não ser suficiente para recuperá-la.



— Eles não precisariam enfrentar as frotas, —rosnou Otubar.

— Ele está certo, —disse Arland. — Se eles tomarem o controle da Estação, poderão manter o planeta refém enquanto limpam o sistema.

Maud piscou. — Vocês por acaso colocaram um *Dobra espacial*[40] naquela coisa?

— Claro que sim, —Ilemina retrucou. — De que serviria uma arma se você não pode movê-la para onde está seu inimigo?

— É um plano ousado, —disse Soren. — Se conseguissem isso, serão intocáveis. Só a reputação disso daria a eles o direito de se sentar com os grandes.

[40] No universo ficcional de Star Trek, a dobra espacial é uma forma de propulsão mais rápida que a luz e que funciona contraindo o espaço a frente da nave e expandindo o espaço atrás da nave.



— Eles ainda terão que tirar a Estação de nós, —lembrou Karat. — A única maneira deles chegarem à Estação é através do Benefício do Casamento.

Segundo a tradição vampira, o casal prestes a se casar poderia pedir um pequeno favor a seus anfitriões. Negar o Benefício era o auge da grosseria.

— Eles irão solicitar que o casamento seja realizado na Estação, —continuou Karat. — Negamos o pedido. Problema resolvido.

— Como justificaríamos os motivos? —Ilemina perguntou.

— Com o argumento de que sabemos que estão tramando algo.

Soren deu um suspiro. — Então, acusará nossos convidados de honra de tramar pelas nossas costas. Com que evidência? Você tem alguma prova para apoiar suas reivindicações infundadas?

Karat abriu a boca e fechou.



O pai dela assentiu. — Seu silêncio me disse tudo. Não temos provas, apenas suposições, deduções e suspeitas. Além disso, já permitimos a eles visitarem a Estação de Batalha quando chegaram. Não podemos agora usar as desculpas de que é proibido, de que estar inacabado ou de acesso limitado, porque os convidamos para apreciar vinho e aperitivos na sala de observação da Estação.



É claro que eles convidariam as Casas rivais para visitar a Estação de Batalha. *'Veja a nossa grande e nova arma super impressionante. Veja o poder de Krahr. Nós somos os melhores e vocês nunca poderão chegar a nossos pés. Ugh.'*

— Se nos recusarmos a conceder o Benefício, —continuou Soren, — teríamos que fazê-lo sem qualquer explicação. Na melhor das hipóteses, seríamos vistos como descorteses e rudes. Na pior das hipóteses, covardes. Como poderíamos, com todo o nosso exército e o nosso planeta acessível a apenas uma viagem de traslado, ser tão cautelosos com duzentos convidados do casamento? Mesmo que nos recusemos a entrar na armadilha, isso dará um duro golpe na nossa reputação.



Ele estava certo. Reputação era tudo. Não seria suficiente interromper o esquema. A Casa Krahr tinha que fazê-lo de uma maneira que lhes trouxesse crédito.

— Tem que haver mais no plano deles, —disse Arland. — Algum esquema, algum truque para minimizar o risco. Há algo que não sabemos que os faz pensar que poderiam ganhar. E eles veem as *Lees* e os *Tachis* como problemas.

— Tanto as *Lees* quanto os *Tachis* têm naves de batalha em órbita, —disse Maud. — As duas espécies juntas têm muito poder de fogo. Os *Tachis* têm a superioridade tecnológica, e as *Lees* lutam sujo e guardam rancores por gerações.

Ilemina arreganhou os dentes. — Os piratas temem que as *Lees* e os *Tachis* venham em nosso auxílio. Que tipo de mundo é esse em que um vampiro de outra Casa é meu inimigo e insetos e Mercadores são meus aliados?

Soren virou-se para Maud. — Eles nos ajudariam?

— Difícil dizer, —disse Maud. — Estou inclinada a achar que sim. Se vocês prometerem a eles a Estação Comercial, então definitivamente.



— O plano que você está pensando exige uma Aliança Militar, —disse Ilemina a Soren. — Você realmente quer isso? Uma aliança de uma Casa vampira com outra espécie contra outras Casas nunca foi feita. Como isso seria recebido pelo resto da Anocracia?



— Como seria recebido o fim de nossa Casa, minha Senhora? —Soren perguntou.

Maud respirou fundo. — O restante da Anocracia não precisa saber se essa aliança foi forjada antes que as Casas Kozor e Serak quebrassem as regras de hospitalidade ou depois.

Ilemina girou em sua direção.

Maud encontrou seu olhar. — Os Kozor e Serak solicitarão o casamento na Estação de Batalha. Em virtude de suas presenças, as *Lees* e os *Tachis* são convidados de honra da Casa Krahr e obviamente serão convidados para o casamento. Se durante a cerimônia as outras Casas cometerem um ato de traição e atacarem seu anfitriões, será natural que as *Lees* e os *Tachis* se defendessem de uma ameaça comum. Se, no decurso



de tal batalha, as espécies estrangeiras ficaram tão impressionadas com o poder da Casa Krahr que procuram uma aliança, quem poderia julgá-los? E a Casa Krahr, movida pela bravura das *Lees* e os *Tachis,* se sentiria honrada em aceitar tal aliança para compensar o perigo que esses convidados passaram. Afinal, quem ficaria ao lado das Casas Kozor e Serak depois que se afogaram tão profundamente em desonra que até espécies estrangeira os julgaram indignos?



O silêncio reivindicou a sala.

— Redija um contrato de Aliança Militar, —disse Ilemina a Soren. — Maud, quando o contrato estiver pronto, leve-o aos estrangeiros. Diga a eles que, se concordarem, eu pessoalmente abrirei negociações para a Estação Comercial.

As sobrancelhas de Otubar levantaram um fio de cabelo.

Ilemina arreganhou os dentes. — Kozor e Serak estão cautelosos com os estrangeiros, então eu os usarei. — Quem é temido pelo meu inimigo será o meu escudo.



# CAPÍTULO 16

Maud correu pelo corredor. A reunião com as *Lees* e os *Tachis* seria em menos de dez minutos, mas o seu Comunicador havia tocado, informando que Helen estava acordada. Maud atravessou o castelo rapidamente. A lógica dizia a ela que tudo ficaria bem, mas a emoção superou a lógica, e suas emoções estavam gritando que algo daria terrivelmente errado no tempo que levaria para chegar a enfermaria. Quando chegou à porta, estava em pânico.

A porta se abriu.

Num instante, Maud viu o quarto em detalhes excruciantes: *a cama, os instrumentos brancos, números e palavras em azuis projetadas na parede, o médico de pé ao lado e Helen, de pé na cama.*

— Mamãe! —Helen atravessou três metros em um único salto.



Maud a pegou e a abraçou, esperando com tudo o que tinha que isso fosse real, e sua filha não desaparecesse de seus braços, desvanecendo-se na cama do hospital.

— Recuperação total, —disse o médico. — Enviei uma rotina de monitoramento para o Comunicador dela e sincronizei com o seu. Se Helen tiver uma recaída, o que eu não prevejo, o Comunicador dela piscará em amarelo e você receberá um aviso. Caso isso ocorra, quero vê-la imediatamente.

— Entendido. —Maud beijou a testa de Helen, inalando o perfume familiar dos cabelos da filha. *Vai ficar tudo bem, ela está bem, está tudo bem, ela está viva, ela não está morrendo ...* — Obrigada por tudo.

— De nada, —disse o médico. — Fiz muito pouco. Tudo que eu podia fazer era mantê-la viva por mais um tempo. Eventualmente, ela teria nos deixado. Você vai falar com as *Lees?*

— Sim. —Maud ainda segurava Helen com força, sem vontade de soltá-la.



— Quero a composição desse antídoto.

— Vou tentar, mas as *Lees* guardam seus segredos como um tesouro. Elas negociarão apenas por algo de valor igual ou superior.

O médico encarou a parede por um momento e digitou em seu Comunicador. Uma torre redonda de cerâmica deslizou para fora do chão e se abriu, revelando um núcleo iluminado por um brilho cor de pêssego e fileiras de tubos, frascos e ampolas dispostas em anéis ao redor. O conteúdo da torre brilhava como jóias, algumas cheias de líquido âmbar, outras contendo névoas brilhantes ou pequenas jóias deslumbrantes em um arco-íris de cores. Era estranhamente elegante e bonito, como costuma ser a tecnologia dos vampiros. O médico pegou um frasco torcido cheio de névoa verde e estendeu para ela.

— Um gesto de boa fé.

— O que é isso?

— É uma arma biológica que desenvolvemos durante o conflito em Nexus. Torna as *Lees* inférteis.



Ele acabou de puxar uma toxina que extermina uma espécie da prateleira como se não fosse nada. E tinha mais dezenas disso lá, de todas as formas e tamanhos diferentes. Quantas outras espécies poderiam ser exterminadas com um desses frasquinhos brilhantes? Maud acabara de vê-lo abrir uma *caixa de Pandora*[41] como se estivesse pegando um sanduíche de uma cesta de piquenique.



A reação abismada dela deve ter refletido em seu rosto, porque o médico deu de ombros. — Nunca foi usado. Foi considerado contrário ao código de guerra. Além disso, é uma arma ruim. Não mata o inimigo. É algo que poderia ter sido usado se estivéssemos em perigo de sermos derrotados, mas não fomos.

— Eu preciso de uma maleta para isso, —disse ela.

— Por quê? O frasco é inquebrável por meios normais e é hermeticamente fechado.

---

41 **Caixa de Pandora** é um artefato da mitologia grega, tirada do mito da criação de Pandora, que foi a primeira mulher criada por Zeus. A "caixa" era na verdade um grande jarro dado a Pandora, que continha todos os males do mundo. Pandora abre o Jarro, deixando escapar todos os males do mundo, menos a "esperança".



Maud sorriu. — Ninguém apenas entrega a alguém um mal terrível sem uma embalagem impressionante. Precisamos de uma caixinha forrada de veludo ou uma caixa-cofre de alta tecnologia com uma trava de código elaborada. Algo que fará isso parecer importante e proibido.

Os olhos do médico se iluminaram. — Eu tenho exatamente o que precisa.



A reunião com os *Lees* e *Tachis* foi marcada no Jardim Maven, localizado no topo de um pequeno platô que se projetava ao lado da Torre Marechal. O Jardim possuía uma pequena praça de pedra cercada por uma riquíssima vegetação, era ao mesmo tempo um espaço muito privado e completamente exposto, acessível apenas por uma longa passagem coberta que se



curvava ao redor da torre de uma das pontes que a ligavam ao resto do castelo. As árvores e os arbustos escondiam a praça de observadores externos, e sua localização, na beira de um abismo, tornava impossível a vigilância externa. No entanto, câmeras e torres, montadas nas paredes da torre diretamente acima, tinham uma visão perfeita de tudo o que acontecia.

De dentro da praça, o jardim parecia calmo e convidativo. Flores azuis, turquesas e *cor-de-rosa* se erguiam dos canteiros embaixo de antigas árvores. Aqui e ali, móveis luxuosos, alguns feitos para vampiros, outros adaptados para espécies diferentes, ofereciam lugares confortáveis para sentar e refletir.

No centro da praça, erguia-se uma réplica de três metros de altura do platô vizinho. A água descia em cascata do topo da réplica montanha para uma piscina feita para se assemelhar a um lago, com uma praia de areia estreita e árvores de mais de trinta centímetros de altura. O som suave da cachoeira artificial adicionava outra camada de som aos bloqueadores de sinais colocados ao longo do perímetro do jardim.

Helen pulava pela beira rasa do lago, agitando os braços como uma gigante prestes a enfrentar uma montanha. Onde



houvesse um centímetro de água disponível, sua filha estava dentro, refletiu Maud. Nada disso parecia real. Apenas algumas horas atrás, Helen estava morrendo, e agora parecia que nunca tinha sido envenenada. As coisas estavam se movendo muito rápido e Maud ainda estava tentando se recompor a toda a essa emoção que passou.



Ela lutou contra o desejo de se mover, ciente de Otubar pairando à sua esquerda. Maud ainda não tinha uma posição oficial e, para ter sucesso nas negociações, precisava de alguma autoridade. Teria preferido Arland como apoio para esta reunião, mas o efeito do estimulante havia acabado e ele estava descansando agora, e tinha que admitir que Otubar possuía autoridade suficiente. O Lorde Consorte projetava uma ameaça silenciosa. Ênfase em silenciosa. Otubar não abriu a boca, não falava nada, não fez perguntas. Ele apenas se elevava como se algum herói lendário vampiro, pronto para espancar qualquer ameaça em uma luta sangrenta.

Ela não podia estragar isso.

As *Lees* e os *Tachis* chegaram ao mesmo tempo, cada delegação acompanhada por um Cavaleiro vampiro através do



túnel lateral. Nuan Cee usava seu habitual avental de seda, do tipo que Maud o viu usar em sua loja, e um colar de conchas brancas e azuis que combinavam com seu pelo azul prateado. Não era o conjunto de jóias que normalmente ele vestia para reuniões importantes. As duas Lees atrás dele saltavam para cima e para baixo enquanto caminhavam, parecendo duas crianças fofas e animadas.



A rainha *Tachi* caminhava ao lado do Mercador, elegante e aparentemente sem peso, apesar de seu tamanho. Seu exoesqueleto estava em um alegre e bonito azul, como as águas do mar Mediterrâneo.

Maud esperava um cinza neutro. Uma surpresa agradável. Os dois *Tachis* que seguiam a rainha também exibiam cores, uma lavanda escura e a outra um verde familiar. *Ke'Lek*.

*Bom. Os Tachis estão de bom humor.*

Maud levantou-se e fez uma reverência. — Senhora do Sol e do Ar. Honorável Mercador. Bem-vindos.

Nuan Cee acenou com as patas magnanimamente. — Não precisa, não precisa. Somos todos amigos aqui.



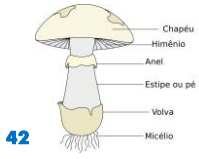
Dil'ki balançou a cabeça. — Fico aliviada em vê-la bem, Maud dos Estalajadeiros. E sua filha.

— Por favor, —Maud murmurou e apontou para uma mesa com quatro cadeiras. Duas eram assentos típicos de vampiros, grandes, fortes, com linhas simples, mas funcionais. A terceira cadeira, à direita de Maud, era um divã, cheio de travesseiros macios. A quarta cadeira, à esquerda de Maud, parecia um cogumelo com um *chapéu*[42] macio e almofadado, e saliências redondas nas costas e nas laterais. Maud levou uma boa meia hora convencendo, desenhando e explicando ao supervisor de fabricação da Casa Krahr a fabricar esse modelo. Ainda não tinha certeza se a proporção entre o pé e o chapéu estava errada um centímetro ou dois, mas parecia certo e era o melhor que ela podia fazer.

A rainha viu a cadeira. Maud prendeu a respiração.

Um flash de cor mais intensa rolou sobre o corpo da rainha e ela empoleirou-se na cadeira, trancando seus apêndices

---




42 Partes de um cogumelo



vestigiais nas saliências. Nuan Cee esparramou-se no divã como um patrício romano.

Os guarda-costas *Tachis* se separaram. Ke'Lek permaneceu atrás da rainha, enquanto o outro *Tachi* foi em direção a fonte, onde Helen estava brincando. Os parentes de Nuan Cee seguiram o *Tachi.* Maud entendeu o significado disso: *se algo acontecesse com Nuan Cee ou com a rainha Tachi, Helen seria o alvo principal.* O pensamento deveria tê-la perturbado, mas ela o aceitou com tranquilidade. *Ou aconteceu muita coisa e agora estou anestesiada ou habituei-me a negociações de alto risco.*

Um Retentor vampiro entregou jarras de vinho verde e suco vermelho de especiarias, juntamente com pratos de lanches assados e fatias de frutas e vegetais dispostas artisticamente, e retirou-se. Parecia uma festa de chá estranha. Quem diria que ela estaria servindo biscoitos cósmicos e vinho a uma rainha de predadores intelectuais e o líder de um Clã de assassinos cruéis. Nada muito importante em jogo, só uma aliança interestelar. *Eba!*



Maud tomou um gole de suco. Isso teria que ser feito com muito cuidado. Se ela oferecesse um dos dedos, eles morderiam o braço inteiro. Não há tempo como o presente.

— Vocês já descansaram da viagem interestelar? —Ela perguntou. — Eu sempre acho a visita a um planeta a melhor parte da viagem. —Não era a melhor forma de abrir a conversa, considerando que os dois já estavam no planeta nas últimas duas semanas, mas serviria.

A rainha *Tachi* olhou para ela. — Este planeta é bastante bonito.

— Eu gosto de visitar planetas, —disse Nuan Cee. — No entanto, por mais lamentável que seja, é preciso se comprometer com o desagrado das viagens espaciais para perseguir seus objetivos.

*Por enquanto, tudo bem*. — Eu me pergunto como os Mercadores viajantes do espaço fazem isso. Viagens longas, cargas caras, e ouvi dizer que há piratas em certos quadrantes.

Os olhos de Nuan Cee se estreitaram um pouco. — Sim. É preciso fazer sacrifícios em nome do lucro.



— Ou de conquistas científicas. —A rainha *Tachi* espetou um biscoito com uma garra longa. — A busca pelo conhecimento não pode acontecer sem o combustível do trabalho.



— Não há mais nada irritante do que seres oportunistas que tentam lucrar com o trabalho de outros. —Maud estudou o conteúdo de seu copo. — Alguns deles chegam tão longe ao ponto de planejar invadir as fortalezas de seus anfitriões e reivindicá-los como deles.

— É ao mesmo tempo injusto e predatório, —disse Dil'ki. — Se testemunhássemos tal ato, é claro, seríamos obrigados a intervir

— De fato, —disse Nuan Cee. — Mas há custos pessoais a serem considerados. Esse tipo de intervenção geralmente resulta em tragédia para quem a oferece.

Eles nem sequer perguntaram nada. Tanto as *Lees* quanto os *Tachis* já sabiam o que Kozor e Serak estavam planejando ou suspeitavam fortemente. E Nuan Cee foi direto para o



problema: *'Todos nós poderemos morrer se ajudarmos vocês.'* Certo, certo. Ela teria que escolher suas palavras com cuidado.

Maud sorriu. — Se alguém fornecer um Porto Comercial seguro, um refúgio protegido, para quem busca corajosamente riqueza e conhecimento, quem sabe novas rotas possam ser planejadas para tirar o máximo proveito disso e os grandes ganhos para todos atenuariam a dor da tragédia.

Nuan Cee sentou-se mais reto. — Se um porto desse tipo aparecesse, seria um tolo não tirar proveito dele.

Maud fingiu brincar com o copo. Ilemina foi muito clara sobre o que poderia ser prometido.

— Um Porto seguro no espaço tem três aplicações principais. Primeira, ser uma base de investigação científica, um local de encontro natural onde várias espécies podem se unir em conforto e segurança para compartilhar suas descobertas. Segunda, ser um centro de transporte e suprimentos, um porto onde a carga pode ser comprada, vendida e transportada, e viajantes cansados podem descansar antes de retomar sua jornada. Terceira, ser uma instalação



militar, equipada para repelir ataques e abrigar os que estão lá dentro. O poder militar da Sagrada Anocracia, e da Casa Krahr em particular, é incomparável. Seria muito interessante se a Casa Krahr pudesse encontrar os parceiros adequados para desempenhar essas outras funções. —Maud suspirou. — É claro que essa parceria só poderia ser possível se fossem acordadas alianças sólidas e outras obrigações financeiras fossem determinadas e assumidas uniformemente por todos os envolvidos, e só depois de ter ocorrido uma cooperação espontânea.



A cor da rainha escureceu. — Uma contribuição uniforme de cada espécie seria justa. Um local assim exigiria tecnologia avançada e construção moderna realmente eficazes.

— E, é claro, exigiria uma infusão suficiente de capital proveniente de um parceiro intimamente familiarizado com as peculiaridades do comércio espacial. —Nuan Cee arreganhou os dentes em um sorriso rápido.

— Se tais planos forem escritos, em segredo, é claro, poderá haver progresso no caminho do benefício mútuo. — Pronto, Maud colocou tudo para fora. — Ajude-nos a proteger



a Estação de Batalha e negociaremos o Porto Comercial, desde que vocês concordem com uma Aliança Militar.

Nuan Cee virou-se para Otubar. — O Submarechal concorda?

*Oh droga.*

Otubar olhou de volta para o Mercador. — Estou aqui com ela, não estou?

Maud tinha que selar o acordo. Ela acenou com a cabeça para o Retentor que esperava do outro lado da praça. A mulher desapareceu atrás da árvore e voltou com uma enorme caixa de metal. Quadrada e reforçada, parecia inexpugnável o suficiente para conter uma explosão de granada. O Retentor a carregou com esforço óbvio, a colocou no chão ao lado de Nuan Cee e retirou-se.

— Um gesto de boa fé da Casa Krahr, —anunciou Maud. — Somos gratos pela recuperação de Helen e esperamos que o Clã Nuan compartilhe o antídoto conosco para uso futuro.

O seu Comunicador, que ela havia programado antes da reunião, enviou um sinal para a caixa. A caixa se abriu com



um estrondo e uma torre de metal subiu, como o pistilo de uma flor. A parte superior do pistilo se desdobrou. Um frasco cheio de névoa verde deslizou para cima em um pedestal.

— Uma arma de Nexus, —disse Maud, — destinada a tornar as *Lees* inférteis.

Nuan Cee recuou.

— A Casa Krahr não precisa mais disso agora que encontrou um parceiro comercial disposto e confiável no Clã Nuan, —disse Maud. — Não nos comprometemos levianamente e, uma vez que o fazemos, seremos totalmente leais ao Clã Nuan.

— A profundidade do compromisso de vocês é impressionante, —disse Nuan Cee. — É uma troca adequada. Vamos compartilhar o antídoto.

— Isso traz a mim e ao Lorde Consorte grande alegria, — disse Maud.

Lorde Consorte projetou toda a alegria de uma nuvem tempestuosa fervente.

Todo mundo tomou um gole de suas bebidas.



A rainha *Tachi* se levantou. — Esta foi uma reunião muito esclarecedora, Maud da Casa Krahr. Temos muitos planos a fazer.

# CAPÍTULO 17

Maud atravessou a ponte, medindo-a com seus passos. Era de manhã cedo e o céu estava ligeiramente nublado, o sol se escondendo entre nuvens irregulares. Ao lado dela, Helen bocejou e esfregou os olhos.

Na noite anterior, Maud havia relatado a conversa com as *Lees* e os *Tachis* para Soren e Karat. Ela não tinha dúvida de que o Lorde Consorte daria um relato completo a Ilemina. Soren concordou com sua opinião, Serak e Kozor estavam mirando na Estação de Batalha e queriam as duas espécies



estrangeiras fora do caminho, mas como exatamente estavam planejando fazer isso era algo que ninguém sabia.

Depois, Maud voltou para seus aposentos e verificou Arland. A porta da entrada principal estava trancada e ele não respondeu à mensagem que enviou ao Comunicador dele. Isso a deixou louca. Ela não parou de imaginar situações bizarras, cada uma das quais o envolvia morrendo durante o sono, indefeso. Eventualmente, Maud se rendeu e usou a passagem privada entre os dois quartos para checá-lo. Ele estava dormindo em sua cama, seu peito subindo e descendo em um ritmo suave e constante. Ela considerou subir na cama ao lado dele e abraçá-lo, mas decidiu que isso seria meio assustador e se obrigou a voltar para sua suíte.

Nada iria acontecer com Arland, agora que estava fora dos efeitos do estimulante, ele dormia profundamente enquanto um coquetel de medicamentos que o médico havia administrado reparava seus ferimentos. Houve muitos ferimentos. Era perfeitamente razoável que Arland continuasse dormindo por mais um dia ou dois.



Maud continuou andando. Uma brisa refrescante sacudiu seus cabelos, jogando os fios curtos em seu rosto. O exílio em Karhari a abalou. Antes disso, ela estava acostumada aos esquemas de Melizard. Ele sempre criava problemas, mas era o filho mais novo, amado e mimado. Seus pecados, por mais graves que fossem, sempre eram perdoados. Exceto o último.



Desde a última vez que viu o rosto de sua ex-sogra, Maud aprendeu a esperar o pior que sua imaginação pudesse criar. Se Melizard se atrasasse, era porque ele estava morto. Se Helen comesse um pedaço de fruta desconhecida, era certamente venenosa e provavelmente morreria. Se Maud encontrasse estranhos na estrada, eles eram possíveis assassinos enviados para matá-la. E Karhari alimentou sua paranoia provando que ela estava certa muitas vezes.

Agora Arland se juntara à pequena lista de pessoas cuja morte esperava a qualquer momento. Havia apenas quatro nomes nessa lista: *Helen, Dina, Maud e agora Arland.* Ontem à noite não conseguiu dormir direito, acordava a todo hora, checava Helen, e quando conseguia dormir novamente, Arland morria em seus pesadelos, e ela acordava. Algumas



vezes se levantou e rondou a varanda como um gato enjaulado.

Se ao menos pudesse tê-lo visto esta manhã, pudesse ter tocando e sentido o calor do corpo dele, teria assegurado a ela que ele estava vivo. Maud havia saído da cama planejando fazer exatamente isso. Em vez disso, Karat invadiu seus aposentos assim que o sol nasceu, anunciou que Ilemina precisava de sua presença e foi embora.

Maud e Helen passaram pela entrada em forma de arco da torre da Preceptora.

— O que vamos fazer hoje, mamãe?

— Hoje vamos caçar, —disse Maud.

Ela revisou a agenda do dia na noite passada, depois de desistir de dormir. Em sua essência, os vampiros eram principalmente predadores carnívoros, e a caça estava em seu sangue. Eles gostavam de matar, cozinhar suas presas e comê-las.

Os seres humanos também mantiveram algumas dessas memórias primitivas. Não importa o quão civilizados se



tornaram ou quão evoluída a arte de cozinhar se tornou, nada ganhava de um pedaço de carne assada sobre um fogo.

A Sagrada Anocracia não era tão civilizada. Não se davam ao trabalho de inventar desculpas ou de se distanciar do seu passado predatório. Assim que uma Casa Vampira reivindicava um território, ela fazia duas coisas: *plantava uma árvore vala e delimitava suas áreas de caça.*

A Casa Krahr mantinha uma enorme reserva de caça. Hoje, ao meio-dia, eles estariam explorando essa reserva. Perder a caçada era impensável. Poderia escapar dos jogos, faltar um jantar formal, até chegar atrasada à cerimônia de casamento, embora esse último exigiria reparações pela ofensa aos recém-casados. Mas se ela perdesse a caçada, o insulto aos anfitriões seria monumental. Até as crianças participavam das caças assim que atingiam idade suficiente para não cair das montarias.

— Que tipo de caça? —Helen perguntou.

— Você se lembra de quando papai e eu a levamos para a Casa Kirtin e saímos para caçar *bazophs*?



Foi um dos raros bons momentos em seu exílio. Melizard conseguiu um bom cargo com uma Casa estável e, por dois meses, tiveram um breve gostinho da vida normal da Anocracia. E então ele deu um soco no Marechal Kirtin e tudo acabou.



Os olhos de Helen se iluminaram. — Posso ir à caça?

— Sim.

Maud percebeu que se dissesse a uma mulher comum da Terra que colocaria sua filha de cinco anos em cima de uma montaria alienígena temperamental e permitiria que ela participasse da caça de um animal desconhecido—mas certamente perigoso—com um bando de vampiros homicidas, a mulher tiraria Helen dela imediatamente. Algumas mães tinham reuniões de pais e professores para ir, ela tinha caçadas.

Helen iria gostar e Maud queria que sua filha fosse feliz. Além disso, após o envenenamento, deixar a filha fora de vista, sem um exército de guarda-costas pronto para deixar qualquer ameaça em pedacinhos, estava fora de questão.



O que quer que a Ilemina quisesse com Maud precisava ser resolvido antes da caçada.

Elas chegaram ao Escritório da Preceptora. A porta automática se abriu, dentro do escritório Ilemina estava inclinada sobre a mesa. A vampira mais velha parecia profundamente concentrada, sua expressão focada e severa.

Um sentimento de pavor assaltou Maud. *O que foi agora?*

Ela parou na porta. — Minha Senhora?

Ilemina levantou a cabeça. — Entrem.

Maud entrou na sala, trazendo Helen com ela. A porta se fechou atrás delas.

*Presas.*

Ilemina a encarou com um olhar intenso. — Leide Onda e Leide Seveline a convidaram para o Brinde da noiva.

O Brinde era uma tradição vampira de longa data. Apesar do grande nome, era basicamente um lanche leve em comidas, mas pesado em bebidas, o que para vampiros significava cafeína. Um vampiro comum podia drenar uma garrafa de uísque e permanecer perfeitamente sóbrio, mas Maud já viu



alguns deles beber uma pequena xícara de café e se transformarem em uma bagunça de palavras arrastadas e braços pendurados, declarando eterno amor e devoção a qualquer estranho que conhecera dez minutos atrás.



O Brinde envolvia uma grande tigela de ponche cheia de bebida cafeinada e cada convidado se serviria dela, brindando o anfitrião. Era comum antes do casamento, de fato, a tradição prescrevia ter vários Brindes para a noiva e o noivo. Maud já havia participado de alguns deles antes e sempre acabava em uma experiência hilária. Inevitavelmente, alguém a desafiava a tomar um drinque, que terminava com eles embaixo da mesa e ela, completamente sóbria, procurando urgentemente um banheiro.

O rosto de Ilemina tinha muito pouco humor. Prometia desgraça. Definitivamente condenação.

— O convite é motivo de alarme? —Maud perguntou.

— Nenhum membro feminino da Casa Krahr recebeu um convite. É um Brinde exclusivo para a família. Você será a única de fora.



Maud estaria isolada e cercada por Cavaleiras da Casa Kozor. A Casa Krahr tinha a honra de respeitar a privacidade de seus convidados. Se algo acontecesse, não havia garantia de que apoio chegaria a tempo. Recusar o convite seria rude e covarde, e Onda e Seveline estavam contando com isso.

499 Divas & Lord's

— É uma armadilha. —As palavras saíram facilmente.

Ilemina assentiu. — Elas vão te provocar. Tentarão testá-la para ver o que você sabe. Se isso falhar, tentarão humilhá-la.

— Estão mirando em Arland. Se me insultarem o suficiente, e eu correr chorando para Arland, ele será obrigado por honra a fazer algo a respeito. Estão ficando mais ousados.

O olhar de Ilemina era direto e frio. Maud tinha visto essa expressão exata no rosto de Arland, pouco antes dele se jogar em uma flor Assassina do Universo. Ilemina havia se decidido. Kozor e Serak não sairiam ilesos deste planeta. Maud gelou até os ossos.

— Você quer o cargo de Maven? —Ilemina perguntou.

Maud nem precisava pensar. — Sim.



Ilemina virou-se para a tela brilhando na parede. Uma gravação começou a reproduzir. Na tela, Seveline correu para um grupo de Otrokar. Cada um dos cinco guerreiros da Horda era maior que Seveline. Maud já havia lutado com a Horda Esmagadora da Esperanças antes, eles ganharam o direito de usar esse título e mais alguns. Seveline dançou através deles, cortando membros e corpos. Graciosa, letal, imparável ... Um sorriso radiante brincou nos lábios da Cavaleiro vampira. Sangue manchava seus cabelos loiros. Ela parecia uma *berserker*[43] no meio da matança, mas se movia como uma lutadora completamente no controle de seu corpo. Fluida. Precisa. Consciente. Debaixo das imagens havia uma legenda.

**Seveline Kozor**

**57 mortes confirmadas**

*Merda.*

---



[43] **Berserker** foram guerreiros nórdicos ferozes, que estão relacionado a um culto específico ao deus Odin. Eles despertavam em uma fúria incontrolável antes de qualquer batalha.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Na tela, Seveline decapitou um guerreiro com um único golpe e riu. Ela parecia saber onde cada um de seus oponentes estava o tempo todo, antecipando seus movimentos antes que eles os fizessem.

Ilemina afundou ordem em sua voz. — Você irá a este Brinde e suportará todos os ataques à sua honra e dignidade. Sob nenhuma circunstância deve sacar sua espada. Você me entendeu, *Maven?*

— Sim, Preceptora.



– Então, é costume que os humanos sejam mantidos como animais de estimação? —Perguntou Seveline.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Maud tomou um gole de café. Era um genuíno café da Terra, dado como um presente para a noiva pela Casa Krahr, e adoçado exageradamente com algum xarope local, ficando mais parecido com um doce do que bebida. As convidadas da noiva foram a loucura quando a viram derramar creme na bebida.

Maud estava dolorosamente ciente de que Onda e Seveline a encaravam. As perguntas começaram no momento em que ela se sentou e se tornaram progressivamente mais ultrajantes. A última foi um insulto. Se ela fosse uma vampira, agora já haveria sangue.

O plano delas não era ruim: *Isole-a. Embebede-a. Insulte-a até que ela dê o primeiro soco e depois a mate.* Elas provavelmente estavam gravando a festa para se absolver da culpa. Maud tinha feito uma avaliação mental na sala quando entrou e nada havia mudado até agora: *elas estavam em uma torre, em uma câmara redonda.* Oito mesas, quatro vampiras em cada mesa. Maud podia se defender, mas não contra todas elas. *Ilemina está certa. Se eu puxar minha espada, não sairei viva daqui.*



Sua melhor defesa era fingir ser lerda. — Não entendi o que você disse, —disse ela.

Seveline deu um suspiro. Onda se inclinou para frente, afastando os cabelos castanhos.

— É uma pergunta fácil de ser entendida. Você não é membro da nossa sociedade. Não tem direitos, nenhum propósito e não oferece benefícios à Casa Krahr.

— Além da diversão sexual para o Marechal, — acrescentou Seveline.

— Em outras palavras, você está sendo mantida por aí como uma fonte de conforto, como um cachorrinho.

— Isso não é verdade, —disse Seveline. — Cães servem a um propósito. Eles avisam sobre intrusos e aumentam a segurança.

— Tudo bem, não como um cachorro então. —Onda acenou com o braço. — Um pássaro. Um lindo pássaro ornamental.

Maud ergueu as sobrancelhas. — Então, o que estão dizendo é que sou um lindo pássaro e estou aqui para a



diversão sexual do Marechal? Os membros da Casa Kozor costumam fazer sexo com seus pássaros de estimação? Eu não tinha ideia de que vocês tinham gostos tão exóticos.

As duas mulheres piscaram, momentaneamente desnorteadas.

Seveline mudou para Vampírico Antigo. — *Vou torcer o pescoço dela.*

A noiva escolheu esse momento para flutuar entre nós, toda sorriso. Ela se virou suavemente, apoiou uma mão no ombro de Seveline e, ainda sorrindo, disse em Vampírico Antigo: — *Faça isso e eu pessoalmente vou espetar uma faca no seu olho. Você tem um trabalho simples:* provocar essa cadela. *Quão difícil isso pode ser? A caçada está prestes a começar. Continue com a sua tarefa.*

Interessante.

Kavaline ofereceu a Maud um sorriso brilhante. — Está se divertindo? Essas duas não estão incomodando você, não é?



A tentação de responder em Vampírico Antigo foi quase demais. — De modo nenhum. Elas têm sido o exemplo da cortesia.

Onda parecia que estava prestes a ter um derrame cerebral.

O sorriso da noiva ficou mais aguçado. — Fico feliz por ouvir isso.

A noiva flutuou para longe.

— Então, você se contentará em ser somente uma serva da cama do Marechal? —Perguntou Onda. — Como isso refletirá na sua filha? Ou você espera que ela aprenda pelo exemplo?

— Que boa pergunta, —disse Seveline. — Talvez você já tenha selecionado um cliente para ela?

*Amadoras.*

— Que ideia perturbadora, —disse Maud. — É rigorosamente proibido o contato sexual com crianças. Isso seria extremamente prejudicial para uma criança. Estou surpresa que isso seja tolerado na Casa Kozor. Essa conversa está se tornando bastante esclarecedora. Pássaros, crianças ... Há algo fora dos limites para o seu povo?



Onda ficou cinza, tremendo de raiva.

Seveline olhou furiosa. — Nós não fazemos sexo com crianças!

As vampiras em outras mesas se viraram para olhá-las.

— Então, só com pássaros? —Maud perguntou.

Seveline pegou a jarra de café, ficou de pé e jogou o conteúdo em Maud. Não havia tempo para se esquivar. O café mal estava quente, mas a encharcou completamente.

Os olhos de Onda eram do tamanho de pires. A sala ficou em silêncio.

Seveline olhou diretamente para ela, antecipação em seus olhos.

Maud olhou desdenhosamente para trás. *Ainda não é sua vez, vadia.*

Seveline torceu os maxilares. — Covarde.

Debaixo da mesa, Maud afundou as unhas na palma da mão. Em sua mente, ela virava a mesa, agarrava sua espada e enfiava a lâmina no intestino de Seveline.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Um momento se passou.

Outro.

O café pegajoso deslizou por seu pescoço, pingando de seus cabelos.

Outro.

Seveline mostrou suas presas em uma careta cruel, girou nos calcanhares e foi embora. A porta fechou-se atrás dela.

Maud ficou muito quieta. Isso ainda poderia dar errado. Se elas a atacassem agora, sua melhor chance seria pular pela janela. Era uma queda de dez metros abismo abaixo, mas ela poderia sobreviver.

Kavaline abriu a boca. Cada par de olhos a observava.

— Minha Senhora, sentimos muito. Não sei o que aconteceu com ela.

— Claramente, —disse Maud, com o tom seco, — algumas pessoas simplesmente não conseguem lidar com o café.

Uma leve onda de riso se espalhou pela festa.



— Você é muito gentil, —disse a noiva.

*Oh, você não tem ideia*. — Eu te peço, esqueça isso. Por favor, desculpem minha saída, devo me trocar.

— Não sonharíamos em mantê-la.

*Experimentem e irão se arrepender.*



Maud rangia os dentes de raiva enquanto o elevador descia demoradamente através de um poço esculpido no coração da montanha. Tirar a bagunça pegajosa de café do cabelo levou uma eternidade. Tirar a armadura demorou ainda mais. Ela não teve tempo de aplicar nenhuma maquiagem ou de se arrumar adequadamente.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Maud nunca gostou de usar maquiagem no rosto, mas sempre amou sombra e rímel. No exílio, o rímel era um luxo inatingível e muitas vezes um impedimento. Ter rímel derretendo nos olhos enquanto se transpira muito, tentando matar um oponente com o dobro do seu tamanho antes que ele a matasse, não era exatamente uma estratégia inteligente. Mas assim que Maud chegou à Pousada, Dina a convidou para vasculhar seu estoque de maquiagem. Maud usava sombra para os olhos, rímel e um batom leve todos os dias desde que pousou neste planeta. Agora, seu rosto estava completamente limpo, seu cabelo estava molhado—porque ela não se atreveu a perder três minutos secando-o—e ainda, de alguma forma, cheirava ao maldito café.

Ela batia o pé. O elevador se recusava a descer mais rápido.

Não era assim que pretendia aparecer na caçada. Se as caçadas que tinha participado fossem parecidas com essa, seria uma ocasião quase cerimonial. Todo mundo estaria em seu melhor enquanto andavam na comitiva da caçada. Armaduras polidas, armas prontas, penteados elaborados. Quando



finalmente rastreassem o que quer que estivessem caçando, os Caçadores avançariam e se aproximariam para matar. Os Caçadores eram escolhidos com antecedência. Ser escolhido era uma honra, e ela tinha certeza de que os Caçadores dessa caçada seriam o noivo, a noiva, possivelmente Arland, Otubar, Ilemina ou Karat. Quem fosse escolhido na Casa Krahr estaria lá apenas para garantir que os noivos conseguissem matar a presa. Todos festejariam e gravariam o evento para que mais tarde mostrassem à família e aos amigos. Então, todos voltariam e continuariam a festa no palácio.

Tudo o que Maud precisava fazer era chegar aos estábulos a tempo, andar no meio da comitiva, trocar gentilezas e parecer que está se divertido, depois expressar admiração no momento estratégico e voltar. Não conseguiria chegar a tempo. Estava atrasada pelo menos dez minutos. Mais perto dos quinze. A essa altura a comitiva já havia partido.

Maud bateu o pé impaciente. O elevador continuou descendo suave. Ela checou a mensagem de Helen novamente. O rosto animado de sua filha brilhou diante dela, projetado pelo Comunicador. '*Apresse-se, mamãe. Vamos caçar.*'



Em seguida havia uma mensagem de Ilemina. *'Eu tenho sua filha comigo.' E isso não soou nem um pouco sinistro*. Maud deu um suspiro. *Malditos vampiros.*

O elevador finalmente parou. As portas se abriram direto para um túnel que levava a grandes portas abertas. A luz do dia entrava pelas portas. Maud começou a correr e saiu ao sol.

Uma calçada larga, completamente reta e pavimentada com pedras planas, rolava diante dela, levando a um portão. Nos dois lados, grandes currais ladeavam o caminho, protegidos por enormes cercas.

Atrás de cada fila de currais havia um grande estábulo.

Os currais estavam vazios.

O *Vihr*, as grandes montarias de ossos fortes que os vampiros preferiam, se foi.

Ela se virou e viu o Mestre dos Estábulos ao lado. De meia-idade, enorme, com uma juba de cabelos avermelhados ficando grisalho. O vampiro torceu o rosto enquanto verificava algo no seu Comunicador. Um vampiro mais jovem, com pele



acinzentada e cabelos negros estava ao lado dele com uma expressão resignada. Maud foi até eles.

— Saudações, —disse Maud. — Onde está a comitiva da caça?

O Mestre dos Estábulos nem olhou para cima. — Já se foi.

— Foi para onde?

Ele parou e deu-lhe uma olhada fria. — Para caça.

— Em que direção?

— Norte.

— Eu preciso de uma montaria.

A *Chathy-Chatty*[44] do mundo dos vampiros a presenteou com outro olhar. — Eu não tenho nenhuma.

— Você deveria ter um *Vihr* para mim.

— Alguém pegou. Caça. Norte.

---



[44] **Chatty Cathy** era uma boneca "falante" puxada por cordas fabricada pela empresa de brinquedos Mattel de 1959 a 1965. Chamar alguém de Chatty Cathy é sinônimo de tagarela. Maud usou o termo de forma sarcástica.



Maud convocou as últimas reservas de força de vontade e manteve a voz calma. — Você tem outra montaria que eu possa usar?

— Não.

Certo. — Você tem alguma montaria aqui? Alguma coisa que possa correr rápido?

O jovem ajudante vampiro olhou para ela. — Nós temos *Savoks*. Mas você não pode montar essas malditas coisas. — Ele olhou para o Mestre dos Estábulos. — Por que mesmo temos *Savoks* aqui?

— Presente da Horda, depois de Nexus, —disse o Mestre dos Estábulos.

O coração de Maud acelerou. Os Otrokars da Horda Esmagadora da Esperança viviam na sela. Eles valorizavam montarias como tesouros e por isso não ofereceriam nada menos que espetacular.

— Vou dar uma olhada, —disse ela.

— Diabos você não vai, —o Mestre dos Estábulos rosnou. — Eles vão derrubá-la, pisar em você, estripá-la com aquelas



garras e morder sua cabeça. E nunca mais o Marechal me perdoará.

Isso ele tinha razão, mas ela não tinha tempo de discutir. — Você tem ordens para me fornecer uma montaria. Traga um *Savok* aqui ou eu mesma o pegarei.

— Bem.

O Mestre dos Estábulos digitou em seu Comunicador. O portão mais próximo do estábulo à sua esquerda se abriu. O metal tiniu e três *Savoks* galoparam no curral. Dois eram da cor vermelho ferrugem, a cor comum dos *Savoks*, e um era branco, um albino. Incrivelmente raro. O sol capturou os pêlos curtos e aveludados de suas peles, brilhando enquanto corriam. Se fossem cavalos, teriam pelo menos um metro e oitenta de altura sem contar com as suas cabeças. Musculosos, com quatro pernas fortes, mas esbeltas, eles se moviam com agilidade e velocidade. Suas patas traseiras terminavam em cascos, a frente tinha três dedos fundidos e uma garra semelhante a de uma ave de rapina. Seus pescoços curtos e grossos sustentavam cabeças longas, armadas com mandíbulas



poderosas que não eram vistas na Terra desde a extinção dos *cães-ursos*[45] e *porcos-do-inferno*[46].

Os animais passaram trovejando por ela, o macho branco lançou-lhe um olhar cruel de seus olhos verdes-esmeralda, e continuaram correndo ao longo da cerca, testando os limites do recinto, suas longas caudas estreitas chicoteando atrás deles.

Eles eram de tirar o fôlego. Enquanto crescia na Pousada de seus pais, Maud tinha visto centenas de montarias Otrokar, mas nenhuma como essas três.

Os *Savoks* se aproximaram novamente, estalando as presas para eles quando passavam. O grande macho bateu com o ombro na cerca e ricocheteou. Eles galoparam.

— Eu te disse, —disse o Mestre dos Estábulos. — São impossíveis de montar.

---

45  Os **Anficionídeos** são uma família de mamíferos carnívoros extintos, que são também conhecidos pelo nome de cães-urso e Tigre-das-Cavernas. Este nome deriva do facto de se assemelharem quer aos ursos, quer aos cães.

46  **Entelodontidae** — às vezes chamados de porcos do inferno ou porcos matadores — são uma família extinta de onívoros tipo porcos que habitavam as florestas e planícies da América do Norte, Europa e Ásia de meados do Eoceno até o começo do Mioceno, existindo por cerca de 21 milhões de anos.



Eles não tinham ideia do valor desses animais. Pelos padrões Otrokar, estes eram inestimáveis.

Os vampiros, com seu poder físico esmagador, evoluíram em um planeta rico em bosques. Eram predadores de emboscada. Eles se escondiam e saltavam sobre suas presas, dominando-as. Eles não eram grandes corredores ou grandes especialistas em montarias. Os animais que os vampiros usavam como montaria eram enormes e resistentes, tinham mais em comum com touros e rinocerontes do que cavalos de corrida, e serviam perfeitamente a seu objetivo. Podiam suportar cargas com pesos impressionantes, transportá-las por horas e garantir levá-las do ponto A ao B. Não o faziam com rapidez ou graça, mas levavam qualquer um aonde precisava.

O planeta dos Otrokar era um lugar de planícies sem fim. Os Otrokars eram esbeltos e resistentes, e podiam correr quilômetros e quilômetros até exaurir suas presas. As montarias deles eram como eles, rápidas, ágeis e incansáveis. Os *Savoks* comiam qualquer coisa: *grama, carcaças, presas terrestres, e eram tão inteligentes quanto selvagens.*



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Os *Savoks* chutaram a cerca. Eles pareciam agitados. — Quando foi a última vez que correram livres?

— Nós os deixamos sair uma vez por semana, —disse o ajudante.

Maud resistiu à vontade de gritar. Muito.

— Eles forneceram selas?

— Sim, —disse o ajudante.

— Traga-me uma. A que veio com o animal branco.

— Como vou saber qual é?

Ela fechou os olhos por alguns segundos dolorosos. — Aquela que estiver marcada em branco.

O jovem ajudante olhou para o Mestre dos Estábulos. O vampiro mais velho deu de ombros. — Vá buscar.

Ela não esperou pela sela. Os *Savoks* haviam parado no outro extremo do curral. Maud escalou a cerca de metal pesado.

— Ei! —O Mestre dos Estábulos rugiu.



O *Savok* branco a viu e bateu com o pé no chão, preparando-se para atacá-la.

Maud inalou e enfiou dois dedos na boca. Um assobio estridente cortou o ar.

Os *Savoks* congelaram.

O Mestre dos Estábulos se aproximou da cerca e obviamente estava tentando decidir se deveria agarrar Maud e puxá-la de volta.

Quando Dina contou a Maud sobre a mediação de paz em Nexus, ela mencionou a Khanum, a esposa do Khan, e seus filhos. Eles eram nortistas, treinavam seus *Savoks* com as técnicas do norte. Maud assobiou novamente, mudando o tom.

Os *Savoks* correram para ela. O Mestre dos Estábulos tentou agarrá-la quando ela pulou a cerca e entrou no curral.

O *Savok* branco a alcançou e recuou, arranhando o ar com as patas dianteiras. Atrás dela, o Mestre xingou.

— Você é lindo, —disse Maud ao *Savok*. — Garras afiadas. Um garoto muito bonito. —Ele não entenderia o que



ela estava dizendo, mas reconheceria e responderia ao tom de sua voz.

Ela assobiou novamente, um som suave e ululante, e os *Savoks* rondaram ao seu redor, cutucando-a com seus focinhos e exibindo impressionantes dentes afiados. O macho branco pulou no lugar como um lobo pulando na neve para assustar os ratos e fazê-los sair de suas tocas.

— Muito bom. Muito imponente.

Ela assobiou novamente. O *Savok* branco dobrou os joelhos, abaixou a cabeça e esperou. Maud pulou nas costas dele e abraçou seu pescoço. Ele se levantou e partiu em um galope vertiginoso, circulando o curral. Levou toda a força que ela tinha para se segurar nas costas do animal. Por fim, Maud assobiou novamente, fazendo o *Savok* trotar mais lentamente.

O Mestre dos Estábulos e seu ajudante, com uma sela Otrokar tradicional em suas mãos, a encaravam, boquiabertos. Ela andou um pouco mais no Savok e desmontou. — A sela.

O ajudante passou para ela através da cerca.

— O macho branco tem nome?



— Attura.

*Fantasma.*

*Perfeito. Vamos torcer para que ele possa voar como um.*

Ela estava muito atrasada.



A planície verde passou voando enquanto Attura corria pelo campo. O *Savok* não corria há um tempo e, no momento em que o soltou, ele começou a galopar. Depois que partiram dos estábulos, Maud deixou toda a sua ansiedade ir e perdeu-se na alegria do vento, na velocidade e no poder da besta abaixo dela. Attura correu, alimentado pela pura alegria disso. Ela sentiu essa alegria e, varrida pela necessidade do animal em correr livre, deixou que ele corresse e compartilhou.



Eventualmente, porém, a realidade voltou como um cobertor pesado envolvendo-a. Ela conferiu o Comunicador. A comitiva havia se desviado para o oeste, aproximando-se das planícies que se erguiam à sua esquerda. A equipe de caça atravessou o centro da planície para o leste e a apenas seis quilômetros adiante. Relutantemente, ela se mexeu na sela, assobiando suavemente. Attura choramingou, diminuindo a velocidade.

— Eu sei, eu sei. —Maud prometeu a si mesma que na próxima vez que tivesse algumas horas livres, traria Attura de volta para cá e o deixaria correr. Mas agora eles tinham uma comitiva de caça para alcançar.

O *Savok* se moveu em um trote rápido, o que não era realmente o melhor termo. O trote dos cavalos da Terra era um passo de três batidas, enquanto o *Savok* se lançava para a frente com suas poderosas patas traseiras e se apoiava no chão com os membros anteriores. Era um compasso que lembrava



mais um lobo ou um *cão galgo*[47]. Mas era um compasso mais lento do que o galope dele, então ela chamou de trote. Maud conduziu sua montaria e logo encontraram um ritmo confortável.



Ela checou o Comunicador novamente e obedientemente seu instrumento projetou o alvo da caçada, uma grande fera vagamente felina do tamanho de um rinoceronte com pêlo verde-escuro marcado por manchas em vermelho ferrugem intenso. O Mestre de Caça da Casa Krahr estava seguindo-o, mas Maud e o grupo principal de caça, não tinham ideia de onde a presa viria. Os vampiros não gostavam de caçadas fáceis.

*Daesyn* realmente era um planeta bonito, Maud pensou. Campos verdes e suaves, com toques de turquesa e dourado, cobriam o chão da planície. Platôs se erguiam dos dois lados, a rocha cinza de suas paredes, de tanto resistir chuvas e sol, estava quase branca. O céu era manchado de verde esmeralda,

---

47  **Galgo** inglês é uma raça canina do tipo lebréu oriunda do Reino Unido, conhecida por ser a mais rápida do mundo, chegando a atingir os 72 km/h.



o sol dourado brilhava e o vento cheirava a flores silvestres. Era muito fácil se perder nisso tudo e apenas respirar.

A platô à sua esquerda se curvava, projetando-se. Maud deu a volta. À frente, uma longa comitiva trotava pela planície, os enormes *Vihrs* avançando como se tentassem esmagar o chão a cada passo, como os *marrons Clydesdales*[48] de grandes dimensões. Ela estava muito longe para ouvir os cascos, mas sua mente forneceu o som da mesma forma. *Boom. Boom. Boom*. Eles estavam se movendo rápido. Devem ter avistado a presa.

Seu Comunicador tocou, sincronizou e projetou um mapa estilizado, marcando os vampiros individualmente na comitiva. Oito pessoas na liderança representadas por triângulos vermelhos, seguidos por um grupo maior de triângulos brancos, seguidos por um punhado de círculos verdes. Vermelho significava a equipe de caça, branco indicava adultos e verde eram as crianças.

---

48  Clydesdale é uma raça de cavalo de tração originária da Escócia.



— Localizar Helen.

Entre os círculos verdes, um ficou amarelo. Helen estava no centro do grupo de crianças. Provavelmente protegidas por vários Sentinelas e perfeitamente seguras. Ainda assim, as caças eram imprevisíveis.

*Estou realmente ficando muito paranoica.*

Como se por sugestão, a equipe de caça se separou. O grupo vermelho na frente se adiantou, o lento *Vihr* acelerando. O grupo branco permaneceu firme, mantendo a rota original.

Se ela não se apressasse, perderia a matança da caça. Maud não poderia dar os parabéns ao casal prestes a se casar a menos que realmente testemunhasse eles derrubando a besta

Ela assobiou bruscamente e Attura avançou.

Um rugido distante sacudiu o ar. Uma enorme criatura surgiu entre os platôs, correndo em direção a equipe de caça, seu pêlo verde camuflando com a grama. *Merda.*

A equipe de caça se espalhou, procurando circundar a fera. Isso terminaria em questão de minutos.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

O Comunicador apitou, o som do alarme a atingiu. Algo estava acontecendo na comitiva principal. Na sua tela os pontos se moveram de uma forma muito caótica, impossível de acompanhá-los. Um grande ponto vermelho apareceu no meio dos círculos verdes.

O pânico a socou. Maud jogou o peso para a frente, quase deitando no pescoço de Attura. O animal galopou com todas as suas forças.

Cavaleiros saíam da comitiva em todas as direções. Ela deu uma olhada rápida na projeção do seu Comunicador. Agora havia três pontos vermelhos. As crianças estavam fugindo, enquanto os adultos se amontoavam no centro, tentando conter a ameaça. O círculo amarelo indicava Helen se movendo para sudoeste, outro círculo verde em seu rastro.

Maud mudou seu peso para a esquerda, e o *Savok* se inclinou para oeste.

O grupo de vampiros se desfez, corpos voando, e através da brecha Maud vislumbrou uma criatura. Enorme, manchada de cinza e suja de terra e argila avermelhada, a fera rugiu,



balançando a cabeça enorme e escamosa de um lado para o outro. O monstro bateu um Cavaleiro e a força do golpe o tirou de sua montaria. O *Vihr* gritou. As grandes mandíbulas do monstro abriram e morderam o *Vihr*. A criatura levantou a cabeça e a metade sangrenta do *Vihr* caiu no chão.



*Que diabos é isso?* Parecia um dragão. Um enorme dragão escamoso.

Maud precisava chegar até Helen. Ela tinha que chegar até Helen agora.

Outro dragão, este amarelo pálido como a cor de um osso velho, saiu do meio dos vampiros e correu para o sudoeste. Duas crianças montadas em jovens *Vihr* corriam, fugindo do perigo.

*A besta está indo atrás das crianças.*

Maud gritou. A cabeça de Helen virou. Ela olhou por cima do ombro e gritou.

Maud se fundiu com Attura como se fossem uma única criatura, desejando que ele fosse mais rápido.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Os *Vihrs* estavam correndo por suas vidas, as crianças montadas em suas selas, mas não eram rápidas o suficiente. O dragão estava alcançando-as, pata sobre pata, como um crocodilo correndo, mandíbulas escancaradas, uma floresta de presas pingando saliva.

527 Divas & Lord's

A besta estava quase em cima delas.

*Mais rápido. Mais rápido!*

Maud e Attura se aproximavam o mais rápido que podiam. Quase lá. Algumas dezenas de metros.

O dragão se lançou, rugindo. *Dentes. Dentes enormes.*

Isso não era um sonho. O monstro de seus pesadelos ganhou vida e estava prestes a devorar sua filha.

O menino montado no Vihr se encolheu gritando em pânico. O jovem e sua montaria tropeçaram e caíram no chão. O dragão pairou sobre eles. Maud viu toda a cena como se estivesse em câmera lenta, com uma clareza dolorosa: *o rosto aterrorizado de Helen, os olhos arregalados, as mãos nas rédeas da sua montaria, o seu Vihr dando meia volta, obedecendo ao*



*comando dela, e então Helen pulou de seu Vihr para o chão, ficando entre o menino caído e o dragão.*

Vinte metros para a filha.

Um som rasgou o ar vindo de Maud, tão alto que foi quase ensurdecedor. Uma pequena parte lógica dela disse-lhe que ela estava rugindo como um animal em uma tentativa de parecer uma ameaça.

Helen sacou as suas lâminas.

O dragão abriu a boca. A cabeça dele se abaixou e Helen desapareceu.

Algo se rompeu dentro de Maud. Algo quase esquecido que vivia profundamente no centro de seu ser, no lugar onde um Estalajadeiro extraía seu poder quando se conectavam a uma Pousada. Ela não tinha uma Pousada. Não tinha nada, exceto Helen, e Helen estava dentro da boca do dragão. Tudo o que Maud era, cada gota de sua vontade, cada grama de sua força, tudo se transformou em magia potencializada pelo seu desespero. A magia saiu dela como um raio laser e ela a viu,



negra e vermelha, fria como o gelo, empenhada com um propósito simples: *Pare!*

O tempo congelou. O dragão parou, imóvel, e a protuberância prestes a descer pela sua garganta parou no meio do caminho. Um *Vihr,* um caído, o outro prestes a se levantar, estavam no lugar, petrificados. O menino vampiro esparramado na grama, imóvel.

*Esta é a magia de um Ad-hal*, a mesma voz lógica a informou. *Você não deveria conseguir fazer isso.*

Maud se moveu através do tempo paralisado ao redor dela, com a espada na mão e, quando Attura rasgou a pele do dragão, Maud cortou um corte abaixo da mandíbula do monstro. Sangue jorrou, vermelho e quente. Maud enfiou o braço no corte. Seus dedos tocaram cabelos e ela agarrou um punhado deles e puxou. Como não conseguiu mover, apoiou os pés, deixou cair a espada e enfiou os dois braços no corte. Suas mãos encontraram tecido. Ela agarrou e puxou.

O peso mudou sob suas mãos.

As bordas do corte se abriram ainda mais.



A filha caiu na grama, encharcada de saliva.

*Ela está morta? Por favor, por favor, por favor, por favor …*

Helen respirou fundo, se sacudiu e gritou.

A magia se foi.

O dragão rugiu de dor e golpeou Attura, que estava agarrado ao seu pescoço. O Savok voou, torceu no ar, caiu de quatro como um gato e voltou.

O pesadelo que a assombrava desde que chegou a *Daesyn* explodiu dentro dela, estalando como uma bolha de sabão e, num instante, Maud se lembrou de tudo: A P*ousada de seus pais, um dragão monstruoso, uma voz profunda e desumana que reverberou por seus ossos:* ***'Me dê a criança'.***

Havia duas crianças atrás dela, e Maud era a única coisa entre elas e o dragão.

Maud atacou.

Ela rasgou com toda a selvageria de uma mãe encurralada. Esfaqueou, cortou, perfurou, sua lâmina de sangue era a personificação de sua ira. Não havia mais medo. O medo foi



embora no instante aterrador em que viu Helen ser engolida. Apenas fúria e determinação gelada permaneceram.

O dragão a atacou e ela se esquivou. O monstro a atacou novamente, o golpe a atingiu, mas ela se levantou e voltou, com os dentes à mostra em um rosnado feroz. Maud o esfaqueou na garganta já ferida do dragão. Quando o monstro tentou prendê-la com suas garras, Maud cortou as garras. Ela não era um turbilhão de lâminas, não era um incêndio, era precisa, calculista e fria, e cortou o dragão em pedaços, um por um, enquanto Attura rasgava a carne do monstro.

O dragão empinou e rugiu, destroçado, um de seus olhos era um buraco sangrento, suas patas desfiguradas.

Maud deve ter perdido a cabeça, porque rugiu de volta. Ele caiu sobre ela, tentando prendê-la com seu peso colossal. De repente teve a ideia louca de segurar sua lâmina de sangue para cima e deixar o dragão se empalar na espada quando caísse, então algo a atingiu de lado, tirando-a para fora do caminho. O dragão bateu no chão e, em um relâmpago de sanidade, Maud percebeu que teria sido esmagada.



Arland a puxou de pé. Sua clava chiou e ele atacou o dragão, seu rosto uma máscara de raiva. Ela sorriu e voltou ao massacre.

Eles cortaram, perfuraram e esmagaram juntos. Em algum momento, ela viu as crianças esfaqueando as pernas mutiladas do dragão. Finalmente, o dragão balançou como um colosso tropeçando na areia. Eles recuaram e monstro caiu no chão. Seu único olho restante se fechou. Ficando imóvel.

Maud agarrou sua espada, sem saber se o dragão estava mesmo morto. Ela tinha que ter certeza. Avançou novamente em direção ao monstro, apontando para o rosto dele.

Arland pulou no ar, respingando sangue, posou na cabeça do dragão e levantou a clava, segurando-a com as duas mãos. Maud e Arland golpearam ao mesmo tempo o dragão. Ela afundou a lâmina o mais fundo possível no olho restante, enquanto ele esmagou o crânio com repetidos golpes.

Eles se entreolharam, ambos ensanguentados.



Helen abraçou a perna de Maud, seu lábio tremendo. Arland escorregou da cabeça arruinada do dragão e as abraçou.

Sua voz saiu tensa. — Pensei que havia perdido vocês duas.

Maud levantou a cabeça e o beijou, com sangue e tudo, sem se importar com quem estava assistindo ou com o que eles pensavam.

# CAPÍTULO 18

Maud bateu na porta da passagem que separava o quarto dela e o de Arland. Ontem ela teria hesitado. Hoje nem parou.

A porta se abriu. Arland estava do outro lado da porta, descalço e sem armadura, vestindo uma camisa preta por cima de calças pretas largas. Seu cabelo estava úmido e puxado em



um rabo de cavalo frouxo. Ele deve ter acabado de sair do chuveiro. A tarde se transformou em noite, e a luz do pôr-do-sol coloria a parede atrás dele com roxo, vermelho e turquesa escuro.



O olhar dele a encarou. Maud usava um robe branco de seda de aranha *fonari*, seu tecido tão fino e leve que mal podia sentir na pele. As mangas largas caíam sobre os braços como nuvens. Ela prendeu o robe na cintura com o cinto, mas o robe era tão comprido que a volumosa saia varria o chão atrás dela, o tecido de seda movendo-se ao menor movimento. A luz tocou a seda e ela brilhou, quase translúcida.

O robe era um presente de Natal de Dina. A irmã lhe deu o presente, sorriu e se afastou, dando privacidade a Maud. Maud abriu a caixa dourada e ficou olhando. Na época, parecia um luxo inacreditável. Em Karhari custaria um ano de água para ela e Helen.

Ela tocou o robe, sentindo o tecido delicado nos dedos, e isso mexeu com algo dentro dela, algo suave e frágil que ela havia escondido profundamente dentro de sua alma para sobreviver, a parte dela que amava roupas bonitas, flores e



longos banhos de banheira. Algo que pensou ter perdido para sempre naquela primeira noite em Karhari, quando cortou seus cabelos, sentada sozinha no chão, chorando entre as mechas escuras. Agora, essa parte acordou e doeu, e ela chorou novamente de dor e alívio.

535 Divas & Lord's

Ela desejava tanto ter seu cabelo de volta agora.

Arland abriu a boca.

Nada saiu. Ele apenas olhou para ela. Um emocionante instante de satisfação feminina surgiu através dela.

O silêncio se estendeu.

— Arland?

Ele fechou a boca e a abriu novamente. — Como está Helen?

— Muito cansada. Depois que lavei todo o sangue ela adormeceu.

— Compreensível. Ela estava lutando por sua vida. —A voz dele sumiu.

— Arland?



— Sim?

— Posso entrar?

Ele piscou e se afastou. — Aparentemente, perdi minhas maneiras em algum lugar na caçada. Minhas mais profundas desculpas.

536

Ela passou por ele e entrou no quarto.

Ele fechou a porta e virou-se para ela. — Você sofreu algum ferimento ...

Ela colocou os braços em volta do pescoço dele e ficou na ponta dos pés. Os lábios dela encontraram os dele, mas ele ficou muito quieto. *Será que ele não me quer?*

Os braços de Arland se fecharam em torno dela. Ele a girou e as costas de Maud pressionaram a porta. Os dedos ásperos dele deslizaram pela bochecha dela, acariciando sua pele. Ela olhou nos olhos azuis dele e respirou fundo. Seus olhos estavam quentes de luxúria, necessidade e fome, todas essas coisas misturadas e aguçadas com uma pitada de antecipação predatória.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Seus lábios tremiam no começo de um rosnado. Ele sorriu largamente, mostrando suas presas e abaixou a boca na dela. Seus instintos gritaram em pânico, sem saber se ela era sua amante ou sua presa, mas havia esperando tanto tempo por isso que decidiu se entregar sem mais medo.

Eles se uniram como duas lâminas colidindo. A boca dele selou a dela e ela se abriu para ele, desesperada para se conectar, para senti-lo, prová-lo ... Sua língua deslizou sobre a dela. Arland tinha gosto de menta e especiarias apimentadas. As presas dele roçaram o lábio dela.

A cabeça dela girou. Maud se sentia leve, determinada e o desejava ...

Ele a beijou mais profundamente, seu grande corpo pressionando o dela. Ela mordeu o lábio dele. Um rosnado retumbou profundamente em sua garganta, o som era um aviso predatório, ou talvez um ronronar, ela não tinha certeza. Arland beijou o canto da sua boca, os lábios, o queixo, o pescoço, pintando uma linha de calor e desejo em sua pele. Ela estava tremendo de necessidade agora.



— Quero isso há tanto tempo, —ele gemeu.

— Eu também.

— Porque agora?

Ele estava beijando seu pescoço novamente, cada toque de seus lábios uma explosão de prazer. Ela mal conseguia pensar, mas respondeu de qualquer maneira. — Quase morremos hoje. Não posso esperar mais. Não quero ser mais cuidadosa, não quero pensar nas consequências ou no que poderá dar errado. Eu só quero você. Quero você mais do que qualquer coisa.

— Você me tem.

— Sempre?

— Sempre, —ele prometeu.





# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Maud se esticou, deslizando o seu pé ao longo da perna quente Arland. Ele a puxou mais apertado contra seu corpo. A cabeça dela repousava no peito dele.

— O que eram aquelas criaturas?

— É a espécie de animal mais próxima da espécie dos Mukamas na atualidade. No planeta original dos vampiros, havia espécies predadoras parecidas com a nossa. Parentes distantes, menos inteligentes, mais selvagens, mais cruéis.

— Primitivas?

— Sim. Os Mukonas, as criaturas que nos atacaram, são parentes primitivos dos Mukamas. Eles são para os Mukamas o que os símios selvagens são para nós. Um ramo evolutivo anterior que não evolui. Afinal, *Daesyn* é o local de nascimento dos Mukamas. Os Mukonas possuem inteligência rudimentar, mais são predadores astutos e habitam cavernas bem abaixo da superfície do planeta. Quando conquistamos o planeta, os caçamos até a extinção, ou assim pensávamos. Aparentemente, estávamos enganados.



— Havia três deles, —disse Maud. — Um par acasalado e uma prole, talvez?

— Eu não sei. Possivelmente. Não os tinha visto antes de hoje. Só ouvi histórias. —Arland fez um rosnado baixo. — Quando esse maldito casamento acabar, teremos que enviar drones de pesquisa para as cavernas. Descobrir quantos deles existem e, se encontramos, teremos que tomar medidas para preservá-los.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele.

Ele sorriu para ela. — Hoje nos tornamos famosos. Matamos um Mukona, a coisa mais próxima dos Mukamas, o nosso inimigo antigo, os devoradores de crianças, os assassinos cósmicos que quase nos exterminaram. Quando o que aconteceu naquela caçada se espalhar, cada Casa vampira estará batendo à nossa porta por uma chance de caçar um Mukona. Eles realmente são bestas magníficas. Temos que proteger seu futuro e gerenciar sua população. Não tenho idéia do que os trouxe à superfície para a caçada, mas seja lá o que for, garantiu seu lugar na história. Oh, bem, pelo menos algo de bom sairá deste casamento.



— Foi Helen, —disse Maud.

Ele franziu a testa.

— Quando eu era menina, um Mukama chegou para se hospedar em nossa Pousada.



Arland deu um pulo na cama. — Um Mukama vivo?

— Bem, sim, não foi um morto que alguém trouxe com eles. Não, ele estava muito vivo e queria um quarto. Eles estão por aí em algum lugar, Arland. Pense nisso. Os Mukamas eram uma civilização interestelar com muitas frotas de naves espaciais. Vocês realmente não acharam que tinham exterminado toda a espécie, não é?

— Sim, sempre achamos que todos estavam mortos. O que aconteceu?

Maud suspirou. — Eu era muito jovem, então só me lembro de pedaços. Meu irmão me contou quase tudo. Ele tem três anos a mais que eu e viu a coisa toda. Klaus teve pesadelos por anos depois. A Pousada havia permanecido adormecida por um longo tempo e meus pais tinham acabado de se tornarem seus Estalajadeiros. Eles não estavam em posição de



recusar hospedes e, quando o Mukama chegou, estava cheio de magia. A Pousada precisava desesperadamente de sustento e dar-lhe um quarto ajudaria bastante a restaurar as forças da Pousada.



— Eu entendo, —disse ele. — Foi por isso que sua irmã concordou em sediar a nossa Conferência de Paz depois que todo mundo tinha nos recusado.

Maud assentiu. — Meus pais ofereceram a ele quartos com uma saída separada, completamente longe de todos os outros hospedes, com a condição de que ele não poderia machucar ninguém. Em algum momento fui passear no jardim. Eu tinha talvez cinco anos. Deveria me lembrar de mais detalhes, mas não lembro. Só lembro de um monstro me perseguindo pelo jardim. E então havia dentes. Dentes realmente assustadores.

Maud deslizou mais fundo debaixo do cobertor. Arland se abaixou de volta ao lado dela e passou o braço em volta da sua cintura.



— Eu estava correndo pela minha vida e então meu pai entrou no caminho à minha frente. Seu manto era preto, e seus olhos e sua vassoura brilhavam com luz azul. Continuei correndo, e então houve um rugido terrível. Meus pais haviam restringido o Mukama. Levou todo o poder combinado deles e tudo o que a Pousada tinha para prender a criatura. Quando meu pai estava prestes a matá-lo exigiu saber do Mukama os motivos daquele ataque. A criatura lhe disse que não podia se conter. Que eu estava cheia de magia e que ele faria qualquer coisa para me devorar. O Mukama ofereceu aos meus pais uma fortuna por mim. Ele ainda disse aos meus pais que eles poderiam ter mais filhos, mas que para ele era vital que pudesse me comer.

543
Divas & Lord's

Arland xingou.

— Meu pai ficou enfurecido, mas ficou também preocupado de que a Pousada não conseguisse conter o Mukama por muito tempo, então ele apelou para a Assembleia de Estalajadeiro. A Assembleia enviou um *Ad-hal* e o Ad-hal levou o Mukama embora. É por isso que eles não são mais aceitos como hospedes nas Pousadas.



— Por que você nunca me contou? Por que ninguém nos contou?

Maud suspirou. — Não lhe contei porque eu não me lembrava disso. Tive pesadelos com isso todas as noites neste planeta, mas as minhas memórias deviam estar reprimidas. São memórias muito assustadoras. E também porque todo o meu tempo e minhas energias foram gastas cuidando de seus ferimentos ou tentando não me jogar em você.

As sobrancelhas dele se ergueram.

— Quanto ao por que ninguém ter contado à Sagrada Anocracia, os vampiros são apenas uma das milhares de espécies que passam pelas Pousadas da Terra. Mantemos nossa neutralidade e mantemos os segredos de nossos hóspedes. —Maud franziu o cenho. — O que há nas crianças que os atraem? Os Mukamas e seus parentes primitivos parecem incontrolavelmente atraídos por elas. Três criaturas que sobreviveram em um mundo de vampiros todo esse tempo, resolvem sair do esconderijo deles apenas para comer minha filha. Porque agora?



— Eu não sei, —disse Arland. — Mas vamos descobrir.

Eles ficaram abraçados em um silêncio confortável. Maud se deliciou com isso. Quente, seguro e …

— Me diz uma coisa. Enquanto eu corria na direção de vocês, lá na caçada, podia jurar que o Mukona paralisou no meio do movimento. Foi você?

Ela gemeu e puxou as cobertas sobre a cabeça.

Arland as puxou de volta. — Isso não é uma resposta.

— Sim, fui eu.

— Como?

— Eu não sei.

Ele a encarou com seu olhar. — Aquilo me lembrou Tony. O Tony *Ad-hal,* quando ele entrou na batalha na Pousada de sua irmã e paralisou os Draziris.

Ela estreitou os olhos para ele. — Por que você tem que ser tão observador?

— Uma vida inteira de treinamento e alguns momentos de terror, —disse Arland. — Quando se vê a mulher que ama e



sua filha prestes a serem comidas vivas, os sentidos ficam um pouco mais aguçados. Por que você tem a magia de um *Ad-hal?*

— Eu também gostaria de saber. Nunca tinha feito aquilo antes. Ninguém sabe como a magia de um *Ad-hal* se desenvolve ou como eles são ou treinados. Quando um jovem é escolhido para se tornar *Ad-hal,* e a família consente, ele é levado embora por um tempo. Às vezes alguns meses, às vezes um ano. Quanto mais velho for, mais demorará o treinamento. Eles não falam sobre isso, mesmo com suas famílias. Às vezes eles voltam para a sua casa, como Tony, às vezes escolhem ir embora.

— Os *Ad-hals* são muito valorizados? Eles são raros?

— Sim, —ela disse.

Sua expressão endureceu.

— Você está formulando um plano de batalha no caso de um *Ad-hal* aparecer aqui e tentar me levar ou Helen embora? —ela perguntou.



— Eles não vão te levar embora. Você é a Maven da Casa Krahr. Ninguém vem te buscar. Eles teriam que matar toda a nossa Casa. Você mesmo disse, eles são poucos. Se tentarem, haverá muito menos deles.

547

Ela fingiu tremer. — Tão sedento de sangue.

Ele mostrou suas presas para ela.

— Não é assim que funciona para os *Ad-hals,* —explicou ela. — Tornar-se um *Ad-hal* é estritamente voluntário. Se eu voltar para a Terra e demonstrar minha nova capacidade de paralização do tempo, supondo que eu possa fazê-lo, porque não sei como o fiz e tenho tentado fazê-lo novamente sem sucesso, a Assembléia dos Estalajadeiros pode querer me fazer algumas perguntas. Mas eu não sou uma Estalajadeira. Eles não têm autoridade sobre mim, a menos que eu quebre o Tratado. Mas gosto do jeito que você pensa, meu Senhor.

Arland beijou seu ombro. — Essas são excelentes notícias.

Os beijos dificultavam a conversa. — *Hum.* Então, quando soube que sua mãe me fez a Maven?



— Ela me informou logo depois. —Ele roçou o pescoço dela. — Você gosta da ideia de ser a Maven?

— Ainda estou pensando sobre isso. O que você está fazendo?

— Como eu não tenho ferimentos para serem tratados, estou vendo se consigo convencê-la a se jogar em mim.

— Já?

— Um Cavaleiro sempre está pronto, minha Senhora.



Os três tomavam café da manhã em sua varanda. Ela e Arland estavam sentados à mesa, saboreando chá de menta e uma travessa de carnes, queijos e frutas, enquanto Helen pegara o prato e sentara-se de pernas cruzadas na parede de pedra, contemplando a vertiginosa queda abaixo. Toda vez que



Helen se movia, Maud tinha que lutar contra o desejo de entrar em ação e puxá-la de volta da borda.

— A criança é completamente destemida, —disse Arland em voz baixa.



— Karhari era plano, não havia lugares altos, —disse Maud. — Não tenho certeza se ela não entende o perigo ou apenas o ignora.

Arland levantou a voz. — Helen, não caia.

— Eu não vou.

Arland olhou para Maud.

*Bem, claro, isso resolve tudo*. Maud escondeu um sorriso e bebeu seu chá de menta.

— Eu tenho um presente para você. —Arland empurrou um pequeno tablet sobre a mesa.

No tablet, uma nave espacial um pouco deteriorada, mas ainda impressionante, apareceu na tela. Foi remendada, reparada e obviamente danificada, mas os danos, que provavelmente foram feitos em batalhas, parecia tornar a nave



ainda mais imponente. Era como um guerreiro envelhecido, maltratado mas não vencido.

— A *Seta Estelar*? A nave de Renouard?

Arland assentiu. — O pirata.

— Qual o problema?

— Você o quer morto?

Ela piscou.

— Ele te insultou. Você parece não gostar dele, então enviei uma nave de guerra para localizá-lo. Nós o observamos no último meio ciclo e temos poder de fogo mais do que suficiente para reduzir ele e sua nave a poeira cósmica.

— Deixe-me ver se entendi corretamente. Você não gostou da maneira como um pirata e comerciante de escravos falou comigo, então enviou uma nave de guerra para localizá-lo e exterminar ele e sua tripulação por minha causa?

— Você pareceu realmente não gostar dele.

Ela o encarou por um longo momento e depois começou a contar com os dedos. — Custos com combustível, subsidio



de risco, uma equipe inteira enviada para o espaço profundo ...

— O homem é uma ameaça, e a galáxia estará melhor sem ele.

Ela olhou para ele. — Você está com ciúmes de Renouard?

— Não mais. Você está aqui comigo e ele está em algum lugar no quadrante Malpin, prestes a virar uma *supernova*[49]. — Arland tomou um gole de chá.

Ela riu. — Quer que eu fale sobre ele?

— Se desejar.

— Nós nos conhecemos no *Road Lodge,* há um ano e meio. Ele é contrabandista, comerciante ocasional de escravos e pirata de oportunidade. Não sei qual a sua Casa de origem, mas sei que ele nasceu fora do casamento e isso lhe causou problemas. Dependendo a quem se pergunte, ele foi expulso

---

[49]  **Supernova** é um evento astronômico que ocorre durante os estágios finais da evolução de algumas estrelas, que é caracterizado por uma explosão muito brilhante.



ou abandonou a sua Casa por vontade própria, mas tem sido um pirata nas últimas duas décadas. Encontrei-o novamente depois que Melizard morreu. Eu estava desesperada para sair do planeta, e ele me ofereceu uma passagem.



— A que preço?

Maud sacudiu a cabeça. — Machos humanos ou vampiros, são todos iguais. Você quer saber se eu dormi com ele. —Era até adorável que isso o estivesse incomodando.

— Eu não tinha a intenção de perguntar. —O rosto de Arland era cuidadosamente neutro. Se ele parecesse mais desinteressado, se camuflaria na parede de pedra.

— Nunca fiz sexo com Renouard. Ele sugeriu a princípio, depois se ofereceu para me tirar do planeta, mas mesmo que eu o achasse atraente, o que não achei, nunca confiei nele. Ele é do tipo que vai foder uma mulher até ficar entediado e depois vendê-la ao melhor lance para fazer um dinheiro rápido. Mesmo se eu estivesse sozinha, não teria aceitado a proposta dele. Eu era responsável por Helen. Não estava disposta a me arriscar. Destruí-lo agora não nos servirá para nada.



— Pode ser divertido vê-lo explodir. —Arland sorriu largamente, mostrando-lhe suas esplêndidas presas.

Maud revirou os olhos. — Mantenha-o. Ele não é estúpido. É um pirata há vinte anos, um sobrevivente. Conhece muitas criaturas. Também é vaidoso e odeia a Sagrada Anocracia, o que o torna previsível. Ele pode ser um recurso valioso. Como alternativa, você pode atacar a nave dele, acorrentá-lo, arrastá-lo para cá e prendê-lo em algum buraco escuro e, quando você estiver sofrendo de um ataque de melancolia, poderá cutucá-lo com um pau. Isso animará você.

— Eu não tenho ataques de melancolia. —Arland endireitou-se. — Sou o Lorde Marechal da casa Krahr. Não tenho tempo para me deprimir.

Maud deu de ombros. — Aí está sua resposta então.

Arland pegou o tablet de volta e digitou algo de uma maneira muito deliberada.

— Ordenei que a nave de guerra retorne. O homem é um ser desprezível, mas explodi-lo em pedaços depois dessa



conversa seria impróprio. Eu tenho que evitar a aparência de mesquinhez para você.

— O que acontecerá da próxima vez que alguém for desagradável comigo? Vai mexer na frota de novo?

— Eu vou lidar com isso. Só não vou lhe contar até que tudo esteja feito.

Ela riu. — Você sente que preciso de ajuda para defender minha honra?

Arland se inclinou para trás e olhou para seus aposentos.

— O que está fazendo? —Maud perguntou.

— Verificando onde está sua espada antes de responder.

Ela se recostou na cadeira e riu de novo. Maud não conseguia se lembrar da última vez que se divertiu tanto no café da manhã. *Você poderia ter isso todos os dias*, uma pequena voz disse a ela. Assim, os três, juntos, fazendo piadas sobre caça aos piratas e observando Helen, prontos para resgatá-la.

— Acha que eu poderia conseguir algumas plantas para esta varanda?



Arland parou de mastigar no meio da carne defumada. — Você quer plantas? Faça uma lista. Vou entregá-las antes do pôr-do-sol.

— Obrigada. Preciso de algumas flores, —ela disse.

— Você nem precisa perguntar. Tudo o que desejar será seu se estiver ao meu alcance conceder. Além disso, como Maven, você tem uma conta de gastos discricionária e a autoridade para usá-la como desejar.

Maud brincou com a colher. — Eu nem sei o que fazer com isso ...

— Posso ter um gatinho? —Helen perguntou.

Os dois se viraram para ela.

— Se a mamãe pode ter flores, posso ter um gatinho?

Arland parecia envergonhado. — Nós realmente não temos gatinhos. Você se contentaria com um filhote de *rassa* ou um filhote de *goren*?

Helen mexeu no seu Comunicador. — Sim!



— Então iremos para os canis quando terminarmos o café da manhã. Se sua mãe aprovar.

*Homem inteligente.* — Eu aprovo, —disse Maud.

Seus Comunicadores tocaram ao mesmo tempo. Maud leu a mensagem curta de uma frase só e seu estômago tentou soltar para fora.

*O casal feliz pediu para se casar na Estação de Batalha.*

Karat.

# CAPÍTULO 19

Maud seguiu Arland até o Quartel General da Casa Krahr. A grande sala agitada com atividade. Mesas e monitores espalhados por todo o lugar, formando estações de trabalho



para a elite de Cavaleiros da Casa Krahr e, entre eles, uma dúzia de Retentores e guardas corriam de um lado para o outro. Telas brilhavam nas paredes, piscando com dados e imagens. Um grupo de Cavaleiros cercava Ilemina à esquerda e um grupo igualmente grande cercava Lorde Soren.

— Lorde Marechal! —Cavaleiro Ruin emergiu do meio do movimento, um olhar de determinação em seu rosto.

Até onde ela sabia, a missão do Cavaleiro Ruin na vida era garantir que Arland estivesse onde deveria estar e na hora que deveria estar para cuidar de assuntos urgentes, dos quais Cavaleiro Ruin sempre tinha lista detalhada. Ela sentiu que o Cavaleiro de cabelos castanhos a considerava uma ameaça permanente ao sucesso dele.

Arland virou à esquerda para o que deveria ser sua mesa, com Ruin seguindo e falando em tom baixo e urgente. Vários Cavaleiros se afastaram da multidão e se aproximaram de Arland como tubarões famintos.

Maud parou, absorvendo o caos controlado ao seu redor. Todos os eventos do casamento estavam sendo transferidos



para a Estação de Batalha, onde as coisas finalmente chegariam ao fim. A logística de mover a celebração por si só era suficiente para causar comoção, mas a necessidade de selecionar quem estaria na equipe de defesa da Casa Krahr na cerimônia do casamento, acrescentava uma dimensão totalmente nova. Se o ataque acontecesse na superfície do planeta, a Casa Krahr tinha uma vantagem esmagadora em números. No espaço, com uma capacidade limitada, metade da qual estaria ocupada pelos *'convidados'* do casamento, todos aqueles que fariam parte da equipe de defesa precisavam ser muito bem escolhidos.

558

O desafio foi lançado, a bandeira de guerra hasteada e as presas à mostra. A Casa Krahr havia aceitado o desafio.

Nos seus sonhos mais loucos, era isso que Melizard imaginara. Uma Casa próspera, cheia de atividades e se preparando para a guerra. O zumbido de vozes, os alarmes de alerta nos Comunicadores, o ritmo rápido dos passos ... Naves espaciais decolando nos monitores. Cavaleiros em armaduras de batalha. Uma excitação elétrica saturando o corredor, chiando ao longo de sua pele. Seu ex-marido teria bebido tudo



isso como se fosse o néctar dos deuses. Melizard teria matado, no sentido literal da palavra, por uma chance de fazer parte disso. Uma vez ele dissera a ela que sentia como se tivesse nascido na Casa errada. Ela nunca o entendeu até agora. A Casa Ervan nunca poderia dar isso a ele, não nessa escala. Isso era o que ele deve ter imaginado em sua cabeça.

559

Melizard deve ter se sentido sufocado.

Maud imaginou o fantasma dele parado ao seu lado, uma fina sombra translúcida, e esperou a pitada familiar de amargura. Não veio.

*Segui em frente*.

Ela estava livre. Finalmente. Todas as suas memórias e lições amargas ainda estavam lá, mas perderam a força. O presente importava muito mais agora.

Todos ao seu redor estavam ocupados. Maud precisava se tornar útil. Pelo menos ela poderia contribuir de alguma maneira. Alguém em algum lugar poderia usar seus conhecimentos ...



Uma jovem Cavaleira vampira parou ao lado dela. Se o fantasma de Melizard tivesse alguma matéria, a jovem teria atravessado ele. Ela era alta, com uma pele cinza-escura e uma riqueza de cabelos pretos-azulados trançados em seu rosto. Segurava um tablet nas mãos, um comunicador curvado até os lábios e uma tela secundária projetada sobre o olho esquerdo.

560 Divas & Lord's

— Leide Maven.

Maud se moveu e congelou no meio do caminho. Ela era a Maven.

— Sim?

— Eu sou Leide Lisoun. Sou sua auxiliar. O que devemos fazer sobre as cadeiras?

— As cadeiras? Quais cadeiras, auxiliar?

Leide Lisoun respirou fundo. As palavras saíram dela rapidamente. — As cadeiras do salão de banquetes da Estação de Batalha.

Maud esperou.



— São cadeiras estilo *sojourn*[50].

As cadeiras no estilo sojourn tinham um encosto completo. Não havia como os *Tachis* serem capazes de sentar nas cadeiras sojourns. Seus apêndices vestigiais não permitiriam.



— Sua estação de trabalho é por aqui. —Lisoun começou a abrir caminho através da multidão.

Maud marchou ao lado dela. — Podemos substituir por cadeiras diferentes?

— Não, minha Senhora. Elas fazem parte de um conjunto, uma mesa e oito cadeiras.

— As cadeiras estão presas à mesa?

— Sim, minha Senhora.

— De quem foi essa brilhante ideia?

— Eu não sei, minha Senhora. Elas foram projetadas para facilitar o armazenamento.

---

50   Cadeiras sojourn



— As cadeiras têm pelo menos altura ajustável? —As *Lees* também não poderiam se sentar em cadeiras feitas para o tamanho dos vampiros.

— Eu não sei. —Lisoun parou diante de uma mesa cercada por pessoas. — Vou descobrir.

Os Retentores que lotavam a mesa viram Maud e a cercaram. Todo mundo falou ao mesmo tempo.

— Um por vez! —Maud gritou.

Um Retentor familiar, *onde ela o viu? Ah, no salão de festas,* enfiou um tablet debaixo do nariz dela. Nele brilhava um prato elaborado de frutas e legumes. — Menu para a sua aprovação!

Maud olhou para o arranjo. — Retirem todo o *Kavla*, os *Tachis* são alérgicos. Verifiquem se o mel também não contém Kavla. —Ela acenou com os dedos no tablet, percorrendo as imagens. — Não. Nada disso está adequado. Os pratos *Tikk-igi* precisam ter um padrão. Você não pode simplesmente colocar um monte de lindas frutas aleatoriamente em uma travessa. Deve haver uma progressão de sabor ou cor, idealmente ambos. Um arranjo circular deve começar com



frutas azedas na borda e progressivamente se tornar mais doce em direção ao centro. Ou então, começar com bagas roxas e vai elaborando em uma palheta de cores até chegar ao amarelo. Isto aqui é uma bagunça aleatória. Corrija e traga-me um menu atualizado.

563

Ele pegou o tablet e começou a correr.

— As cadeiras não são ajustáveis! —Lisoun relatou.

— Chame um engenheiro da Estação. —Maud olhou para a multidão. — Próximo!

Konstana se lançou na visão de Maud. Elas não se viam desde o Treino Coletivo. O braço da Cavaleira ruiva não mostrava sinais de que um dia foi quebrado.

— Eu sou sua chefe de segurança, —disse ela.

*Ela tinha uma chefe de segurança. Hum*. — Quantas pessoas temos?

— Três pelotões, sessenta Cavaleiros no total, mas só me deixam levar seis. Eles esperam que eu proteja trinta e oito estrangeiros com seis vampiros.



Maud ergueu as sobrancelhas. — Isso será um problema?

Konstana zombou. — Claro que não. Mas preciso saber como os *Tachis* e as *Lees* irão para a Estação de Batalha. Vamos transportá-los ou eles estão indo por conta própria? E se eles estão indo por conta própria, vamos deixá-los atracar a nave ou eles estão embarcando em suas naves auxiliares? Ou irão nos nossos?

— O que o Sargento-Cavaleiro disse?

— Ele disse para perguntar a você.

*Obrigada, Lorde Soren*. — Coloque o chefe de segurança da Estação de Batalha na linha e descubra se naves auxiliares sem regulamentação pode atracar lá. Deixe-me saber o que você descobriu.

Lisoun voltou ao círculo. Ela agarrou o braço de Maud e meio a guiando, meio a empurrando para trás de um pódio ao lado de sua mesa, onde uma tela grande apresentou a ela uma vampira de aparência ríspida, parada em um grande salão. O piso preto e liso se abriu, uma engenhoca brilhante de ônix espiralou sobre o piso e se desdobrou em uma mesa redonda



rodeada por oito cadeiras no estilo sojourn. As cadeiras eram grandes, retangulares e largas. O pior modelo possível.

— Qual a largura das costas do assento? —Maud perguntou.

— Vinte lotes, —relatou a engenheira. O implante de tradução de Maud converteu utilmente para setenta centímetros. Certo.

— Eu preciso que você faça um corte na parte de trás da cadeira ao nível do assento, sessenta centímetros de largura e vinte de altura.

A engenheira a encarou, incrédula. — Você quer que eu desfaça as cadeiras de liga leve?

— Sim. —Ela olhou para Lisoun. — Preciso do mapa de localização dos assentos.

Um diagrama apareceu em uma tela lateral. *Ah universo, o que no mundo ...* — As localizações estão erradas, —ela disse a Lisoun. — Não podemos colocar a realeza nos fundos do salão.

— Lorde Soren disse ...



— Volte para Lorde Soren e pergunte se ele gostaria de ter uma guerra com a Realeza *Tachi.* Lady Dil'ki não é apenas uma cientista, ela é um membro da casa real. Ela e Nuan Cee devem estar sentados na frente. Isso precisa ser reformulado.



Lisoun decolou.

— Essas cadeiras são a maravilha de função e durabilidade, —rosnou a engenheira. — A liga *An* é quase indestrutível.

— Eu tenho ... —Maud conferiu seu Comunicador. — Trinta e oito estrangeiros, dos quais vinte e dois são pequenos demais para se sentar nessas cadeiras e os outros têm apêndices vestigiais que os impedem de se sentar.

— Essas cadeiras nunca foram projetadas para estrangeiros!

— Bem, agora elas precisam acomodar alguns, então encontre uma maneira de cortar as cadeiras indestrutíveis. Vou enviar um mapa atualizado da localização dos assentos. Todas as cadeiras marcadas como '*Tachi*' deve ter um corte com as dimensões que lhe passei. Todas as cadeiras marcadas com



*'Lees'* devem ser ajustadas para um comprimento de um a um metro e vinte de altura.

A engenheira mostrou suas presas. — Sob autoridade de quem?

— Sob minha autoridade. Sou a Maven. Encare isso como um desafio.

A engenheira abriu a boca.

Maud carregou aço em sua voz. — Quando esses estrangeiros voltarem para a galáxia, eles irão elogiar a hospitalidade de Casa Krahr em vez de dizer ao universo que a elite de engenharia vampira não conseguiu resolver o problema trivial de assentos apropriados. Não nos envergonharemos. Fui clara?

— Sim, minha Senhora.

— Vejo que você está assumindo seu papel, —disse uma voz familiar.

Maud levantou a cabeça da tela. — Lorde Erast?



O Escriba acenou e passou um tablet para ela. — A Preceptora gostaria que você fizesse as modificações necessárias. Ela deseja entregar o documento às partes em questão o mais rápido possível.

Maud levantou o tablet. Uma faixa de luz verde de um escâner a varreu. O conteúdo estava bloqueado para qualquer outro, menos para ela. A tela brilhou em vida.

Pacto de Cooperação Mútua.

Os artigos a seguir devem descrever o envolvimento e a participação voluntária do Clã Nuan e do Protetorado Tachi …

*Ah não*. — Isso não está adequado.

— O que há de errado? —Perguntou o Escriba.

— Diz envolvimento.

— Envolvimento é uma palavra perfeitamente boa.

— Estamos lidando com *Lees.* É como fazer um acordo com … —*o diabo*. Ela tentou achar algo nas Sagas Antigas que



pudessem comparar e usar como referência. — *Yarlas*, os Espertos.

Lorde Erast ergueu as sobrancelhas.

— Se deixarmos alguma brecha, qualquer sugestão de interpretação alternativa, as *Lees* se aproveitaram dela para ganhar qualquer vantagem. Temos que fazer isso de uma forma muito simples. Frases curtas e claras. Nenhuma ambiguidade ou futuramente acabaremos explicando a Leide Ilemina por que as *Lees* agora são donas da Estação e da metade do planeta. Isso exigirá modificações detalhadas.

Ela olhou para a reunião. Seis vampiros. Se pudesse reduzir isso a um número razoável, poderia dedicar toda a sua atenção à modificação do documento.

— Todos com uma necessidade imediata, passo à frente. Todos cujos problemas podem esperar, me encontrem hoje à noite.

Os seis vampiros à sua frente deram um passo à frente em uníssono.

*Seria um longo dia.*



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**



Maud estava no meio da sala de oficiais, assistindo a cerimônia de entrada se desdobrar em uma tela grande. O salão de banquetes, um grande espaço destinado a acomodar quinhentos convidados, estendia-se diante dela, uma extensão de piso liso de ônix preto pontuado por mesas redondas e cadeiras da mesma cor preto brilhante. As bandeiras carmesins da Casa Krahr estendiam-se ao longo das paredes, o predador dourado estampado nas bandeiras, muito parecido com um felino, rosnava para lembrar aos convidados da festa qual a Casa que estava prestes a oferecer o jantar.

O poderoso escudo explosivo que protegia a Estação de Batalha estava desligado e a parede do lado mais distante do salão era uma enorme janela, o universo brilhava além, com o



planeta *Daesyn,* uma esfera turquesa e azul, subindo lentamente para a direita. Uma imensidão de pontos radiantes piscava do outro lado, a Frota Espacial da Casa Krahr exibida para os convidados em uma demonstração de poder e força.

Um pequeno palco havia sido erguido no centro, com as janelas como pano de fundo, e no meio uma pequena árvore *vala* espalhava seus galhos pretos retorcidos, suas folhas vermelhas brilhando contra o cosmos, ao mesmo tempo frágeis e indomáveis, uma prova do poder da vida que florescia, dada a menor chance.

As Casas Kozor e Serak já estavam sentadas, ocupando o centro das mesas. As *Lees* e os *Tachis,* nas cadeiras recém-cortadas, também estavam em seus lugares, os Tachis à esquerda e as *Lees* à direita, com os chefes de ambas as delegações mais próximas do palco. Os cento e vinte Cavaleiros da Casa Krahr ocupavam as filas de trás das mesas. A adição dos trinta e oito estrangeiros elevou seus números a cento e cinquenta e oito. Se Kozor ou Serak desconfiassem que estavam sendo encurralados, nada poderiam fazer a respeito.



Ela conversara detalhadamente com as *Lees* e os *Tachis* apenas algumas horas atrás sobre o que esperar.

— Nós faremos nossa parte. Mas por que a Casa Krahr não leva simplesmente mais Cavaleiros para subjugar as outras Casas? —Dil'ki perguntara a ela enquanto passeavam pelo Jardim Maven. — Isso evitaria perdas de vidas.

— É pela reputação, —dissera Nuan Cee, passando a pata sobre o focinho. — Nunca se deve perdê-la.

— É um desafio, —explicara Maud. — Os Kozors e os Seraks esperam realizar um feito incrível, digno das velhas sagas. A resposta da Casa Krahr deve ser igualmente heroica. Eles rejeitarão qualquer vantagem que seu exército numeroso possa dar. Não se trata apenas de ganhar. Trata-se de ganhar contra as probabilidades. Todo o casamento será filmado.

— Os vampiros da Casa Krahr realmente acreditam que são tão bons assim? —Dil'ki perguntara.



— Sim, —dissera Maud.

A *Tachi* real estava sentada quieta agora, vestida com véus diáfanos e jóias brilhantes de sua espécie. Seus guerreiros esperavam ao seu redor, todos saturados em uma única cor. Apesar do que estava por vir, os *Tachis* estavam à vontade.

Do outro lado do corredor, o Clã Nuan portava suas melhores jóias e ouro, todos vestidos em mantas suaves e sedosas, conversavam e riam sem se importar com o mundo.

O Arauto anunciou Ilemina e Otubar. A família anfitriã entrava no salão por último de acordo com a tradição, e Ilemina e Otubar caminharam para a mesa. Ilemina elegante em sua armadura ornamentada e Otubar conduzindo-a como um *krahr* enorme de mau humor, enquanto o Arauto gritava seus títulos: — *O Predador Supremo, O Mortal, O Mercenário, O Assassino* ...

Maud desejou de todo o coração poder abraçar Helen novamente. Ela a deixou no planeta. A Estação de Batalha não era lugar para uma criança, especialmente se as coisas não acontecessem como planejado. Ela precisava fazer o que



sempre fez melhor: *sobreviver. Elimine a ameaça e volte para sua filha, para seu futuro marido e seu novo lar.*

*Mais fácil falar do que fazer.*

Arland se aproximou. Maud não o viu, mas sentiu a presença dele, e se virou. Ele se elevava acima dela vestido em plena armadura-Syn com uma capa vermelha que o fazia parecer ainda mais enorme.

Sua clava de sangue descansava no quadril. Ele amarrou os longos cabelos loiros, prendendo-os na nuca, e seus traços pareciam esculpidos em granito, seus olhos azuis duros e frios. Um Marechal em todos os sentidos da palavra, destinado a inspirar medo.

Arland estendeu o braço para ela. — Pronta, meu amor?

— Sim. —Ela colocou a mão no pulso dele, os dedos leves como uma pena.

Os dois entraram no longo corredor estreito que levava ao salão de banquetes, passo a passo.

À frente, a voz do Arauto, aprimorada pelo microfone, recitava os títulos deles, ecoando pela salão.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

*— Arland Rotburtar Gabrian, filho de Kord, filho de Ilemina, 28º herdeiro de Krahr, Lorde Marechal de sua Casa. O Clava de Sangue, O Triturador de Ossos, O Devastador de Nexus, O Destruidor da Assassina do Universo. Número de mortos: duzentos e vinte e quatro.*

Maud captou seu reflexo nas paredes polidas. Nela, uma mulher estranha deslizava ao lado de Arland, vestindo armadura negra e carregando uma espada de sangue, uma faixa vermelha e estreita de Maven enrolada em seu ombro esquerdo, cruzando a clavícula e pendendo sobre o ombro direito, seguindo atrás dela até o chão. A mulher era graciosa e forte, e caminhava ao lado de um príncipe vampiro como se pertencesse a ele.

Uma antecipação vertiginosa e elétrica surgiu através dela. Eles caminhavam para uma luta. Finalmente, o fim de toda a pressão. De um jeito ou de outro, tudo seria decidido. Seus lábios ameaçaram se curvar em um sorriso, e ela forçou uma



máscara fria e arrogante sobre o rosto. Hoje ela era Cinderela e sua espada seria seu sapatinho de cristal.

— Matilda Rose, filha de Gerard, filha de Helen, Senhora e Herdeira de Demille, Maven da Casa Krahr.

O corredor terminou e eles entraram no salão de banquetes. Todos no salão os observava.

— Maud, A Destemida, A Sariv, A Erudita.

Eles estavam se aproximando da mesa onde Onda e Seveline estavam sentadas. As duas mulheres a encaravam com punhais nos olhos.

— Número de mortes: sessenta e oito.

Um músculo no rosto de Seveline estremeceu. *Isso mesmo, preciosa. Eu estou indo para você.*

Arland a levou para a mesa deles, logo atrás da ocupada pelos pais da noiva e do noivo. Os dois casais chegaram esta manhã para a feliz ocasião.

Ela sentou-se, mantendo o rosto neutro. Atrás deles, o Arauto anunciava o próximo convidado.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

— Alvina, filha de Soren, filha de Alamide, Leide Renadra, Karat, Comandante de Krahr ...

Maud tomou um gole da bebida leve de menta e observou o corredor encher. Finalmente, todos estavam sentados.

Doze mulheres vampiras entraram no salão, movendo-se em duas filas uma ao lado da outra. Cada uma usava uma longa túnica branca com capuz e carregava um galho da árvore *vala* decorado com sinos e fios dourados.

Um cântico suave saiu de seus lábios, uma canção melodiosa que flutuou através do salão. Bonita e atemporal, capaz de alcançar profundamente a alma e encontrar aquele lugar vulnerável e escondido dentro dela. A canção envolveu Maud e de repente ela sentiu falta dos pais, de Dina, Klaus e Helen. Queria que todos estivessem aqui com ela e os abraçaria, porque a vida era curta e passageira.

O desfile das vampiras se desfez pouco antes de alcançarem o pequeno palco. As mulheres subiram os degraus da pequena escada que dava acesso ao palco, segurando os galhos para cima, como se estivessem vigiando.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Doze Cavaleiros vampiros entraram no salão, sem armadura e vestidos com túnicas pretas lisas, calças pretas combinando e botas altas pretas. Cada um carregava uma espada preta simples. Uma segunda canção surgiu dos homens, juntando-se ao canto das mulheres, aprofundando a melodia, como uma videira gêmea crescendo ao redor da primeira. A música estava em toda parte agora, ecoando nas paredes, reverberando de volta, e Maud respirou.

A fila dos homens se dividiu em duas e os homens tomaram posição entre as mulheres, cada um com a sua espada virada para baixo, a ponta apoiada no chão.

A música mudou, ganhando força e velocidade.

O Capelão de Guerra da Casa Krahr entrou no salão. Ele era alto, sua pele cinza com um leve tom azul. Uma juba de cabelos pretos salpicada de cinza caia sobre seus ombros em dezenas de longas tranças. Vestia um manto da cor de sangue fresco, feito de faixas de cerca de quinze centímetros de largura. As faixas balançavam enquanto ele avançava, como as vestes de algum mago místico. Ele carregava uma lança ornamentada, coberta com um cordão vermelho e decorada



com sinos dourados. Duas esferas amarelas brilhantes do tamanho de uma laranja grande pendiam dela.

A música entrou em erupção, subitamente cheia de alegria e triunfo.

Atrás do Capelão, os noivos entraram no salão em uníssono, ambos sem armadura. O vestido da noiva varria o chão, longo, diáfano e branco. O noivo usava um ornamentado *gibão medieval*[51] prateado sobre calças mais escuras e botas macias. Eles não usavam nenhuma joia. Os cabelos estavam soltos, afastados dos rostos.

Era um dos raros momentos em que os vampiros se permitiam ficar vulneráveis em público. Maud não havia compreendido completamente o significado disso durante o seu próprio casamento, mas agora ela entendia. O noivos

---

[51]  Gibão medieval



precisavam chegar ao altar da forma mais natural possível, sem esconder nada do seu futuro cônjuge.

Arland estendeu a mão e apertou a mão dela. Ela sorriu para ele.

O Capelão subiu o pequeno palco. O casal seguiu e os três tomaram seus lugares em frente à *vala*. O Capelão levantou a lança e encostou a ponta no chão.

A canção acabou.

O Capelão abriu a boca.

Um alarme soou através do salão.

Uma tela se abriu no meio de uma parede, mostrando um Cavaleiro vampiro no comando da Estação de Batalha.

Arland levantou-se. — Relatório.

— *Identificamos várias naves não autorizadas entrando no sistema,* —disse o Cavaleiro com a voz calma. — Estamos sob ataque.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**



O salão de banquetes ficou completamente silencioso enquanto a enorme tela, projetada na parede, mostrava três naves mercantes atravessando um portal, mais fundo no espaço, espremendo cada gota de velocidade de seus motores de propulsão. Atrás das naves mercantes, uma frota de naves piratas as perseguiam como um enxame de vespas furiosas. O grande espaço interior de uma única nave mercante poderia guardar toda a frota de seus atacantes, mas as naves piratas compensavam sua falta de tamanho em manobrabilidade e armamentos. Não havia duas naves piratas iguais, mas, limitadas apenas pela imaginação de sua tripulação e pelas leis da física, todas elas eram cobertas com todo tipo de armas possíveis que podiam acoplar em seus cascos, de canhões



cinéticos a disparadores de mísseis. Eles perseguiam as pesadas naves mercantes como tubarões prontos para rasgar uma baleia ferida.

Arland assistia a perseguição, seu rosto impassível, como se desconhecesse que cada pessoa no salão estava o esperando agir.

— *Estamos recebendo um pedido de socorro das naves mercantes,* —relatou o oficial da sala de comando. — *Eles estão implorando por nossa ajuda, meu Senhor.*

— Coloque-os na linha, —disse Arland.

Um pedido de socorro estridente e cheio de estética elétrica tocou nos alto-falantes ocultos, gritos de seres apavorados, encabeçados por uma voz feminina urgente e desesperada: — ... propulsores traseiros perdidos ... integridade do casco comprometida, solicitando ajuda imediata. Estamos à sua mercê ...

A chamada foi cortada.



— A Casa Krahr irá ignorar o pedido de socorro e permitirá essa pirataria? —O pai do noivo exigiu. Sua voz ecoou pelo corredor.

Maud olhou para Ilemina. A mãe de Arland tomou um gole de vinho, parecendo totalmente despreocupada.

— Lorde Marechal! —A noiva gritou. Lágrimas manchavam suas bochechas. — Por favor. Não deixe que essa palhaçada manche meu casamento.

Arland virou-se para a noiva, uma preocupação fingida em seu rosto. — Não se preocupe, minha Senhora. Você tem minha palavra de que eu não permitirei que nada estrague este dia.

Arland virou-se para a tela. — Mostre-me a imagem dos *Exterminadores.*

A tela brilhou em branco, e uma nova imagem apareceu, vários pontos brilhavam contra o cosmo escuro e, como que por mágica, enormes e elegantes naves de guerra apareceram nos dois lados e acima, emoldurando a tela—os *Exterminadores,* a Frota Armada da Casa Krahr—esperando



em formação entre a Estação de Batalha e os invasores que chegavam. Se as naves mercantes conseguissem chegar ao alcance de disparo das naves Krahr, estariam a salvo.

— Lorde Harrendar, —disse Arland.

584

A imagem de um vampiro de meia-idade com uma juba azul-escura apareceu no canto inferior esquerdo. — *Lorde Marechal.* —Lorde Harrendar parecia um leão que de alguma forma se tornou um vampiro.

— A que distância está a principal nave pirata das naves mercantes?

— *Esperamos que eles atinjam o alcance de tiro em quarenta segundos.*

Arland esperou.

A diferença de comportamento no salão de banquetes era óbvia agora. Os membros da Casa Krahr esperavam em tenso silêncio, enquanto os convidados do casamento pareciam quase frenéticos, como se mal pudessem se conter. Do seu lugar, Maud tinha uma visão clara da mãe do noivo e a mulher parecia pronta para explodir. Ao lado dela, a mãe da noiva



batia os dedos na mesa, a mulher parecia que estava vestida em uma armadura muito apertada.

Segundos se passaram.

— Faça alguma coisa, —o pai da noiva rosnou.

Arland o ignorou. O coração de Maud martelou. Ela se forçou a pegar sua bebida e tomar goles lentos. A tensão no salão era tão espessa que era possível cortá-la e servi-la em pedaços em um prato.

— *Os piratas acabaram de lançar seu primeiro bombardeio nas naves mercantes,* —relatou Lord Harrendar.

— Mísseis?

— *Não, meu senhor. Bombardeio cinético de longo alcance.*

Maud tinha pouca experiência com batalhas espaciais, mas seu Comunicador garantiu-lhe que o bombardeio cinético equivalia a lançar pedaços de matéria, tais como pedra ou metal, na direção do alvo. O bombardeio cinético era usado



principalmente contra alvos fixos, porque eles não podiam se esquivar.

— Danos? —Arland perguntou.

— *Leves,* —Harrendar relatou, seu tom agudo.

— Bem, é claro que eles não estão usando mísseis, — retrucou a mãe do noivo. — Os piratas claramente querem a carga das naves mercantes, desesperadamente o suficiente para persegui-las em seu território. Se você não fizer algo, nós faremos.

— É isso que Casa Krahr representa? —O pai da noiva perguntou.

— Não se preocupe, Senhor e Senhora, —disse Arland. — Temos a situação sob controle.

— Vocês irão permitir que as naves mercantes sejam massacradas por piratas, —rosnou o noivo.

— *Segundo bombardeio,* —informou Harrendar. — *Danos menores. As naves mercantes passaram pelo farol externo. Ainda quase intactas.*



— Mostre-me a posição relativa, —disse Arland.

Uma projeção apareceu na tela. Os piratas estavam agora agrupados em torno das naves mercantes, formando uma nuvem de pequenas naves prestes a engolir as três naves maiores.

587 Divas & Lord's

— Velocidade?

— *O, 4 velocidade luz,* —relatou Harrendar.

— Inicie solução de disparo Revelação.

— *Finalmente,* —o noivo murmurou.

— *Sim, meu Senhor*. —Harrendar mostrou suas presas em um sorriso alegre que daria pesadelos a algumas pessoas.

A tela piscou de volta para a imagem que mostrava os *Exterminadores*. Por um momento torturante, nada aconteceu. Então, toda Frota Armada da Casa Krahr disparou simultaneamente uma saraivada de mísseis. Os mísseis faiscaram em verde brilhante e desapareceram.

— *Impacto em três,* —Harrendar começou a contar. — *Dois ... um ...*



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

A tela explodiu em branco. Maud fechou os olhos contra o clarão ofuscante. Quando os abriu, a explosão desapareceu e a projeção de longo alcance brilhou na metade esquerda da tela.

As naves mercantes não existiam mais. Um terço da frota de naves piratas havia desaparecido. Pedaços de detritos vagavam pelo espaço em seu lugar, transformando-o em um campo minado de asteroides. As naves piratas mais ao centro giravam, iniciando manobras de fuga.

Um silêncio atordoado tomou conta do salão.

— *Golpe certeiro,* —Harrendar cantarolou no silêncio.

— Excelente trabalho, Almirante, —disse Arland. — O comando é seu.

Harrendar sorriu. A Frota Armada da Casa Krahr acelerou em direção as naves piratas restantes.

Arland se virou. Seu olhar varreu o salão e parou na mesa onde a elite das Casas Kozor e Serak esperava. — Quando tomei conhecimento do plano de vocês para tomarem a Estação de Batalha, uma coisa me incomodou. Nossa frota



está sempre pronta no espaço e vocês são, como a maioria dos piratas, covardes. Vocês fugiriam de uma luta honrosa. Precisavam de uma maneira para neutralizar nossa frota.

Podia-se ouvir um alfinete cair.

— Há alguns dias, nos deparamos com um pirata. Ele é um patife e criminoso, exilado por sua própria Casa e odiado. Eu planejava matá-lo, mas minha noiva me lembrou que mesmo um patife poderia ser útil. Eu me perguntei, que utilidade este pirata, uma vez foi um Cavaleiro Capitão e agora é um inimigo da Sagrada Anocracia, teria? Então, subornei seu oficial de comunicação por uma quantia insignificante e ele me contou todo o plano de ataque. As três naves mercantes, carregadas de explosivos, explodiriam assim que se aproximassem da nossa frota, e as naves piratas se encarregariam de limpar o que sobrasse, enquanto vocês usariam o caos para assumir a Estação de Batalha. Meus Senhores e Senhoras, por favor, dediquem esses poucos segundos preciosos que vos restam de vossas vidas para contemplar onde tudo deu errado e se prepararem para



atravessar o limiar da morte. Vocês não terão outra chance de refletir.

Esse era o momento que ela estava esperando. Maud levantou-se, virou-se para Seveline e para Onda e disse em *Vampírico Antigo:* — Vocês entenderam tudo o que ele disse ou precisam que eu traduza para a linguagem de baboseiras de vocês?

Por um momento nada se moveu. Então Seveline pulou sobre a mesa e a atacou, sua espada de sangue chiando.



O salão de banquetes entrou em erupção quando todos os vampiros em suas armaduras se levantaram. Maud teve um vislumbre de Seveline balançando a espada para alguém à



distância. Os instintos de Maud gritaram fazendo-a pular fora do caminho. Ela se virou e viu o pai da noiva se levantar da cadeira dele, enorme e furioso. Ele a atacou. Maud se esquivou, mas não rápido o suficiente. Os dedos de aço do pai da noiva apertaram seu ombro direito. Ele a puxou para perto dele e rugiu, mostrando suas presas.



Maud pegou um garfo da mesa com a mão esquerda, o enfiou profundamente no céu da boca do vampiro e torceu. O garfo se partiu ao meio. Sangue derramou da boca do homem.

O vampiro a levantou e a jogou sobre a mesa, prendendo os ombros dela com as mãos. O impacto propagou-se através dela, sacudindo seus ossos. Se ela não se libertasse agora, ele a esmagaria, vestida em armadura ou não. Maud deixou cair a espada, prendeu a mão esquerda no pulso direito e enfiou a palma da mão direita dela no cotovelo dele. O poder do golpe dela e a pressão súbita no cotovelo esquerdo do vampiro o forçou a dobrar para a sua esquerda, e ela golpeou seu joelho no rosto exposto dele em um golpe repugnante.



Ele se levantou acima dela, segurando-a pelo braço, com o rosto ensanguentado, nariz quebrado e olhos insanos, e agarrou a clava de sangue da coxa.

Maud rolou para a esquerda.

A clava bateu na mesa com um baque ensurdecedor e ricocheteou.

*A engenheira está certa. Estas mesas são realmente muito boas.*

Maud pegou a sua espada do chão, preparando-a e pulou para a direita, colocando a mesa entre eles. O pai da noiva gorgolejou, tentando falar alguma coisa e deixando escapar um som de pura raiva impregnada de sangue.

— Use as palavras.

O rosto do vampiro torceu com fúria. Ele saltou para a mesa. Ela mergulhou por baixo, agarrou-se na base lisa e estreita da mesa, e usou seu impulso para balançar em torno dela no chão liso, pousando em um agachamento.

O pai da noiva saltou da mesa. Ele tentou colocar alguma distância em seu salto, mas era enorme e pesado, e bateu no



chão com um baque. Por um momento, todo o peso dele se apoio nas solas dos pés.

Maud se lançou. A lâmina de sangue dela cortou a parte de trás do tornozelo direito do vampiro, a ponta perfurando a armadura segmentada como se não estivesse lá. Maud não parou. Em vez disso, ela bateu o ombro na parte de trás da coxa dele.

O grande vampiro caiu como uma árvore cortada. Maud subiu nas costas dele e enfiou a lâmina na parte de trás do pescoço do vampiro, logo acima do colarinho da armadura. Ele estremeceu uma vez e ficou imóvel. Maud se endireitou.

Ao seu redor, a batalha se enfureceu. Vampiros colidiam, armas de sangue chiavam, e névoa sangrenta encheu o ar. Rugidos, gritos e os sons de armas colidindo enchiam o salão, o barulho quase a ensurdeceu.

À sua esquerda, Arland lutava com dois atacantes. À extrema direita, Ilemina e Otubar lutavam enfurecidos, enquanto os atacantes avançavam por cima dos corpos dos mortos e feridos. À esquerda, os *Tachis* em seus exoesqueletos



tão saturados de cor que pareciam quase pretos, formaram um anel protetor ao redor da realeza e cortavam qualquer um que chegasse perto. No pequeno palco, o Capelão de Guerra tentava se defender dos assistentes dos noivos enquanto eles se empilhavam sobre ele. A maioria deles não estava vestida em armadura, mas era um contra vinte, o Capelão não teria muita chance. Karat estava metodicamente abrindo caminho em direção ao palco para ajudar o *clérigo.*



*Eu deveria ajudar.*

— Mamãe!

*Oh meu Deus!*

Maud virou-se. Helen correu em sua direção, ziguezagueando entre os combatentes, os cabelos loiros voando.

*Como? Como ela chegou aqui? O que ela está fazendo aqui? Helen deveria estar no planeta.*

As pernas de Maud já estavam se movendo. Ela correu para frente. Nada mais importava.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Helen mergulhou sob uma mesa, deslizou de joelhos e se arrastou para frente, desaparecendo da vista de Maud.

— Fique aí! Não se mexa!

Um vampiro entrou em seu caminho, sua armadura marcada com as cores de Kozor. Maud o esfaqueou no estômago, passando a espada através da armadura com fria precisão. O vampiro gemeu, Maud puxou sua espada e continuou se movendo. Nada importava, exceto chegar à mesa.

Outro Cavaleiro investiu contra ela. Maud se desviou do golpe dele por um fio de cabelo. A lâmina assobiou no ar, abanando seu rosto. Ela se virou para o vampiro atacante, agarrou o pulso da mão dele que segurava a espada, a ergueu, enfiou a lâmina na axila exposta, a puxou, empurrou o corpo para fora do caminho e continuou se movendo. Maud estava quase lá.

Dois cavaleiros, rosnando e travados em combate, bloquearam sua visão. Maud parou. Eles se rasgavam e se moveram para a direita.



Onda estava de pé junto à mesa, segurando Helen pela garganta com uma mão blindada da armadura.

O mundo parou. Maud ficou gelada.

Helen pendia das garras da mulher Kozor como um gatinho indefeso. O rosto dela estava ficando azul.

596

Onda sorriu largamente e virou-se para Maud.

Helen levantou as mãos e enfiou seus punhais no rosto de Onda. A mulher vampira gritou. Uma luz tremulou na mesa ao lado delas e Nuan Cee apareceu. O Mercador jogou um punhado de pó pálido no rosto ferido de Onda, pegou Helen quando Onda caiu e correu por cima das mesas, saltando agilmente sobre os grandes combatentes, como se pudesse flutuar no ar. Um piscar de olhos e Nuan Cee pousou entre as *Lees.*

— Me soltem! —Helen rosnou e chutou, mas as *Lees* a cercaram, acariciando os cabelos dela e tentando acalmá-la.

Maud soltou um suspiro trêmulo, exalando tanta pressão que parecia dor, então algo queimou a lateral de seu corpo. Ela saiu do caminho da dor, virando-se.



Seveline sorria para ela. — Esperei muito por isso.

A lateral do corpo de Maud estava pegando fogo. A armadura segurava a maior parte do sangue e a encharcava, tão quente que parecia escaldante. Maud forçou um bocejo. — Estou aqui, *cadela.*

Seveline pulou, abrindo com um golpe aéreo clássico. A cadela era rápida. Maud se esquivou à esquerda. Seveline inverteu o balanço, golpeando a espada de cima para baixo. A lâmina de sangue roçou o peitoral de Maud. A armadura segurou. Maud dançou de volta.

— Fugindo? —Seveline zombou.

— Quero que lhe dar tempo para se sentir à vontade.

— É mesmo?

— Você está com tanto medo que me esfaqueou por trás, então estou tentando aumentar sua confiança.

Seveline mostrou suas presas.

Maud atacou, pulando rápido. Seveline aparou. Maud deixou a lâmina deslizar para fora da espada e do golpe da



outra mulher, apontando para a garganta de Seveline. A mulher vampira recuou e lançou um contra-ataque furioso. Elas colidiram com uma enxurrada de golpes e bloqueios sem parar, suas espadas se encontrando e se separando rápido demais para alguém seguir.

598 Divas & Lord's

Seveline se abaixou e a espada de Maud assobiou sobre sua cabeça. A mulher vampira a atacou ainda agachada. Maud bateu a lâmina de lado e chutou, mas errou. Elas se separaram.

O suor encharcava os cabelos de Seveline. Maud ficou completamente imóvel, tentando recuperar o fôlego.

Todo a lateral de seu corpo agora estava tomado de dor. Todo movimento, mesmo respirações superficiais, doía. Lutar contra Seveline exigia tudo o que ela tinha. Maud a atacava e se defendia por puro instinto. Quanto mais ela sangrava, mais lenta ficava. O tempo não estava do lado dela.

Seveline atacou. Maud aparou o golpe. O impacto do golpe percorreu o braço e ombro dela, alcançando a articulação. Seveline havia mudado de tática, apostava agora na força que ela tinha. Os golpes choveram sobre Maud,



grandes, largos, rápidos. Maud dançou para longe, esquivando-se. Suas costas tocaram uma mesa. Seveline a tinha encurralado. Um pulso elétrico de alarme atravessou Maud.

*Eu vou sobreviver a isso.*

A vampira agarrou a espada dela com as duas mãos, levantou e a derrubou com toda a sutileza de uma marreta. Maud bateu na espada de Seveline com a sua própria espada, empurrando-a para baixo. Ela pegou a espada de Seveline no lugar certo e a guiou para fora do caminho. Em um rápido momento Seveline foi lançada para a frente e se desequilibrou.

O rosto de Seveline estava exposto, e Maud deu um soco nele.

Seveline recuou.

O mundo adquiriu uma ligeira imprecisão. Ela estava perdendo muito sangue. Precisava terminar isso agora, ou não haveria tempo com Helen, nem noites com Arland, nem férias com Dina.



— Você não pode me vencer, —disse Maud. — Não é boa o suficiente.

Seveline rosnou e marchou para frente. Maud viu os olhos dela. O assassinato queimava ali, quente e ofuscante. Elas entraram em choque novamente, desta vez golpes mais violentos. Maud passou a lâmina pela guarda de Seveline. Ela cortou um pouco acima do quadril da vampira, perfurando armaduras e carne. Seveline a deu um golpe de mão aberta. O golpe ecoou no crânio de Maud. O mundo ficou preto por um segundo aterrorizante.

De alguma forma, Maud sabia mesmo através da escuridão que Seveline estava se aproximando. Maud cortou o ar cegamente. Sua espada encontrou resistência, e ela avançou, jogando todo o seu peso no golpe. Sua visão clareou. Ela teve um vislumbre do chute de Seveline logo antes dele a atingir.

A agonia se espalhou em seu lado direito, o impacto a jogou para o lado e arrancou o ar de seus pulmões. De repente, Maud não conseguia respirar. O pânico a atravessou. Ela ficou de pé, segurando sua espada na frente dela.



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Na sua frente Seveline segurava a espada com a mão esquerda, o braço direito pendendo inutilmente ao lado. O chão ao redor delas estava escorregadio de sangue.

Seveline mostrou os dentes sangrentos para Maud. — Morra.

— Você primeiro.

Seveline gritou e atacou. O mundo diminuiu a velocidade. Maud a observou chegar, um passo poderoso após o outro, o rosto torcido de raiva, a boca escancarada, as presas à mostra, a juba loira da vampira sacudindo atrás dela. O coração de Maud batia como o toque de um grande sino, firme e de alguma forma muito lento. Uma batida do coração ... outra ...

Maud se moveu. Seveline a atacou, mas ela era muito lenta. A lâmina de Maud perfurou o peito de Seveline.

*Muito baixo. Perdi o coração. Perdi minha chance.*

Seveline deixou cair a espada, ainda empalada na espada de Maud, e trancou as mãos na garganta dela. O ar nos pulmões de Maud virou fogo. Pontos explodiram em sua visão. Não havia como quebrar o aperto. Seveline era muito



forte. Maud apertou as duas mãos no punho da espada e arrastou a lâmina, ainda enterrada no peito de Seveline, para cima, através dos músculos e ossos.

*Você não vai me matar. Não vou morrer aqui, com as suas mãos em volta da minha garganta.*

Seveline estava gritando alto, muito alto, cuspindo sangue no rosto de Maud. Os pulmões de Maud se transformaram em chumbo derretido. Maud forçou a lâmina mais longe, cortando através de carne viva.

A luz diminuiu em sua visão, o rosto de Seveline nadando fora de foco. Com um último empurrão desesperado, Maud torceu a lâmina. As mãos que esmagavam seu pescoço se soltaram.

Seveline recuou e caiu, seus cabelos loiros se espalhando enquanto ela batia no chão. Maud caiu de joelhos. Seu estômago se sacudiu e ela vomitou. Um líquido vermelho saiu de sua boca e Maud não sabia se era vinho ou sangue.

*Levante-se. Levante-se, levante-se, levante-se.*



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Maud rastejou até Seveline de mãos e joelhos no chão e trancou a mão na espada.

O rosto morto de Seveline a encarava com olhos vazios. Maud se forçou a se ajoelhar e depois a se levantar. Ela agarrou a espada, colocou o pé no peito de Seveline e soltou a arma.

As batalhas ao seu redor estavam chegando ao fim. Maud viu Arland caminhando em sua direção, armadura manchada de sangue. Seus olhares se encontraram e de repente ela soube que tudo ficaria bem agora.



O teto da enfermaria era imaculado e branco. Todas as células dela doíam, como se todo o seu corpo tivesse sofrido uma



punição tão longa e cansativa que simplesmente desistiu e agora se afundou em autopiedade e dor.

Maud piscou com a brancura acima dela. Lembrou-se de muitos tetos de diferentes enfermarias dos últimos dois anos: *a pedra suja de barro marrom da Planície Leste de Karhari, as grossas placas de metal da Fortaleza Kurabi, as inúmeras correntes penduradas no sombrio Vale Quebrado ...* Ela tinha acordado algumas vezes assim, com dor e insegura, surpresa por estar viva. Esse teto era, de longe, o mais limpo.

*Eu sobrevivi novamente.*

Maud não se lembrava de perder a consciência. Sua última lembrança era de Arland caminhar em sua direção, coberto de sangue e, depois disso, a escuridão suave a tomou.

Ao lado, vozes tranquilas murmuravam. Maud se concentrou nelas e o murmúrio se transformou em palavras compreensíveis.

— ... e se ela não acordar?

*Helen.*



— Ela vai acordar, —disse Arland. — Seus ferimentos foram graves, mas não ameaçam sua vida.

— Mas e se ela não acordar?

Maud virou a cabeça. Arland estava deitado em uma cama idêntica. Helen estava sentada aos pés dele, os cabelos loiros caídos sobre o rosto. Um sorriso apareceu nos lábios de Maud. *Aí estão vocês dois.*

— Eu tenho o hábito de mentir? —Um toque de aço apareceu na voz dele.

— Não, Lorde Arland.

— Sua mãe vai acordar. Você já pensou no que dirá a ela?

— Nada do que ela pode me dizer vai me deixar menos brava, —disse Maud. — Haverá repercussões. Repercussões enormes.

Helen voou da cama de Arland e atravessou em um único pulo os dois metros que as separavam. Maud mal teve a chance de afastar as pernas. Helen se jogou em Maud, braços pequenos envolvendo seu pescoço. — Mamãe!

Maud abraçou a filha. — Você está tão encrencada.



Helen enfiou o rosto no ombro de Maud, como um gatinho esperando por um carinho.

Arland estava olhando para elas. Seus olhos eram muito azuis.

Maud estendeu a mão para ele, mas seu braço não o alcançou.

— Espere. —Ele mexeu nos controles ao lado de sua cama e deslizou na direção dela. As duas camas se tocaram. Arland se aproximou dela e estendeu o braço. Maud deslizou por baixo do braço dele, ignorando os músculos que gritavam em protesto, e se acomodou no peito dele. Ele a beijou. Uma emoção elétrica quente a percorreu, do pescoço até os pés. Maud riu baixinho. Eles se esticaram um contra o outro, seus corpos se tocando. Maud puxou Helen para mais perto dela. Arland suspirou ao lado, parecendo completamente satisfeito.

— Como você chegou a Estação de Batalha? —Maud perguntou.

Helen não disse nada.

— Vá em frente, —disse Arland. — Diga a ela.



Helen puxou o cobertor sobre a cabeça e enterrou-se debaixo dele.

Maud olhou para Arland.

— Ela caminhou até um transporte e se apresentou aos guardas, —disse ele. — Quando perguntaram o que ela estava fazendo lá, ela lhes disse: *'Minha mãe é a Maven e ela está esperando por mim.'*

Maud respirou teatralmente em choque. — Helen! Você mentiu!

Helen se enrolou em uma bola, tentando se tornar menor.

— E ninguém pensou em confirmar isso? —Maud perguntou calmamente.

— Não. Quando perguntei por que eles deixaram uma criança entrar no transporte para a Estação de Batalha, disseram-me que ela foi muito convincente e tinha um ar de confiança. Ela não tentou se esgueirar ou pedir permissão, caminhou até eles e os olhou nos olhos, como se estivesse se apresentando para uma missão, o que aparentemente convenceu os Cavaleiros endurecidos pela Batalha de que ela



estava seguindo ordens e a Estação de Batalha era exatamente o lugar que ele tinha que ir. Todas as nossas medidas de segurança revestidas de ferro foram derrotadas por uma criança de cinco anos, —disse Arland, com o tom seco. — Não estou nem um pouco satisfeito com isso.

608 Divas & Lord's

Essa ousadia de Helen era puro Melizard. Ele poderia convencer alguém a qualquer coisa com uma piscadela e um sorriso.

— O que você estava pensando? —Maud apertou a filha para ela.

— Eu queria ajudar, —disse Helen em voz baixa. — Vou ser punida?

— Sim, —Maud disse a ela. — Assim que eu puder encontrar um piso grande o suficiente para você esfregar com sua escova.

— Eu não ligo, —disse Helen. — Eu ajudei. Você não morreu.

Maud suspirou e beijou a testa da filha. — O que vamos fazer com você?



— Treinamento de comando, —disse Arland. — Assim que ela tiver idade suficiente, daqui a dois anos, talvez mais cedo. Helen precisa aprender a ser responsável pelas pessoas que liderará, ou todos teremos muitos problemas quando ela atingir a adolescência.

609 Divas & Lord's

— Não consigo pensar nisso agora. —Maud estremeceu.

Arland a abraçou com mais força. O calor do corpo dele a aqueceu. Ela poderia ficar assim para sempre.

— Eu te amo, Arland, —ela sussurrou. — Você sabe disso, não sabe?

— Eu sei, —ele disse a ela. Também te amo com todo o meu coração. Você vai aceitar meu pedido?

— Vou. —Ela roçou os lábios dele com os dela.

— Mesmo que eu seja um idiota arrogante que enfrentou nove cavaleiros ao mesmo tempo?

— Mesmo assim. Você é meu. Todo meu.

Ele sorriu para ela.



As portas da enfermaria se abriram e Ilemina e Otubar entraram.

— Vocês estão acordados, —anunciou Ilemina. — Bom,

Maud teve um forte desejo de enterrar a cabeça debaixo do cobertor. Arland soltou um rosnado baixo.

— Você disse a ela? —Ilemina exigiu.

— Não. Eu estava prestes a fazer isso, mãe.

— Bem, eu direi a ela, —Ilemina sorriu para Maud. — Nós ganhamos. Destruímos mais da metade da frota pirata. O resto dos covardes fugiram. Capturamos sete naves e pegamos algumas dezenas de cápsulas de fuga, todas com tripulação de membros de Kozor e Serak. Dos duzentos convidados do casamento, apenas sessenta e oito sobreviveram. Foi uma vitória retumbante. —Ela se virou para o marido. — Bem? Diga alguma coisa para o garoto.

Otubar encarou Arland com um olhar pesado. — Trabalhou muito bem.



Arland parecia que a ideia de se esconder debaixo do cobertor também lhe ocorrera e ele estava ponderando seriamente sobre os méritos dessa ideia.

— Estamos dividindo os sobreviventes em pequenos lotes e os enviando para Karhari, —disse Ilemina. — Temos vários pontos de pouso em todo o planeta, então haverá poucas chances deles se reencontrarem.

— E as Casas Kozor e Serak? —Maud perguntou. — Quem estará no comando agora?

Ilemina zombou. — A Casa Krahr não se preocupa com as disputas políticas mesquinhas das Casas menores. Posso dizer quem não estará no comando: *os idiotas que pensaram em testar o poder de Krahr.* Se as Casas quiserem viajar para Karhari e recuperar o que resta de seus ex-líderes, esse será o fardo deles. Tenho a sensação de que não terão pressa em fazê-lo. Não importa. Vamos falar de coisas mais importantes. Meu filho lhe pediu novamente em casamento?

— Mãe, —Arland rosnou.

— Sim, —disse Maud.



— Você aceitou?

— Sim.

Ilemina sorriu, mostrando suas presas. — Excelente. Temos algumas gravações impressionantes de vocês dois da batalha na Estação, muito sangue, muitos membros decepados. Eles estão editando as imagens agora. Vamos divulgá-las com o anúncio do casamento. Que tal daqui a um mês? As *valas* estarão em plena floração. Vocês não vão querer se casar na Estação de Batalha, não é?

Arland colocou a mão esquerda sobre o rosto.

Ilemina e Otubar a encararam.

— *Hummm,* não? —Maud disse, sem saber se deveria se preparar. — Eu preferiria um casamento tradicional ...

— Essa é minha garota, —disse Ilemina. — Recuperem-se logo. Darei a vocês dois o resto de hoje. Amanhã, o Marechal precisará avaliar nossas perdas e os bens que apreendemos, e a Maven terá que voltar à mesa de negociações, porque os estrangeiros querem mudanças nos planos do pacto e da



Estação Comercial e não posso garantir que não os matarei enquanto eles negociam conosco.

Otubar estendeu a mão e tirou Helen da cama. — Venha comigo, pequena. Está na hora de treiná-la com outras armas.

— Se você se sair bem, eu lhe darei bolo, —disse Ilemina.

Os olhos de Helen se iluminaram. — Que tipo de bolo?

— O tipo delicioso, —Otubar disse a ela. Ele a colocou em seu ombro enorme como se ela fosse um papagaio e a levou para fora do quarto. Ilemina os observou ir com um sorriso, os seguiu e parou na porta.

— A propósito, —ela disse, — eu ia lhes dizer quando se recuperassem adequadamente, mas desde que estão acordados, não vejo porque não dizer logo. Um humano está aqui para vê-la. Eu ia mandá-lo embora, mas ele é um Árbitro, o que nos causaria alguns problemas. O nome dele é Klaus. Ele disse que é seu irmão.

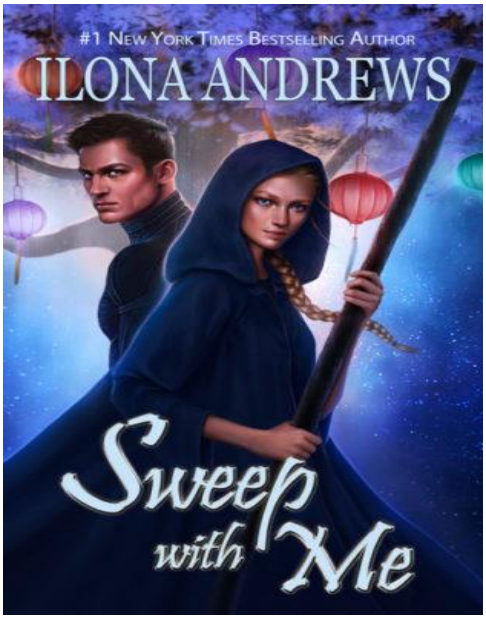
**FIM ... E CONTINUA ...**



# Sweep Of The Blade

**Livro 4**

Próximo Livro da Série
The Innkeeper Chonicles
Livro 4.5 – Sweep With Me




*Não há lugar como a nossa casa para as férias ...*

*Especialmente para a Pousada da Estalajadeira Dina Demille, que recebe hóspedes que são literalmente fora deste mundo!*

*Sweep With Me é uma novela de Natal, cerca de um terço do tamanho da maioria dos livros da Estalajadeira.*

